



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

***O NECYDALUS: UM JORNAL ESTUDANTIL DO  
ATHENEU SERGIPENSE (1909-1911)***

**VALDEVANIA FREITAS DOS SANTOS VIDAL**

**SÃO CRISTÓVÃO-SE  
Março de 2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

***O NECYDALUS: UM JORNAL ESTUDANTIL DO  
ATHENEU SERGIPENSE (1909-1911)***

**VALDEVANIA FREITAS DOS SANTOS VIDAL**

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Eva Maria Siqueira Alves.

**São Cristóvão-SE  
Março de 2009**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

V649n Vidal, Valdevania Freitas dos Santos  
O *Necydalus* : um jornal estudantil do Atheneu Sergipense (1909-1911) / Valdevania Freitas dos Santos Vidal. – São Cristóvão, 2009.  
211 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2009.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eva Maria Siqueira Alves

1. Educação – Sergipe - História. 2. Jornais. 3. O *Necydalus*. 4. Atheneu Sergipense. I. Título.

CDU 37(091)(813.7)

“O *NECYDALUS*: UM JORNAL ESTUDANTIL DO ATHENEU SERGIPENSE  
(1909-1911)”

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM  
12 DE MARÇO DE 2009



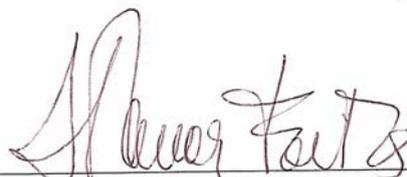
---

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> EVA MARIA SIQUEIRA ALVES



---

PROF. DR. LUIZ CARLOS BARREIRA



---

PROF. DR. ITAMAR FREITAS

---

Suplente

*Na verdade, é difícil encontrar um outro corpus documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as desilusões e as utopias que têm marcado o projecto educativo nos últimos dois séculos. Todos os Actores estão presentes nos jornais e nas revistas: os alunos, os professores, os pais, os políticos, as comunidades... As suas páginas revelam, quase sempre “a quente”, as questões essenciais que atravessaram o campo educativo numa determinada época. A escrita jornalística não foi ainda, muitas vezes, depurada das imperfeições do quotidiano e permite, por isso mesmo, leituras que outras fontes não autorizam (NÓVOA, 2002, p.30-31).*

## AGRADECIMENTOS

A concretização desta pesquisa não seria possível sem a contribuição direta ou indireta de pessoas importantes.

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pelos êxitos alcançados nesta caminhada e por ter-me guiado todos os instantes para a finalização deste curso.

Em segundo lugar, agradeço à professora Eva Maria Siqueira Alves, pelo presente do objeto de estudo e por ter-me acolhido no momento em que mais precisei, mostrando-me a maneira certa para seguir, com sugestões valiosas não só para meu trabalho como também para minha formação pessoal. Um exemplo de profissional e ser humano digno de admiração. Por tudo isso, deixo aqui registrada minha mais profunda gratidão e estima.

Ao professor Luiz Carlos Barreira, por ter-me ajudado desde o início da pesquisa com sugestões de leitura, mostrando-me sempre disponibilidade e gentileza.

Ao professor Itamar Freitas, pelas críticas e sugestões inestimáveis desde o início da pesquisa, possibilitando que mudanças fossem feitas para o enriquecimento dela.

Ao professor Péricles Andrade, pelas valiosas contribuições dadas durante as leituras do meu trabalho, tanto no Seminário de Pesquisa como no Exame de Qualificação.

Aos professores do mestrado, em especial aos professores Ana Maria Gonçalves Bueno, Jorge Carvalho do Nascimento, Maria Helena, Sônia Meire, Paulo Neves, Antônio Carlos e Solange Laks, com os quais tive a oportunidade de aprender um pouco do que sei sobre a História da Educação. A todos deixo meu carinho e admiração.

Aos funcionários da Biblioteca Pública Epifânio Dória, por terem-me auxiliado no contato pelos arquivos não disponíveis para a pesquisa.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação, pela atenção dispensada.

Aos colegas do grupo de pesquisa, em especial, João Paulo, Iara e Saionara, por terem-me ajudado com os documentos do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense.

A Simone, por ter sido a ponte de intercâmbio entre mim e a professora Eva Maria.

A Fabiana e Ana Márcia, pelas conversas e dicas recebidas durante o curso. Deixo-lhes meus sinceros agradecimentos pela amizade consolidada e pela solidariedade oferecida nos momentos de dificuldades.

A todos os colegas da turma, pelas trocas de experiências adquiridas durante os encontros nos quais podemos aprender além do conteúdo da sala de aula. Em especial, gostaria de destacar os colegas Marlaine e Damião, pela afinidade constituída durante o curso. E a Mônica, por ter sido a primeira pessoa que me deu pistas sobre o nome de meu objeto de estudo.

A minha mãe, Yara Freitas, por ter estado comigo desde sempre, aconselhando-me nos momentos mais decisivos de minha vida. A ela deixo todo o meu afeto e agradecimento por ser minha mãe, uma mulher brilhante e amada.

Ao meu pai, José dos Santos, por me mostrar que na simplicidade é que encontramos a felicidade. Deixo-lhe meus sinceros agradecimentos e admiração.

A meu marido, Jair Vidal, pelo carinho, companheirismo e apoio nos instantes em que sempre necessitei, dando-me força para prosseguir. E me surpreendendo sempre nos momentos de dificuldades. Meu amigo e amado por ter-me proporcionado segurança e estado comigo nas ocasiões mais extraordinárias da minha existência. Estar com você me trouxe muitas alegrias e realizações.

Aos meus estimados irmãos Valmir, Vilma, Vera e Valdirene, que, de forma indireta, contribuíram para a concretização desde curso; sempre do meu lado nos momentos em que precisei de ajuda.

As minhas amigas Ilene e Telma, que, mesmo distantes, incentivaram-me a continuar acreditando sempre no meu valor.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma me ajudaram nesta caminhada.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplares do jornal <i>O Necdalus</i> .....	6
Quadro 2 – Impressos brasileiros que se comunicavam com os escritores do jornal <i>O Necdalus</i> .....	21
Quadro 3 – Seções contidas no jornal <i>O Necdalus</i> .....	32
Quadro 4 – Conteúdos de variedades / notas sociais em <i>O Necdalus</i> .....	35
Quadro 5 – Seções literárias do jornal <i>O Necdalus</i> .....	43
Quadro 6 – Tipos de produções literárias do jornal <i>O Necdalus</i> .....	48
Quadro 7 – Temas educacionais retratados em <i>O Necdalus</i> .....	52
Quadro 8 – Valores das assinaturas do jornal <i>O Necdalus</i> .....	58
Quadro 9 – Jornais que circulavam em Sergipe: 1909 a 1911.....	65
Quadro 10 – Melhor cadeira do Atheneu Sergipense: resultado do concurso .....	146
Quadro 11 – Alunos aprovados com distinção nos exames do Atheneu Sergipense (2 a 17 de dezembro de 1910).....	171

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Homenagem ao presidente Rodrigues Dória.....	69
Figura 2 – Gentil Tavares da Mota .....	72
Figura 3 – Clodomir de Souza e Silva.....	79
Figura 4 – Poema escrito por Enock Santiago.....	111
Figura 5 – Poema dedicado à professora Etelvina Amália de Siqueira.....	118
Figura 6 – Matéria apresentada em homenagem ao professor Alcibíades Paes.....	148

## LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – Poemas e crônicas publicados no jornal <i>O Necydaalus</i> por alunos de outras cidades sergipanas e estados brasileiros.....	201
ANEXO 2 – Anúncios publicitários do jornal <i>O Necydaalus</i> .....	205
ANEXO 3 – Provisão de Advogado de Clodomir de Souza e Silva.....	208
ANEXO 4 – Cadastro da Ordem Maçônica do Brasil.....	210
ANEXO 5 – Tradução da anedota de Inglês retirada da Seleta de Sadler.....	211

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	1
<b>I – Jornal <i>O Necdalus</i>: um outro olhar sobre a História da Educação</b> .....	15
1.1 – O Atheneu Sergipense .....	17
1.2 – O Jornal .....	19
1.3 – A origem do nome ‘ <i>Necdalus</i> ’ e as perspectivas de seus colaboradores com o manejo das letras.....	23
1.4 – O Jornal em seu conteúdo .....	31
1.5 – A circulação do jornal relacionada com seus colaboradores e assinantes .....	57
1.6 – Gentil Tavares da Mota: do Atheneu Sergipense para uma nova trajetória como intelectual sergipano.....	72
1.7 – Clodomir Silva: um estudante e intelectual do Atheneu Sergipense .....	79
<b>II – Jornal <i>O Necdalus</i>: a presença de outros embates</b> .....	88
2.1 – A rivalidade com outros jornais .....	90
2.2 – A presença feminina no jornal <i>O Necdalus</i> .....	113
2.3 – Os conflitos religiosos por entre as páginas do jornal <i>O Necdalus</i> .....	124
2.4 – Pela pátria e pelo progresso .....	129
<b>III – Entre artigos e seções: as propostas educacionais do jornal <i>O Necdalus</i></b> .....	142
3.1 – O jornal <i>O Necdalus</i> e o Atheneu Sergipense: um olhar sobre a instrução pública .....	143
3.1.1 – O Concurso .....	144
3.1.2 – O ensino primário .....	153
3.1.3 – Os problemas no ensino do Atheneu Sergipense expressos no jornal <i>O Necdalus</i> .....	163
3.1.4 – Exames e matrículas .....	169
3.2 – <i>O Necdalus</i> : uma prática educacional do professor Brício Cardoso .....	176
3.3 – Concepções de civilização: entre teóricos e os escritos do jornal <i>O Necdalus</i> .....	180
<b>Conclusão</b> .....	188
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	190
<b>Fontes Manuscritas</b> .....	198
<b>Anexos</b> .....	200

## RESUMO

Este trabalho investiga um impresso estudantil denominado *O Necdalus*, no período de 1909 a 1911, o mesmo foi produzido no Atheneu Sergipense, instituição de ensino secundário de Sergipe. Sendo assim, diante da análise realizada nos sessenta e um números localizados deste jornal como fonte e objeto de investigação, foi possível compreender, através do que se escrevia nesse impresso, a concepção dos estudantes sobre temas educacionais e aos demais acontecimentos que se desenrolaram no cotidiano sergipano, relacionados ao período estudado. A investigação vinculou-se aos pressupostos da Nova História Cultural e da História da Educação, tendo como perspectiva verificar as relações existentes entre as práticas educativas e a cultura impressa nos exemplares pesquisados.

**Palavras-Chave:** Impressos; Educação; História Cultural; Jornal *O Necdalus* e Atheneu Sergipense.

## **ABSTRACT**

This work investigates a student print called 'The Necydalus', in the period from 1909 to 1911, it was produced in Atheneu Sergipense, a secondary teaching institution of Sergipe, so the analysis fulfilled in sixty-one series located in this newspaper as a source and object of investigation permitted to comprehend, through that was written on this print, the conception of students about educational topics and others events happened in the daily of Sergipe, connected to period studied. The investigation linked to the designs of the New Cultural History and the History of Education, taking as perspective to verify the connections between the educative practices and the culture printed on the copies searched.

Keywords: prints; Education; Cultural History; the journal 'The Necydalus' and Atheneu Sergipense

## INTRODUÇÃO

### *O Estudante*

(A. V. Maynard)

*O Estudante é o soldado que instrue o seu talento para contar com este precioso meio nas lutas intellectuaes.*

*Soldado porque é o alistado no exercito dos batalhadores pelo Direito.*

*Para que cultive a sua intelligencia, elle estuda, prepara suas forças intellectuaes para sustentar as lutas da vida futura.*

*O estudante prepara-se para reagir nas batalhas do porvir, com a luz trazida dos livros; enquanto o soldado age unicamente com a força physica para alcançar a victoria da Patria, do ninho que lhe sérvio de berço.*

*A arma do estudante é a penna: a do soldado – a carabina.*

*A penna é uma arma inoffensiva pela funcção, pelo seu modo de agir; suprema arma de guerra para o homem culto. [...]*

*A penna desenvolve o talento que manifesta a humanidade na vida intellectual; a carabina destroe a humanidade que manifesta coragem de luctar no campo de batalha.*

*Quem estuda busca o SABER, quem luta busca a VICTORIA.*

*O SABER é o pharol para a vida social: a VICTORIA é a superioridade para a vida moral.*

*O estudante, depois de ter sua intelligencia cultivada, nas lutas pela verdade, attende á voz da consciencia. [...]*

*O Estudante é o candidato a estudar pela verdade.*

(Milton Carvalho. In: O NECYDALUS, Aracaju, 18 de julho de 1909, n.º. 7, Anno I, p.1).

Ao debruçarmo-nos sobre as páginas de um jornal estudantil, deparamo-nos com as próprias definições de seus membros sobre o que é ser um estudante. Para esses jovens, o estudante é um indivíduo que, na busca pelo saber, luta como um soldado, usando exclusivamente a pena como arma para manifestar seu talento e alcançar na vitória o reconhecimento desejado durante as “lutas intellectuaes”.

Guiados pelo pensamento de que os alunos envolvidos na redação do periódico eram cidadãos convictos de que o saber leva ao prestígio e prepara o homem para as batalhas da vida futura, buscaremos analisar seus escritos a fim de conhecer melhor suas produções a respeito das questões educacionais. Quais eram suas certezas e propósitos ao criarem um jornal literário e humorístico da classe estudantil?

Sendo assim, com a finalidade de esclarecer a relação entre educação e imprensa, procuraremos contribuir com mais um estudo no campo de História da Educação Sergipana, principalmente sobre a circulação de artigos e matérias do jornal *O Necydalus*, objeto desta investigação. Serão analisados temas relacionados aos fatos educacionais ou ligados a eles.

Apesar de visarmos também ao enfoque de outras temáticas relacionadas ao entendimento de progresso e civilização, neste diagnóstico dar-se-á maior prioridade aos textos que abordam questões educacionais, uma vez que tais impressos constituirão mecanismos essenciais para enveredarmos pelos caminhos da educação e entendermos variados aspectos relacionados a esse setor, reportando-nos às práticas educacionais e aos acontecimentos do cotidiano escolar e exteriores a ele.

Nesse sentido, a pesquisa toma como objetivo empreender uma análise sobre as ideias vinculadas nos impressos do jornal estudantil – *O Necydalus*, no que se refere aos temas educacionais. Ou seja, o nosso propósito é propiciar uma visão acerca dos escritos que versavam sobre educação e das práticas escolares que circulavam nesse periódico.

A investigação vem ainda, por meio de textos que relatam o cotidiano da sociedade sergipana, entender como os ideais de civilidade e progresso estavam presentes na escrita dos alunos que percebiam a educação como peça fundamental para o desenvolvimento de seu povo. Além disso, procuraremos constatar de que forma o jornal se tornou uma estratégia de ascensão intelectual.

Desse modo, podemos perceber que os impressos possibilitam-nos conhecer uma determinada realidade, não apenas no campo dos acontecimentos e fatos educacionais,

mas igualmente, sobre temas que se desenrolaram naquele momento, e que podem ou não estar associados à educação. Como indicam Catani e Bastos (2002):

A imprensa educacional, segundo Pierre Ognier, é um corpus documental de vastas dimensões pois constitui-se em testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social de um grupo profissional. Desse modo, é um excelente observatório, uma fotografia da ideologia que preside. Nessa perspectiva, torna-se um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar (CATANI e BASTOS, 2002, p. 5).

Vale lembrar que, ao estudarmos um jornal estudantil, é necessário nos referirmos aos primeiros impressos que surgiram na Europa no período renascentista com a invenção de tipos móveis de metal feitos por Johann Gutenberg (1400 – 1468). Tal advento só se manifestou no Brasil séculos depois, em função do processo colonizador.

É sob o signo do oficialismo e com o atraso de três séculos que se inaugura a imprensa no Brasil, em 1808. A administração colonial impede a tipografia e o jornalismo até a chegada de D. João VI. Em maio instala as oficinas da Impressão Régia e, em setembro, faz circular a Gazeta do Rio de Janeiro (BAHIA, 1990, p.9).

A imprensa, que surgiu no Brasil durante o século XIX, sofreu muitas transformações. E ao se popularizar, seja através de livros ou de jornais, pode também ser vista como um mecanismo pedagógico de formação. E assim como outros escritos, a imprensa contribui, também, para historiar as pistas deixadas pelo indivíduo sobre o pensamento educacional ao longo de séculos, o que nos permite encontrar diversas informações das mais variadas formas do pensamento pedagógico.

Toledo (1998) também questiona a imprensa e o espaço que esta começa a ocupar no início do século XX, mostrando a restrição que ocorre no mercado editorial e as mudanças no final da década de 1920, com o declínio da pequena imprensa periódica e o aumento da indústria do livro; fato que ocorreu não só pela censura, mas sobretudo pelas modificações tecnológicas, o que levou ao fortalecimento do jornalismo empresarial, monopolizando os meios de produção. “Os pequenos jornais e revistas sentem a concorrência dos novos veículos e os pequenos grupos de redatores, proprietários encontram dificuldades crescentes em manter publicações” (TOLEDO, 1998, p.9).

Em Sergipe, a imprensa inicia suas atividades quase três décadas depois com os primeiros números publicados no interior do estado, precisamente na cidade de Estância, sendo esta na época ainda pertencente à categoria de Vila.

Nascida em 1832, com a publicação do Recopilador Sergipano, a imprensa prosperou rapidamente. Nas seis primeiras décadas de existência circularam cerca de oitenta periódicos de cunho político, econômico, noticioso, literário, recreativo, humorístico ou religioso, com proeminência do primeiro estilo. Era através desses jornais, folhas e gazetas de efêmera duração e extração hebdomadária<sup>1</sup>, quinzenária ou mensária, que os intelectuais se expressavam e difundiam as idéias adquiridas nas instituições onde obtiveram instrução (SOUZA, 2001, p.37).

Souza, C. (2003) afirma que trabalhos impressos surgem no Brasil através do Instituto Histórico e Geográfico, apesar de suas produções não terem tanta expressão. Em Sergipe, podemos encontrar, entre os primeiros estudos ligados à imprensa, a obra do

historiador Acrísio Torres Araújo, que publicou na década de noventa um trabalho que versa sobre a imprensa local, destacando as lições político-partidárias que envolvem o surgimento e falência dos jornais locais. Também podem ser enquadrados nestes trabalhos: o livro de Márcia Regina de Andrade, que recupera informações acerca dos jornais estancianos que circularam de 1832 a 2000 (SOUZA, C., 2003, p.38-39).

A publicação denominada “Imprensa em Sergipe” é um estudo limitado a aspectos políticos ocorridos no período do Império e da República; obra que, segundo o autor, foi desenvolvida com base em resultados de leituras feitas em jornais sergipanos editados entre 1832 a 1910, e que foi considerada como uma contribuição de “valor ao estudo do jornalismo sergipano e do país, ao mesmo tempo em que conta a história política de Sergipe, sem pretensões literárias, através de textos da imprensa partidária, habilmente selecionados” (ARAÚJO, 1993, p.7).

O trabalho de Oliva (2004), intitulado “Sobretudo a Imprensa”, apresenta uma coletânea de editoriais publicados por ele, no jornal semanário *A Cruzada*, entre 1958 a 1962, e no *Diário de Aracaju*, de 1967 a 1969, com assuntos ligados aos campos político, social e religioso, tornando-se um registro histórico dos principais acontecimentos de um período preciso da vida sergipana, e revelando através dos impressos “[...] a síntese de um

---

<sup>1</sup> Hebdomadário. “Do latim hebdomadarius. Relativo à semana. Que se realizam todas as semanas. Jornal, revista, etc. que se publicam todas as semanas: semanário”. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998, p.2922. Vol.12.

tempo em que imaginávamos construir a História” (OLIVA, 2004, p.14). Podemos destacar ainda outros trabalhos que abordam impressos sergipanos escritos por: Guaraná (1908), “Jornaes, revistas e outras publicações periódicas de 1832 a 1908”; Freitas (2000), A “Casa de Sergipe”: historiografia e identidade na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1913/1929); Freitas e Nascimento (2002), A Revista em Sergipe; Santos (2003), “A construção da Moral na Revista Sergipe Artífice”; Freitas (2003a), “A Revista Renovação e a Educação da mulher Sergipana”; Souza (2005), “A Cruzada Católica”: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX; Santos (2006), Educação na imprensa católica: as representações do jornal “A Defesa” sobre a formação da juventude (1961-1969); Silva (2006), Revista Litteraria do Gabinete de Leitura de Maroim (1890-1891): subsídios para a história dos impressos em Sergipe; Dantas (2008), Revista “Cidade Nova” e as propostas de educação; Orlando (2008), Por uma civilização cristã: a coleção monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937-1965).

Com base nas ideias aqui presentes, faremos a delimitação do objeto de estudo, buscando reafirmar o pensamento de Le Goff (1984), que nos mostra que é fundamental termos respeito quando nos referirmos à periodização, por ser um instrumento essencial para a construção e reconstrução do passado e indispensável para compreensão da história. Assim, a delimitação do marco temporal se deu em virtude, justamente, do ano da criação do Jornal (1909), até o período em que os números desse periódico foram localizados (1911).

Fundamentado nesse pensamento, este trabalho apresenta-se como uma pesquisa bibliográfica e documental, sendo constituída por aspectos de uma pesquisa de cunho qualitativo e quantitativo, através da análise de fontes, como os números do próprio jornal *O Necdalus* e de outros jornais locais que retratam e mencionam a sua existência. Dentre os tabloides examinados podemos mencionar seis: *O Estado de Sergipe*, *Correio de Aracaju*, *A Colmeia*, *O Espião*, *A Folha de Sergipe* e *A Gazetinha*. Foi aceitável observar que existia uma relação de respeito e admiração entre eles e *O Necdalus*, mas que também havia, em algumas circunstâncias, embates e divergências que foram percebidos no decorrer da pesquisa por meio de seus escritos.

Tais jornais serviram como subsídios para tentarmos compreender os significados e as representações implícitas e explícitas desse impresso, que foi escrito por

alunos que participaram desse processo de construção, também denominado por eles de “tenda intelectual”.

Além da classificação desses impressos, buscamos ainda como procedimento metodológico, a utilização de um levantamento bibliográfico sobre o assunto em livros, artigos, monografias, dissertações e teses. Tais elementos nos auxiliaram na investigação sobre os temas apresentados no jornal *O Necdalus*, nos quais foi feita uma sondagem e, através desta, detectamos a existência de 61 números, que, encadernados, oferecem, em sua maioria, boas condições de uso (Ver Quadro I).

### **Quadros 1** – Exemplares do jornal *O Necdalus*

<b>ANO</b>	<b>NÚMEROS ENCONTRADOS</b>	<b>TOTAL</b>
<b>1909</b>	<b>Nº. 1 até Nº. 26</b>	<b>26</b>
<b>1910</b>	<b>Nº. 27 até Nº. 60</b>	<b>34</b>
<b>1911</b>	<b>Nº. 61</b>	<b>1</b>

**Fonte:** Quadro elaborado a partir dos números examinados em *O Necdalus*.

Entre os anos de 1909 a 1910, todos os números publicados foram localizados, mas quanto ao período de 1911, como nos mostra o quadro I, apenas um único impresso foi encontrado, o que impossibilita sabermos até que ano esse jornal circulou, já que não tivemos acesso a sua última edição. Mesmo assim é provável que outros números tenham sido editados.

Após a classificação desses exemplares, foi feita uma leitura mais aprofundada sobre os textos e artigos publicados nesse jornal, procurando identificar fatos pertinentes às questões educacionais e de outros fatores que revelaram as concepções dos estudantes, não só de educação, mas também de civilidade, modernidade e progresso.

Através da leitura de documentos relacionados ao Atheneu Sergipense como: atas, matrículas, livros de registros, dentre outros, foi possível rastrear ainda informações sobre a vida dos alunos envolvidos com a produção dos escritos desse jornal, em especial os fundadores do impresso (Gentil Tavares da Mota e Clodomir de Souza e Silva). Assim, poderemos compreendê-los, não só pelo que se tornaram, mas principalmente, pelo que eles eram e o que pensavam a respeito da educação.

Todavia, torna-se essencial analisarmos outros nomes que direta ou indiretamente estiveram envolvidos nas produções de *O Necdalus*, como é o caso do professor de Português, Retórica e Gramática, Brício Cardoso, pelo apoio que ele demonstrou aos alunos nas produções destes. É necessário ainda entendermos quais as representações desse catedrático as quais, conforme adverte Chartier (1987), supõem um campo de concorrências e competições pelo qual “um grupo impõe, ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1987, p.17).

É na “arena das contendas políticas divulgadas pela grande imprensa e pela imprensa pedagógica e das manifestações públicas [...] que tentamos apreender os matizes dessa luta de representações” (VIDAL e FARIA FILHO, 2005, p.03). Tais representações nada mais são do que “instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma ‘imagem’ capaz de trazê-lo à memória e ‘pintá-lo’ tal como é” (CHARTIER, 2002, p.74).

Uma outra categoria relevante para este estudo refere-se à “apropriação”, conceito indispensável na análise do impresso, pois, através de seu entendimento, é possível compreender o modo de ver de cada indivíduo e como este toma posse do seu conhecimento para transmiti-lo a seu modo e de acordo com seus interesses. É nesse processo que o leitor estabelece sua representação de mundo dentro do contexto social em que vive.

Essas representações poderão ser traçadas de acordo com os proveitos de um grupo. Em vista disto, é importante relacionarmos os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. “As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados” (CHARTIER, 1987, p.17). Será por meio deste conceito que buscaremos compreender as representações da realidade escolar e fora dela.

Para Chartier (2002), a apropriação, tal como entendemos, visa a uma história social dos “usos e das interpretações, relacionadas às condições e aos processos que, muito concretamente, sustentam as operações de construção do sentido (na relação leitura, mas também em muitas outras)” (CHARTIER, 2002, p.68).

Ao evidenciarmos categorias de análise tão interligadas como representação e apropriação, é necessário, ainda, mencionarmos o entendimento de “civilização” veiculada

nas ideias presentes nos impressos do jornal *O Necdalus*. Nesse mesmo viés, podemos destacar o pensamento de Elias (1994a), que afirma que civilizar era necessário para o homem, pois sem as regras de condutas pertencentes a cada sociedade o homem não passaria por um processo civilizador.

Para esse autor, dentro do espaço social em que o indivíduo precisa civilizar-se para viver em grupo com o outro, a educação se apresenta com um mecanismo de adaptação e da eliminação de comportamentos indesejáveis, servindo para que as regras possam ser seguidas, enquadrando e moldando esse cidadão aos padrões morais e culturais exigidos pela sociedade. Diz ainda que

o processo civilizador compreende *seres humanos* civilizando *seres humanos*. A linguagem que herdamos freqüentemente nos força a pensar e falar de uma maneira que contradiz os fatos observáveis. Caso se deseje submetê-los a essa limitação, pode-se ir longe demais, perdendo-se o contato com o próximo. Talvez eu me excedesse se dissesse que ‘as mesmas sociedades tornaram-se mais tecnizadas e mais civilizadas.’ Mas é possível observar que, de fato, um surto de tecnização vem geralmente acompanhado de um surto de civilização (ELIAS, 2006, p.47).

Outras categorias de análise que também serão abordadas neste trabalho referem-se ao entendimento de capital cultural, campo intelectual e capital social. Bourdieu (2007) referencia o capital cultural como um conjunto de táticas, valores e disposições promovidos especialmente pela família, pela escola e pelos demais agentes da educação, que preparam os indivíduos a um caráter dócil e de reconhecimento ante as práticas educativas; ou seja, o capital cultural é herdado na primeira socialização familiar. Afirma ainda que “êxito escolar é função do capital cultural herdado da família (que pode ser medido apenas pelo nível escolar atingido pelos ascendentes em duas gerações)” (BOURDIEU, 2007, p.264).

Segundo a concepção de Pierre Bourdieu, o campo intelectual consiste num “sistema de relações de concorrência e de conflito entre grupos situados em posições diferentes no interior de um campo intelectual que, por sua vez, também ocupa uma dada posição no campo do poder” (BOURDIEU, 2007, p.186). Utilizando-se das ideias desse autor, podemos ainda afirmar seu entendimento de capital social como um

conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são

dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (...) O volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado (BOURDIEU, 1998, p.67).

No que diz respeito ao diagnóstico dos números de *O Necdalus* que foram localizados, usamos como ponto de partida os indícios relacionados ao conteúdo, à produção, à materialidade e à circulação do impresso. Nesse sentido, a análise do conteúdo foi realizada como forma de compreender o que circulava a respeito das práticas educativas e de outros temas presentes no jornal, podendo de maneira mais consistente visualizar o que era publicado com mais ênfase nesse impresso. Quais os temas que mais se destacavam, além dos de educação? Quais as representações mantidas nesses escritos por seus redatores? Sendo assim, ampliar a discussão acerca da análise de conteúdo é levar em conta os alicerces teóricos e metodológicos, a complexidade das manifestações entre interlocutor e locutor, o contexto social de sua produção, a influência manipuladora e ideológica presente em muitas mensagens, os “efeitos que orientam diferentes comportamentos e ações e as condições históricas, sociais, mutáveis que influenciam crenças, conceitos e representações sociais elaboradas e transmitidas via mensagens, discursos e enunciados” (FRANCO, 2003, p.11).

Concernente à materialidade, é relevante destacarmos o pensamento de Chartier (2007), quando nos mostra que “as relações entre a criação literária e as materialidades da escrita não são de menor importância” (CHARTIER, 2007, p.21), uma vez que todo texto produzido sofre interferências até chegar às mãos do leitor, pois é “um processo que implica, além do gesto da escrita, diversos momentos, técnicas e intervenções, como as dos copistas, dos livreiros editores, dos mestres impressores, dos compositores e dos revisores” (CHARTIER, 2007, p.12).

Alicerçada nessas categorias, a presente pesquisa tomará como hipótese a ideia de que o jornal *O Necdalus* era um mecanismo de auxílio às aulas práticas dos professores do Atheneu Sergipense, e em especial as de Português e Gramática, além de ser considerado um instrumento de transmissão dos ideários de civilização para atingir o progresso do seu povo, por entender a instrução como um dos caminhos para a realização de tais mudanças.

Uma outra hipótese é a de que o jornal se tornou um veículo de informação para que jovens estudantes pudessem, no futuro, introduzir-se em outros caminhos do campo intelectual; ou seja, era uma estratégia para a obtenção de reconhecimento e de ascensão do intelecto.

Entre os acervos consultados na busca por informações sobre esse impresso, podemos mencionar: a Biblioteca Pública Epifânio Dória, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o Arquivo Público de Sergipe, o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense, a Biblioteca Clodomir de Souza e Silva e o Arquivo Geral do Judiciário.

Nessa perspectiva, o trabalho fundamenta-se, teoricamente, nos pressupostos da História da Educação e da História Cultural. A partir dos resultados da pesquisa pretendemos contribuir com os estudos relacionados à História da Educação, revelando a forma como o jornal *O Necdalus* pode levar-nos a compreender as questões educacionais que se desenrolavam no Atheneu Sergipense. Esse impresso demonstrou ser um importante veículo dessa instituição para a análise de determinados fatos referentes às práticas pedagógicas e à propagação da cultura escolar<sup>2</sup>.

Assim, a opção pelo estudo do pensamento educacional presente nos escritos do jornal, no período de 1909 a 1911, foi motivada pela finalidade de procurar entender que grau de importância era atribuído à educação nesse impresso, mostrando quais eram as representações referentes à realidade escolar vigente naquele momento, para apreendermos um pouco mais sobre a educação sergipana. Nesse sentido, são essenciais as observações de Nóvoa (2002), ao afirmar que “[...] a imprensa é o melhor meio para apreender a multiplicidade do campo educativo” (NÓVOA, 2002, p.6).

No entanto, será através das concepções de António Nóvoa, a respeito da imprensa educacional ou imprensa de educação e ensino, que buscaremos auxílio para o entendimento desse objeto. Em suas pesquisas, ele apresenta-nos uma visão ampliada sobre esse campo de estudo quando afirma que, “em termos de definição do universo de periódicos a analisar adaptou-se uma perspectiva idêntica à de Pierre Caspard, alargando o *corpus* à ‘imprensa de educação e ensino’ e não apenas à ‘imprensa pedagógica’” (NÓVOA, 2002, p.16).

---

<sup>2</sup> Dominique Julia (2001) determina “cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, em um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente socialização)” (JULIA, 2001, p.10).

Diante de tal concepção quanto à pesquisa sobre os impressos, foi possível ir além do ensino formal e analisar também as questões educacionais não-formais, “nomeadamente no contexto da educação de adultos, da educação familiar, da educação da mulher, dos movimentos de juventude, dos jornais e revistas infantis, da educação física e desportos, da higiene e saúde escolar e da assistência e proteção a menores” (NÓVOA, 2002, p.16), não enfocando apenas estudos relacionados às revistas especializadas destinadas a professores como nos mostra Catani e Bastos (2002), ao citar estudiosos que incorporam essa concepção, como é o caso de Pierre Caspard<sup>3</sup>.

Nóvoa (2002) faz referência às diversidades de conhecimento que podemos adquirir sobre o processo educacional, através de uma análise mais profunda dos impressos em seus múltiplos setores do campo social em que o indivíduo se mantém inserido, além de tentar compreender, através da imprensa, a realidade presente entre aqueles que estão envolvidos diretamente com o campo educacional, permitindo com que as futuras gerações conheçam o passado e trafeguem por caminhos antes desconhecidos.

De facto, a imprensa revela as múltiplas facetas dos processos educativos, numa perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículos, etc.), mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas diversas instâncias de socialização das crianças e jovens. A imprensa constitui uma das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo (NÓVOA, 2002, p.13).

A imprensa passou, nesse sentido, a ser entendida como uma inovação dentro do campo da pesquisa, principalmente no que se refere aos estudos pertencentes à História da Educação. Essa nova forma de ver e escrever a História partiu do surgimento de uma visão ampliada sobre o uso das fontes. Esta visão desenvolveu-se através da iniciativa de dois pensadores: Lucien Febvre e Marc Bloch, a partir de 1929, na França. Juntos fundaram a revista dos *Annales*, que, segundo Le Goff (2003), propiciou um “ato que fez nascer a nova história” (LE GOFF, 2003, p.129).

---

<sup>3</sup> Para ele, a expressão imprensa de ensino designa o “conjunto de revistas que, destinadas aos professores, visam principalmente guiar a prática cotidiana de seu ofício, oferecendo-lhes informações sobre o conteúdo e o espírito dos programas oficiais, a condução da classe e a didática da disciplina. Essa imprensa constitui um elo indispensável no conhecimento do que tem sido durante quase dois séculos (no caso francês) o sistema de ensino, já que ela representa o espaço onde se desdobra e o ponto no qual se concentra todo um conjunto de teorias e práticas educativas de origem tanto oficial quanto privada” (CATANI e BASTOS, 2002, p.6).

Dessa forma, instaurou-se essa nova perspectiva de uma História mais abrangente, o que permitiu seu enriquecimento tendo em vista a uma grande aproximação com outras ciências, dando maior sentido à inovação temática em oposição à História dita tradicional, narrativa e política, em substituição a uma História problemática.

Abre-se, em consequência, o leque de possibilidades do fazer historiográfico, da mesma maneira que se impõe a esse fazer a necessidade de ir buscar junto a outras ciências do homem os conceitos e os instrumentos que permitem ao historiador ampliar sua visão do homem (BURKE, 1997, p.07).

Atrelada a tais opiniões, a imprensa passa a ser entendida por Nóvoa (2002) como o melhor caminho para observar as dificuldades de articulação entre a teoria e a prática, vista como o senso comum que “perpassa as páginas dos jornais e das revistas ilustra uma das qualidades principais de um discurso educativo que se constrói a partir de diversos actores em presença (professores, alunos, pais, associações, instituições, etc.)” (NÓVOA, 2002, p.13). Ao analisarmos os escritos desse jornal é possível

apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível macro do sistema mas também no plano micro da experiência concreta, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciam situações do presente. Trata-se, por isso, de um corpus essencial para a história da educação, mas também para a criação de uma outra cultura pedagógica (NÓVOA, 2002, p.11).

Com esse entendimento, procuraremos traçar esse estudo seguindo as concepções de António Nóvoa sobre o entendimento da imprensa de educação e ensino, e assim poder absorver um pouco do valor crescente da imprensa de iniciativa dos estudantes, ao destrincharmos os escritos desse jornal estudantil sergipano, *O Necdalus*.

É importante destacarmos que este é um trabalho relevante para os estudos ligados à História da Educação, pelo fato de que ainda não se conhece nenhuma produção escrita específica em Sergipe sobre o jornal *O Necdalus*, que foi usado, até o momento, apenas como fonte por alguns pesquisadores. Uma das justificativas para essa situação é o fato de que o estudo sobre jornais estudantis é uma vertente ainda pouco explorada dentro da pesquisa concernente aos impressos.

Diante da classificação dos trabalhos que abordam jornais estudantis em Sergipe, somente localizamos a existência de um estudo monográfico de autoria de

Carvalho Neto<sup>4</sup> – “Imprensa estudantil sergipana (1874-2003)”, tendo como propósito fazer somente uma catalogação de periódicos estudantis existentes em Sergipe, sem tentar entender ou fazer uma análise mais aprofundada da produção dos seus escritos.

Isso mostra que, apesar de estudos sobre impressos terem ganhado espaço nestes últimos anos, ainda há uma carência de pesquisas aprofundadas que abordem impressos estudantis, sendo um tema ainda escasso dentro dos estudos ligados à historiografia educacional sergipana.

Pinheiro (2000), em suas pesquisas sobre impressos estudantis, reafirma tais pensamentos, ao fazer uso das ideias de Denice Barbara Catani, que defende que os jornais escolares, como objeto de estudo na área de História da Educação, são demonstrados como tipos de fontes relativamente raras.

O jornal escolar, portanto, compõe o repertório das práticas pedagógicas e sua produção manifesta a trama daquela cultura naquele lugar geográfico, social e histórico. Seu maior problema, conforme acentua Catani (1996, p.122), é que por tratar-se de um tipo de fonte de difícil localização, é pouco explorado em pesquisas que utilizam o impresso de educação e ensino como objeto de estudos no Brasil (PINHEIRO, 2000, p.17).

Apesar das dificuldades existentes, foi admissível a localização de estudos com esse caráter em outras instituições fora de Sergipe. Nesse sentido, destacamos algumas pesquisas direcionadas à análise de impressos estudantis como fonte e objeto de estudo. É o caso da dissertação de mestrado de Ana Regina Pinheiro<sup>5</sup>, que empreende um estudo sobre o *Nosso Esforço*, jornal dos estudantes do curso primário da Escola Normal de São Paulo.

Um outro trabalho que merece ser citado sobre o uso dos impressos como fonte e objeto de pesquisa é a tese de doutorado de Azilde Lina Andreotti. Nesta pesquisa a autora fez uma análise do jornal *A Voz da Infância*, produzido por crianças e jovens entre os anos de 1936 a 1950 na cidade de São Paulo<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> CARVALHO NETO, Pedro da Mota. **A imprensa estudantil sergipana (1874-2003)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe. 2004. (Monografia de Graduação em História)

<sup>5</sup> Ana Regina Pinheiro vem dando continuidade na sua Tese de Doutorado ao estudo iniciado por ela em sua Dissertação de Mestrado intitulada: **A imprensa escolar e o estudo das práticas pedagógicas: o jornal ‘Nosso Esforço’ e o contexto escolar do Curso Primário do Instituto de Educação (1936-1939)**. Trabalho produzido na PUC no ano de 2000.

<sup>6</sup> A produção do jornal fez parte das atividades da Biblioteca Infantil Municipal da cidade de São Paulo, equipamento que compôs o projeto de criação do Departamento de Cultura da cidade, nos anos 1930 e que servia como complementação escolar implementada pela Biblioteca. Mais informações sobre este estudo consultar ANDREOTTI, Azilde Lina. **A formação de uma geração: a educação para a promoção social e o**

A obra de Heloisa de Faria Cruz, intitulada *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915* é de fundamental importância para compreendermos como a imprensa foi (e ainda é) trabalhada no Brasil, além de ser um trabalho que nos remete, de forma bastante enriquecedora, aos impressos estudantis que circularam na sociedade paulistana daquele período.

É interessante ainda mencionarmos o estudo feito por Marilena A. Jorge Guedes de Camargo, intitulado *Coisas velhas: um percurso de investigação sobre a cultura escolar (1928-1958)*. Nessa sua tese de doutorado, Marilena estudou e investigou uma instituição escolar da cidade de Rio Claro, o "Ribeiro". Nos arquivos dessa instituição, localizou quatro diferentes jornais escritos por alunos.

Baseados em tais concepções e a partir das observações feitas nas fontes levantadas, podemos estruturar o texto por meio de um plano de redação composto por três capítulos. No primeiro, enfatizaremos o objeto de estudo aqui proposto, o jornal *O Necdalus*, destacando aspectos importantes sobre esse impresso, a exemplo do porquê da origem do seu nome; o processo de produção, a circulação e seus colaboradores; sua materialidade, seu conteúdo e um breve relato sobre seus fundadores.

No segundo capítulo, analisaremos as matérias desse jornal que abordam temáticas diversas, entre as quais está o embate com outros jornais que circulavam na época e eram produzidos no território sergipano, a presença da mulher nos registros desse jornal, algumas manifestações direcionadas à igreja católica e às matérias que destacam o cotidiano sergipano, remetendo à visão de progresso e modernidade, transmitida em seus escritos.

Por fim, no terceiro e último capítulo, buscaremos apreender em *O Necdalus* as produções a respeito de temas educacionais. Entre tais temas, poderemos discutir sobre as práticas de ensino, as reformas educacionais, os problemas do ensino, os exames, as matrículas, dentre outros aspectos. Em outras palavras, procuraremos evidenciar a visão desses alunos sobre os assuntos concernentes à educação, bem como a concepção de que o jornal era uma prática pedagógica do Atheneu Sergipense, além de ser considerado pelos seus produtores como um mecanismo de civilização.

---

progresso do país no jornal *A Voz da Infância* da Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo (1936-1950). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2004. (Tese de Doutorado).

## CAPÍTULO I

### JORNAL *O NECYDALUS*: UM OUTRO OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

*É O Necydalus este espelho em que as almas dos jovens se retratam, o unico poder d'essa avalanche, d'essa cohorte de moços que ora se irmanam para fallar n'uma só voz, para bradar n'um só grito, em nome da nova geração litteraria que agora fulge, que n'este seculo de grandes constellações resplandece como num grande facho luminoso, é o orgam mais perfeito de uma mocidade livre e cheia de esperanças, é a alma das almas da luz na bruma do futuro, esta grandeza do presente, essa coisa promissora do passado.*

*(Orlando Flôres. In: O NECYDALUS, Aracaju, 05 de junho de 1910, nº. 32, Anno II, p.3).*

Ao estudarmos um impresso estudantil é interessante destacarmos o quanto a imprensa tem contribuído para o desenrolar da História. Em específico, queremos evidenciar aqui os escritos referentes à educação que vêm ganhando espaço desde a década de 1970, já que se aceitava a ideia de reconhecer a “importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História da imprensa, mas relutavam em mobilizá-los para a escrita da História por meio da imprensa” (LUCA, 2006, p.111).

Os ideários presentes entre os pesquisadores pela busca da verdade absoluta, da objetividade e neutralidade têm estabelecido uma “hierarquia qualitativa dos documentos”.

Nesse sentido, os jornais pareciam pouco apropriados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham comentários fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões, fornecendo imagens parciais, distorcidas e subjetivas sem estabelecer ou captar de fato o ocorrido (cf. LUCA, 2006, p.112).

Mas a partir de um novo olhar sobre as fontes documentais estabelecidas pela Nova História, surge um alargamento do pensar histórico. O campo da investigação histórica, segundo Luca (2006), embebido das ideias de José Honório Rodrigues, passa a enxergar o jornal “como uma das ‘principais fontes de informação histórica,’ ponderando que ‘nem sempre a independência e exatidão dominam o conteúdo editorial’, caracterizado como mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso” (LUCA, 2006, p.116).

Dentro desse panorama em que se encontra a realidade dos impressos, e por ser um instrumento de pesquisa que, segundo Catani e Bastos (2002), apresenta-se como importante fonte de informação para a História da Educação, deve-se, enquanto tal, submeter-se ao crivo de uma adequada crítica documental, em virtude de a imprensa ser vista como um mecanismo que

[...] capta, transforma e divulga acontecimentos, opiniões e idéias da atualidade – ou seja, lê o presente – ao mesmo tempo em que organiza um futuro – as possíveis conseqüências desses fatos do presente – e, assim, legitima, enquanto passado – memória – a leitura desses mesmos fatos no presente futuro (BASTOS, 2002, p.49-50).

É na imprensa que se manifestam vozes que habitualmente não seriam ouvidas por outros veículos impressos como produções acadêmicas ou livros. Portanto, através dos jornais, será possível conhecer os fatos e abranger a pluralidade do campo educativo.

Basta ver, por exemplo, o papel extremamente activo desempenhado pelos professores do ensino primário na dinamização de jornais locais ou regionais, a importância crescente da imprensa de iniciativa dos estudantes ou a ação cada vez mais pública dos escritos produzidos pelas mulheres (NÓVOA, 2002, p.31).

Assim, é por intermédio dos veículos impressos que se manifestam ideias, contradições, relações entre teorias e práticas ou acontecimentos ligados ou não ao meio educacional, pois, segundo Nóvoa (2002), é esta proximidade em relação ao acontecimento, o carácter “fugaz e polémico, a vontade de intervir na realidade que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico [...] da educação e da pedagogia” (NÓVOA, 2002, p.31).

Todavia, ao fazermos um estudo sobre o jornal *O Nocydalus*, caracterizado como imprensa de educação e ensino, compreende-se que esse semanário é visto como fonte privilegiada para apreendermos a dinâmica escolar. Como nos diz Pinheiro (2000), ao estudarmos impressos estudantis como prática escolar, é possível “decifrá-los pelo discurso apresentado, pela linguagem própria do jornal, por suas sessões e conteúdos. Não será difícil, então, encontrar outra razão para a importância da análise do periódico para a História da Educação” (PINHEIRO, 2000, p.11).

## **1.1 – O Atheneu Sergipense**

Salientamos que ao traçarmos uma análise sobre um jornal estudantil escrito por alunos da instituição sergipana de ensino secundário, Atheneu Sergipense, cabe-nos a iniciativa de elaborar uma pequena composição sobre sua história.

O Atheneu Sergipense foi fundado em 1870, no governo do Tenente Coronel Francisco José Cardoso Júnior, que, movido por pensamentos reformistas, inovou o sistema da instrução pública. Manuel Luiz Azevedo d’Araújo desempenhava o cargo de “Inspetor Geral da Instrução, organizando então o ensino público sergipano e elaborando o Regulamento Orgânico da Instrução Pública de Sergipe, assinado em 24 de Outubro de 1870” (ALVES, 2005a, p.41).

A instalação, inauguração e abertura desse estabelecimento ocorreu em 3 de fevereiro de 1871, com a implantação dos cursos de Humanidades e o Normal, em que “foram educados muitos jovens que, mais tarde, se tornaram homens notáveis na vida pública” (ALVES, 2005a, p.5), tendo como singularidade, precisamente, a existência concomitante desses dois cursos que foi

idealizado por Manuel Luiz, defensor da necessidade de centralizar as aulas de Humanidades e as do curso Normal em um só ‘estabelecimento publico de lingua e sciencias preparatórios’, com professores lecionando ao mesmo tempo nos dois cursos, em horários estabelecidos para funcionarem as cadeiras em dias alternados (ALVES, 2006a, p.60).

Segundo Alves (2005b), o Atheneu Sergipense tinha como finalidade, além de implantar simultaneamente esses dois cursos, proporcionar à “mocidade a instrução necessaria e sufficiente, assim para a matricula nos cursos superiores da Republica, como em geral para o bom desempenho das funções dos cidadãos sergipanos na vida social” (ALVES, 2005b, p.83). Ou seja, o Colégio Atheneu Sergipense buscava, como principal estratégia no curso de Humanidades, estabelecer a instrução necessária para o ingresso de muitos jovens aos “cursos superiores, ministrando as cadeiras exigidas nos Exames de Preparatórios, bem como formar indivíduos que pudessem desempenhar funções variadas na sociedade” (ALVES, 2005b, p.83).

Esta era uma das missões do Atheneu Sergipense: oferecer oportunidades a jovens sergipanos das mais diversas classes sociais para que eles não se deslocassem precocemente em busca de formação, tornando-se mais tarde “intelectuais de renome”.

Foi nesse estabelecimento que Gentil Tavares e Clodomir Silva deram seus primeiros passos para que posteriormente pudessem destacar-se na carreira profissional nos vários setores em que atuaram. Mas além deles, muitos outros estudantes também ganharam destaque, como salienta Alves (2005b):

Outros alunos do Atheneu Sergipense ‘que em Sergipe ou fora dele derramaram a flux as cintilações de seu espírito’ são destacados por Lima (1948), tais como: João Ribeiro, Maximinino Maciel, José Rodrigues da Costa Dórea, Gilberto Amado, Manuel Bomfim, Jackson de Figueiredo, Gracho Cardoso, Aníbal Freire, Dias de Barros, Clodomir de Souza e Silva, Espiridião Monteiro, Felisbello Freire, Manuel dos Passos de Oliveira Telles, Francisco Carvalho Lima Junior, Gamaliel Mendonça, Gentil Tavares da Mota, Hunald Cardoso, Barreto Filho, José Calazans, dentre tantos outros não citados. Foi no Atheneu Sergipense ‘que essa revoada de inteligências enrijou as penas para os grandes vôos e as

migrações vitoriosa’ (Lima, 1948, p.28), destacando, outrossim, Sergipe no cenário nacional (ALVES, 2005b, p.75).

Vale ressaltar que, após a criação do Atheneu Sergipense, outras instituições surgiram em Sergipe, entre as quais podemos destacar: o Partenon Sergipense, de Ascendino Ângelo dos Reis, criado em 1879; o Ginásio Sergipense, de Alfredo de Siqueira Montes, que funcionou de 1888 a 1899; o Liceu Laranjeirense, de Baltazar de Araújo Góes, que se manteve em exercício de 1883 a 1888; a Escola Agrícola Salesiana ou Tebaida, fundada em 1902 aproximadamente; o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, criado em 1903; o Grêmio Escolar, de Evangelino de Faro, criado em 1906; o Colégio Tobias Barreto, de José de Alencar Cardoso, fundado em 1908; o Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, instituição fundada em 1909; a Escola de Aprendizes Artífices<sup>7</sup>, em 1910; o Colégio Senhora Sant’Ana, também fundado no início do século XX, e muitas outras instituições que foram criadas anos depois.

Entretanto, será por meio das produções de *O Necdalus* e dessa ‘Casa de Educação Literária’, por onde diversas figuras ilustres passaram, que procuraremos compreender um jornal estudantil mediante o olhar de seus produtores, em especial, a visão desses alunos que por seus corredores trilharam.

## 1.2 - O Jornal

No início do século XX, surgiu no Atheneu Sergipense um periódico estudantil denominado *O Necdalus*, um jornal literário, humorístico e semanal pertencente ao órgão dos estudantes dessa instituição, o qual circulava aos domingos, sob a iniciativa dos alunos de preparatório, Gentil Tavares da Motta e Clodomir de Souza e Silva, no período de 1909 a 1911. Contando com ajuda de professores e colegas, eles fizeram o jornal percorrer a sociedade sergipana, composto de noticiários, artigos, homenagens, nomeações, poesias e

---

<sup>7</sup> De acordo com Maria Thétis Nunes, a “única alteração importante até 1910, no quadro educacional que a República recebeu do Império, fora a criação das Escolas de Aprendizes de Artífices, que, pelo Dec. Nº 7.566, de 23/9/1909, do Presidente Nilo Peçanha, deveriam funcionar em cada uma das capitais brasileiras. Subordinadas ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, ministravam ensino profissional primário gratuito” (NUNES, 1984, p.207-208).

críticas. Grande parte desses discentes dos cursos secundários que escreviam no jornal era de uma faixa etária situada entre 15 a 17 anos.

O periódico que teve entre os números analisados dois redatores, Gentil Tavares e depois Clodomir Silva, apresentou, em apenas quatro exemplares, do número 9 ao número 12, o nome de seu diretor, Aderbal Fontes Cardoso, não aparecendo em mais nenhum outro exemplar. Aderbal Cardoso, pelo que foi observado, deixou a direção do jornal, passando a atuar apenas como colaborador desse impresso.

O jornal *O Necdalus* ganhou, no período de sua fundação, repercussão entre outros jornais locais, a exemplo de *O Estado de Sergipe*, *Correio de Aracaju*, *A Colmeia*, *A Gazetinha*, entre outros consultados, como *O Espião* e *A Folha de Sergipe*, que divulgaram em seus escritos a existência de *O Necdalus*. Diante de tais afirmações podemos destacar:

Appareceu na arena jornalística, desta capital mais um sympathico jornalzinho, órgão dos estudantes do Atheneu Sergipense, redigido pelo intelligente preparatoriano Gentil Tavares da Motta.

Abre seu primeiro numero bellissimo artigo do erudito Professor Bricio Cardoso, que com a sua competência, nunca se fatiga de ensinar o caminho luminoso das letras, por onde se vai à gloria.

Applaudindo o belo movimento de nossa esperançosa mocidade, desejamos ao colleguinha vida longa e prosperidade (CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 10 de junho de 1909, n°. 265, Anno III, p.1).

No jornal *O Estado de Sergipe*, a chegada desse novo veículo de comunicação foi do mesmo modo exaltada em suas páginas, fazendo referência a esse impresso, assim como no *Correio de Aracaju*, de forma carinhosa e incentivadora.

Acaba de sahir a lume nesta capital, sob a direcção de estudantes do Atheneu Sergipense, com o titulo expressivo de O Necdalus.

O artigo inicial, que nos apresenta o novo collega, são traços de oiro que alli deixou a penna fecunda e amestrada do nosso ilustrado confrade e amigo professor Bricio Cardoso.

Longa vida desejamos ao Necdalus, ao mesmo tempo que enviamos palavras de animação à mocidade do Atheneu Sergipense (O ESTADO DE SERGIPE, Aracaju, 8 de junho de 1909, n°. 3017, Anno XI, p.1).

Essas divulgações mostram que *O Necdalus* repercutiu não apenas entre os membros pertencentes ao Atheneu Sergipense, mas também se destacou e ficou reconhecido dentro de um contexto mais amplo do território sergipano. E, como nos mostra o próprio periódico, este também se comunicava com tabloides de várias partes do território nacional.

Adornão nossa tenda de trabalho os distintos collegas, ‘A Bandeira’ da Bahia e ‘Novo Horizonte’ de Minas Geraes.

Recommenda-se ambos pela importancia dos assumptos e pela artística confecção.

Agradecemos a visita dos collegas, e permutaremos (O NECYDALUS, Aracaju, 23 de dezembro de 1910, n.º. 60, Anno II, p.4).

Os nomes dos impressos mencionados no jornal estudantil do Atheneu Sergipense levam-nos a crer que havia uma reciprocidade e uma troca de informações mais consistentes entre os estudantes que publicavam *O Neczydalus* juntamente com os responsáveis pelos diferentes impressos estudantis brasileiros. Além dos jornais produzidos na Bahia e Minas Gerais há, igualmente, indícios da presença de outros periódicos em seus escritos.

Recebemos de Manaus, onde é publicado, 3 numeros do importante jornalzinho ‘O Gymnasiano’, orgam dos alumnos do Gymnasio Amazonense, estimado estabelecimento de ensino daquelle Estado nortista.

De leitura amena e nítida impressão, o distincto collega está apto para figurar no grande concerto dos adeptos de Guttenberg, já pela classe de que é orgam, já pela collaboração dos altos [...] do Gymnasio Amazonense (O NECYDALUS, Aracaju, 25 de agosto de 1910, n.º. 43, Anno II, p.2).

No quadro 2, há um demonstrativo de outros jornais brasileiros que aparecem em seus registros, além dos já mencionados. São colaboradores de periódicos que, em algum momento, visitaram ou se comunicaram com os estudantes do Atheneu Sergipense que participavam da publicação desse impresso.

**Quadro 2** – Impressos brasileiros que se comunicavam com os escritores do jornal *O Neczydalus*

<b>NOME DO JORNAL</b>	<b>LOCALIDADE</b>
A BANDEIRA	BAHIA
IPIRANGA	PARANÁ
NOVO HORIZONTE	MINAS GERAIS
O ALBOR	MACEIÓ
O ALVEÁRIO	**
O GYMNASIANO	AMAZONAS
O NOVIDADE	RIO DE JANEIRO

**FONTE:** Quadro elaborado a partir dos números examinados em *O Neczydalus*.

**NOTA:** A notação (\*\*) refere-se à não identificação concernente à origem do jornal denominado *O Alveário*.

Em uma dessas notas sobre a presença de jornais de outros estados, é possível encontrarmos descrições sobre as características e produções de alguns impressos, feitas por jovens redatores que foram denominados nos escritos de *O Necydalus* de colegas. São indícios de que os alunos do Atheneu Sergipense tinham acesso à escrita e à leitura desses tabloides.

Pelos últimos vapores entrados recebemos a agradabilíssima visita dos seguintes órgãos:

- O *Novidades*, que se publica no Rio de Janeiro. É bem escripto, possui elegante chronica theatral, além de chistosas anedoctas finas phantasias e espirituosas *charges*.

- O *Alveario*, órgão do collegio Sul-Americano, redigido por Mendes de Aguiar. Quando, ao começar a lê-lo, deparamos com o antigo programma podemos avaliar que escriptorio de joias é o *Alveario*. Enfrenta questões universaes que interessão ao ensino, e reúne em si o útil ao agradável.

- O *Albor*, Maceió – jornalsinho litterario e humorístico, bem escripto, contendo producções interessantes. Começou com indícios de que vae adiante.

- *Ipiranga* – Paraná, hebdomedario litterario, órgão do Club Ipiranga que, além de ser órgão de um club litterario, tem proporções para seguir.

Aos distintos collegas que nos deram a honra de os contarmos como amigos, nossos agradecimentos (O *NECYDALUS*, Aracaju, 23 de outubro de 1910, nº. 52, Anno II, p.4).

No jornal também estão expressas ligações com tabloides pertencentes ao interior sergipano, com é o caso dos jornais das cidades de Propriá e Maruim, o primeiro intitulado *Norte de Sergipe* e o segundo, *O Imparcial*. “Esteve entre nós, em dias da semana a findar, o illustre Sr. Presciliano de Farias, digno director de ‘O Imparcial’, órgão que se edita em Maruim” (O *NECYDALUS*, Aracaju, 22 de agosto de 1909, nº. 12, Anno I, p.2).

Um dos moços que sentem vibrar no peito o sagrado amor ás letras, esse nosso digno confrade faz parte, com grande destaque, da illustrada redacção do *Norte de Sergipe*, a cuja collaboracção este nosso collega sempre deixa abertas as suas columnas, assim como nós, com grande contentamento, o fazemos.

Nós o visitamos (O *NECYDALUS*, Aracaju, 25 de julho de 1909, nº. 8, Anno I, p.2).

Essas demonstrações comprovam que os estudantes e escritores de *O Necydalus* mantiveram permuta com outros jornais estudantis pertencentes ao território sergipano e fora dele. Vale ressaltar que esses alunos não só visitavam como também participavam de sua produção. Na seção “Silhueta”, em que há poemas publicados por diversos alunos,

nota-se a presença de escritos de indivíduos pertencentes à Paraíba, Recife, Amazonas, Alagoas e Bahia e, ainda, uma publicação da cidade de Boquim, região interiorana de Sergipe, na seção “A Nossa Musa”. Além dos poemas, verificamos a participação desses alunos em crônicas (Ver anexo 1).

### **1.3 – A origem do nome ‘*Necydalus*’ e as perspectivas de seus colaboradores com o manejo das letras**

A criação de um jornalzinho estudantil denominado *O Necydalus* foi uma das demonstrações de talento que tanto Gentil quanto Clodomir conseguiram evidenciar no período em que estudaram no Atheneu Sergipense.

Foi nessa instituição educacional que *O Necydalus* desabrochou. De aparência simples, apresentava apenas quatro páginas, como era comum à maioria dos jornais da época. Foi publicado em 5 de junho de 1909 seu primeiro número, estruturado entre duas a três colunas e com formato entre 19cm x 26cm, que se reflete em todos os exemplares consultados. O jornal se encontra ilustrado em preto e branco, com exceção apenas da edição de número 32, que foi editado com letras azuis em comemoração ao primeiro ano do jornal.

Os estudos de Cruz (2000) apresentam uma semelhança sobre os impressos que analisou na região paulistana, ao revelar que tal formato era também uma prática recorrente a partir da década de 1880, quando os pequenos jornais se apresentavam num “modelo quase único, as folhas impressas em 4 páginas e diagramadas com 2 a 4 colunas, tamanho ofício e mais raramente tablóides [...] foram veículos fundamentais de difusão da cultura impressa no período” (CRUZ, 2000, p.88). Assim, constata-se que essa era uma estrutura comum em impressos, e com *O Necydalus* não foi diferente.

O novo periódico teve como grande incentivador o professor Brício Cardoso<sup>8</sup>, que, em função de sua iniciativa, foi convidado pelos alunos a escrever o artigo inicial da primeira publicação.

---

<sup>8</sup> “Estanciano iniciou na sua terra natal o curso de humanidades, e terminou-o no collegio ‘Atheneu Bahiano’ na capital da Bahia, onde estudou philosophia com o preclaro mestre, frei Antonio da Virgem Maria

Temos a satisfação em registrar nas nossas columnas o aparecimento do collega O Necydalus, jornal de feição littero-humoristica e órgão dos estudantes do Atheneu Sergipense.

Consta o artigo inicial de uma eloqüente apresentação ao publico pelo inimitável estylista, nosso querido Professor Bricio Cardoso.

Nesta brilhante peça litteraria, o Grande Mestre relembra vultos de incontestável valor nas Lettras Pátrias, e os que beberam no Atheneu Sergipense os primeiros ensinamentos (A COLMEIA, Aracaju, 13 de junho de 1909, n.º. 20, Anno I, p.1).

Além de dar estímulo aos estudantes para a escrita desse jornal, o professor foi o responsável pela escolha do nome desse impresso, intitulado *O Necydalus*.

Explico minha presença aqui. Pediram-me uma apresentação e um nome para este jornal, e eu não me posso excusar, porque os postulantes são moços que se querem preparar para receber esperas de oiro, floreando gladies de luz nas batalhas intellectuaes e a esses eu amo de toda minha alma.

O nome foi-me fácil acha-lo, attenta á analogia que se encontra entre as chrysalidas<sup>9</sup> e a juventude (Bricio Cardoso. In: O NECYDALUS. Aracaju, 5 de junho de 1909, n.º. 1, Anno I, p.1).

Brício Cardoso era visto, por seus alunos, como um mestre e um amigo por fazer com que eles acreditassem na possibilidade de que poderiam, através de seus escritos, progredir intelectualmente a fim de se tornarem homens ilustres da sociedade sergipana e moços que se “atiram audazes e esperançosos á lucta das lettras.” Um dos exemplos para a consequente afirmação foi encontrado nas páginas do jornal *O Necydalus*, após completar um ano de existência, quando esse professor mais uma vez externou a admiração que tinha pelos jovens estudantes do Atheneu Sergipense.

Quando elle nasceu – ‘o Necydalus’ – o pobre do jornalzinho dos estudantes do Atheneu – eu fui o primeiro que tomei nos braços, e vol-o apresentei, supplicando-vos o conforto de vossos carinhos, para que a vida lhe meirasse e o porvir não lhe tivesse horizontes.

---

Itaparica, depois de ter cursado as aulas do seminário pequeno daquela archidiocese. Iniciou sua vida publica, antes de concluir o curso de preparatórios, como professor substituto da cadeira de geometria da Estância e professor de primeiras lettras da villa do Espírito Santo. Por acto de 24 de outubro de 1870 foi nomeado professor publico do ensino primário superior na sua cidade natal, removido em 1874 para cadeira de rhetorica e poética do ‘Atheneu Sergipense’” (GUARANÁ, 1925, p.50).

<sup>9</sup> Pupa de um inseto, especialmente de um lepidóptero. Ordem de insetos com quatro asas, que compreende entre as borboletas e as mariposas. Casulo da pupa (estado intermediário entre a larva e o imago, que significa inseto em seu estágio final, adulto, sexualmente maduro). Coisa latente. **Dicionário Melhoramentos da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

Agora, que anejo e forte, solemnisa o seu genethiaco, tambem devo ser o primeiro a festejar-o, a endereçar-lhe felicitações e applausos, a oferecer-lhe palmitos e flôres.

E efetivamente o faço, de consciencia radiante, mandando-lhe estas toscas palavras que os entusiasmos e os júbilos espremem dos bicos [...] de minha penna – os entusiasmos e os júbilos que me repicam cá por dentro desta alma sem falsidade, nos tons festivos dos sinos quando anunciam as santas alegrias da igreja (Bricio Cardoso. In: O NECYDALUS, Aracaju, 5 de junho de 1910, nº. 32, Anno II, p.1).

O catedrático compreendia que os alunos, ao escreverem no jornal, exercitariam o desempenho da escrita e, por meio desta, alcançariam o caminho das luzes dentro do mundo intelectual, assim como outros que haviam passado pelo Atheneu Sergipense, a exemplo de intelectuais como Alfredo Montes, Rodrigues Dória, Graccho Cardoso, Gumersindo Bessa, dentre outras figuras que fizeram parte da mencionada instituição e que, mais tarde, atingiram o mais elevado grau do intelecto sergipano.

Aliando funcionalismo/literatura, magistério/literatura, jornalismo/literatura, os bacharéis encontraram no periodismo a representação possível para suas carreiras híbridas. Na maioria originários de famílias bem situadas, mas geralmente vivenciando o declínio econômico, colocaram-se na alta burocracia ou no funcionalismo, ostentando a posição do literato em meio provinciano e semiculto (MARTINS, 2001, p.437).

Assim, observamos ter sido um dos propósitos dos futuros bacharéis do Atheneu Sergipense que escreviam no jornal estudantil, transformar a atividade literária em capital cultural para lhes garantir honrosamente a inserção na sociedade burguesa. Daí o sentido do nome “necydalus”, como uma representação simbólica de jovens que estariam em um processo intermediário, buscando alcançar o estágio final de amadurecimento, dando seus primeiros passos para obter uma trajetória promissora.

O nome que escolheste nos dá a idéa perfeita do que tendes a fazer [...] Oh! meus companheiros de luctas, meus futuros amigos de louros, soubestes descortinar a grandeza d’um nome, através da sabedoria d’um mestre amado; soubestes traduzir a expressão mais perfeita, o ideal mais vivo de vossas aspirações; soubestes ainda escolher o meio, ver a maneira de passar de amator a artista, de discípulo a mestre, de bicho-da-sêda a borboleta, de voar, se bem que tenheis ainda as vossas azas noviças, frageis ainda; mas podeis chegar pouco a pouco, ao cimo de vossos ideaes, ao cume de vossas aspirações, e derramar sobre as cabeças das gerações futuras a luz de vosso saber, a inspiração de vosso talento, com a riqueza do sol d’uma geração de sábios sobre a pobreza de povos incultos

(Orlando Flôres. In: O NECYDALUS, Aracaju, 05 de junho de 1910, nº. 32, Anno II, p.3).

Segundo Tierno (1954), a palavra necydalus representa a designação científica do bicho-da-seda, quando este se transforma em borboleta – necídalo. Ou seja, o necydalus significa “cocoon”. Como “cocoon” quer dizer casulo, conclui-se que é uma das fases em que vivem as borboletas que, após a fase de casulo, o estágio seguinte é chamado necydalus, agora livre para voar. Tais ideias aparecem constantemente em artigos e poemas, como é o caso do poema denominado “Esboços,” publicado na página 4 do número 2.

### Esboços

Veio o Necydalus á arena  
Pleno de litteraturas,  
Dos singos que pegam em penna,  
Das borboletas futuras

Por estes versos sem arte,  
Com calma procurarei  
Quem do smartismo faz parte  
E ao leitor apontarei.

J.D.

Pela composição apresentada é perceptível que esses moços, na tentativa de alcançarem progresso futuro, como o desabrochar de um casulo, saíam do estágio em que se encontravam para se transformar em borboletas futuras e, assim, poderiam alçar voos no caminho da intelectualidade. Esses jovens, segundo suas concepções, esforçavam-se “para romper os limites do casulo” que os envolvia.

Há idéias que devem ser acolhidas e veneradas, como é acolhido e venerado o paiz em que nascemos e que amamos com esse amor que pulsa em todo o coração pela patria.

De ha muito sentiamos nós, os estudantes, a necessidade de um jornal para as nossas expansões intellectuais e a defesa de nossa colectividade.

Na phase bemdicta dos primeiros estudos, quando o espirito procura a luz do saber com um ardor extraordinario, é mais que útil o apparecimento d’ O NECYDALUS.

Este singo transformado em borboleta carece de vós, caros collegas, para voar pelos livros, pela prosa e pala poesia! (Nédio. In: O NECYDALUS, Aracaju, 27 de junho de 1909, nº. 4, Anno I, p.1).

Em outros momentos, ao se referirem ao jornal *A Colmeia*, dizem: “Pois não vêes que uma colmeia não tem uma só abelha, embora um casulo contenha somente um *Necydalus*?” (O NECYDALUS, Aracaju, 21 de setembro de 1910, nº. 47, Anno II, p.4).

Nos escritos desse impresso fica nítida uma das intenções dos estudantes, que, com chamamentos bem entusiasmados para que atingissem e ultrapassassem esse período de metamorfose, exaltaram sempre a necessidade do auxílio de todos os alunos pelo “amor às letras, para ter vida longa e prestigiosa”.

Sim, eu quizera que tivésseis o amor que tenho, fizésseis o esforço que faço para escrever quando alguma coisa se apresenta a meu cerebro.

Assim, saberia que O NECYDALUS só morreria quando sahissemos do Atheneu; isso não succederá, porque os outros que hão de vir saberão sustentá-lo.

E talvez, quem sabe! por uma destas evoluções extraordinárias, o transformarão em Águia para voar pela philosophia, pela sciencia e pelo infinito (Nédio. In: O NECYDALUS, Aracaju, 27 de junho de 1909, nº. 4, Anno I, p.1).

Como entendiam que *O Necydalus* não poderia morrer, por considerá-lo um mecanismo que permitiria explorar o caminho do crescimento e do desenvolvimento intelectual, os autores estimulavam outros educandos a escreverem. Dessa forma, os alunos que faziam parte de uma nova geração buscariam, através do conhecimento e da sabedoria adquirida, percorrer todas as fases do casulo até se transformarem em verdadeiras borboletas, tendo como grande inspiração, diversos intelectuais que pelo Atheneu passaram deixando rastros e vestígios de obras até hoje lembradas.

Ide sempre assim, caminhae sempre e sempre pela estrada gloriosa da terra de Tobias, do grande philosopho, do apologista ardoroso dos grandes ideaes; traçae o caminho sem tortuosidades, do malfadado berço de Fausto, do grande tribuno, do immortal poeta ‘Visão Azul’, e gritae em nome do talento, em prol da illustração – marchemos!

Estes são os meus votos, estes são os meus desejos, em prol de vós, d’essa nova geração, sólido pedestal de nossas glorias futuras, grande sustentáculo, alma promissora do nosso pequeno ‘ninho de águias’.

Almejo da immortalidade de Sergipe, confiado nos grandes homens do futuro e inspirado nas glorias do passado.

Avançae, oh! mocidade coberta de esperança, alma de tudo que é bello, de tudo que é bom, de tudo que é sublime... (Orlando Flôres. In: O NECYDALUS, Aracaju, 5 de junho de 1910, nº. 32, Anno II, p.3-4).

Diante de tais propósitos, muitos rapazes passaram pelas páginas do jornal semeando frutos para serem colhidos adiante, além de expressarem suas opiniões e críticas

a respeito da educação e de temas variados referentes à sociedade sergipana, deixando expresso em suas escritas que o progresso, seja ele intelectual, econômico ou social, era um dos temas presentes nesse periódico, uma vez que o jornal era publicado nos primeiros anos da República, em um momento em que se defendia o ideário de que a escola, a educação e a instrução seriam o “signo da instauração da ordem, arma para efetuar o Progresso” (CARVALHO, 1989, p.7) da nação.

Uma outra passagem observada nas páginas desse periódico diz respeito ao fato de os escritores de *O Necdalus* também se denominarem de “amoreiras”, nome da árvore da família das Moráceas que produzem amoras e cujas folhas servem para alimentar o bicho-da-seda. Eles deixavam evidente, quando escreviam no jornal, em alguns momentos afirmações como: “nós, as amoreiras d’ O NECYDALUS, enviamos, em suas azas, novas saudações ao jovem professor do Atheneu Sergipense” (O NECYDALUS, Aracaju, 5 de junho de 1909, nº. 1, Anno I, p.3).

Outro aspecto a ser destacado no jornal é o constante uso de pseudônimos, o que limitou a identificação do verdadeiro autor de muitas matérias escritas. Conforme Sodré (1999):

O anonimato costumeiro do pasquim, algumas vezes desvendado, pela orientação, pela linguagem, pelos dados mencionados no próprio texto, por depoimento de adversários ou de testemunhas, era também disfarçado nos pseudônimos. Pseudônimos e apelidos que destacaram a linguagem do pasquim como peculiar, às vezes incompreensível, ou só entendida depois de cuidadosas pesquisas, tal rol de nomes especiais, de referências indiretas, de maliciosas alusões. [...] Os pseudônimos buscavam traduzir intenções patrióticas, interesses pelo bem comum, só existente na imaginação de quem o usava, quase sempre (SODRÉ, 1999, p.160).

O uso de pseudônimos nas matérias de *O Necdalus* é lamentado pelo jornal *A Colmeia*, quando exclama em suas páginas:

Sob a redação do estudante Gentil Tavares da Motta, *O Necdalus* conta ainda mais com um numeroso núcleo de colaboradores, que com-quanto não tivessem firmado as suas produções com os seus nomes verdadeiros, como penso que deveria ser, deixaram-se revelar os moços talentosos de que sempre nos aproximamos e com que sempre trocamos cumprimentos affectuosos (*A COLMEIA*, Aracaju, 13 de junho de 1909, nº. 20, Anno I, p.2).

Com relação às matérias não assinadas, Gentil Tavares descreve em um dos números que os artigos não subscritos ficariam sob sua responsabilidade. “Sendo O

Necydalus de propriedade dos estudantes do Atheneu Sergipense, devo declarar que, como redactor desse jornal, só me responsabilisarei pelos artigos da redacção, isto é, pelos não assignados” (Gentil T. Motta. In: O NECYDALUS, Aracaju, 1º de maio de 1910, nº. 27, Anno II, p.1). A iniciativa de Gentil Tavares sofreu crítica de outros jornais, como foi constatado em *O Espião*.

É o diabo!

Lestes O Necydalus?

– Li, porque?

Lestes aquele aviso do Tavares Gentil, dizendo que os artigos não assignados, elle assumia a responsabilidade e os assignados, não se responsabilizaria!!?

– É verdade, aquillo até me parece mais um reclame de seu talento...

Não queira chegar a tanto, enfim deixa... (O ESPIÃO, Aracaju, 8 de maio de 1910, nº. 17, Anno II, p.4).

No transcorrer dessa análise, averiguamos, através de algumas representações presentes e constantes no jornal, que *O Necydalus* foi um importante instrumento para que muitos jovens desenvolvessem sua escrita e pudessem progredir, no futuro, rumo a uma transformação e a uma mudança na busca por uma carreira intelectual prestigiosa. Tal finalidade é comprovada no próprio jornal quando afirmam que *O Necydalus* “é de nós todos, e um de seus fins, o principal, talvez, é adestrar a mocidade estudiosa na arte de escrever” (O NECYDALUS, Aracaju, 1º de maio de 1910, nº. 27, Anno II, p.1). Em seguida, conclamavam para que esses fossem à luta com o propósito de alcançar a vitória, por considerarem a escrita como o caminho para alcançar o triunfo de uma carreira promissora.

Bastos (2002) afirma que a ampliação gradativa da instrução pública e, principalmente, de estabelecimentos particulares de ensino “na segunda metade do século XIX, eleva o nível de aspiração intelectual e, por conseqüência, o aumento de periódicos e livros didáticos” (BASTOS, 2002, p.177).

Esse desejo pela ascensão do intelecto ultrapassa o século XIX, mostrando-se ainda bastante consistente no início do século XX, como exibem os escritos de *O Necydalus* e de outros periódicos estudantis, externos a Sergipe. Tal afirmação é apontada nos estudos de Camargo (2000) sobre impressos estudantis da cidade de Rio Claro, no interior de São Paulo.

Em análise, a autora descreve que esses impressos eram também construídos para alunos “que se mostrarem desejosos de progredirem nas letras, pois que é este um

meio pelo qual os moços poderão tomar uma certa prática em manejar a pena com facilidade” (Ribeirense, 26 de setembro 1929 *apud* CAMARGO, 2000, p.26). Afirma ainda que esses “definiam um espaço para a leitura e para a escrita no qual o jornal era pensado como possibilidade de exercício literário capaz de familiarizar os alunos com o manejo das letras” (CAMARGO, 2000, p.26).

Assim como os jornais da cidade de Rio Claro, *O Necdalus* tinha a pretensão de fazer uso de seus escritos como uma prática pedagógica, possibilitando aos seus redatores desenvolverem a leitura e a escrita com desejos de perspectivas futuras. Além disso, ele era um veículo com dispositivo para divulgar informações sobre as questões do ensino, em defesa de seus interesses e dos interesses do povo, como é bem mencionado por esses alunos.

A designação dada ao jornal faz-nos refletir e chegar a algumas indagações como: Até que ponto esse veículo de informação e comunicação seria um espaço tão independente para que esses alunos pudessem romper o casulo e se tornarem borboletas? Será que esses jovens tinham de fato autonomia para voar, ou eles seriam apenas indivíduos controlados por seus mestres, como foi o caso do professor Brício Cardoso?

Diante da presença tão marcante desse professor e da adoração demonstrada pelos discentes sobre o lente, é provável que ele tenha conseguido estabelecer uma espécie de domínio e influência sobre as ideias presentes na escrita dos rapazes, sendo criticados por outros impressos literários em alguns momentos de “fantoques” ou “pasquineiros”. Assim, o uso dos símbolos (borboletas, amoreiras) atribuídos ao jornal leva-nos a acreditar que esses alunos, como ficou evidente ao ilustrarmos o significado de seu nome, ainda se encontravam presos numa espécie de casulo em estágio de mutação, e, portanto ainda dependentes das ideias do professor Brício Cardoso<sup>10</sup>. Como destaca Bourdieu (1989), todo campo é um espaço de luta, e ao se inserir no espaço das relações sociais, ou o indivíduo se submete ou rompe com o poder de dominação, conservando ou transformando esta estrutura.

---

<sup>10</sup> “[...] o efeito do prestígio das instituições não se exerce somente de maneira direta, ‘contaminando’ o julgamento das capacidades científicas manifestadas na quantidade e na qualidade dos trabalhos, ou de maneira indireta, por meio de contatos com os mestres mais prestigiados que a elevada origem escolar garante (frequentemente associada a uma elevada origem social), mas ainda pela mediação da ‘causalidade do provável’, isto é, pela virtude das aspirações que autorizam e que favorecem as chances objetivas (poderíamos fazer observações análogas a respeito dos efeitos da origem social para títulos escolares de origem semelhantes)” (BOURDIEU, 1983, p.135).

E como ainda eram alunos que provavelmente não tinham autonomia, necessitavam submeter-se aos interesses de uma força maior para adquirir, posteriormente, benefícios e prestígios, através das relações estabelecidas com esse professor, tendo que se apropriar de suas ideias para atingir seus propósitos e assim conseguir, provavelmente, desabrochar do estágio em que se encontravam para se transformar em borboletas. O nome *Necydalus* foi então entendido como uma semelhança ou analogia escrita pelo próprio Brício Cardoso no impresso entre estes jovens e o casulo, já que ambos naturalmente precisariam passar por um processo de desenvolvimento e transformação para chegar ao seu estágio final.

Foi a esse tipo de relacionamento que Bourdieu (1983) chamou de capital simbólico, por estar atrelado ao prestígio e à boa reputação que um indivíduo tem num campo específico ou na sociedade em geral. Em virtude de reconhecimentos, muitos acabam submetendo-se ao poder de dominação ideológica a fim de se legitimarem no espaço social a que pertenciam, e o contato com mestres influentes seria um dos caminhos.

Com isso, partimos do pressuposto de que os alunos do Atheneu Sergipense, na tentativa de obterem prestígios dentro do contexto social sergipano, apresentavam nas páginas do impresso estudantil uma postura de dependência em relação ao professor, que sempre deixou transparecer a crença de que os jornais eram espaços de projeção intelectual. Ao traçarmos a trajetória dos redatores do jornal *O Necydalus*, constatamos que, somente anos depois, esses alunos conseguiram sair do casulo em que se encontravam, transformando-se assim em borboletas para voar em direção ao reconhecimento intelectual.

#### **1.4 – O Jornal em seu conteúdo**

Ao analisarmos o conteúdo presente nas páginas de um jornal estudantil do início do século XX, procuraremos desvendar aspectos materiais das mensagens expressas por seus redatores. Através de dados quantitativos e qualitativos, tentaremos propiciar ao leitor uma visão mais completa do que se publicava nesse impresso e assim demonstrar os diferentes modos pelos quais o indivíduo inscreve no texto, suas “diferentes representações

que tem de si mesmo como sujeito e do controle que tem dos processos discursivos textuais com que está lidando quando fala ou escreve” (FRANCO, 2003, p.13).

Sendo assim, percebe-se que o jornal está organizado em várias seções que surgem e logo são substituídas por outras, mudando-se apenas os nomes e talvez os redatores, não havendo, entretanto, alteração substancial quanto ao seu conteúdo. A princípio, podemos destacar oito seções, intituladas das mais diversas e criativas maneiras, mas que têm como finalidade abordar os mesmos temas, ligados a fatos e acontecimentos cotidianos, fazendo comentários, sugestões, críticas, reivindicações e protestos dos mais diversos tipos, conforme nos mostra o Quadro 3.

**Quadro 3** – Seções contidas no jornal *O Necdalus*.

<b>AUTOR(ES)</b>	<b>SEÇÃO</b>	<b>NÚMERO DE EDIÇÕES</b>	<b>PRINCIPAIS TEMAS ABORDADOS</b>
Sirgosinho	<b>Toques e Retoques</b>	25	concursos, fardamentos, matrículas, assinatura do jornal, férias, etc.
Bruno Fonte ou Afeco	<b>Risquinhos da Semana</b>	10	gramática, novenas, críticas a outros jornais, plágio, assinatura do jornal, etc.
Romeu Palmares	<b>Chroniqueta</b>	6	crítica a outros jornais, gramática, concursos, novenas, etc.
Gil Pardal	<b>Palestra</b>	48	pseudônimos, publicação de alunos em outros jornais, assinaturas devolvidas, críticas religiosas, concursos, exames, homenagens, saneamento das ruas, bondes, etc.
Evandro ou Riquito Enock	<b>Mates e Remates</b>	35	jornais que deixam de circular, desenvolvimento urbano, festas (santa missão, junina), férias, exames, etc.
Nisinho	<b>Mundo a Fora</b>	24	críticas sobre fatos cotidianos: bondes, lixo nas ruas, iluminação, etc.
Eu & Cia	<b>Cadinho da Casa</b>	7	crítica aos erros gramaticais.
Logophilo	<b>Dicionário Prático</b>	9	significado de alguns vocábulos.

**Fonte:** Quadro elaborado a partir dos números examinados em *O Necdalus*.

Em todas as seções, percebe-se que os temas repetiam-se principalmente no que se refere aos assuntos relacionados ao cotidiano da cidade, como o desenvolvimento das

questões urbanas ligadas a saneamento, transporte, melhoramento das ruas, iluminação e água encanada. Para Cruz (2000), a imprensa de finais do século XIX e início do XX buscava sempre fazer referência

[...] à precariedade dos transportes urbanos, à carestia de vida, à poeira das ruas, à falta d'água conformam uma linguagem reivindicativa e de crítica política e de costumes [...] representações sobre a vida brasileira da época [evidenciando] certa vontade de superar a articulação da experiência social que aborda (CRUZ, 2000, p.110-111).

Tais representações presentes no jornal *O Necdalus* comprovam que os redatores eram alunos preocupados com o avanço e o desenvolvimento da cidade de Aracaju, num período de euforia dos ideais de modernidade e progresso das sociedades em crescimento intelectual, econômico e social.

Outro fato marcante nessas seções são as críticas referentes à assinatura do jornal e aos embates com outros tabloides, como veremos em maiores detalhes no segundo capítulo. Nota-se também que temas como concursos, exames e férias estavam presentes na escrita das seções, o que nos faz concluir que esses alunos não protestavam somente sobre os fatos externos; faziam-no com relação também às questões internas do Atheneu Sergipense.

As primeiras seções publicadas no jornal foram “Risquinhos da Semana” e “Chroniqueta”, que circularam até o número 12, sendo ambas substituídas pela seção “Palestra”. A seção “Toques e Retoques” também aparece desde os primeiros números, permanecendo por mais tempo, apresentando-se até o número 26, quando foi modificada pela “Mates e Remates”.

Já a seção “Palestra” foi a que mais perdurou no jornal, circulando por 47 números, desde o número 12 até o último número encontrado. Nesse período, a seção deixou de aparecer em apenas três exemplares, os de números 41, 56 e 59. No número 56, surge uma nota justificando a não publicação dessa seção, o que confirma que, no jornal, ela teve um destaque especial, uma grande importância e aceitação pelos seus leitores; daí a necessidade de justificar sua ausência. Talvez isto também explique o fato de ser a seção que mais tempo durou no jornal.

O leitor amigo, em passando o primeiro olhar pelas columnas do nosso numero de hoje, notou certamente a falta da agradável Palestra do *Romeu Palmares*.

Não foi realmente o que lhe sucedeu? É que elle está ligeiramente enfermo, e que por isso não pode cumprir com o seu dever perante o publico ledor (O NECYDALUS, Aracaju, 20 de novembro de 1910, nº. 56, Anno II, p.4).

Assim como a “Palestra”, a seção “Mates e Remates” também circulou por um período considerável, aparecendo no número 27 quando o jornal volta de férias, no lugar da seção “Toques e Retoques”, ficando, até o seu último número encontrado, sem interrupções. Esta postura comprova que os alunos tinham uma preocupação em inovar as seções.

Foram-se os Toques e retoques e com elles o Sirgosinho que, apesar das insistencias, fez-se de vela pelo mar do esquecimento em fóra. E agora, está em scena o Gil Pardal que, por força, quer fazer-se de valente e dar aos domingos um prato de inferior qualidade aos leitores (O NECYDALUS, Aracaju, 1º de maio de 1910, nº. 27, Anno II, p.4).

Outra seção que figurou no período sem interrupções foi a “Mundo a fóra”, que surgiu no número 38 e permaneceu até o número 61. Diferentemente do que ocorreu com as outras, essa seção mudou apenas de redator, tendo o aluno Evandro Soares da Costa e, posteriormente, Enock Santiago, que assume o lugar de Evandro assim que este se afasta.

Nas seções aqui apresentadas, quase todos os seus produtores identificavam-se por pseudônimos, o que impede a identificação dos alunos responsáveis por tais publicações. Em alguns momentos, foi possível identificar no próprio jornal os verdadeiros autores dessas produções, como é o caso da seção “Risquinho da Semana”, que sempre era assinada por “Afeco”, deixou escapar, no próprio jornal, seu verdadeiro nome, quando escreve:

Assumpto de pouca monta. Refiro-me ao boato propalado insistentemente de que eu sou o *Bruno Fontes!*  
Não pode de forma alguma, o bom entendedor, este que sabe conhecer o *gigante pelo dedo*, supôr que fosse eu, o modesto Afeco, quem lançasse mão de tantas regras de grammatica para emmendar um dr.! Isso não (O NECYDALUS, Aracaju, 1º de agosto de 1909, nº. 9, Anno I, p.3).

Mesmo negando, tornou-se cabível entendermos que o autor dos escritos de “Risquinhos da Semana” referia-se ao aluno Bruno Fontes. Este mesmo, ao escrever no número 8, na mesma seção, sobre as assinaturas devolvidas do jornal, no final do texto não

assinou Afeco, mas sim Bruno Fontes, o que vem a ser mais um indicativo do verdadeiro autor dessa seção.

Uma outra seção que deixou evidente seu verdadeiro criador foi a “Mates e remates”, que nos primeiros números era assinada por Evandro, passou a identificar-se tempos depois como Riquito. Mas o que nos levou a constatar que esses dois nomes se referiam à mesma pessoa foram os escritos apresentados no número 55, quando o aluno Enock Santiago assumiu o comando.

“Riquito deixou esta seção. Eu o Enock, que não sou tolo, e que também, apesar de tudo e todos e como os outros sou amigo da popularidade, aproveitei a ocasião e *zás* grimpei para aqui” (O NECYDALUS, Aracaju, 13 de novembro de 1910, n.º. 55, Anno II, p.2).

No número anterior saiu uma nota informando sobre a viagem do aluno Evandro com o seu pai para o Rio de Janeiro, sendo este o motivo de afastamento do Riquito, ou seja, do Evandro Soares da Costa, e a entrada de Enock Santiago nessa seção. Apesar de o jornal ter a maioria dos textos assinados por pseudônimos, foi possível, em alguns momentos, desvendarmos seus verdadeiros autores. Sobre as demais seções que aparecem no quadro 3, “Cadinho da Casa” e “Diccionario Pratico”, é provável que estas não tenham tido muita repercussão ou aceitação dos leitores e que por isso tenham desaparecido logo em seguida.

No jornal também eram publicados “conteúdos de variedades”, com notas relacionadas a batizados, casamentos, aniversários, falecimentos, além de notícias sobre pessoas enfermas. Tais estratégias possibilitaram à imprensa domingueira expandir seu público e popularizar sua linguagem.

**Quadro 4** – Conteúdos de variedades/notas sociais em *O Necydalus*

<b>TEMA</b>	<b>NÚMERO DE EDIÇÕES</b>
<b>Falecimento</b>	<b>20</b>
<b>Aniversário</b>	<b>44</b>
<b>Casamento</b>	<b>5</b>
<b>Problemas de Saúde</b>	<b>18</b>
<b>Batizado</b>	<b>1</b>

**Fonte:** Quadro elaborado a partir dos números examinados em *O Necydalus*.

Entre os temas levantados, as notas sobre aniversário são as que mais figuram no jornal, sendo possível localizá-las em 44 números aproximadamente. E em todas elas, constata-se que são aniversariantes relacionados à:

- Alunos que escrevem ou não no jornal.

“Passa-se hoje a data de aniversario do nosso distinto e assiduo collaborador Adherbal Fontes Cardoso” (O NECYDALUS, Aracaju, 18 de julho de 1909, nº. 7, Anno I, p.2).

Além de Aderbal Fontes Cardoso, outros alunos aparecem como aniversariantes: Ester Cardoso, Hunaldo Santa-Flôr, Enock Santiago, Carlota Salles de Campos, José da Rocha Teixeira, Clarindo Diniz, Osvaldo de Araújo Silva, Ítala Oliveira, João Menezes, Gentil Tavares da Mota, dentre outros. As notas sociais, não só de aniversário como também de casamento, batizado e falecimento, possibilitaram-nos, descobrir nomes de alunos que colaboravam no jornal, pois sempre que se referiam a estes, enfatizavam serem eles, ou não, colaboradores do impresso.

- Parentes desses estudantes ou de professores.

“Passou, quarta-feira, 1º de Setembro, a data natalicia da Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> D. Izabel Cardoso, virtuosa mãe do nosso amigo Adherbal F. Cardoso, ex-director deste paladino. Parabéns” (O NECYDALUS, Aracaju, 5 de setembro de 1909, nº. 14, Anno I, p.1).

Localizamos ainda nomes como: Regina Figueiredo – esposa de Luiz Figueiredo (lente de grego); Laura Silva – irmã de Clodomir Silva; Gillete de Ávila Cardoso – sobrinha de Bricio Cardoso, etc.

- Professores:

“Fez annos quinta-feira, 10 do corrente, o illustrado Dr. Alcibiades Correia Paes, incansavel e competente professor de Inglez do nosso Atheneu” (O NECYDALUS, Aracaju, 13 de junho de 1909, nº. 2, Anno I, p.2).

“Completo, sexta-feira proxima passada, mais um anno de sua preciosissima existencia, dedicada parte á educação de sua familia, parte á instrucção da mocidade, o venerando Mestre BRICIO CARDOSO” (O NECYDALUS, Aracaju, 11 de julho de 1909, nº. 6, Anno I, p.2).

Surge também o aniversário dos professores Teixeira de Farias (lente de matemática) e José Moreira de Andrade Magalhães (lente de química e física).

▪ Figuras ilustres ou intelectuais da sociedade sergipana como – desembargadores, majores, coronéis, tenentes, funcionários federais e estaduais e de comerciantes<sup>11</sup>.

“Mais um anno de existencia completou, a 26 do corrente, o nosso bom amigo e companheiro Celecino Filho, digno funcionario do Banco de Sergipe” (O NECYDALUS, Aracaju, 29 de agosto de 1909, nº. 13, Anno I, p.3).

Grande parte das notas sociais que aparecem no jornal se refere às pessoas que apresentavam algum tipo de relação com os alunos do Atheneu Sergipense, com os professores ou membros da sociedade sergipana.

A’ rua do Lagarto, n’esta cidade falleceu, a 23 do presente, o Exm. Dr. Desembargador Francisco Alves da Silveira Britto, extremado pae do Dr. Alvaro Britto, preparador de Physica e Chimica do Atheneu Sergipense (O NECYDALUS, Aracaju, 31 de outubro de 1909, nº. 22, Anno I, p.2).

O aparecimento de notícias sobre falecimentos é do mesmo modo observado em boa parte do jornal, as quais relacionam-se não só a pessoas da cidade de Aracaju como às do interior, o que vem assegurar a circulação do jornal por outras cidades do território sergipano.

“Em Itaporanga, falleceu, a 16 fluente, o criterioso administrador da estação telegraphica daquela villa, sr. Antonio C. Brandão” (O NECYDALUS, Aracaju, 25 de setembro de 1909, nº. 17, Anno I, p.2). Para Kientz (1973):

O diário permite ao cidadão da sociedade de comunicação de massa exprimir o que na vida cotidiana ele rechaça, sobretudo a realidade da sua morte. Morre-se muito nos jornais. [...] O jornal está sempre de luto. A morte fascina, tem um valor jornalístico certo (KIENTZ, 1973, p.148).

As matérias apresentadas induzem-nos a entender que *O Necdalus* era um periódico escrito provavelmente por jovens de classes sociais distintas, como era o caso de Clodomir Silva e Gentil Tavares e direcionado à nata sergipana, em função das figuras que nele são mencionadas, não só quando se referem aos requisitos do quadro 4, mas em vários

---

<sup>11</sup> Segundo Freitas (2000), “são enquadrados como intelectuais nas décadas de 1910-1920 não apenas os bacharéis em direito e medicina, engenheiros, militares graduados e oficiais, jornalistas militantes, padres, mas também os professores do ensino secundário, funcionários públicos responsáveis por bibliotecas, serviços de instrução, diretores de sociedades mutualistas, comerciantes e uma série de outras categorias a quem se atribui o papel de difusor cultural ou formador de opinião” (FREITAS, 2000, p.28).

outros momentos do jornal, como veremos mais adiante. Tais fatos nos dão indícios sobre quem poderiam ter sido seus leitores. Segundo Kientz (1973), ao passarmos

os olhos por um jornal, folheando uma revista, é possível, à simples vista do seu conteúdo, formar uma idéia aproximada daqueles que os lêem, adivinhar algumas de suas características (sexo, idade, nível sócio-cultural, tendências políticas, etc.) e até, interpretando-os à maneira de um protocolo de teste projetivo, tentar uma abordagem psicanalítica. Dizem-me o que lêem e dir-te-ei quem és... (KIENZ, 1973, p.61).

Através de outras notícias, muito recorrentes em quase todos os números do jornal, é aceitável reforçar tais afirmações, quando divulgam a chegada ou saída de pessoas ilustres do território sergipano, assim como o desembarque de pessoas de outros estados que visitavam Sergipe. Eram acontecimentos que não só o periódico tinha preocupação em divulgar, como seus leitores, que enviavam cartões e telegramas comunicando essas viagens. “Do Rio chegou a esta cidade, n’um dos ultimos vapores, o exm. sr. dr. Josino de Menezes, ex-representante de Sergipe no Congresso Nacional” (O NECYDALUS, Aracaju, 14 de agosto de 1910, nº. 42, Anno II, p.3).

“Por telegramma que gentilmente nos foi mostrado, sabemos ter embarcado no *Iris*, sexta-feira, com destino a esta capital, acompanhando sua digna familia, distintissimo amigo dr. Alcibiades Correia Paes, illustre professor do Atheneu Sergipense” (O NECYDALUS, Aracaju, 17 de julho de 1910, nº. 38, Anno II, p.4).

A presença desses alunos em festas ilustres também demonstra a ligação que mantinham com a elite sergipana, já que provavelmente alguns deles eram de famílias abastadas<sup>12</sup>, sendo muitas dessas festividades apresentadas nesse periódico, a exemplo da matéria denominada “Festa íntima”, em que é descrita a festa de recepção do desembargador Caldas Barreto em sua residência. Pelo título da matéria já é aceitável dizer que essa era uma recepção destinada a poucos, apenas às pessoas próximas do desembargador. Alguns estudantes de *O Necydalus* participaram do evento, o que vem a explicar a ligação que tinham com figuras de destaque da sociedade sergipana.

Sabbado á noite esteve em festa o honrado lar do nosso distincto amigo sr. Dezembargador Caldas Barretto, por ter regressado de Pernambuco, onde fôra a passeio, sua digna e virtuosa consorte, Madame Caldas Barreto.

---

<sup>12</sup> Não foi possível localizarmos na documentação levantada do Atheneu Sergipense a posição social e econômica a que pertenciam às famílias desses alunos. Ou seja, não conseguimos estabelecer um percentual aproximado da situação financeira dos estudantes desse estabelecimento.

Crescido numero de amigos, acompanhados de suas exm<sup>a</sup> esposas e filhos, foram á residencia do Desembargador Caldas cumprimental-o e apresentar as boas vindas a d. Marocas.

A's sete horas da noite, começaram as danças que se prolongaram com muita animação até as 8 horas da manhã.

No numero dos amigos que foram levar ao illustre magistrado as saudações por tão faustoso acontecimento, notamos o dr. Epaminondas Torres e familia, dr. Nobre de Lacerda e familia, dr. Costapinto e familia, dr. Moreira Magalhães, dr. Affonso Accyoli, dr. Firmo Freire, dr. João Antonio de Oliveira, major João Menezes [...], Francisco Barreto da nosso collega 'A Gazetinha' e outros cujos nomes escaparam.

Nosso modesto orgão também não faltou a esse tributo de amizade e de respeito, representando o 'Necydalus' o nosso redactor chefe Gentil Tavares da Motta.

Foi incontestavelmente uma bonita festa a que sabbado ultimo teve logar na residencia do sr. Desembargador Caldas Barreto, a quem de novo apresentamos os nossos cordiaes cumprimentos. (O NECYDALUS, Aracaju, 8 de maio de 1910, n.º. 28, Anno II, p.2).

Essa matéria é apenas um exemplo de outras festividades que surgiram no jornal, das quais os alunos, em nome de *O Necydalus*, participaram e conseguiram demonstrar que os colaboradores desse impresso tinham acesso a ambientes sociais de prestígio, levando suas páginas a anunciarem de forma detalhada tais acontecimentos.

As personalidades sergipanas do mesmo modo ganhavam destaque dentro de suas publicações, com apresentação de homenagens e pequenos trechos biográficos de figuras como o professor Alcibíades Paes, o desembargador Manoel Caldas Barreto, o desembargador Homero de Oliveira, o professor Alfredo Montes, o político e poeta Fausto Cardoso, o presidente Rodrigues Dória, entre outros. Esse acontecimento leva-nos a verificar quem eram seus leitores.

Além dos artigos isolados sobre as personalidades sergipanas, foi igualmente criada uma seção específica denominada "Culto ao talento", que apareceu em 4 números, descrevendo homenagens a intelectuais mencionados nesse impresso como figuras a serem seguidas. Os quatro homenageados foram: Gumercindo Bessa, Felisbello Freire, Laudelino Freire e Silvio Romero. As figuras mais citadas pelo jornal, entre os já mencionados, referem-se a Fausto Cardoso, Gumercindo Bessa e aos professores Alfredo Montes, Alcibíades Paes e Brício Cardoso.

Havia, além disso, nas páginas desse periódico uma preocupação em noticiar episódios históricos direcionados a Sergipe ou sobre acontecimentos relacionados a um contexto mais amplo, como o Brasil e o exterior. Surgem então matérias e editoriais com os títulos: A capital do Brasil, A imigração, A tomada de Sergipe, Os argentinos,

Autonomia do Acre e Portugal. Entre os temas mais recorrentes está a Tomada de Sergipe, que aparece por três vezes, e as notícias ligadas a Portugal, já que nesse período o “noticiário da imprensa ocupava-se ainda com a revolução que instaurara a República em Portugal” (SODRÉ, 1999, p.328).

Essas manifestações indicam que os alunos responsáveis pela redação de *O Necdalus* estavam sempre atualizados com o que ocorria tanto em Sergipe quanto em outros locais. Uma das explicações que permitiam àqueles moços manterem-se tão bem informados é veiculada no jornal quando eles mencionam os telégrafos como uma fonte de informação de acontecimentos, principalmente os externos ao contexto sergipano.

As noticias que o telegrapho traz quotidianamente de Portugal são assustadoras, e por isso mesmo exageradas.  
O que chega até aqui, pelo menos, comprova perfeitamente qual a progressão crescente que padecem os acontecimentos quando chegam até nosso conhecimento (O NECYDALUS, Aracaju, 16 de outubro de 1910, nº. 51, Anno II, p.4).

Uma outra nota também confirma o uso desse recurso como fonte de conhecimento para os jovens jornalistas, ao descreverem que por “telegramma particular que nos foi obsequiosamente mostrado, soubemos que foi removido da Alfândega do Maranhão para a de Pernambuco o 4º escripturario Antonio de Carvalho Nobre, cunhado do Des. Caldas Barreto” (O NECYDALUS, Aracaju, 16 de setembro de 1910, nº. 46, Anno II, p.4).

Mais um indício verificado no jornal era o acesso que esses alunos tinham aos periódicos de outros estados, recursos que os mantiveram atualizados dos acontecimentos fora de Sergipe. “Segundo narram os últimos jornaes do Rio, os accademicos fizeram uma passeata em regosijo pela entrada da primavera e da confraternisação dos estudantes americanos, celebrada no Uruguay” (O NECYDALUS, Aracaju, 12 de outubro de 1909, nº. 19, Anno I, p. 3).

No jornal ainda visualizamos um número expressivo de poemas e sonetos, o que nos faz compreender que este seria um dos exercícios literários produzidos por alunos durante as aulas de Retórica, disciplina ministrada pelo professor Brício Cardoso, no Atheneu Sergipense.

De acordo com Silva (2006), “a prática pedagógica da poesia em sala de aula tinha como propósito atender às exigências de duas disciplinas: Retórica, que tratava da

arte do bem falar para convencer ou persuadir os ouvintes, e Declamação, para dar ênfase aos recitais” (SILVA, 2006, p.136).

A autora ainda manifesta que o gosto pela poesia, demonstrado pela escola brasileira do século XIX, era o remanescente de uma prática herdada do período colonizador. “Os escritores clássicos sempre enalteciam a Oratória. As declamações apareciam como prática de uma cultura escolar que já foi valorizada, a exemplo dos recitais nas festas cívicas e no encerramento do ano letivo” (SILVA, 2006, p.136).

Essa era uma cultura vigente e muito praticada pelos alunos do Atheneu Sergipense, como é oportuno ser apreciado no editorial número 30, ao publicarem a solenidade da inauguração do retrato do professor Alfredo Montes, iniciativa tomada pelos alunos escritores para homenagear esse educador, que já havia falecido. Durante o relato da solenidade, é visível o quanto a oratória fazia parte do cotidiano dessas pessoas.

Ao toque de descanso, a officialidade da companhia dirigiu-se para o salão, onde se achava o retrato que tinha de ser momentos depois inaugurado, sendo, com a nossa presença, aberta a sessão solemne da congregação pelo seu presidente, o dr. Candido Costapinto, o qual, explicando o motivo da reunião, concedeu a palavra ao orador official, o intelligente 4º annista Clodomir Silva (O NECYDALUS, Aracaju, 26 de maio de 1910, nº. 30, Anno II, p.1).

Ainda neste mesmo editorial descrevem:

Segui-se com a palavra o orador official da Congregação, o dr. Prado Sampaio, que, em períodos burilados – verdadeiras perolas, que, como sempre, sahem de seus labios de ardoroso orador, inaugurou o retrato do homenageado, enaltecendo-lhe as qualidades moraes, e fazendo a apologia do character Sergipano em todas as suas manifestações (O NECYDALUS, Aracaju, 26 de maio de 1910, nº. 30, Anno II, p.1).

O uso da oratória em festividades, como a inauguração do retrato do professor Alfredo Montes, é apenas um exemplo de outros cerimoniais de que participaram muitos dos alunos, num ambiente em que era comum ver esse tipo de prática realizada não só por Clodomir Silva como por outros estudantes do Atheneu Sergipense. Alves (2005a) confirma esse acontecimento quando apresenta que

as comemorações e festividades constituíam ocasiões propícias para o estreitamento da relação entre ‘a retórica como matéria de ensino e como desempenho prático em situações públicas’ (SOUZA, 1999, p.92). No Atheneu Sergipense, inflamados eram os discursos dos professores e

alunos encarregados de fazê-los nas ocasiões festivas. Neste texto, vimos variados exemplos de eloquência como ‘espetáculos públicos’. Também nos textos jornalísticos, prática extensivamente adotada por intelectuais de Sergipe, são identificados aspectos da eloquência, quer nos artigos ou ensaios defensores de temas, quer nas polêmicas levantadas que marcaram a vida cultural sergipana (ALVES, 2005a, p.112-113).

As exposições de poemas feitas por alunos e publicadas nesse impresso indicam que a escrita do jornal *O Necdalus* constituía uma prática educativa do Atheneu Sergipense. Diante da classificação de poemas e sonetos evidenciada no jornal, notamos que estas produções representavam um número significativo em relação aos demais escritos, não sendo localizada esse tipo de escrita apenas no primeiro número, que não está completo pela falta das duas últimas páginas onde geralmente eram publicadas as seções. Segundo Cruz (2000):

Resultando em sua maioria, do trabalho de alguns professores com uns poucos alunos, tais periódicos assumem uma feição literária tradicional, publicando poemas, pequenos artigos ufanistas sobre as datas pátrias e princípios de moral e civismo, crônicas de autoria dos alunos e professores e poesia e prosa de expoentes da letras paulistanas e nacional. O jornalismo é transformado em gênero e fazer jornal escolar passa a constituir um exercício de aprimoramento das formas de escrita. O jornal escolar é proposto como um estímulo aos jovens ‘no campeonato da imprensa’ e um instrumento ‘de exercício nas lides do jornalismo’ (CRUZ, 2000, p.99).

Assim como os jornais paulistanos estudados por Cruz (2000), o jornal *O Necdalus*, diante de suas representações, ao produzir textos literários, comprovou ter tido também como perspectiva exercitar os alunos para o desenvolvimento da escrita literária. Os sonetos e poemas encontrados nos jornais confirmam ter sido uma das formas de ampliar a composição desses estudantes para o caminho das letras. É aceitável descrever que boa parte dessas escritas nos números analisados está atrelada a essa forma de produção.

**Quadro 5** – Seções literárias do jornal *O Necdalus*

SEÇÃO	NÚMERO DE EDIÇÕES
<b>A Nossa Musa</b>	<b>29</b>
<b>Musa Alheia</b>	<b>15</b>
<b>Silhuetas</b>	<b>31</b>

**Fonte:** Quadro elaborado a partir dos números examinados em *O Necdalus*.

O jornal apresentava seções específicas sobre esse tipo de produção. Em a “Nossa Musa”, que localizamos em 29 edições, havia 87 poemas em forma de sonetos<sup>13</sup>, quadrinhas<sup>14</sup> e acrósticos<sup>15</sup>, quase todos identificando sua autoria. Assim, convém apresentar os títulos e seus respectivos autores: **Meu amor** (Niso); **No jardim** (Nilo); **Esboços** (autor não identificado); **Caricatura** (Niso); **Elle** (Prado Montes); **Soneto** (David); **Esboços** (autor não identificado); **Caricatura** (Niso); **Tudo Passa!...** (C. Silva); **Esboços** (autor não identificado); **Amour Occulto** (Liso); **Quadrinhas** (R.F.L.); **Caricaturas** (Niso); **A luz da aurora** (Prado Montes); **Relembrações** (Cid Lins); **N’um Postal a Thomaz Ferreira d’Aquino** (Carlos Barro Guimarães); **Caricatura** (Niso); **A Sultana do Baile** (Isaac); **A caridade** (Milton Carvalho); **Quando te vejo** (Neophyto); **Collo maternal** (Milton Carvalho); **Despresado** (David); **Minha vida** (Carvalho); **Maguas** (Cida Lins); **?...** (C. Silva); **O mendigo** (Milton Carvalho); **Teu lenço** (Cid Lins); **Senhora** (S. Sampaio); **Resposta** (Romeu); **O desgosto** (Milton Carvalho); **A esperança** (Milton Carvalho); **A tempestade** (C. Silva); **Soneto** (Cid Lins); **Cascudos** (Nizinho); **Endechas** (Enock Santiago); **Mãe** (Cid Lins); **Cascudos** (Nizinho); **Endechas** (Arthur Prado); **Hontem** (Cid Lins); **Acrostico** (Josephat); **Trocinhas** (Xico Me Lança); **Retrato** (Milton Carvalho); **?...** (E. Maia); **Cascudos** (Nizinho); **Deziluzão** (C. Silva); **Canteiro de rosas** (Jardineiro); **Preces** (Milton Carvalho); **Paizagem** (C. Silva); **Canteiro de rosas** (Josaphat); **Vem!** (C.L.); **A cachoeira**; (C. Silva); **Amor desfeito** (Arthur do Prado); **Canteiro de rosas** (Jardineiro); **Morena** (Lindolpho Saller); **Senhora** (Cid Lins); **Beleza**

<sup>13</sup> É uma composição de 14 versos, distribuídos em duas quadras e dois tercetos, sendo o último verso a chamada “chave de ouro”, que deve conter em si a essência da ideia geral do poema (cf. TAVARES, 1996, p.305).

<sup>14</sup> Composição de quatro versos que recebe o nome de trova ou quadrinha (cf. TAVARES, 1996, p.203).

<sup>15</sup> É uma composição em que as letras iniciais de cada verso formam na leitura vertical o nome de alguma pessoa ou coisa (cf. TAVARES, 1996, p.270).

**pura** (C. Silva); **Desejo de realidade** (Milton Carvalho); **Os felpudos** (Felinto); **O que é o amor?** (Milton Carvalho); **Cascudos** (Nizinho); **Saudações** (sem autoria); **Cascudos** (Nizinho); **Ave Maria** (Carlota Campos); **Um conselho** (Felinto); **Encontro** (Milton Carvalho); **Cascudos** (Nizinho); **Sergipe** (Milton Carvalho); **Sonetos** (Zulmira de Mello Cardoso); **Tuberculosa** (Z. Moraes); **A primavera** (Carlota Salles); **Cascudos** (Nizinho); **Criancice** (Lindolpho Salles); **Magoas** (F. Barreto); **Resignação** (Cid Lins); **Cascudos** (Nizinho); **Na vida** (Milton Carvalho); **Soneto** (Garcilaso Tellles); **Alma glacial** (Doria de Campos); **O primeiro amor** (Milton Carvalho); **O ensino** (Felinto); **Cascudos** (Nizinho); **O Minas Geraes** (C. Silva); **Saudades** (P. Rocha); **Minha terra** (Carlota Salles de Campos) e **Chromo** (Njmupa Jardim).

Nessa seção, o maior número de publicações pertence ao aluno Milton Pereira de Carvalho, com catorze poemas, seguido por Nizinho, com nove, e Clodomir Silva, com oito.

Uma outra seção com publicações desse gênero foi a “Musa Alheia”, com uma produção menor, de apenas 15 sonetos assinados em sua grande maioria por Symphronio Cardoso, entre os quais podemos destacar: **Fraternidade** (Symphronio Cardoso); **Elegiaco** (Symphronio Cardoso); **Meditação** (Symphronio Cardoso); **A Sagrada Visão** (Symphronio Cardoso); **Sem verbos** (Augusto de Oliveira Galvão); **Avante!** (Symphronio Cardoso); **Soneto de Camões** (sem autoria); **Archanio Bento** (Symphronio Cardoso); **Casamento** (Symphronio Cardoso); **Luar** (Symphronio Cardoso); **Angelus** (Symphronio Cardoso); **A virtude** (Symphronio Cardoso); **A verdade** (Symphronio Cardoso); **Espelho** (Symphronio Cardoso) e **Idyllio** (Symphronio Cardoso).

Na seção “Silhuetas”, a maior em número de edições se apresentando em 31 exemplares, é assinada por apenas um autor de nome Galdino. Junto com a Silhueta aparecem outros sonetos e poemas, entre os quais temos: **O pranto da saudade** (Symphronio Cardoso); **A roceirinha** (Carlota Salles de Campos); **Chôro e riso** (Symphronio Cardoso); **Na praia** (Symphronio Cardoso); **A palavra** (Symphronio Cardoso); **A bandeira** (Etelvina Amália Siqueira); **O vaso quebrado** (Olympio Fernandinho); **?...** (Garcia Rosa); **O insulto** (Symphronio Cardoso); **Nada** (Joaquim Nabuco); **Nihil** (Mendes de Aguiar); **Teu seio** (Eugenio de Sá Pereira); **Sonetos dos impossíveis** (não identificado); **Saudade...** (Sebastião de Abreu); **Soneto** (Milton Carvalho); **Aspiração** (Raul Villar); **IBIS** (não identificado); **Luto e dor** (Raul Villar); **Supplicio eterno** (Francisco Mangabeira); **O campo** (Mendes Martins); **Adormecida**

(Lonutus); **Soneto** (Carlota Salles de Campos); **Morta** (Luiz Guimarães Junior); **Deus** (Carlota Salles de Campos); **A serra** (Padre Mathias Freire), **O Numismata** (Pedro Celso); **Soes** (C. Silva); **Saudosa** (Milton Carvalho); **Soneto** (Xisto Guerra); **Argentina soror** (Mendes de Aguiar); **Chromo** (Milton Carvalho); **Entre as arvores** (Olympio Fernandes); **A cruz de ouro** (Luiz Marat); **Água de Lourdes** (Guerra Junqueira); **Pranto** (Raul Villar); **Paizagem** (Milton Carvalho); **Convite** (Ignotus); **A borralhe'ra** (Luiz Guimarães); **Judas** (Raul Villar); **Rosa** (B. Lopes); **Progresso** (Ignotus); **S. Paulo** (Raul Villar); **Esmorecer** (Symphronio Cardoso); **Os frades** (Ignotus); **Ave, Maria** (Álvaro Leitão); **Ilusões desfeitas** (Octaviano de Novaes); **Quadras** (E. Siqueira); **Soneto** (Etelvina Amália); **A rosa** (Raul Villar); **Lamento** (Anthero de Quental); \_\_\_ (Ignotus); **Entravadas** (Raul Villar); **Mal secreto** (Raymundo Correia); **Onda** (Lima Júnior); **Homero de Oliveira** (Milton Carvalho); **Olhos...** (Synizio Guimarães); **Sempre!** (Edmundo Reis); **Triplíce diadema** (Antonio de Castro Alves) e **Soneto** (Romulo).

No decorrer da análise, percebe-se que são poemas e sonetos inspirados em temas cívicos ou que evidenciam a preferência pelo estilo lírico (amoroso), os quais expressam a sensibilidade dos autores ao escreverem as composições. Os alunos que registravam poemas e sonetos buscavam usar representações que evocassem algum tipo de sentimento envolvendo beleza, saudade, melancolia, desilusão, solidão, etc.

### **Meu amor**

Foi n'uma manhã de Maio  
Que começou meu amor;  
O sol dava de soslaio  
No teu rosto, oh! minha flor!

Ficaste então tão formosa,  
Tão formosa tú ficaste,  
Que lembravas uma rosa,  
Ainda pendente da haste;

Logo depois, no outro dia,  
Inda te achei mais formosa,  
Fiquei morto de alegria  
Ao dar-se-me aquel'a rosa.

Este amor durou seis mezes,

Que parecera a seis annos;  
Tão grandes foram as revezes,  
Tão grandes os desenganos!

Niso.

Entre as composições listadas, uma boa parte está assinada por seus autores, seja de forma explícita, com seus nomes completos, ou de forma implícita, através de pseudônimos. Na estrutura em que os poemas são produzidos, nota-se que alguns se apropriaram da literatura como forma de marcar suas concepções veiculadas por um sentimento de amor à pátria e ao progresso.

### **Sergipe**

(Dedicado ao meu professor Bricio Cardoso)

Este meu ninho ditoso e bem formado,  
Todo de flores, de atracção, de amor,  
Tem n'elle iman que me traz laçado,  
Tem n'elle encantos de formosa flor,

A meu Sergipe, - berço idolatrado,  
Por mais que alma suba qual condor,  
Do espaço distingue o berço amado,  
Que amo e que idolatro com fervor.

Sergipe, teu progresso inquieto vejo  
Meu idéal, minha patria, eu te desejo,  
Ma's amor do que tens, mais atracção.

Nem mesmo a morte meu amor profana,  
Feliz se esse fôr meu coração,  
Sepultado na terra Sergipana.

Milton Carvalho

### **O Progresso**

Já que tudo progride no Paiz,  
Até a igreja se militariza,  
Um santo serio, bravo até se diz  
Que em dias grandes já se uniformisa.

A gloria, que consiste na divisa,  
Firmou-se já com base e com raiz;  
Ninguém sem ella póde ser feliz,  
Pois pela farda o gosto s'enraiza.

Em breve os brasileiros são soldados,  
A guarda-nacional substitue-se  
Pelos socios do Tiro Federado.

As ambições acabão-se dos vermes,  
O castello civil em breve ruisse,  
E deixão os cidadãos de ser ....

Ignotus

Todas essas seções com produções de poemas e sonetos vêm na terceira página intermediando os temas abordados nos editoriais. Essa estratégia, segundo Cruz (2000), ao citar como exemplo os jornais paulistanos, era utilizada com o intuito de amenizar os conteúdos mais polêmicos apresentados nesses impressos.

Grande parte das folhas domingueiras vem a público como periódicos literários. Os conteúdos explicitamente literários, principalmente a linguagem poética na forma de sonetos, emergem como forma privilegiada para amenizar conteúdos considerados mais áridos e desinteressantes das publicações. Colocar um soneto ao lado de um artigo de fundo, usar versos como epígrafes, quadrinhas populares, fazer reclamações em poesia, inserir sonetos entre seções mais pesadas são estratégias largamente usadas por essas publicações (CRUZ, 2000, p.109).

Algumas reclamações, em formas de poesias ou quadrinhas, também são observadas no jornal. São reivindicações direcionadas ao encanamento de água, que ainda não havia chegado ao Atheneu Sergipense, ao transporte urbano, além de outras demandas do cotidiano sergipano naquela ocasião. Como exemplo, destacamos algumas dessas produções.

Vem a chuva, vem o sol,  
Vem o ronco do trovão,  
Somente p'ro Atheneu,  
Oh! que magua !...  
Nunca chega a encanação  
D'água.

—  
Chegam bondes, chega a chuva

Vem o calor; vem o vento  
Mas penso que p'ro Atheneu  
Nunca chega encanamento.

—  
Por que razão não concerta  
A *Carris* os trilhos seus?  
Pois não vê que tantas pedras  
No caminho bradam aos céus?

—  
Ha dias, um moço *poeta*  
Não deixou nosso jornal  
Circular.

Veja agora seu pateta  
Você que nos fez mal  
Vai pagar.

Além dos poemas, foram identificados outros tipos de produções literárias, a exemplo de contos<sup>16</sup> e crônicas<sup>17</sup>, conforme nos apresenta o quadro 6.

#### **Quadro 6** – Tipos de produções literárias do jornal *O Necydalus*

<b>POEMAS</b>	<b>SONETOS</b>	<b>CONTOS</b>	<b>CRÔNICAS</b>	<b>QUADRINHAS</b>	<b>ACRÓSTICOS</b>
39	131	40	45	15	7

**Fonte:** Quadro elaborado a partir dos números examinados em *O Necydalus*.

Em meio aos dados oferecidos, observamos que a produção de sonetos predominava entre as publicações literárias do jornal. Os outros tipos de manifestações poéticas, como quadrinhas e acrósticos, também aparecem nesse impresso, mas com menor ênfase.

Relacionados aos contos e às crônicas, esses sempre se manifestaram nas primeiras páginas do jornal, o que ratifica a importância atribuída a seus escritos, por ser um periódico que apresenta um forte caráter literário. Segundo Kientz (1973), “cada jornal tem seu próprio código de valorização. De modo geral, a inserção de uma informação na

<sup>16</sup> Espécie narrativa de maior brevidade, que admite vários temas e assuntos (cf. TAVARES, 1996, p.123).

<sup>17</sup> Etimologicamente: “chronos” = tempo. Era relato histórico. Hoje é uma espécie de conto curto ou narrativa condensada, que capta um flagrante da vida, pitoresco e atual, real ou imaginário, com ampla variedade temática e num tom poético, embora coloquial da linguagem oral (cf. TAVARES, 1996, p.123).

primeira página confere-lhe uma importância nitidamente superior à resultante de uma inserção nas páginas do meio” (KIENZ, 1973, p.100).

Diante da pesquisa feita acerca dessas construções literárias, verifica-se que são dedicadas a alguma pessoa, tendo recebido muitas homenagens nessas criações o professor Brício Cardoso, a quem foram dedicados, além de contos ou crônicas, alguns poemas, isso talvez por ter sido o maior responsável por essas produções e possíveis exposições, como anunciam os escritos do jornal *A Colmeia*.

O *Necydalus* é nada mais, nada menos, um jornalzinho litterario e humorístico que hoje faz o seu segundo giro pelos âmbitos da nossa *sympathica* Aracaju e que sae dos bancos do Atheneu Sergipense [...]. Como preambulo, vem um bem lançado artigo do velho mestre Brício Cardoso, o mais antigo talvez dos professores do Atheneu e, por consequencia, o mais no caso de dar a mão a essa mocidade viril que elle extremece e que nós outros admiramos (*A COLMEIA*, Aracaju, 13 de junho de 1909, nº. 20, Anno I, p.2-3).

Essa passagem reforça o fato de que as produções presentes no jornal faziam parte das aulas do Atheneu Sergipense, tendo o professor Brício Cardoso como um mestre dedicado a fim de que tais exercícios literários se concretizassem. A iniciação à atividade intelectual de muitos jovens “começava ainda na faculdade através da participação na imprensa, seja por meio de artigos relacionados à sua futura atividade profissional [...] ou ainda, manifestando pendores literários produzindo poemas” (FREITAS, 2000, p.34). Mesmo sem estarem cursando o ensino superior, os alunos do Atheneu Sergipense já davam seus primeiros passos no setor jornalístico com suas produções poéticas.

Dentre os alunos que escreveram contos ou crônicas no jornal, os que mais publicaram foram Orlando Flôres, Milton Carvalho e Raul Villar. Entre os contos podemos listar: **Seis horas** (A. Moreira); **Uma noite** (Bruno); **A boneca** (M. Carvalho); **Bilhete postal** (Arthur Prado); **Obediência** (G. F. Oliveira); **Amor infindo** (J. Bessa); **Traduções** (sem autoria); **Indiferença** (Orlando Flôres); **A virgem da tresteza** (Orlando Flôres); **Folhas soltas** (Zola); **Nina** (C...); **Recordação** (A. Moreira); **Firmeza e amô** (Nubio); **Confissão** (Milton Carvalho); **Um beijo a farbo** (Josaphat); **Ingenuidade** (Milton Carvalho); **Esperança morta** (Orlando Flôres); **Visão bemdita** (Orlando Flôres); **Sons que passam** (Florentino); **O remorso** (Arnaldo); **Stella, - a pastora** (Orlando Flôres); **Notas da Cidade** (-); **Izaura** (Milton Carvalho); **Lethargia** (Orlando Flôres); **A creança e o amor** (Montalvão Fraga); **Sonhos de loucos** (Orlando Flôres); **Ao luar** (F.

Barreto); **Realidade de um sonho** (Nefas); **O sabiá e o cypreste** (Orlando Flôres); **Visões e presentimentos** (Orlando Flôres); **Quadro** (-); **Caiporismo** (Raul Villar); **Um hemisferio numa cabelleira** (Felinto); **O engano** (Felinto); **Transformação** (Nizinho); **Um acaso** (Raul Villar); **A dor da partida** (Neophyto); **Apuros** (Mario Azevedo); **Engano... terrível** (Mario Azevedo) e **Bendicto nó** (sem autoria).

Pertinente às crônicas é presumível citar: **Meu cerebro** (Nédio); **O livro** (M. Carvalho); **Aos estudantes** (Nédio); **O dinheiro** (C. Silva); **O futuro** (Pereira de Carvalho); **Relembração** (Orlando Flôres); **O estudante** (M. Carvalho); **O amor** (D...); **Olhares** (Afeco); **Chorara** (M. Carvalho); **A modestia** (D...); **Canteiro de rosas** (Jardineiro); **Orphão do amor** (J. Bessa); **Recordando-me** (Nefas); **Cossette** (Leo); **O vicio** (O viciado); **Reminiscencia** (Nabuco); **Canteiro de rosas** (Jardineiro); **Extinção de amor** (D...); **Canteiro de rosas** (Jardineiro); **O dever** (M. Carvalho); **Canteiro de rosas** (Jardineiro); **Quadro triste** (Orlando Flôres); **Canteiro de rosas** (Jardineiro); **Canteiro de rosas** (Jardineiro); **As andorinhas** (Orlando Flôres); **Tristeza** (Afeco); **Saudades** (F. Barreto); **O amor** (Symphronio Cardoso); **Sentimentalismo** (Orlando Flôres); **Registro** (sem autoria); **A vida** (M. Carvalho); **Postal** (Arnaldo); **Registro** (sem autoria); **Chronica** (A. Prado); **Entre linhas** (Leo); **Registro** (sem autoria); **O pranto da saudade** (Sumphronio Cardoso); **Patria** (Carvalho Lima Junior); **O passado** (Raul Villar); **A rosa** (Raul Villar); **Sentenças** (Ignotus); **Sentenças** (Ignotus) e **A mulher** (Raul Villar).

No jornal, além das produções literárias em que muitos “intelectuais se revelaram poetas e prosadores” (FREITAS, 2000, p.41), podemos mencionar algumas notas, que aparecem constantemente nesse impresso, como é o caso de escritos relacionados a protestos, nomeações e datas comemorativas. No tocante aos protestos, destacamos algumas matérias que dizem:

Estão sendo agora publicados no *Estado de Sergipe* todos os actos e expedientes deste estabelecimento relativos ás faltas dos alumnos nas aulas.[...]

É de crer que quem auctorizou a realização desta medida mesquinha e tola nunca leu com cuidado o Regulamento actualmente em vigor.

Sinão vejamos.

O artigo que se refere á frequencia dos alumnos diz: *Antes das lições, fará o bedel a respectiva chamada por cadernetas mensaes, onde tomará nota dos alumnos não comparecentes.*

Onde o nosso Regulamento auctorisa que essas faltas sejam publicadas?

Será o *Estado de Sergipe* a caderneta de que nos falla o Regulamento?

Será isto uma phantasia do director?

Porque não mandam publicar também ao lado das faltas as notas dos alumnos?

Porque não observam o Regulamento, o que seria digno de louvor, no tocante ás recompensas que elle nos concede?

Tudo isto vem nos provar cabalmente que alli sempre o castigo é preferível á recompensa.

[...]

E demais, para que estarmos no estabelecimento, quando por qualquer motivo podemos ser suspensos, e por oito dias, como costuma ser agora?!!

Ahi ficam, pois, á guisa de protesto, estas linhas escriptas n'um momento de reflexão (O NECYDALUS, Aracaju, 1º de maio de 1910, nº. 27, Anno II, p. 3-4).

Um outro protesto também encontrado no jornal veicula que:

Sexta-feira ultima, quando nos dirigiamos para o estabelecimento onde nos aclarão o espirito lições de mestres competentes e abalisados, soubemos que um collega, 2º annista Virgilio Garcia Rosa estava com as mãos em deploravel estado.

Isto, que por qualquer outra cousa era muito natural, soubemos depois que havia sido consequencia de um castigo que applicara ao menino o director do 'Gremio Escolar' castigo este que produzira sangrentas echymoses pela mão do pequeno.

Tratando de syndicar do facto, soubemos depois que elle se tinha dado devido a uma queixa do censor do referido collegio ao respectivo director.

Hoje, já foi banido do ensino o uso dos bolos, que se acabou já o predominio da palmatoria, ainda nesta cidade, que é a capital do Estado Federado de Sergipe, se dão factos desta natureza!!!

Chamamos a attenção do illustre director da instrucção, afim de que nunca mais se repitão acontecimentos iguaes a este (O NECYDALUS, Aracaju, 23 de outubro de 1910, nº. 52, Anno II, p.2).

Manifestações sobre castigos, faltas, suspensão de alumnos, indelicadezas do director do Atheneu Sergipense, Cândido da Costa Pinto, para com os educandos e a morte de estudantes também são temas visualizados nas publicações.

Sobre as nomeações que aparecem noticiadas no jornal, muitas estão ligadas ao Atheneu Sergipense, como a designação de lentes para assumir cadeiras ou outras funções, como a de fiscal de exames, primeiro escriptorio da delegacia fiscal do Atheneu Sergipense, instrutores, entre outros.

Em substituição ao digno Dr. Manoel Baptista Itajahy, que pediu e obteve exoneração do cargo de fiscal dos exames do Atheneu Sergipense, foi nomeado o illustrado Dr. Helvecio Andrade – um dos espiritos mais cultivados da nossa terra que, alem do mais, sabe empenhar a penna de jornalistas com perfeição e saber dignos de nota.

Regosijados com a acertada nomeação, nós o felicitamos. (O NECYDALUS, Aracaju, 18 de julho de 1909, nº. 7, Anno I, p.2).

Uma outra nota nos diz:

Para reger interinamente a cadeira de Allemão do Atheneu Sergipense, vaga por se achar licenciado o lente effectivo – professor Alfredo Montes Junior, foi acertadamente nomeado o illustrado lente de Inglez do mesmo estabelecimento – Dr. Alcibiades Corrêa Paes (O NECYDALUS, Aracaju, 25 de setembro de 1909, nº. 17, Anno I, p.2).

Com isso, entende-se que esse impresso era utilizado para que os alunos se manifestassem em favor de seus interesses, além de deixar claro que eles estavam informados sobre os acontecimentos daquela “Casa”, como é o caso de sempre informarem a respeito das nomeações de funcionários desse estabelecimento de ensino.

Havia conseqüentemente um empenho em mencionar diversos tipos de acontecimentos referentes a temas educacionais, como nos mostra o quadro 7.

**Quadro 7** – Temas educacionais retratados em *O Necydalus*.

Edição	Autor	Título	Nº de Edições	Síntese
20 de junho de 1909, nº. 3, p. 1.	M. Carvalho	O livro	1	Afirma que o livro é a espada dos sábios na luta pela intelectualidade. “Pela força de vontade e grandes esforços empregados nos livros é que o homem chega a ser sábio”.
20 de junho de 1909, nº. 3, p. 3.	Josepha Mont’Alegre Elphidia Freire	Jesus	2	Artigos produzidos nas aulas de Português do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, com o propósito de descrever a vida de Jesus desde o nascimento até a sua morte e ressurreição. “Quanto é doce e suave pronunciar este importantissimo nome – Jesus! É a primeira palavra que as mães christans ensinam as creanças a pronunciar”.
27 de junho de 1909, nº. 4, p. 3.	Aurélia Leite Annita D. Rollemberg	Jesus Jesus		
27 de junho de 1909, nº. 4, p. 1.	–	Concurso	12	Artigos escritos com o propósito de eleger a melhor disciplina ministrada no Atheneu Sergipense, nos quais os alunos se manifestaram dando seu voto e fazendo suas justificativas, começando pela quinta série. “O concurso é assim uma cousa parecida com uma tourada. O espetaculo é bello, mas ao mesmo tempo, quasi sempre, horrivel. Ha choques tremendos, encontros bruscos e pesados: choques de competencia [...] Mas o nosso concurso é diferente; é, talvez, um concurso original. Os candidatos, os touros, não são homens (tambem não são mulheres); são as varias disciplinas ou materias que permutam no Atheneu Sergipense. Quer-
4 de julho de 1909, nº. 5, p. 1.	G. M.	O nosso concurso		
11 de julho de 1909, nº. 6, p. 1.	R. T.	O nosso concurso		
25 de julho de 1909, nº. 8, p. 1.	G. M. M.	O nosso concurso		
1º de agosto de 1909, nº. 9, p. 1.	C. Silva	O nosso concurso		
8 de agosto de 1909, nº. 10, p. 1.	Milton Carvalho	O nosso concurso		
15 de agosto de 1909, nº. 11, p.	Dias Lima	O nosso concurso		

1.					
22 de agosto de 1909, nº. 12, p. 1.	C. D. G.	O nosso concurso			se apurar, e para isso desde já aberto o concurso entre os estudantes, de tantas e tão variadas disciplinas, qual a mais agradável, a mais sympathica, a que estuda com mais gosto”.
29 de agosto de 1909, nº. 13, p. 1.	Mathias Fontes	O nosso concurso			
12 de setembro de 1909, nº. 15, p. 1.	R. Pinto	O nosso concurso			
24 de outubro de 1909, nº. 21, p. 1.	–	Resultado do primeiro concurso			
27 de junho de 1909, nº. 4, p. 1.	Nélio	Aos estudantes	1		Descreve a necessidade de um jornal estudantil para as expansões intelectuais e para defesa da coletividade em função do amor às letras.
18 de julho de 1909, nº. 7, p. 1.	Milton Carvalho	O estudante	1		Define o papel do estudante, comparando-o ao soldado. “O estudante é o soldado que instrue o seu talento para contar com este precioso meio nas lutas intellectuaes”.
15 de agosto de 1909, nº. 11, p. 1.	Milton Carvalho	O dever	1		Expressa sobre os princípios morais e intelectuais que devem ser vistos pelo homem como um dever. “Quem não cumpre deveres não tem honra; e ser honrado é necessário”.
5 de setembro de 1909, nº. 14, p. 3.	Arthur do Prado	A proposta de uma leitura	1		Comenta o romance “Os miseráveis” de Victor Hugo. “O grandioso livro é um pedaço de beleza extraordinária, cujo aparecimento assignala um dos principaes acontecimentos litterarios do nosso seculo”.
3 de outubro de 1909, nº. 18, p. 1.	–	Estudantes mortos			Manifestações de protesto pelo assassinato dos estudantes cometido pela polícia do Rio de Janeiro, pedem justiça para este ato insolente e em seguida, descrevem a sentença destes assassinos. “E foi-lhe bem aplicada a sentença. Roubaram as mais fagueiras esperanças da mocidade – o tempo em que a vida é um sonho colorido, onde as visões são luzes”.
25 de setembro de 1910, nº. 48, p. 1.	–	Os assassinos dos estudantes	2		
12 de outubro de 1909, nº. 19, p. 1.	–	Concurso			Segundo concurso localizado no jornal. Este tinha como propósito eleger a melhor tradução de uma anedota de inglês denominada Sodler. “É o seguinte: aqui vai uma anedocta do Sodler, escripta em Inglez, cuja tradução deve ser feita e enviada a esta redacção, por todo o mez de Outubro, para apurarmos qual dellas a melhor. Aquelle que apresentar melhor traducção terá um magnifico premio”.
31 de outubro de 1909, nº. 22, p. 2.	–	Concurso	3		
9 de novembro de 1909, nº. 23, p. 1.	–	O nosso concurso			
25 de novembro de 1909, nº. 25, p. 1.	Aarão de Britto Lima	A formatura dos estudantes	1		Admiração dos moços pelo exército brasileiro, por amor à pátria e não como mecanismo de servidão. “Mocidade entusiasta pelas armas e, sobretudo educada nos sadios conhecimentos da instrucção moderna, os alumnos do

				Atheneu sabem compreender os altos misteres da vida militar, isto é, a que fim está destinada actualmente a mocidade brasileira”.
29 de maio de 1910, nº. 31, p. 2.	Um quarto annista	O trote	1	Lamentos referentes à permanência de trotes no Atheneu Sergipense. “E’ estranhavel, lamentavel mesmo, que este anno ainda tenha <i>trote</i> no Atheneu. O <i>trote</i> , a estúpida brincadeira, que tão funestos resultados tem causado nas escolas superiores do paiz, principalmente na antiga Escola Militar, não tem razão de ser, em vista da civilisação, dos costumes e das idéas do seculo das luzes”.
19 de junho de 1910, nº. 34, p. 1.	–	A nossa instrução primaria	1	Apresenta a necessidade de uma reforma radical para a instrução primária. “Urge para que o dr. Doria, dignissimo Presidente do Estado, ponha em nível superior esta instrução descuidada”.
3 de julho de 1910, nº. 36, p. 4.	–	Ao illustre Corpo Discente da Escola Normal Official de Aracaju do Estado de Sergipe	2	“E’ tempo de despertarmos deste somno de indifferança terrível que nos enfraquece o organismo. E’ tempo de sacudirmos para bem longe as cadeias que no ligam a um captiveiro mesquinho e injusto. E’ tempo de reclamarmos perante o poder legislativo da Republica o direito a que fazemos jús após quatro ou cinco annos de lutas da intelligencia, pela conquista da profissão a mais honrosa, a mais digna – o magisterio. Do seio da Escola Normal Official de Pernambuco partio a idea da unificação das escolas, idéa que tem recebido o apoio geral dos homens sensatos, como da imprensa do nosso Estado e do corpo docente desta escola”.
10 de julho de 1910, nº. 37, p. 4.	–	Ao Distincto Corpo Discente da Escola Normal, official, do Recife-Pernambuco.		
31 de julho de 1910, nº. 40, p. 1.	–	O problema do ensino	2	“Remodelar o ensino, eis o problema cuja resolução é um mytho ainda. Sanar todas as irregularidades, subtrahir todas as partes dispensáveis e substituir por outras as materias desnecessárias às necessidades immediatas do cidadão, são os dados para a solução do terrível problema”.
21 de setembro de 1910, nº. 47, p. 1.	–	O problema do ensino		
23 de outubro de 1910, nº. 52, p. 2.	–	Grêmio escolar	1	“Sexta-feira ultima, quando nos dirigíamos para o estabelecimento onde nos aclarão o espirito lições de mestres competentes e abalisados, soubemos que um collega, 2º annista Virgilio Garcia Rosa estava com as mãos em deploravel estado. Isto, que por qualquer outra cousa era muito natural, soubemos depois que havia sido consequencia de um castigo que applicara ao menino o director do ‘Gremio Escolar’ castigo este que produzira sangrentas echymoses pela mão do pequeno”.

13 de novembro de 1910, nº. 55, p. 2.	–	Notas escolares	6	Notas relacionadas aos exames do Atheneu, encerramento das aulas da Escola Normal e do Colégio Nossa Senhora de Lourdes e das Escolas Primárias.
20 de novembro de 1910, nº. 56, p. 2.	–	Notas escolares		
29 de novembro de 1910, nº. 57, p. 4.	–	Notas escolares		
6 de dezembro de 1910, nº. 58, p. 4.	–	Notas escolares		
15 de dezembro de 1910, nº. 59, p.4.	–	Notas escolares		
23 de dezembro de 1910, nº. 60, p. 2.	–	Notas escolares		
20 de novembro de 1910, nº. 56, p. 1.	–	A taxa	1	Manifestações contra a taxa de matrícula por ser considerada cara em relação às instituições secundárias de outros Estados da Federação Brasileira. Com isso solicita-se a sua redução.
29 de novembro de 1910, nº. 57, p. 2.	–	Escola Normal	1	Comentários sobre reprovação nos exames, as alunas da Escola Normal.
6 de dezembro de 1910, nº. 58, p. 4.	–	Os exames	1	“No tempo dos exames parcelados o individuo podia fazer tantos preparatórios quantos fossem as inscrições, independente de ser matriculado no estabelecimento. Hoje se tem que passar estudando um curso seriado, donde o alumno, por força, sahirá sabendo o que lhe foi ensinado, e não poderá fazer exames á vontade, fora do regulamento. E nos outros Estados da Federação a facilidade da subida é adquirida por meios que quasi sempre são descobertos e dão máos resultados”.

**Fonte:** Quadro elaborado a partir dos números examinados em *O Necdalus*.

Os temas selecionados do jornal e apresentados no quadro 7 são os editoriais e as matérias que abordam as questões educativas. Grande parte dessas temáticas será analisada no capítulo três.

São escritos que tentaram traçar a importância do ensino, da leitura e da escrita, além de ter sido uma tática com o objetivo de poder manter o jornal em circulação, como foi o caso das publicações relacionadas aos concursos. Outros temas como exames, taxas de matrícula, castigos e faltas comprovam que os redatores também tinham a pretensão de usar as páginas desse impresso para expressar repulsas ou revoltas sobre as irregularidades do ensino sergipano ou para se manifestarem em defesa da classe estudantil quando

descreviam o desprezo à prática do trote. Num contexto mais geral, expunham manifestações sobre a morte dos estudantes do Rio de Janeiro.

As questões morais e intelectuais também se fizeram presentes em suas representações a respeito das suas concepções relacionadas à educação, como foi comprovado na crônica intitulada “O dever”.

Além dessas exposições, algumas matérias foram selecionadas no que se refere, especificamente, às questões ligadas ao Atheneu Sergipense. Sobre a instituição foram localizadas 16 matérias intituladas das seguintes maneiras: “Pelo Atheneu” (5 matérias); “O novo Atheneu” (3 matérias); “Atheneu Sergipense” (5 matérias) e “Atheneu Sergipense Foot Ball Club” (3 notas). Todas estas tratam de assuntos específicos do Atheneu Sergipense, como a construção de um novo prédio, a visita do presidente do Estado – Rodrigues Dória – às aulas, concurso de lentes, exames e faltas, chegada de novos gabinetes e nomeação de professores para assumir cadeiras, entre outros episódios da vida escolar.

Outras matérias que remetem ao cotidiano escolar desse estabelecimento são as que retratam os exercícios de tiro ao alvo, realizados pelos estudantes do Atheneu Sergipense nas aulas de “Nomenclatura d’Arma”, as quais segundo as informações do próprio jornal, eram ministradas no depósito de artigos bélicos. De acordo com as matérias publicadas sobre as sessões de tiro ao alvo, percebemos que esses alunos tinham, além das lições militares que serviam para aprender o manejo com as armas, o desígnio de enaltecer o sentimento patriótico inspirado por seus mestres.

Tudo com relação ao serviço militar, anda ás direitas lá pelo Atheneu, a não ser que queiramos lamentar o modo incorrecto por que se portam os nossos collegas nos respectivos exercicios.

O novo instrutor do Atheneu, o aspirante Augusto Maynard, que em bôa hora foi escolhido para substituir o 1º tenente Manoel de Andrade Mello, como este, não poupa esforços nem tão pouco mede consequencias para nos adestrar no manejo das armas brasileiras, inspirando-nos com os seus actos o patriotismo, sua dedicação á Patria estremecida, o que melhor attestam as palavras de encorajamento com que se expressou o distincto general Marques Porto, quando em visita aquelle estabelecimento.

Os jovens soldados mostram-se entusiasmados e o fogo ardente do patriotismo invade todos os corações.

E assim, podemos repetir sem receios: tudo, com relação ao serviço militar, anda ás direitas lá pelo Atheneu (O NECYDALUS, Aracaju, 7 de agosto de 1910, nº. 41, Anno II, p.4).

Os exercícios são noticiados por meio de várias matérias acompanhadas da lista dos nomes dos alunos que participavam das sessões de tiro ao alvo. Esta iniciativa vem destacar que os escritores desse impresso também tinham o cuidado de colocar em pauta algumas práticas realizadas no Atheneu Sergipense e que o sentimento patriótico era posto de forma consistente dentro da instituição. Alves (2005a), em seus estudos sobre o Atheneu Sergipense, afirma que “os professores deviam ainda incentivar, nos exercícios, ‘os brios patrióticos de seus alumnos, afervorando-lhes cada vez mais o seu amor á patria’” (ALVES, 2005a, p.176).

Essas informações presentes no jornal permitem-nos apreender que os alunos tinham inquietação em divulgar, através de suas representações expressas nesse periódico, o cotidiano dessa instituição no que se refere à cultura escolar manifestada naquele momento, dentro do Atheneu Sergipense, pois as representações, como afirma Chartier (1987), são também constituídas pela intencionalidade de um determinado grupo social, principalmente entre os que exercem poder de dominação. Assim, será através das ideias manifestadas neste impresso que tentaremos visualizar as representações dos estudantes concernentes à educação ou às práticas educativas presentes no Atheneu Sergipense.

### **1.5 – A circulação do jornal relacionada com seus colaboradores e assinantes**

O jornal *O Necdalus*, cuja circulação era semanal e ocorria geralmente, aos domingos<sup>18</sup>, conseguiu percorrer várias partes do território sergipano através de seus assinantes entre a capital e o interior, mas existia ainda a publicação dos números que eram impressos de forma avulsa, com o intuito de servir àqueles que não assinavam o jornal para que pudessem, assim, comprar ou ter acesso a este através dos números isolados. Em relação aos valores que aparecem referentes ao número 2 do jornal, estes são dados que se repetem em todos os outros exemplares consultados.

---

<sup>18</sup> Segundo Cruz (2000), “não há quem, habituado com a leitura diária dos jornais da tarde, não sinta a falta destes aos domingos, quando justamente o descanso mais nos dispõe a lê-los. Ninguém há que tendo o gosto da leitura, não procure, nas horas desocupadas, um livro ou um jornal que distraia-lhe o espírito. O Domingo vem preencher aquela falta e satisfazer este desejo” (p.107). Assim, várias “folhas e revistas de variedades, que tinham como conteúdo básico literatura, pequenas notícias e entretenimento não só vinham a público aos domingos como se propunham como uma leitura ‘domingueira’” (CRUZ, 2000, p.93).

**Quadro 8** – Valores das assinaturas do jornal *O Necdalus*.

<b>PERIODICIDADE</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>	<b>VALOR (RÉIS)</b>
<b>MENSAL</b>	<b>CAPITAL</b>	<b>\$500</b>
<b>TRIMESTRAL</b>	<b>CAPITAL</b>	<b>1\$500</b>
<b>TRIMESTRAL</b>	<b>INTERIOR</b>	<b>2\$000</b>
<b>NÚMERO AVULSO</b>	—	<b>\$200</b>

**FONTE:** Quadro elaborado a partir das informações referentes ao número 2 do Jornal *O Necdalus*.

**NOTA:** A anotação (—) refere-se à não-constatação exata dos números avulsos que eram impressos.

De acordo com várias notas publicadas no impresso, ficou evidente que havia uma dificuldade, por parte dos membros do jornal, em conseguir pessoas interessadas em se tornarem assinantes, além da necessidade permanente de manter aqueles que já assinavam por um período mais consistente de tempo, pois muitos acabavam desistindo de subscrever os seus números. E isto era visto pelos escritores do jornal como um ato vergonhoso em relação àqueles que abdicavam ou se recusavam a assinar o periódico, por considerar o valor de quinhentos réis uma quantia irrisória e insignificante.

A nossa sociedade está viciada; uma assignatura de jornal é bastante para uma rua inteira.

[...]

Vai o cobrador de porta em porta.

Uns dizem: está aqui: não quero mais assignar; – outros dizem, logo que conhecem o recibo: não pago, por que não quero; e, finalmente, outros, mal educados, rompendo o recibo, dizem: não pago porcaria.

Vejam, leitores, que povo atrasado, inconsciente ao extremo!

[...]

Admirem, leitores!

Aqui, na nossa sociedade, ainda ha gente que expõe seu nome ao ridículo, somente por causa da pequenissima somma de quinhentos réis! (O NECYDALUS, Aracaju, 25 de julho de 1909, nº. 8, Anno I, p.3).

Diante de tais dificuldades, os estudantes/escritores compreendiam essa atitude como uma falta de consciência e de atraso cultural dos leitores, visto que se recusavam a ter acesso ao conhecimento. Entre os vários leitores que desistiram de assinar o periódico estavam os próprios estudantes do Atheneu Sergipense, causando indignação entre os colaboradores do impresso, os quais expressaram sua repulsa em seus escritos:

Acho-me bastante entristecido, pelo motivo de ter visto a lista dos nossos assignantes, e dentre estes os que devolveram o nosso modesto jornalzinho.

É mesmo uma falta de prestimo deixar de assignar um jornal, pelo qual se cobra a insignificante quantia de 500 réis!

Aos que assinam o nosso orgamzinho litterario nos penhoramos agradecidos.

Sobre o caso dos que devolveram, refiro-me especialmente aos meus collegas de Gymnasio, aos quaes reprovo o procedimento.

Não posso admitir que se desculpem, allegando ser pela verba da contribuição.

Previno mais uma vez a estes que as collaborações neste orgam são livres.

Poderão se manifestar, porque para nós será isto immenso prazer.

Esperamos que de outubro em diante os bons collegas e distinctos habitantes da nossa Capital tornem a recobrar suas assignaturas, a bem de nosso desenvolvimento em prol do progresso (Romeu. In: O NECYDALUS, Aracaju, 19 de setembro de 1909, nº. 16, Anno I, p.3).

Essa manifestação transmite o quanto a assinatura dos leitores era importante para garantir a permanência do jornal circulando no território sergipano, uma vez que para manter um jornal em circulação, surge a necessidade de capital. De acordo com Martins (2001).

Não era mais tão simples criar-se um periódico, pois as regras passaram a se inscrever num quadro de profissionalismo e, sobretudo, de muita competição. Não se bancava mais uma revista ou pequeno jornal às próprias expensas ou com apoio de alguns ‘figurões’. O empreendimento requeria planejamento e capitais sólidos; o anunciante, elemento fundamental no circuito periódico, tornara-se mais exigente. Naquele mercado de tantos desafios, a colocação do produto demandou a otimização das estratégias de venda, investindo maciçamente no aporte da propaganda e da publicidade (MARTINS, 2001, p.222).

Esse não foi o caso de *O Necydalus* que, ao contrário da maior parte, não se utilizava de muita propaganda. As poucas que localizamos são, em grande parte, de divulgações de novos estabelecimentos que surgiam no comércio ou de um novo produto recentemente lançado, apresentando sempre uma ligação desses empreendimentos com os assinantes do jornal (Anexo 2).

As propagandas sobre os cinemas sergipanos<sup>19</sup>, como o Cinema Pathé, foram as que mais apareceram nesse impresso, num total de doze anúncios aproximadamente, todos encontrados nos números analisados. A primeira delas aparece no número 32, que expressa a chegada de uma “importante companhia de Cynematographo, que vem dedicar o nosso

---

<sup>19</sup> Segundo Nunes (1984), o cinema em Sergipe começou a funcionar a partir de 1909.

público com esplendidos espectáculos, que se affectuarão brevemente no Carlos Gomes” (O NECYDALUS, Aracaju, 5 de junho de 1910, nº. 32, Anno II, p.4). Quanto à cobrança pela divulgação das propagandas publicadas, não foi encontrado nenhum indício que possa comprovar esse fato.

Apesar de mencionar e de deixar evidente, em algumas ocasiões, que o jornal recebia auxílio do governo da época, José Rodrigues da Costa Dória<sup>20</sup>, a garantia de assinaturas era fundamental para sua sobrevivência, pois para os estudantes o periódico, como um veículo de divulgação de opiniões, era um bom caminho para expressarem suas ideias na sociedade sergipana.

No jornal, em algumas ocasiões, são citadas afirmações como: “auxiliados ou não pelo governo para o anno, em Abril, estaremos de novo na arena. Novos combates nos esperam” (O NECYDALUS, Aracaju, 1º de dezembro de 1909, nº. 26, Anno I, p.1). Ao mencionar a pessoa de Rodrigues Dória, diz: “além de protector da instrucção, defensor da imprensa de que felizmente somos parte” (O NECYDALUS, Aracaju, 3 de julho de 1909, nº. 36, Anno II, p.1).

As dificuldades para manter um pequeno jornal em circulação eram também percebidas em outros impressos da época, uma vez que nesse período houve um aumento considerável na publicação de jornais com caráter literário no contexto social sergipano, mas que logo desapareceram, apresentando vida curta.

Segundo Sodré (1999), por diversas razões que só a dialética explica, foi verificado um extraordinário esforço que se espelha no aparecimento de “centenas de jornais novos e pequenos, alguns de vida efêmera, como é natural, preenchendo o vazio que a grande imprensa estabeleceu em relação ao que é nacional e ao que é democrático” (SODRÉ, 1999, p.XVII e XVIII). Esses jornais apresentavam apenas “interesses transitórios de alguma autoridade, de algum intelectual, de algum grupo” (SODRÉ, 1999, p.105).

Innumeros têm sido os jornaesinhos litterarios que aqui se têm creado com prenuncios de longa vida, mas que no entretanto cahem logo depois, em face da pouca vontade com que são recebidos.

---

<sup>20</sup> “Nasceu em 25 de Junho de 1859 na cidade de Propriá. Fez os preparatórios de 1875 a 1876 no Atheneu de Aracajú e matriculou-se na Faculdade de medicina da Bahia em 1877, recebendo o grau em 16 de Dezembro de 1882 [...], foi eleito deputado federal por Sergipe, que por quatro legislaturas lhe renovou o mandato [...]. Apresentado pelo partido dominante de Sergipe, candidato ao lugar de presidente, foi eleito, sem competidor, em 30 de junho de 1908, tomando posse a 24 de Outubro do mesmo anno” (GUARANÁ, 1925, p.182).

A litteratura aqui (forçoso é dizel-o) não é como sempre foi em outros logares a principal fonte de adiantamento; é uma cousa que de há muito definha e, parece, vae a desaparecer.

O desenvolvimento de um povo, diz Guerra Junqueira, é avaliado pelo desenvolvimento de sua litteratura.

Deante disto o que somos?

Os raros moços que se dedicam às lettras não encontram apoio algum por parte do meio; jornaes litterarios que se editam são devolvidos aos massos as redações donde sahiram; os Clubs que teem os poucos litteratos daqui procurado levantar, fecham logo suas portas á falta do necessario para seu evoluir (Sergio Campinas. In: A COLMEIA, Aracaju, 31 de janeiro de 1909, nº. 1, Anno I, p.1-2).

Em virtude dessa situação, era constante em jornais de caráter literário a cobrança de assinaturas atrasadas por parte dos membros da redação. Os números quase sempre eram entregues nas residências para que os interessados assinassem o periódico; caso contrário, teriam que devolvê-lo, o que por vezes não acontecia, surgindo uma requisição constante no próprio periódico.

Para que nenhum dos nossos assignantes em atrazo tenha o direito de reclamar a suspensão do nosso jornalzinho, e a publicação de seu nome na lista dos araras, mais uma vez solicitamos o breve pagamento das suas assignaturas.

Como tambem pedimos aos srs. Assignantes no caso de não aceitarem o nosso jornalzinho fazerem a sua devolução immediatamente, para evitar de mandarmos o nosso cobrador encommodar-vos.

O nosso cobrador tem por habito não bater em uma porta por mais de duas vezes (O ESPIÃO, Aracaju, 24 de março de 1911, nº. 9, Anno IV, p.3).

Por diversos momentos, jornais de pequeno porte deixavam de circular ou não circulavam no dia estipulado, como era o caso de *O Necydalus*, que saía aos domingos, indo para as ruas várias vezes em dias diferentes do estabelecido. Alguns dos fatores que contribuía para a demora da entrega do jornal eram as atividades escolares que esses alunos tinham que enfrentar, como por exemplo no período dos exames. Tais motivos impediam que eles escrevessem, ocasionando, assim, o atraso de suas publicações, sendo demonstrado em suas folhas justificativas como: “devido ao tempo dos exames, e á dificuldade de prestar atenção ao livre e ao jornal tem irregularmente circulado o nosso pequeno organ” (O NECYDALUS, Aracaju, 15 de dezembro de 1910, nº. 59, Anno II, p.4).

Os jornais que necessitavam de recursos para pagar as oficinas de impressão publicavam notas com o nome dos assinantes que estavam em atraso ou enviavam cobradores mensalmente de porta em porta para que o pagamento fosse efetuado.

Como medida utilizada para a divulgação e cobranças de suas produções, tanto na capital como no interior sergipano, utilizava-se do trabalho de agentes. Tal constatação se deu a partir de duas notas encontradas nesse impresso, revelando a seguinte afirmação: “para a velha e lendária Itabaiana seguiu-se segunda-feira proxima passada, ás 21/2 horas da tarde, o nosso distincto amigo João da Fonseca Passos, agente do ‘Necydalus’ naquella cidade” (O NECYDALUS, Aracaju, 26 de junho de 1910, nº. 35, Anno II, p.3). Em um outro momento diz:

acha-se nesta Capital o illustre jovem Manoel Martins G. Torres, nosso distincto agente na bella e prospera cidade sergipana, que tem a gloria das glorias de ser beijada pelas aguas azues do magestoso S. Francisco – Propriá ( O NECYDALUS, Aracaju, 25 de julho de 1909, nº. 8, Anno I, p.2).

Com isso, acredita-se que havia agentes espalhados pelo território sergipano com o propósito de divulgar, distribuir e fazer as cobranças de assinaturas do periódico. No próprio jornal, como vimos, foi possível detectar a existência de agentes nas cidades de Itabaiana e Propriá.

Cruz (2000), diante de suas indagações sobre os pequenos periódicos que circulavam em São Paulo no início do século XX, enfatiza que “na cata de assinantes, desenvolveram-se inúmeras artimanhas que variavam desde o envio do primeiro número para endereços selecionados, trabalho de agentes de porta em porta, tanto na capital como no interior” (CRUZ, 2000, p.141). Esta era estratégia comum entre os pequenos periódicos, mas que, segundo a autora, apesar das aspirações dos grupos divulgadores, no final da primeira década do século XX, suas iniciativas ainda se mostravam bastante frágeis. Isso pode ser percebido em jornais sergipanos através da afirmação presente no jornal *A Colmeia*:

Com o presente numero, suspendemos, por algum tempo, a publicação do nosso modesto jornal, levados, unicamente, pela dificuldade de impressão, com a qual, até agora temos luctado.  
Em breve, porém, reapareceremos com officinas próprias, para, mais que nunca, sermos independentes.  
Pedimos, portanto a alguns dos nossos assignantes que se acham em atrazo, o urgente pagamento de suas mensalidades (A COLMEIA, Aracaju, 05 de setembro de 1909, nº. 31, Anno I, p.4).

O jornal *A Colmeia*, a partir do número supracitado, não mais circulou na sociedade sergipana, sendo substituído por um outro, denominado *A Gazetinha*, que em seu primeiro número declara:

É nosso programma mesmo que *A Colmeia* ha perto de um anno desfraldou, e aquella mesma pleiade de intellectuais, que tanto brilho lhe deu, está ao nosso lado, prompta para obsequiar-nos com os fructos de sua reconhecida intelligencia (A GAZETINHA, Aracaju, 09 de janeiro de 1910, nº. 1, Anno I, p.1).

No jornal *O Necdalus* encontramos relatos sobre a pouca permanência do jornal *A Calmeia*, periódico que foi lido por vários membros desse impresso estudantil.

Ha tres domingos que entre nós não circula *A Colmeia*, privando-nos, assim, de sua deliciosa leitura e de seus saborosos favos, com esmeros trabalhos pelas jovens abelhas que tão cedo desapareceram. Era *A Colmeia* impressa em uma officina particular, tornando-se assim difficil a pontualidade de sua circulação e a expansão de suas idéas; os moços que sustentavam, ou pro outra, as abelhas que trabalhavam naquelle cortiço entenderam que o mimoso jornalzinho devia ser livre e encara com desdem os odios de alguns inconscientes e vis bajuladores (O NECYDALUS, Aracaju, 12 de outubro de 1909, nº. 19, Anno I, p.3).

Meses depois surge *A Gazetinha*, composta praticamente pelos mesmos membros do jornal *A Colmeia*, como é o caso de Ulysses Sampaio, Pedro Machado e Democrito Rocha. Esse jornal não vingou provavelmente em função da falta de assinantes para angariar recursos, já começando, em seus primeiros números, com a publicação de apelos para conseguir pessoas que quisessem efetuar assinatura, a fim de poder levar adiante e com tranquilidade suas publicações.

Precisamos de assignantes. Os que, presentemente, nos favorecem com a sua generosidade ainda não são em numero tal, que nos assegurem uma certa tranquilidade, quanto á sorte do nosso modesto jornalzinho. Todos sabem – seria escusado dizel-o – que não visamos absolutamente proventos pecuniarios da publicação d’ *A GAZETINHA*. Mal avisado andaria quem de tal coisa cogitasse. E, demais, nós já temos a experiencia: carregamos aos hombros, durante perto de um anno a saudosa COLMEIA, que de tanta sympathia gosava no nosso meio, e que, no entanto, viu-se forçada a suspender a publicação (*A GAZETINHA*, Aracaju, 09 de janeiro de 1910, nº. 4, Anno I, p.1).

Todos esses transtornos sofridos pelos jornais mencionados era algo comum e constante entre boa parte dos pequenos tabloides que circulavam em Sergipe nesse

período, inclusive com o jornal *O Necydalus*, que também publicava em suas notas cobranças aos seus assinantes pela falta de pagamento. Motivo que ocasionava a muitos desses impressos deixarem de ser publicados. O valor adquirido pelas assinaturas era fundamental para suas permanências (Ver Quadro 9).

Leitor amigo: estou triste, mais que triste, compunhado, porque nobres desta terra têm NECYDALUS devolvido.

O cazo, caro leitor, tem feito desanimar: porem a nossa vontade, por força, ha de nos salvar.

Todos os jornaes da terra sustentam-se de assinaturas: mas p'ra nós, caro leitor, as couzas vão muito duras.

Trabalhamos com afinco – e nosso fito é vencer –, porem o nosso destino não podemos conhecer.

Somente 500 réis cobramos pelo jornal: entretanto por isso dizem que todos andamos mal.

Não pensem que eu isto digo com muita satisfação, porque, leitor, faz vergonha uma tal declaração.

É uma insignificancia de dinheiro – tão pouquinho!!! mas não querem o NECYDALUS (Sirgozinho. In: O NECYDALUS, Aracaju, 19 de setembro de 1909, nº. 16, Anno I, p. 4).

É interessante destacar que os jornais sergipanos apresentados mais adiante no quadro 9, tinham características e propósitos diferentes e que nem todos eles eram estudantis ou tinham intuítos educacionais. Ao listarmos os impressos existentes em Sergipe no início do século XX, pretendemos sublinhar que, mesmo sendo de orientações e objetivos diferentes, grande parte deles tinha dificuldades em se manter dentro do mercado, situação que os levava a desaparecer rapidamente.

**Quadro 9** – Jornais que circulavam em Sergipe: 1909 a 1911.

<b>NOME DO JORNAL</b>	<b>ANO DE CIRCULAÇÃO</b>	<b>CIDADE</b>
<b>A COISA</b>	1910	ARACAJU
<b>A COLMEIA</b>	1909	ARACAJU
<b>A GAZETINHA</b>	1910	ARACAJU
<b>A GAZETA DE SERGIPE</b>	1910-1930	ARACAJU
<b>A LUZ</b>	1911	ARACAJU
<b>A NOTICIA</b>	1910-1929	ARACAJU
<b>A ORDEM</b>	1910-1930	ARACAJU
<b>A RAZÃO</b>	1902-1945	ESTÂNCIA
<b>A RUA</b>	1910-1917	ARACAJU
<b>CHALEIRA</b>	1911	ARACAJU
<b>DEUS BACHO</b>	1905-1911	ARACAJU
<b>DIARIO DA MANHÃ</b>	1911-1930	ARACAJU
<b>FUZIL</b>	1911	ARACAJU
<b>GAZETA DA TARDE</b>	1911	ARACAJU
<b>O DEMOCRATA</b>	1910-1916	ARACAJU
<b>O ESPIÃO</b>	1906-1911	ARACAJU
<b>O ESTADO DE SERGIPE</b>	1910-1930	ARACAJU
<b>O IMPARCIAL</b>	1905-1909	MARUIM
<b>O OPERARIO</b>	1910-1916	ARACAJU
<b>O PAPAGAIO</b>	1911	VILA NOVA
<b>O PALADINO</b>	1909-1914	MARUIM
<b>O PARCIAL</b>	1910-1918	ARACAJU
<b>O PORVIR</b>	1910-1930	ARACAJU
<b>O RAI0</b>	1910-1924	ARACAJU
<b>O REBATE</b>	1911	ARACAJU
<b>O TAGARELA</b>	1909-1917	ARACAJU
<b>O TEMPO</b>	1910-1930	ARACAJU
<b>REGENERADOR</b>	1911	VILA NOVA

**FONTE:** Catálogo de Periódicos Sergipanos (1832-1999), Biblioteca Pública Epifânio Dória.

Sobre os periódicos mencionados nesse quadro observam-se os que foram produzidos em Aracaju, entre os anos de 1909 a 1911, e tiveram pouca circulação, desaparecendo em seguida, tendo em vista que eram jornais de pequeno porte que se multiplicaram, mas em pouco tempo desapareciam, apresentando uma “vida efêmera, mas isso sempre acontecera e continuaria a acontecer nas fases de agitação, desaparecendo em seguida” (SODRÉ, 1999, p.251).

Dentre os que surgiram nesse período e duraram mais tempo podemos destacar: Gazeta de Sergipe (1910-1930); A Notícia (1910-1930); A Ordem (1910-1930); A Razão

(1902-19456); Diário da Manhã (1911-1930); O Estado de Sergipe (1910-1930); O Porvir (1910-1930); O Raio (1910-1924) e O Tempo (1910-1930). Todos estes pertenceram à cidade de Aracaju, tendo uma duração de mais de dez anos, o que os diferencia dos demais jornais citados.

O jornal *O Necdalus*, mesmo enfrentando transtornos para continuar a circular, possuía uma redação própria, o que significa que esse impresso não era totalmente produzido no Atheneu Sergipense, apresentando, nos números analisados, três endereços diferentes de localização.

No período em que Gentil Tavares era redator do jornal, a redação ficava localizada na Rua Propriá, nº. 12, continuando neste local até 25 de agosto de 1910. Após sua substituição por Clodomir Silva, a redação do jornal passou a ser localizada na Rua de Arauá, nº. 21, permanecendo aí até 29 de novembro de 1910, sendo transferida para a Rua de Maruim, nº. 25, em 6 de dezembro de 1910. Até o momento não foram detectadas, com clareza, as causas que motivaram as constantes mudanças do local para instalação da sua redação.

Fazendo referência aos assinantes, é oportuno mencionar alguns nomes que aparecem no jornal *O Necdalus*, os quais indicam que esse periódico tinha como colaboradores pessoas oriundas da elite sergipana. Homens, em sua maioria, de posses, como desembargadores, professores, coronéis e majores, não sendo identificados, em nenhum momento, indivíduos com uma situação financeira inferior.

Temos o prazer de abraçar os nossos distintos assignantes coroneis Pedro Lima José J. de Oliveira, Mecenas Peixoto e Conrado T. da Silva, que nesta cidade estiveram a negocios de alta importancia (O NECYDALUS, 4 de julho de 1909, nº. 5, Anno I, p.3).

Em um outro momento cita:

Estiveram nesta cidade, onde se demoraram até quinta-feira passada, 8 do corrente os nossos bons amigos e assignantes majores: Candido Tavares da Silva, Pedro Rodrigues Lima, Mecenas Peixoto, Antonio da Silva Nunes e o intelligente jovem Celso Silva ( O NECYDALUS, Aracaju, 16 de setembro de 1910, nº. 46, Anno II, p.2).

No Brasil, entre 1900 a 1920, de acordo com Martins (2001), a situação do analfabetismo praticamente não se alterava, com exceção apenas do Estado de São Paulo.

Isso comprova que em Sergipe ainda era grande o número de analfabetos, o que tornava a imprensa “ainda tão carente de leitores<sup>21</sup>”. Como nos diz Sodré (1999), os jornais, assim como as revistas, não são meios habituais e majoritários de acesso ao povo.

Martins (2001), ao fazer uso das ideias do jornalista J. J. de Campos da Costa Medeiros de Albuquerque, reforça que nesse período o povo não tinha acesso à leitura dos jornais em função da falta de instrução, pois

uma escola aberta corresponde para cada jornal o que é um mercado para qualquer nação. Quanto maior o número de pessoas sabendo ler e escrever for crescendo, mais também crescerá o de leitores de jornais [...] Esses pregadores presbitas não sabem ver o que está perto e fazê-los conquistar para eles esse formidável mercado tão próximo: os 80% de analfabetos de nossa população (MARTINS, 2001, p. 200).

O jornal, apesar de ser um impresso estudantil, tinha também a participação de professores e professoras, tanto do Atheneu Sergipense quanto da Escola Normal. Entre eles detectamos a presença de: Brício Cardoso (professor de Retórica e Poética, Gramática Filosófica, Português e Língua Vernácula); Alcebíades Correa Paes (professor de Inglês) e Etelvina Amália de Siqueira (professora da Escola Normal). Entre os alunos destacaram-se: Gentil Tavares da Mota, Clodomir de Souza e Silva, Aderbal Fontes Cardoso, Milton Pereira de Carvalho, Clarindo Diniz Gonçalves, Osvaldo de Araújo Silva, Enock Santiago, José da Rocha Teixeira, Oscar David Leão, Paulo da Rocha Teixeira, Orlando Flores, Luiz Besgedorf Costapinto, Francisco Barreto, Mathias Fontes Dantas, Bruno Fontes, João Teixeira, Anderson Dias Vieira, Carlos Fontes Ribeiro, Elphidia Freire, Aurélia Leite, Carlota Salles de Campos, Annita D. Rollemberg e Josepha Mont’Alegre, dentre outros.

Com relação às impressões, estas eram feitas pela oficina do jornal *A Folha de Sergipe*. Mas, de acordo com relatos apresentados, apesar de os redatores de *O Necdalus* terem um bom contrato com o dono desse impresso, houve dificuldades em manter as impressões em função de desentendimentos que surgiram entre esses alunos e o titular do

---

<sup>21</sup> Mesmo diante de algumas reformas educacionais em Sergipe, os problemas no ensino ainda vigoravam, sobretudo no que se refere ao analfabetismo, que permanecia imperando no Estado nas primeiras décadas do século XX. “Desse modo, as reformas na educação, que se sucediam, agiam na superfície, não se aprofundavam, satisfazendo as necessidades da classe dominante. Na prática, pouco diferiam uma das outras, como demonstra o Regulamento de 19/10/1912. As inovações nele, aparecidas visavam a atender apenas às necessidades imediatas, como a criação das Escolas Noturnas para adultos de ambos os sexos, que lhes permitissem ‘ler, escrever e contar corretamente’, em três anos de estudo” (NUNES, 1984, p.217), tornando-se Sergipe num estado onde menos “crescera o índice de alfabetização” (NUNES, 1984, p.232).

jornal *A Folha de Sergipe*, episódio que ocasionou a mudança de oficina por algumas vezes.

Nas officinas da Folha de Sergipe d’onde sahia o nosso jornalzinho, tínhamos desde Maio deste anno, um contracto que, sempre por parte do typographo foi cumprido sem vacillação; porém uma vez quando troçamos com o Vagas da “Folha” sobre os seus maviosos da “Muza do desvio” soubemos que o actual proprietario das referidas officinas dissera não gostar dessas cousas. Mudamos de officina depois, continuando a impressão, porém, lá.

Quando sabbado, tivemos precisão de um *cliché*<sup>22</sup> que a ‘Folha’ tem e que é o melhor que ha por aqui, o seu proprietario disse-nos *não contribuir com coisa alguma para manifestação a um homem que na imprensa offendera-o gratuita e baixamente*. Pensamos, em vista disto, em deixar sahir o *cliché* que tínhamos, e pozemos ao demo a lembrança de outro melhor, e dirigimo-nos á Folha afim de providenciar sobre a impressão quando soubemos que nem isto obtinhamos, porque o proprietario das officinas não consentiria na impressão em suas officinas. Correndo a certificarmos-nos da referida noticia, ouvimos com surpresa a confirmação de que, effetivamente, não imprimiria o nosso jornalzinho, o mesmo artista que tinha comnosco o alludido contracto. Em primeiro logar censuramos o dito proprietario, porque sendo, como é, bacharel em direito desconhecesse que não podia deixar de consentir na impressão a qual por nós já estava paga, e depois por ver nisto uma vingança, tola que absolutamente não attingiria o alvo que visava (O NECYDALUS, Aracaju, 3 de julho de 1910, nº. 36, Anno II, p.1).

Todo este tumulto criado entre os redatores de *O Necydalus* e o proprietario da *Folha de Sergipe* deu-se em função de os “amoreiras” quererem publicar, em sua primeira página, uma homenagem ao presidente do estado, Rodrigues Dória, no dia de seu aniversário. Este fato nos levou a indagar sobre uma provável existência de estreitos laços de amizade entre o presidente do Estado com os membros deste jornal.

Segundo Sodré (1999), os pequenos jornais tinham nesse período dificuldades de impressão em fun o de serem poucas as oficinas tipográficas. Para ele, todo grupo político “[...] necessitava de um  rgo de expressão pública e, para lança-lo, de oficina correspondente, de vez que, nesse período, não havia quase atividade isenta de influência política, levada a extremos limites quase sempre” (SODRÉ, 1999, p.158). Para Martins (2001):

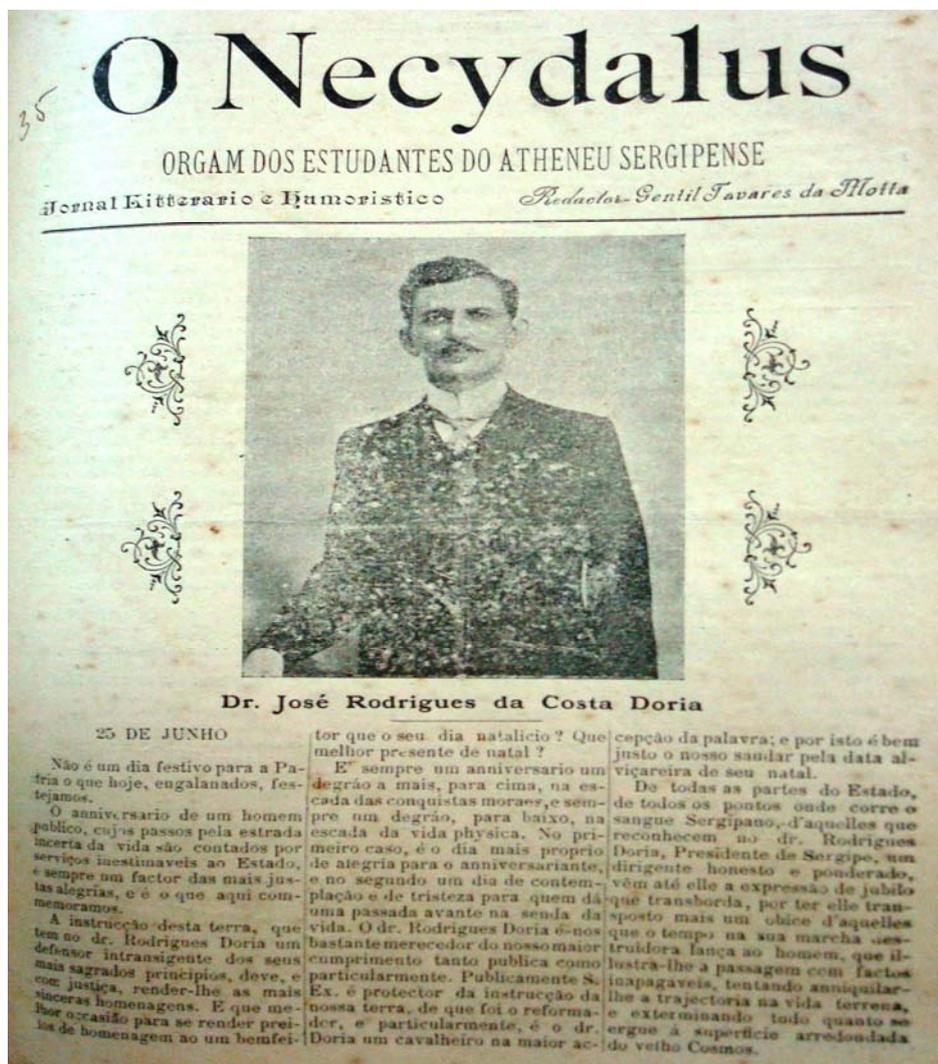
Periodismo Pedagógico e Escolar: Dependentes do apoio do Estado, as revistas pedagógicas apoiaram-se em associa es de ensino de forte

---

<sup>22</sup> “Do francês *clich *. Fotogravura. Placa fotomecanicamente gravada em relevo sobre metal, usualmente zinco, a traço ou a meio tom, para impressão de imagem e textos por meio de prensa tipográfica.” **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

vínculo com o governo republicano, exaltando, de forma magnificada, seu investimento na Educação. Concomitantemente, tornaram-se reprodutoras de seu discurso ufanista de fortalecimento da Pátria, endossando a cunhagem de mitos e tradições (MARTINS, 1999, p.562).

Esse ideário é recorrente nos escritos de *O Necdalus* quando se referem ao presidente do estado, Rodrigues Dória, ressaltando sua contribuição para a instrução pública, além de elogios feitos ao seu governo, característica marcante da intelectualidade sergipana. “Ao contrário de outros centros em que o conhecimento evoluiu da crítica, em Sergipe, paradoxalmente, ele ‘cresce’ pela aquiescência” (SOUZA, 2001, p.177).



**Figura 1** – Homenagem ao presidente Rodrigues Dória.

**Fonte:** Jornal *O Necdalus*, Aracaju, 26 de junho de 1910, nº. 35, Anno II, p.1.

Passa hoje o 1º aniversário da volta ao governo, do distinto cidadão dr. José Rodrigues da Costa Doria, honesto presidente do Estado. Não cabe em nossa penna a descrever os actos de honradez e de severa economia que pautão a luminosa administração de s.ex., que tem sido um dos melhores, sinão o melhor de todos os dirigentes do nosso Estado. Por isso levamos a s. ex. os votos de felicidade na continuação de governo que até aqui tem feito (O NECYDALUS, Aracaju, 13 de novembro de 1910, nº. 55, Anno II, p.2).

Para Souza (2001), uma das práticas bastante em voga na República era a troca de elogios entre pares e companheiros de ofício, além de outras manifestações de louvor, como a “inauguração de retratos ou bustos de intelectuais de nomeada – nas recensões, nas biografias e em notas veiculadas nos periódicos por ocasião do aniversário de algum intelectual insigne” (SOUZA, 2001, p.146).

O mecenato estatal ou o apadrinhamento permitia a manutenção da atividade intelectual, “numa época em que os rendimentos obtidos com a produção de bens simbólicos eram insuficientes para a subsistência do letrado” (SOUZA, 2001, p.176), o que se mostrou bastante presente nas primeiras décadas da República através do reconhecimento da utilidade pública e da concessão de subvenções às instituições, citadas por Souza (2001) como: o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o Centro Operário Sergipano, a Liga Contra o Analfabetismo, o Gabinete de Leitura de Maruim e o Clube Literário Sílvio Romero.

Compreendemos, através de seus escritos, que o jornal tinha várias estratégias e uma delas, como se pode comprovar, era a busca de status dentro do meio intelectual, além de garantir a sobrevivência do jornal. Segundo Cruz (2000), “a publicação de ilustrações, e principalmente de retratos das elites, transforma-se numa importante estratégia de sobrevivência de muitos desses periódicos” (CRUZ, 2000, p.111-112).

Apesar de haver indícios de um suposto envolvimento dos membros do jornal com questões político-partidárias, esses alunos faziam questão de mencionar, em alguns trechos, que não tinham essa pretensão quando diziam: “embora nós não sejamos políticos ou partidários, o certo é que gostamos dos processos mui summarios,” “presentemente, assumptos não nos faltam, ainda mesmo sem fallarmos em política, que então teríamos a mais não acabar.” Suas reivindicações eram veiculadas no jornal como lutas pelos seus direitos, os direitos de seu estado e pelos interesses do povo.

É justo que eu e os meus collegas sintamos alegria porque este jornal que ora representamos ao publico é o único meio de defesa dos nossos direitos.

[...] orgam para a defesa de Sergipe [...] nenhum jornal desta infeliz terra deffendeu seus direitos a não ser o Necydalus e o Jornal de Sergipe, que nos applaudiu.

Relativamente aos direitos do povo, temos tambem muitas vezes defendido-os e havemos sempre de o fazer (Romeu Palmares: In: O NECYDALUS, Aracaju, 1º de maio de 1910, nº. 27, Anno II, p.2-3).

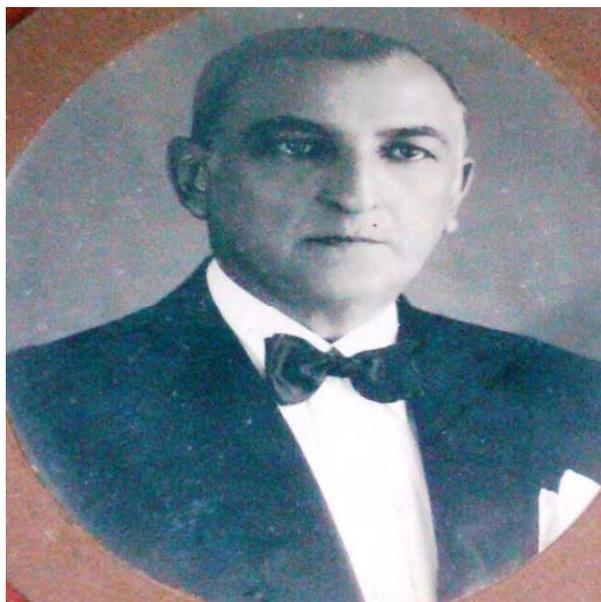
Conforme Souza (2001), grande parte dos literatos abrigaram-se sob o manto da neutralidade. Tal procedimento permitiu salvar suas práticas e obras do ardor das lutas políticas. “Apesar de estarem ungidos aos grupos dominantes mantiveram uma relativa autonomia em relação a eles” (SOUZA, 2001, p.168). Para Sodré (1999), o “jornal que se propõe a defender a causa do povo não pode ser, de forma alguma, jornal neutro. Há de ser, forçosamente, jornal de opinião” (SODRÉ, 1999, p.287).

O jornal *O Necydalus* igualmente apresentava, em seus registros, um caráter político por ser um veículo de informação que atuava como mecanismo formador de opiniões, cheio de intencionalidades, interesses próprios e representações, intervindo e dando seu ponto de vista sobre determinados aspectos. Pinheiro (2000), ao fazer uso das ideias de Gomes, destaca a preocupação que se tem em divulgar a notícia que é veiculada de forma específica por meio do jornal, quando afirma que, como um “órgão de informação, o jornal atua como órgão de formação de opinião pública e, como tal, transforma-se, dentro de limites bem precisos, num importante instrumento político” (PINHEIRO, 2000, p.18).

Assim sendo, tomamos a imprensa periódica, em princípio, como veiculadora de interesses e não apenas divulgadora de informações, imbuída de imparcialidade e de neutralidade diante dos acontecimentos, como se essa imprensa pudesse formar uma ilha diante da realidade histórica em que se insere (cf. ARAÚJO, 2002, p.94-95).

Nesse sentido, procuraremos entender, através desse impresso, o caráter e a postura que eram apresentados pelo jornal, ao analisarmos seus escritos e suas representações que nos possibilitaram entender como um grupo impõe seus valores e seus domínios, objetivando atender a seus interesses.

## 1.6 - Gentil Tavares da Mota: do Atheneu Sergipense para uma nova trajetória como intelectual sergipano



**Figura 2** – Gentil Tavares da Mota

**Fonte:** Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense

Foi no Atheneu Sergipense que Gentil Tavares consolidou seus estudos, ingressando no curso de Humanidades, fundando mais tarde, no período em que foi aluno de preparatório, o jornal *O Necdalus*, “órgão defensor dos interesses dos estudantes do Atheneu Sergipense” (GUARANÁ, 1925, p.104), e produzido pela colaboração quase exclusiva de seus alunos.

Segundo Guaraná (1925), Gentil foi ainda, enquanto estudante dessa instituição, professor de línguas do “*Esperanta Kloba*”<sup>23</sup> de Aracaju, sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e vice-presidente da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo<sup>24</sup>.

A prática de aprender ensinando é mostrada por Alves (2005b) em seu estudo “O Atheneu Sergipense: traços de uma história”, quando menciona que os alunos do Atheneu, “sequiosos por aprender ensinando, fundaram em 1898 a Sociedade Grêmio

---

<sup>23</sup> Fundado pelo professor de Inglês do Atheneu Sergipense, Alcibíades Paes, nos primeiros anos do século XX, tinha como objetivo oferecer curso noturno aos trabalhadores que não tinham como estudar durante o dia. Essa Instituição que tinha como “professores moços de nossa terra [...] vem preencher uma lacuna lastimável em nosso meio, onde a instrução não tem ainda a necessaria força para progredir, e onde nenhum outro curso noturno amenisa o analfabetismo” (O NECYDALUS, 22 de julho de 1910, nº. 39, Anno II, p.1).

<sup>24</sup> A Liga Sergipense contra o Analfabetismo foi fundada em 24 de setembro de 1916, visando segundo Nunes (1984), especialmente à alfabetização de adultos. Sua primeira escola foi mista cujas aulas eram lecionadas pela professora Ítala Silva de Oliveira. Em 1920, Sergipe contava com 8 escolas noturnas, não só na capital como também no interior, destinada a atender aos que trabalhavam.

Tobias Barreto, onde ministravam aulas noturnas gratuitas para adultos atrasados, desejosos de recuperar o tempo perdido” (ALVES, 2005b, p.75). Isso nos induz a acreditar que, assim como Gentil Tavares, outros que junto com ele escreviam no jornal *O Necdalus* já “expressavam esse sentimento de apoio social para a instrução da população e assim se tornarem indivíduos letrados no caminho para atingir o progresso desejado” (VIDAL, 2008a, p.2).

Em 1911, Gentil Tavares afasta-se do estabelecimento em função do término do seu curso, formando-se Bacharel em Ciências e Letras. Alves (2005a) faz alusão a esse fato quando ressalta que “[...] um grande acontecimento nesse período foi a diplomação com o grau de ‘Bacharel em Ciências e Letras’ do primeiro estudante do Atheneu Sergipense, o senhor Gentil Tavares da Motta, em 22 de março de 1911” (ALVES, 2005a, p.11).

A colação de grau de Gentil Tavares foi divulgada por jornais locais, que descreveram todo o cerimonial, inclusive a participação de uma banda de música policial que tocou durante todo o ato e de todos os presentes, dando destaque à “presença do Presidente do Estado, José Rodrigues da Costa Dórea, o Delegado Fiscal, Helvécio de Andrade, o Diretor do Atheneu, Cândido Costa Pinto e demais membros da congregação do Atheneu Sergipense e da Escola Normal” (ALVES, 2005b, p.99).

Realizou-se ante-hontem, a 1 hora da tarde, no Atheneu Sergipense, a collação de grau de bacharel em sciencias e lettras, nosso talentoso conterraneo Gentil Tavares da Motta, sendo presente ao acto o corpo docente e discente do mesmo estabelecimento a da Escola Normal, professores, senhoras e senhoritas e muitos cavalheiros de nossa elite social. [...] Aberta a sessão foi convidado o bacharelendo Gentil Tavares a comparecer presente aos examinadores.

Nesta ocasião S. Ex. levantou-se e acompanhado por todos disse conferir ao nosso estimavel patricio, de accordo com a lei, o diploma de bacharel em sciencias e lettras, convidando-o a prestar o compromisso do estylo.

Dada a palavra ao joven bacharel, leu este brilhante discurso que muito agradou.

Em seguida occupou a tribuna o illustre professor Bricio Cardoso, paranympo do joven bacharel e produziu bellissimo discurso (CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 24 de março de 1911, n°. 531, Anno V, p.2).

Alves (2005b) demonstra o discurso pronunciado pelo diplomado, que assumiu o seguinte compromisso no decorrer da solenidade:

Prometto, quanto em mim couber, concorrer para o adiantamento das lettras, cujo grao de Bacharel acaba de me ser conferido, e contribuir para o constante engrandecimento das lettras do Brazil. (Livro das Festividades do Atheneu Sergipense, 1908 a 1935). Aos intervalos dos discursos do

jovem bacharel, que fez apologia ao sistema serial e ao curso de madureza, do paraninfo, o professor Brício Cardoso e do Presidente do Estado, ouviram-se músicas tocadas pelo batalhão da Polícia Militar, terminando a solenidade festiva com o Hino Sergipano (ALVES, 2005b, p. 99-100).

A formação de Gentil Tavares foi um episódio marcante para o Atheneu Sergipense naquele momento, por ter sido o primeiro aluno a receber o título de bacharel, ato considerado de extrema relevância pela imprensa, pois era um estímulo para que outros seguissem esse caminho.

Foi o primeiro título de bacharel saído do nosso instituto gymnasil. Por isso mesmo a cerimônia deverá ter maior solemnidade e concorrência, como um estímulo para os que estudam e uma prova de interesse pelo curso de bacharelato, adoptados no Brasil ha poucos annos. É paranympho o provector professor Bricio Cardoso.

Ao bacharel Gentil Tavares apresentamos os nossos mais sinceros parabens, desejando-lhe novos e brilhantes triumphos na carreira que escolher.

Talentoso e applicado como provou no curso que fez, quase todo distincto, fácil lhe será conquistar um título superior que lhe abra as portas de um ridente futuro (CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 22 de março de 1911, nº. 530, Anno V, p.1).

Gentil Tavares, após sua formatura, não se afastou apenas do Atheneu Sergipense, mas também do jornal *O Necdalus*, dando sua última contribuição em 25 de agosto de 1910, na qual deixou expressas justificativas sobre os motivos de sua saída da redação, a admiração por seu substituto para ocupar a redação do periódico e as palavras de despedidas a todos os colegas que o ajudaram a produzir o jornal.

Motivos justos me fazem deixar, hoje, a redação deste jornal, que fica entregue ao meu collega e bom amigo Clodomir Silva, o mais intelligente dos moços sergipanos de sua idade.

E como seja uma verdade incontestavel o que acabo de dizer, o Necdalus só terá com isto a lucrar, bem como o povo, que muito gostosamente o auxiliará, vendo transparecer mais nitidamente na alvura de neve de suas paginas reflexos de intelligencia e lampejos de illustração.

Com os meus collegas e companheiros, aos quaes serei eternamente grato pela consideração que sempre me dispensaram, já me entendi, e ao publico nada posso adiantar para explicar a minha retirada, que não foi por desavenças nem por queixas, mas pelo acarretamento de affazeres, e, antes e acima de tudo, por ter de em breve me ausentar-me daqui. Seria mesmo abusar da sua paciencia, si quizesse analysar uma por uma todas estas razões e muitas outras, que me não permitem continuar no logar honroso, que immerecidamente occupei até hoje, entre tantos collegas de intelligencias superiores e felizes. Não é de agora que se me faz necessario o deixar esta redacção; mas só então, que os meus bons collegas se acham

com animo para trabalhar, me foi possível fazê-lo, embora com pesar (Gentil Tavares da Motta. In: O NECYDALUS, Aracaju, 25 de agosto de 1910, nº. 43, Anno II, p.1).

Em seus escritos deixa transparecer que o jornal vinha há muito sofrendo dificuldades; daí o desânimo dos seus colaboradores em continuar a produzi-lo, sendo este um dos motivos que diferiu seu afastamento. Esta passagem foi noticiada por outros jornais locais, a exemplo do *Correio de Aracaju*, expondo-nos que sua saída repercutiu em outros espaços.

O nosso distinto amigo Gentil Tavares da Motta, sexto annista do Atheneu Sergipense, deixou, a 25 do presente, a redação do nosso colleguinha, cujo nome serve de título a esta noticia.

Esse lugar ficou ocupado pelo inteligente quarto annista do mesmo Atheneu Clodomir Silva (CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 28 de agosto de 1910, nº. 448, Anno V, p.1).

Conforme Vidal (2008b), “o jornal *O Necydalus* foi a primeira escola prática que Gentil Tavares e Clodomir Silva experimentaram nos espaços internos do Atheneu Sergipense” (VIDAL, 2008b, p.5)<sup>25</sup>, o que possibilitou, a partir desse mecanismo, conseguir ingressar em novos caminhos, colhendo novos frutos na sua trajetória profissional. Gentil Tavares, após o término do curso de Humanidade, passou a dar continuidade aos seus estudos fora do território sergipano. Segundo Nunes (1984),

a clientela que buscava o curso de Humanidades era constituída, em sua quase totalidade, dos filhos da burguesia latifúndio-mercantilista, que nele viam um trampolim de acesso às Academias do Império. Desse modo só lhe interessava o estudo das disciplinas exigidas para nelas terem ingresso, e que iam cursar diretamente nas cidades onde existia o curso superior escolhido (NUNES, 1984, p.114).

Assim como ocorreu a outros estudantes, também não foi diferente para Gentil Tavares, membro de uma família abastada, filho do capitão João Tavares da Mota. Viajou para a região baiana dando início ao curso superior de “engenharia civil na Escola

---

<sup>25</sup> Ainda a respeito de Gentil Tavares da Mota, ver também: VIDAL, Valdevania Freitas dos Santos. “Uma análise sobre o pensamento educacional presente nos impressos de um jornal estudantil sob a ótica de dois estudantes: Gentil Tavares e Clodomir Silva”. In: **Anais do VII Congresso Luso-brasileiro de História da Educação: cultura escolar, migrações e cidadania**. Versão impressa em livro de resumos. Porto: Edições SPCE, 2008c. p.250-251.

Polytechnica da Bahia, onde recebeu o grão a 1º de Janeiro de 1917” (GUARANÁ, 1925, p.104), ampliando assim sua formação.

Como afirma Thétis Nunes (1984), muitos alunos de famílias abastadas terminavam seus estudos e se direcionavam a outros estados para prestarem o curso superior. Este foi o caso de Gentil Tavares e de muitos outros que se deslocaram do território sergipano a fim de obter a especialização em estados como: Pernambuco, Bahia<sup>26</sup>, Rio de Janeiro e São Paulo.

Souza (2001) faz uso das ideias de Prado Sampaio Leite, mostrando que o estado ainda não tinha meios para “consagrar os gênios locais, em virtude da inexistência de um público cultivado, de uma imprensa vigorosa, de uma biblioteca opulenta e de um sistema de ensino renovado” (SOUZA, 2001 p.17). Por este motivo, muitos sergipanos viam-se obrigados a emigrar em busca de prestígio em distantes estados mais desenvolvidos. Mesmo afastado para os estudos na região baiana, Gentil continuou atuando em várias outras ocupações, em que

serviu no lugar de ajudante-secretario da Directoria de Obras Publicas, por nomeação de 24 de novembro de 1914, exonerando-se em 1916 por ter sido nomeado, por decreto de 24 de julho, para reger a cadeira de geometria descriptiva e suas applicações ás sombras e á perspectiva, principios geraes e pratica de agrimensura do Atheneu Sergipense, posto em disponibilidade a 15 de Abril de 1921 (GUARANÁ, 1925, p.104).

Segundo Alves (2005b), “o curso Integral de seis anos conferia ao aluno o diploma de Bacharel em Ciências e Letras, dando-lhe o direito de nomeação para qualquer emprego público dependente de concurso, sem essa formalidade” (ALVES, 2005b, p.101).

Nunes (1984) também dá ênfase a essa questão e diz que:

O aluno que concluísse o curso e, no prazo de 30 dias, apresentasse uma dissertação sobre um ponto de alguma matéria escolhida pela Congregação, e o defendesse oralmente, receberia o título de Bacharel em Letras. Este daria ao portador o direito de preferência a qualquer emprego público na Província, independente de concurso inclusive pra o provimento dos cargos de professor do Liceu (NUNES, 1984, p.146).

---

<sup>26</sup> “Ante a ausência de cursos superiores, os sergipanos continuavam a emigrar procurando-os em outros Estados, predominantemente a Bahia pela proximidade em que se encontrava, nas Faculdades de Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia e na Escola Politécnica. Essas primeiras décadas do século XX são marcadas pela influência cultural da Bahia na formação sergipana, que se estenderá até os começos de 1950, quando são fundadas Faculdades locais, inicialmente Ciências Econômicas, Química, Direito e Filosofia e posteriormente, Serviço Social e Medicina” (NUNES, 1984, p.234).

Tal procedimento permite constatar que os portadores de títulos superiores continuaram tendo acesso a algumas profissões, em “especial a cargos isolados, independentemente de concurso público de provas, cristalizando a clivagem decisiva entre dois segmentos do corpo funcional de carreira” (MICELI, 2001, p.204).

Ao contrário de outros intelectuais da época, Gentil Tavares regressou para Sergipe dando continuidade a sua trajetória profissional, após o término do curso feito na Bahia.

Por acto de 20 de Março de 1918 foi designado para servir em comissão no cargo de Director da Imprensa Official do Estado, sendo exonerado a pedido em 16 de Maio de 1922. Fez parte do Conselho superior do Ensino, como suplente, nomeado por dois biennios a 17 de Dezembro de 1918 e em Dezembro de 1920 (GUARANÁ, 1925, p.104).

A trajetória cronológica de Gentil Tavares reafirma o que Miceli (2001) discute em seus estudos sobre a intelectualidade brasileira, quando descreve que a distinção da esfera política e do campo de produção ideológica tornara praticamente irrealizável a passagem quase automática da posição de estudante à categoria de membro integral da “classe dirigente, que, pelo simples fato de possuir um diploma, até então raro e cobiçado, se fazia merecedor das mais altas funções públicas e dos cargos políticos de responsabilidade, afazeres que se completavam com a gestão dos negócios familiares” (MICELI, 2001, p.93).

Gentil Tavares, assim como outros intelectuais de capital social e cultural elevado, em função da postura que tinha no interior do espaço social, acabava sendo nomeado a cargos no aparelho estatal de acordo com sua formação. No caso dos bacharéis, estes eram escolhidos por seus protegidos para exercer funções como a “procuradoria, a promotoria e a judicatura, quanto para preencherem cargos como a Chefia de Polícia, a Inspetoria e a Diretoria de Instrução, a diretoria de bancos e a Intendência Municipal” (SOUZA, 2001, p.158).

Embora a expansão da atividade editorial e a ampliação das oportunidades de ingresso no serviço público tenham influído de modo considerável para a transformação das condições do trabalho intelectual vigentes na República Velha, as possibilidades de acesso às profissões intelectuais continuam a depender, em medida significativa, das estratégias de reconversão das famílias que estão em condições de transmitir aos filhos um certo montante de capital social e cultural, variável conforme o grau de proximidade entre essas famílias e a fração da classe dominante (MICELI, 2001, p.81).

Ainda como estudante do Atheneu Sergipense, Gentil Tavares já demonstrava aptidão para atuar no campo jornalístico, conseguindo anos depois redigir e dirigir jornais que circulavam na sociedade sergipana no período de 1918 a 1922, entre os quais é possível destacar *O Estado de Sergipe* (órgão oficial do Governo do Estado), o *Diário Oficial* e o *Correio de Aracaju*.

Segundo Guraraná (1925), Gentil “tem collaborado em diversos jornaes e revistas de Sergipe e dos outros Estados da Republica e vem usando na imprensa dois pseudonyms A. Moreira e Sylvio Silva” (GUARANÁ, 1925, p.104).

É necessário grifar que Gentil Tavares não atuou apenas no campo jornalístico e educacional. Esse intelectual sergipano também se aventurou no campo da política sendo

eleito a 22 de Agosto de 1922 para desempenhar o mandato de deputado federal na vaga aberta com a saída do Dr. Graccho Cardoso para o Senado, após o falecimento do General Oliveira Valladão. Finda a legislatura foi reeleito para a que se seguiu, de 1924 a 1926. Exerceu antes o mandato de deputado estadual, eleito em 23 de Junho de 1918 para concluir a legislatura de 1917 a 1919, finda a qual foi reeleito para a de 1920 a 1922 (GUARANÁ, 1925, p.104).

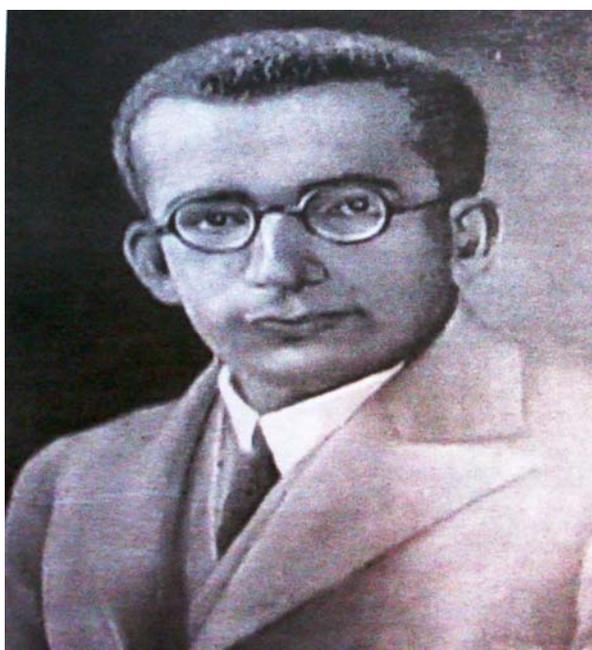
A escolha de Gentil Tavares para substituir Graccho Cardoso na Câmara Federal foi decidida no dia 8 de julho de 1922 pela Comissão Executiva do Partido Republicano Conservador, composta pelos membros: José Antonio de Lemos, Gonçalo Diniz de Faro Dantas, Sebastião da Fonseca Andrade, Joviniano Joaquim de Carvalho, Orestes de Souza Andrade, Manuel Corrêa Dantas, Antonio do Prado Franco e Antonio Baptista Bittencourt. Tal acontecimento foi divulgado pela imprensa local.

No dia 20 de agosto próximo vindouro, proceder-se-á à eleição para o preenchimento da vaga que se verificou na representação sergipana, na Camara Federal, com o reconhecimento a senador do deputado Mauricio Graccho Cardoso, em maio do corrente anno.

Para preencher esse claro, a Comissão Executiva do Partido Republicano Conservador de Sergipe abaixo assignado, reunido no palacete da Assembléa Legislativa do Estado, às 20 horas, do dia oito deste, resolvem indicar, por unanimidade de votos, o illustre e operoso correligionario dr. Gentil Tavares da Motta, nome assás conhecido nas fileiras do nosso partido, nestes últimos tempos, e o fez não só attendendo aos seus prestantes e intelligentes serviços à nossa causa política, mas ainda por convergirem sobre a sua victoriosa personalidade, no actual momento, as vistas dos que têm responsabilidades definidas no seio da nossa pujante organização partidária (CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 14 de julho de 1922, nº. 3.459, Anno XV, p.2).

Entretanto, compreende-se que Gentil Tavares da Mota, aluno do curso de Humanidades do Atheneu Sergipense, conseguiu, por meio dos seus estudos (capital cultural), destacar-se como intelectual sergipano pelas suas funções, ocupações e boas relações que mantinha com as classes dirigentes (capital social), alcançando assim êxito em sua trajetória profissional.

### 1.7 - Clodomir Silva: um estudante e intelectual do Atheneu Sergipense



**Figura 3** – Clodomir de Souza e Silva  
**Fonte:** BARRETO, 2007, p.189.

Ao contrário de Gentil, Clodomir de Souza e Silva, não descendendo de pais “abastados cedo teve de enfrentar as duras realidades da lucta pela vida. Norteou a sua actividade para as caixas typographicas e dahi passou ao jornalismo a que se consagrou” (GUARANÁ, 1925, p.54).

“Estudou preparatorios no ‘Atheneu Sergipense’, estabelecimento que deixou de frequentar no quinto anno, depois da reforma ‘Rivadavia’ que estabeleceu os exames de vestibulares nas escolas superiores<sup>27</sup>” (GUARANÁ, 1925, p.54).

Feito os exames preparatórios, ingressou no curso de Ciências Jurídicas e Sociais na Universidade de Recife, onde bacharelou-se. Depois de formado, veio residir em Aracaju, sendo professor, jornalista, escritor, folclorista, orador e advogado (REVISTA DE ARACAJU, 2003, p.279).

Ao tornar-se jornalista profissional, foi nomeado redator de outros periódicos literários e humorísticos, dentre os quais podemos destacar: “O Tagarella, A Rua, A Trombeta, O Espião, Vida Sergipana, Heliantho, e A Semana. Tem usado na imprensa os pseudonymos Essielle e João das Cubas” (GUARANÁ, 1925, p.55).

A atuação em jornais, segundo Thétis Nunes (1984), ajudava muitos intelectuais sergipanos a darem seus primeiros passos na vida profissional. Ela cita como exemplo neste caso o jornal ‘O Século XX’, que circulou no período de 1916 a 1920, na vida cultural sergipana e que, segundo a autora,

projetou muitos jovens intelectuais iniciantes, Passos Cabral, Péricles Barreto, Pe. José Augusto da Rocha Lima, Orlando Dantas, ao lado de outros já firmados como Carvalho Lima Junior, Deodato Maia, Garcia Rosa, Arthur Fortes, Clodomir Silva, Ítala Silva de Oliveira (NUNES, 1984, p.235).

Apesar de já estar consolidado no jornalismo, Clodomir Silva buscava como complemento para sua subsistência o magistério, ministrando aulas particulares de Português e de outras matérias “cujos conhecimentos ia adquirindo, suprir a escassez dos proventos que lhe dava a imprensa” (GUARANÁ, 1925, p. 54), conseguindo assumir, assim, o cargo de “redactor-secretario do jornal official do Estado ‘O Estado de Sergipe’, cabendo-lhe, neste caráter, ocupar interinamente o logar de director por espaço de um anno” (GUARANÁ, 1925, p. 54).

A função de educador ainda se manteve presente em sua vida, chegando a ser nomeado, em 30 de março de 1918, “professor adjuncto da cadeira de portuguez do

---

<sup>27</sup> “A Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental da República de 1911, do Ministro Rivadávia Correia, instituiu o ‘exame vestibular’, de modo que o acesso às faculdades passou a ser feito no vestibulo delas, e não mais nos estabelecimentos secundários que prestavam os Exames Preparatórios” (ALVES, 2005a, p.61).

Atheneu Sergipense, sendo depois designado para ter exercido na escola de commercio ‘Conselheiro Orlando<sup>28</sup>’ (GUARANÁ, 1925, p. 54-55).

Nesse mesmo ano (1918), Clodomir Silva conseguiu permissão para advogar nas cidades de Aracaju, Laranjeiras e Maruim após aprovação em concurso público.

Clodomir de Souza e Silva, sergipano de Aracaju onde reside e tem função, achando-se compreendido na condição do artigo 9 do Capitulo I do Titulo I, I Livro do Codigo Civil e no dispositivo no art. 190 do Cód. Da Organização Judiciária do Estado, vem mui respeitosamente pedir-vos lhe concedaes provisão para advogar nas comarcas de Aracaju, Laranjeiras e Maroim, por 4 anos.

Como prova de suas allegações, offerece certidão-de-edade, folha-corrída e o comprovante de ter sido approved em Português em um concurso publico (Provisão de Advogado, 1918. Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe. Arquivo Geral do Judiciário). (Anexo 3).

Ainda como advogado, atuou gratuitamente no município de São Cristóvão, o que ressalta seu espírito de solidariedade aos menos abastados e de homem público que, embora dotado de alto nível intelectual, nunca se absteve de colaborar com a comunidade sergipana, que reunia os mais diversos grupos sociais, raciais e religiosos.

No meio jornalístico, Clodomir Silva deixou registrados em jornais sergipanos seus discursos, poesias e homenagens. Entre algumas delas, podemos mencionar uma nota referente a um discurso pronunciado no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe sobre o descobrimento do Brasil, instituição da qual também foi sócio.

Realizou-se ante-ontem às 17 horas, na sede do Instituto Histórico, a sessão extraordinária comemorativa do descobrimento do Brasil.

Com assistencia de grande numero de sócios e sob a presidência do exm. sr. General Oliveira Valladão, Presidente honorário do Instituto, foi aberta a magna sessão.

O sr. 1º secretario leu, assignada por muitos sócios, uma moção de applausos à attitude pacífica e sensata do sr. Presidente da Republica e do sr. Presidente do Estado, no momento actual por que atravessa o Brasil. [...]

Por fim, assonou a tribuna o ilustre conferencista, Clodomir Silva, que por espaço de 40 minutos dissertou brilhantemente sobre a data do descobrimento do Brasil, sendo applaudido por todo o auditório (O ESTADO DE SERGIPE, Aracaju, 5 de maio de 1917, nº. 5.180, Anno XVIII, p.1).

---

<sup>28</sup> “Criada em 1923, pelo Presidente Graccho Cardoso: a Escola de Comércio Conselheiro Orlando, que funcionou até a década de 1970, quando foi extinta e seu principal curso, o de Técnico em Contabilidade, foi incorporado ao Colégio Tobias Barreto, que pertenceu a rede privada e foi adquirido pelo Estado, durante o segundo governo de José Rollemberg Leite (1975-1979)” (CORREIO DE SERGIPE, 2006, p.6).

Um outro fato marcante da trajetória de Clodomir Silva foi sua entrada na maçonaria, em 1917, aos 25 anos de idade, “o que podia, à época, ser considerado muito jovem para as responsabilidades na Loja Capitular Cotinguiba, a mais antiga de Sergipe, funcionando desde 1872” (BARRETO, 2007, p.194). Sergipe teve como pioneira a loja maçônica “Segredo e Amizade”.

Clodomir Silva, que se dizia livre em matéria de religião, passou a receber as condições maçônicas, sendo avaliado e indicado positivamente pelos membros da maçonaria, onde conviveu com grandes amigos e companheiros, a exemplo de Manoel Passos de Oliveira Teles, Artur Fortes, Epifânio Dória, entre tantos outros. Ainda jovem, chegou a grau máximo de número 33 REAA – Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito (Anexo 4).

Em homenagem à morte de Clodomir Silva, alguns membros da Maçonaria Loja Capitular Cotinguiba, criaram a Loja Simbólica Clodomir Silva, em 29 de novembro de 1957, a qual, após funcionar na Avenida João Ribeiro e em outros endereços, passou a ter sua sede própria localizada no Largo da Estação Rodoviária Governador Luiz Garcia.

De acordo com Martins (2006), no Brasil, no período anterior à República, inúmeros panfletos espalhavam-se pelas cidades com propostas republicanas, em campanha orquestrada – em geral presidida por membros das Lojas Maçônicas – propagando as luzes, e veiculando a “criação de escolas de primeiras letras, escolas noturnos para alfabetização de adultos e escravos, bibliotecas populares e pregavam a República, como tentativas preliminares de construção do cidadão” (MARTINS, 2006, p.31).

Décadas depois, os ideais permanecem os mesmos entre homens que nesta terra habitaram. Clodomir, assim como outros, deixou expressos desejos desde a juventude quando ainda era estudante do Atheneu Sergipense, promulgando, em seus escritos, aspirações pela “instrução e pela civilização do homem e o progresso de seu Estado. Talvez seja este o motivo que o tornou Orador da Liga Sergipense contra o Analfabetismo” (VIDAL, 2008d, p.8).

O escritor Clodomir Silva foi também um dos fundadores da Academia Sergipana de Letras, em 1º de junho de 1929, ocupando a Cadeira nº. 13, que tem como patrono o frei José de Santa Cecília. Mesmo tendo êxito no campo profissional, nunca deixou sua terra natal, onde permaneceu até sua morte, sem esconder o amor e admiração que por ela sentia.

Paralelamente, Aracajú se firmou pallida rainha dos paúes, hoje radiosa e bella.

E assim é que eu a saúdo, é assim que eu a idolatro, minha terra, meu encanto.

Adoro-a na sua carreira alva e iluminada; no seu casario symetrico; na lâmina suave do rio Sergipe beijando-a docemente. Seu luar de blandícias, suas noites magníficas, em que alma proucura pousos novos porque a transporta o enlevo argentino da lua.

Minha terra, meu encanto; attrahente local onde surgi para a vida e onde defluiu minha primeira infancia, terra em que repousam as cinzas amadas de meus paes e de ermaos meus, terra daquela que me será companheira, amo-te e quero-te anseio-te esplendendo e rebrilhando ao sol formoso de teu céo, grande e glorificado.

[...]

Vivas minha terra, no apogeu da melhor ventura; e meu desejo vibrante é que seja um dia, rainha egrégia, a perola do rincão deste Norte soberbo.

Salve, princeza de Sergipe (De Souza e Silva. In: O ESTADO DE SERGIPE, Aracaju, 22 de março de 1918, nº. 5.428, Anno XIX, p.2).

Esse intelectual, também deu o ar de sua graça no setor político, conseguindo ser eleito para a legislatura de 1920 a 1922, como deputado estadual, tendo seu mandato “renovado para a legislatura de 1923 a 1925. No primeiro anno da legislatura de 1920 a 1922 foi eleito segundo secretario da mesa” (GUARANÁ, 1925, p.55). Nesse mesmo período, foi nomeado membro substituto do Conselho Superior de Ensino, mas não assume para não perder o mandato de deputado que exercia.

Em sua última incumbência, criou como Projeto de Lei a restauração de uma informação histórica, fixando o nome do rio Sergipe, então confundido com o rio Cotinguiba. Este projeto foi apresentado em 21 de outubro de 1925, e convertido em Lei em 9 de novembro de 1926, na interinidade de Manoel Corrêa Dantas como presidente do estado. Segundo Alves (2006b), Clodomir Silva e Manuel dos Passos de Oliveira Telles fizeram com que o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe solicitasse à “Assembléia Legislativa o reconhecimento oficial da denominação – Rio Sergipe – para rio que banha a cidade de Aracaju” (ALVES, 2006b, p.19).

Após uma carreira promissora, Clodomir de Souza e Silva faleceu precocemente em 10 de agosto de 1932, vitimado pela febre tifóide, aos 40 anos de idade, deixando sua esposa, Ana Araújo de Souza e Silva, na época professora do Instituto Coelho e Campos, e oito filhos (Atma, Aperipê, Antônio Clodomir, Agnes Araújo, Argemira, Airaê, Ana Marcionila e Maria de Souza). Os nomes de alguns dos seus descendentes demonstram o sentimento de nativismo que Clodomir Silva tinha.

Segundo Barreto (2007), “sua biografia encurtada pela existência breve, de 40 anos, está inserida na galeria dos mais ilustres, que iluminam as gerações e deixam com seus exemplos o estímulo criador” (BARRETO, 2007, p.192).

Ficaram como legado duas importantes obras para os sergipanos conhecerem um pouco mais da história de sua terra. A primeira foi *Álbum de Sergipe*, publicada em 24 de outubro de 1920, por ocasião da comemoração do primeiro centenário da Emancipação Política de Sergipe, livro que se tornou referência para os estudos sergipanos.

Clodomir compreendia seu trabalho como um estudo que, destinado a “atestar o grão de desenvolvimento de um povo, não poderia, bem se vê, ter começo quase que ao léo das informações, sem a escrupulosa preparação e o estudo que se faziam necessários” (SILVA, 1920). Nos escritos do jornal *O Nocydalus*, já manifestava esse desejo pela existência de uma obra dessa estirpe.

É digna dos maiores entusiasmos a idéa da publicação do Album Descritivo Sergipano.

Conhecido como é este systema de publicação, e sabida as vantagens que offerece ao desenvolvimento de um Estado, certo não se furtarão os sergipanos de contribuir com grande copia dos contingentes riquissimos de que dispôs o nosso pequenino Estado.

Um album é um livro que contem photographias de grande numero dos melhores pontos do Estado, dados estatísticos que permittirão calcular sua situação economia, resenha historia de sua vida politica, de seus filhos illustres, extinctos e vivos, noções de sua Constituição, e producções dos poetas e escriptores contemporaneos; e que, não no Estado cuja descripção contém, mas em todos os logares onde tem pouco conhecimento da vida das outras partes da Federação, e no estrangeiro, é que elle produzirá seus effeitos beneficios e propagadores, resumindo o que acerca de sua entidade se pode pensar de progresso e de vida regulada.

Sergipe nunca teve suas riquezas, sua cultura e seu modo de viver propagados em parte alguma. Fora d’aqui nada se conhece do seu passado historico e a não serem nomes destacados de filhos illustrados a litteratura sergipana é conhecida somente dentro do Estado.

Portanto, prestaremos os esforços de que dispomos a tão util e tão patriotica idéa (O NECYDALUS, Aracaju, 21 de setembro de 1910, nº. 47, Anno II, p.1).

Anos depois, recebeu a missão do presidente do estado, Pereira Lobo, para elaborar um livro especial, com episódios históricos e geográficos sobre Sergipe. Era uma tarefa intensa e grandiosa, portanto adequada ao perfil e ao antigo sonho desse intelectual, que, com o auxílio de um fotógrafo paulista do jornal *O Estado de São Paulo*, conseguiu registrar imagens inéditas de Sergipe. Após levantamento de informações sobre os

municípios sergipanos, conseguiu concretizar uma obra robusta e atualizada para a época, totalmente documentada e fotografada.

O *Álbum de Sergipe* foi editado nas oficinas do jornal *O Estado de São Paulo*. Com sua “bela encadernação, sua fantástica ilustração, tem sido desde 1920, uma obra obrigatória de consulta, também pela farta documentação apensada, pelo tratamento, muitas vezes original, dado aos temas estudados” (BARRETO, 2007, p.190).

Uma outra obra de Clodomir Silva intitula-se *Minha Gente*, uma catalogação de todos os textos apresentados em conferências, referentes às questões folclóricas, que foram editados nos jornais de Aracaju, e após compilação de outros registros foi possível sua publicação, em 1926, sob a autorização do presidente Graccho Cardoso, sendo impresso pela Empresa Gráfica Editora Paulo, Pongetti & Cia, do Rio de Janeiro<sup>29</sup>. A iniciativa de Clodomir foi vista por Barreto (2007) como uma continuidade à contribuição popular sergipana, começada por Sílvio Romero nos anos 80 do século XIX.

O carinho manifestado por Clodomir à cultura popular sergipana é confirmado através do depoimento de um ex-aluno, José Calasans, que estudou no Atheneu Sergipense no período em que Clodomir Silva ministrava aulas de português, quando certifica:

Devemos a Clodomir Silva nosso interesse pelos estudos de Folclore. Foi ele quem nos fez conhecer e depois compreender a importância do povismo, expressão do seu especial agrado. Entramos em contato com o saber do povo, ainda na adolescência, quando em suas aulas, com frequência, ouvimos exemplos colhidos nos adágios, no linguajar do povo, nos versos populares, nas estórias de Trancoso, nas conversas e usanças da gente sergipana, que ele tanto conhecia e amava (CALASANS *apud* BARRETO, 2007, p.196).

Tais afirmativas demonstram o quanto Clodomir conhecia e amava as questões populares, o que o tornou conhecido dentro dos estudos ligados ao folclore sergipano.

Clodomir Silva, mesmo não sendo originário de uma família abastada, conseguiu, através de seus estudos, ingressar no campo intelectual e ser aceito por todos como um homem ilustre e digno de reconhecimento por seus feitos e suas obras, seja no campo político, educacional ou cultural.

---

<sup>29</sup> “A imprensa possibilitou a criação de um mercado de livros, antes inexistente. Anterior a ela os sergipanos viam-se impelidos a publicar seus textos em tipografias e editoras da corte e de outras províncias. Porém, o surgimento das oficinas tipográficas, responsáveis pela edição dos periódicos locais, facultou aos homens de letras de Sergipe publicar seus livros na terra natal. No entanto, o número de obras publicadas fora do estado ainda excedeu aqueles editados em Sergipe” (SOUZA, 2001, p.39).

Ao traçarmos a vida de dois estudantes daquela “Casa de Educação Literária” denominada Atheneu Sergipense, foi possível compreender como esses dois moços, mesmo sendo de famílias com status diferentes, alcançaram êxitos em suas carreiras como profissionais, por terem, assim como muitos outros que passaram por aquele estabelecimento, se utilizado do poder do conhecimento e das relações sociais para adquirir benefícios materiais e simbólicos, além da aquisição de empregos e reconhecimento nos setores jornalístico, educacional e político.

Ao fazermos uma análise dos caminhos percorridos pelo universo escolar de Gentil e Clodomir, foi notório entender que suas primeiras iniciativas foram traçadas nos bancos do Atheneu Sergipense, a partir do momento em que resolveram criar, junto com outros colegas, um pequeno periódico estudantil, no qual puderam registrar esse sentimento em prosperar profissionalmente, impulsionados por meio de suas produções e pelo usufruto do sucesso escolar, recorrendo em grande medida ao capital cultural, adquirido por esses indivíduos ao longo do percurso educacional<sup>30</sup>.

Esses moços conseguiram em suas trajetórias ter boas relações sociais, estabelecendo laços de amizade com sujeitos situados nas posições mais elevadas da sociedade sergipana, e o jornal *O Necdalus* tem sido prova de suas ligações, começadas pelo professor Brício Cardoso e depois por outras figuras ilustres que aparecem nesse impresso, ao fazerem homenagens ou outro tipo de manifestação sobre tais personalidades. Essas afinidades devem-se as suas formações culturais e também às questões familiares, como foi o caso de Gentil Tavares, que pertencia a uma família de posição sócio-econômica mais elevada.

Uma outra referência da existência das boas relações desses jovens com figuras renomadas que se iniciaram nos bancos do Atheneu Sergipense pode ainda ser vista nas páginas do jornal *O Necdalus*, que, apesar de ser de uma classe estudantesca, foi visto e reconhecido naquele momento por outros jornais, tanto sergipanos como de fora do estado, além de provavelmente ter sido mantido com auxílio do presidente, Rodrigues Dória. É presumível que esse mecanismo usado deu-se como forma de manter esse jornal em circulação, de obter reconhecimento e de estabelecer ligações com figuras importantes. Nesse sentido, entende-se que o jornal *O Necdalus* permitiu a esses jovens o início de

---

<sup>30</sup> “O universo escolar, por exemplo, poderia ser considerado como um mercado no qual os indivíduos investem um volume maior ou menor de recursos – sobretudo capital cultural – e obtêm, em função disso, retorno mais ou menos elevado, na forma de sucesso escolar e de diplomas (capital cultural institucionalizado), que pode, por sua vez, ser reinvestido, por exemplo, nos mercados de trabalho e matrimonial” (NOGUEIRA, 2006, p.52).

prováveis contatos com cidadãos respeitáveis, como forma de adquirir capital simbólico e social dentro do espaço sergipano a fim de serem projetados no caminho da intelectualidade.

Em vista do que conseguiram plantar desde a juventude, foi notório a esses rapazes se inserirem no mais alto grau do intelecto e assim poder chegar ao patamar tão cobiçado desde o período em que faziam o Curso de Humanidades. Tanto Clodomir Silva quanto Gentil Tavares investiram todos os seus esforços e habilidades no setor educacional para que mais adiante extraíssem aquilo de melhor que a educação poderia lhes proporcionar, o prestígio e reconhecimento entre seus pares. Essas figuras, ao fazerem usufruto do capital cultural e social, prosperaram em direção aos grandes voos do mundo intelectual, por conseguirem libertar-se do casulo a que tanto foram assemelhados e tornarem-se verdadeiros nomes que marcaram a sociedade sergipana, sendo hoje reconhecidos pelos seus feitos.

## CAPÍTULO II

### JORNAL O NECYDALUS: A PRESENÇA DE OUTROS EMBATES

*Avante!*

*A' distincta redacção d'O Necydalus*

*Um plagio! o que é um plagio? coisa feia,  
Coisa sem nome, que nos causa espanto,  
Um roubo á musa, a doce mãe do canto,  
Que – do estro – rompe a delicada veia.*

*Mas abriste a secção da Musa Alheia.  
Fizeste bem, NECYDALUS. É santo  
O teu procedimento. Abriste o manto  
Do teu amor aos versos meus. Alteia.*

*A tua larga, magestosa frente!  
Olha: – o sol é nado agora no horisonte;  
A rota é longa, muito longa... Avante!*

*Nunca esmoreças no encetado prélio  
E de haste e de broquel, de ferreo guante,  
Mocidade! sé mais que Marco Aurelio.*

*(SYMPHRONIO CARDOSO. In: O  
NECYDALUS, Aracaju, 15 de agosto de 1909, n.º  
11, Anno I, p.3).*

Por meio da leitura e análise das produções veiculadas nesse impresso, evidenciamos um número considerável de matérias produzidas pelos discentes, as quais abordam temas específicos relativos aos embates literários com outros jornais e aos acontecimentos do cotidiano da cidade de Aracaju, revelando principalmente o que esses jovens pensavam, debatiam e idealizavam a respeito da modernidade da capital sergipana, bem como questões religiosas relacionadas à crença exagerada dos fiéis ou a críticas recriminando o comportamento de um pároco denominado padre Pedro, além da participação da mulher manifestada nas linhas desse periódico num período em que a atuação no meio jornalístico era extremamente reduzida.

Neste capítulo, buscamos ilustrar o desenrolar de tais questões, cuja presença nas páginas do impresso mostrou-se bastante significativa, o que permitiu, por meio delas, ter-se uma visibilidade maior quanto às dificuldades enfrentadas pelos alunos para manterem o jornal em circulação, uma vez que a rivalidade com outros periódicos literários acontecia de forma exacerbada através da troca de insultos e acusações. Em meio aos embates, os maiores alvos de crítica entre os redatores de *O Necdalus* foram as insinuações de plágio, tendo como opositores os demais jornais. Entretanto, mesmo sofrendo com tais denúncias, os escritores do jornal estudantil do Atheneu Sergipense deixaram indícios de que estavam preparados para tais combates e para sempre seguir em frente quando mencionam aos seus colegas: “nunca esmoreças no encetado prélio [...] Mocidade! sé mais que Marco Aurelio” (SYMPHRONIO CARDOSO. In: O NECYDALUS, Aracaju, 15 de agosto de 1909, nº. 11, Anno I, p.3).

Todavia, será por meio de seus registros que discutiremos os embates, as manifestações e os propósitos presentes nesse jornal estudantil para assim podermos propiciar ao leitor uma visão aproximada dos problemas que eram debatidos naquele momento através do olhar de seus produtores.

## 2.1 – A rivalidade com outros jornais

Neste item procuraremos explicar a presença de indícios dos embates travados entre o jornal *O Necydalus* e outros jornais locais, como nos foi demonstrado nas páginas do referido impresso. Para realizar essa análise, efetuamos um levantamento aprofundado dos jornais mencionados por *O Necydalus* e, assim, visualizamos embates, críticas e um ar de disputa entre esses periódicos de caráter literário, que circulavam em Sergipe no início do século XX.

Para Sodré (1999), a imprensa no período do século XIX era considerada panfletária e atrevida. “Nos períodos de tolerância ou de liberdade, atingiu a grandes violências de linguagem e as polêmicas, refletindo o ardor apaixonado das facções em divergência, chegavam a excessos, a ataques pessoais, a insinuações maldosas” (SODRÉ, 1999, p.84). Dentre alguns periódicos sergipanos do início do século XX aos quais tivemos acesso, algumas dessas práticas ainda permaneceram.

Dentre os jornais analisados, podemos citar: *O Espião*, *A Colmeia*, *A Gazetinha*, *O Espiã* e *A Folha de Sergipe*. Neles observamos manifestações de admiração e de desacordos entre eles e *O Necydalus*. Logo nos primeiros números deste impresso verifica-se a admiração que os alunos sentiam pelo jornal *A Colmeia* e pelo talento apresentado entre aqueles que nele escreviam.

Não posso deixar de ser assignante da *A Colmeia*, onde aprendi nos domingos últimos algumas lições de grammatica philosophica que deram-me duas abelhas mestras.

Acompanhei atônito, com a máxima atenção, o duello entre dois moços talentosos, com as luzes fascinadoras de phrases mestras, com fortes pedestaes de grammatica, e não posso fazer uma exacta idéa destas duas pennas que combatiam pela arena jornalística, quasi com tanta vibração de saber como os eminentes philologos Carneio e Ruy, que cheios de doutrinas e principios incontestaveis gladiava-no sem chegar á solução das questões (O NECYDALUS, Aracaju, 20 de junho de 1909, nº. 3, Anno I, p.2).

Além do fascínio exercido pelos escritos de *A Colmeia*, é importante destacar que os escritores desse jornal tiveram o incentivo e a participação do professor Brício Cardoso para a construção do impresso, usando o jornal como uma aula prática. Segundo nos mostra Gally (2004), “era nos jornais também que Brício expunha suas aulas”

(GALLY, 2004, p.19). Daí a preocupação dos alunos em demonstrar um desempenho satisfatório, reproduzindo e escrevendo bons textos, com exigência para sempre obter qualidade, principalmente no que se refere às questões gramaticais.

A Colmeia não annunciou conselhos no programma com que veiu á luz. Disse muito singelamente que era um orgamzinho litterario e humoristico, que, preenchendo uma lacuna bastante sensivel, vinha incitar a mocidade de nossa terra a trabalhar nas lettras, procurando infundir-lhe no espirito esse amor que se deve ter aos classicos e animando-a a escrever para melhorar o estylo, para aperfeçoal-o, preparando-o para as futuras luctas da imprensa (A COLMEIA, Aracaju, 14 de fevereiro de 1909, nº. 3, Anno I, p.1).

Assim como *O Necydalus*, cabe ressaltar que o professor Brício Cardoso foi responsável não só pela iniciativa da criação do jornal *A Colmeia* como também pela denominação desse periódico. Este fato foi comentado em um artigo escrito por ele e publicado no mesmo periódico, em agradecimento às homenagens recebidas pela passagem de seu aniversário. Nesse artigo, verificamos, além da citada façanha do mestre, a admiração que sentia pelos jovens que se aventuravam ao caminho do jornalismo.

[...] e aqui estou de publico a repetir-vos aquillo que vos disse no salão, cercado de amigos e estudantes, supplicando acceiteis e transmittaes á tota a imprensa que mandou-me alleluias de regosijo porque vi desabrochar a luz cariciosa de um anno novo – O Estado, O Correio, A Folha, O Espião, O Necydalus, meu afilhado de baptismo, estas palavras de eterno reconhecimento: – o velho mestre, que me dêu este bello e expressivo nome de ‘Colmeia’, manda dizer-vos que as saudações que lhe dirigistes têm tambem o sabôr d’aquelle alludido beijo de mulher [...]  
Repito-o; porque os amigos, no meo entender, são thronos de marfim e oiro, e a mocidade é o meu idolo. [...]  
Sois a mocidade.  
A mocidade é rainha.  
Joelhos em têrra – á mocidade!  
A’ mocidade – bandeira desfraldada no penol da carangueija!  
(Brício Cardoso. In: A COLMEIA, Aracaju, 18 de julho de 1909, nº. 25, Anno I, p.1-2).

O auxílio dado por Brício Cardoso demonstrou ter sido fundamental para os moços no desenvolvimento de seus escritos, dando-lhes verdadeiras lições literárias, como foi verificado nos comentários de *A Gazetinha*, uma vez que era nos periódicos onde se abriam “espaços para o exercício da literatura” (CRUZ, 2000, p.52).

A COLMEIA deveu muito ao velho mestre. Muitíssimas vezes, as columnas do pequeno jornal, honradas pela distincção que elle para com ellas sempre teve, transmitiram, á mocidade, preciosissimas licções saturadas de amor, que, por todos, eram acolhidas alegremente.

A benevolencia do professor Bricio Cardoso, o amor com que elle cuida das cousas da COLMEIA, que eramos nós, captivando-nos, enalteceu-o tanto, em bondade, aos nossos olhos, quando extraordinario o temos como intellectualidade (A GAZETINHA, Aracaju, 10 de julho de 1910, nº. 27, Anno I, p.2).

A manifestação de carinho pelo jornal *A Colmeia* não foi diferente em relação aos demais periódicos, inclusive com *O Necydalus*, devido ao fato de o velho mestre ver os jornais como um dos instrumentos que mais apreciava em sua carreira profissional e como um caminho para que os jovens se destacassem buscando novos anseios intelectuais. Sua participação na construção dos periódicos foi de extrema importância para o incentivo das produções, principalmente na apresentação dos impressos assim que estes eram lançados no mercado, sendo extraordinário para a vida e, talvez, para o reconhecimento desses jovens.

Abrilhanta, hoje, a nossa primeira edição, o velho jornalista e competente educacionista da mocidade sergipana – o professor Brício Cardoso, que por um requinte de gentileza accedeu ao nosso convite, o que muito agradecemos-lhe a devida sinceridade (A COLMEIA, Aracaju, 31 de janeiro de 1909, nº. 1, Anno I, p.3).

Ainda nas páginas do jornal *A Colmeia* é notório vermos as palavras desse catedrático surgirem como um estimulante para os jovens moços na arte de escrever.

Proseguí a começada caça de corymbos.  
Os campos da prosa e os jardins da poesia de formosura e viço.  
Que delicia e proveito colhel-as!  
Menos tarde do que pensaes, tereis os alvéolos de vossas idéas cheios dos favos da língua, mais preciosos.  
Lêde os grandes mestres, senhores da sabedoria e da verdade, para os quaes o estylo não tem mysterios.  
Suas doutrinas são mel.  
Sujeitae vossa imaginação e vossos talentos ao criterio de oiro de seus grandes dictames.  
E exercitae-vos, escrevendo assiduamente, pacientemente, sem orgulho.  
Fazei isso que vos digo, e conseguireis realizar o vosso designio, que applaudem todos dos que não grosnão contra a mocidade, quando esta tenta disparar em arremessos de aguia, todos os que tomão-se de entusiasmo diante das audácias juvenis, que justifica de culpa a convulsão epiléptica do progressso.  
Persuadi-vos do que vos digo, e não esmoreçaes, e não canceis. Ouvi bem.

[...]

Estudae e trabalhae.

A excelsa Deusa não vos é hostil. Acolher-vos-á com favor e verdadeiro contentamento.

Tereis o vosso premio, o premio ganho por vosso labôr.

Então já tereis auctoridade, então vos imporeis pela força de vossa eloquencia, pela pureza e graça de vosso estylo.

Não tenhaes medo, que não vos faltarão nem arrimos generosos, nem leitores amigos (Bricio Cardoso. In: A COLMEIA, Aracaju, 7 de fevereiro de 1909, nº. 2, Anno I, p.1).

O jornal *A Colmeia* foi um dos primeiros periódicos literários a se manifestar na sociedade sergipana no início do século XX, com o propósito de “preencher uma lacuna em nosso meio letterario, levantando um orgamzinho capaz de ir despertando alguns que estofam poltronas” (A COLMEIA, Aracaju, 31 de janeiro de 1909, nº. 1, Anno I, p. 2). Em um outro momento descreve:

Um dia um grupo de moços no alvorecer da intelligencia lembrou-se de editar a Colmeia, para supprimir uma lacuna que avultava no fôco social onde nasceram.

Em todo o formoso Sergipe onde não faltam jornaes politicos, não havia um jornal litterario, por menor que fosse! (A COLMEIA, Aracaju, 2 de maio de 1909, nº. 14, Anno I, p.1).

Diante dos indícios apresentados, percebemos que alguns dos jovens que faziam parte do jornal *A Colmeia*, eram ex-alunos do Atheneu Sergipense ou moços que já haviam atuado em jornais, pois, ao se referirem a *O Necdalus*, expressavam: “É um orgam da classe estudantesca desta terra – classe a que outrora tive a suprema ventura de pertencer e de que com saudades me recordo” (A COLMEIA, Aracaju, 13 de junho de 1909, nº. 20, Anno I, p.2). Em outras passagens aparecem afirmações como:

A falta de um periodico litterario em Aracaju afastou-me a tempo das lides jornaliticadas, onde comecei ao lado de bons amigos que actualmente lá forá illustram-se nas Academias mostrando aos outros Estados a fecundidade de Sergipe nesta sorte de produção: – talento.

E porque isto tenha acontecido, sinto-me acanhado em apparecer rabiscando neste jornalsinho que hoje surge, e ao qual auguro o melhor futuro e a maior somma de fellicidades.

Entretanto se aqui estou é simplesmente para attender ao appello que fez-me o seu proprietario, a quem muito estimo.

Não escrevo por profissão nem tenho a vaidade de querer que o futuro me aureole o nome não (A COLMEIA, Aracaju, 31 de janeiro de 1909, nº. 1, Anno I, p.1-2).

Desse modo, supomos que esse jornal era composto por moços que se afastaram, por algum tempo, do caminho das letras e que voltaram a escrever nesse impresso através de convite. E pelo fato de não serem jornalistas profissionais, sentiam-se intimidados, procurando justificar sua participação nesse impresso. Outros expressavam a seguinte ideia:

Sim eu também fui convidado a tomar parte n'A Colmeia [...]. Toda a causa que fita o futuro, reclama o concurso da mocidade com os seus ideaes, suas audácias, suas sofreguidões e até mesmo suas inexperiencias, graciosas como flores que vão ser fructos. [...] Porque apesar dos meus 23, penso com qualquer octogenario de juizo. Pois não sei, não tenho contemplado de perto 'quão grande é a miseria humana'?...

E foi assim que resolvi-me a ser abelha também desta Colmeia gentil. A Colmeia é a nossa tenda, as flores são os typos, os caxotins são os favos, e o mel... o mel é o nosso jornalzinho (Cephas. In: A COLMEIA, Aracaju, 31 de janeiro de 1909, nº. 1, Anno I, p.2).

Pelo que é demonstrado nas entrelinhas, *A Colmeia* apresentava uma faixa etária superior a dos colaboradores de *O Necdalus*, formado por jovens acima dos vinte anos, moços inexperientes que tinham, segundo seus relatos, o intuito de preencher o vazio das produções literárias no mercado jornalístico. Esse impresso apresentava como principais responsáveis Ulysses Sampaio, Pedro Machado e Demócrito Rocha, os quais através de iniciativas e convites, fizeram o jornal circular por 32 números, no período compreendido entre janeiro a setembro de 1909.

Durante esse período, *A Colmeia* abriu espaços para que outros indivíduos publicassem seus escritos, fazendo convites no próprio jornal a novos colaboradores, apesar de haver exigências de seus redatores para aceitar tais escritos. Logo no seu primeiro número aparece a seguinte nota: “Acceita-se collaboração pequena em estylo leve e de accordo com o programma” (A COLMEIA, Aracaju, 31 de janeiro de 1909, nº. 1, Anno I, p.2).

Em números seguintes, apresentava-se uma outra nota dizendo: “Prepeta (Aracaju) – o nosso jornalzinho não é deposito de lixo. Nem todos os filhos de Campos nasceram poetas. Abelha Mestre” (A COLMEIA, Aracaju, 25 de abril de 1909, nº. 13, Anno I, p.4). Nesse sentido, havia uma preocupação pela qualidade da produção que era apresentada em suas páginas, expondo por que e para que veio.

Peço inscrição na hoste dos intrépidos paladinos da luzida imprensa sergipense para um modesto aspirante a aprendiz de gladiador Gutenbergriano: – A COLMEIA.

O nome com que se apresenta, procede de formar-lhe a redacção um agrupamento de inteligentes jovens que se deixão fascinar pelo brilho das mésse de gloria, todos os dias colhidos por esses ousados que, de pennarem punho, combatem como leões, na arena sem sangue das luctas serenas do pensamento; tem, em sua suggestiva significação, a poesia, de vida e vigor que brotão as festas do trabalho.

Que lhe seja concebido o direito às coroas triumphaes (A COLMEIA, Aracaju, 31 de janeiro de 1909, nº. 1, Anno I, p.1)<sup>31</sup>.

Após o jornal *A Colmeia* surgiram outros periódicos apresentando as mesmas características de um jornal literário e humorístico, como foi o caso de *O Necdalus* (1909), *O Espião* (1910)<sup>32</sup>, *A Gazetinha* (1910), *O Espiã* (1909), dentre outros. Tais fatores podem ter ocasionado, inclusive, disputas externas para esses jornais poderem circular, fazendo-os desaparecer logo em seguida, gerando certo descontentamento. “Mais dois jornais circularam domingo ultimo, nesta Capital. Aqui tudo é assim: ou oito ou oitenta!” (A COLMEIA, Aracaju, 13 de junho de 1909, nº. 20, Anno I, p.4).

Diversas divergências foram localizadas no jornal *O Necdalus* quando se referia não só *A Colmeia*, mas também a outros periódicos. A presença de pequenos impressos com o mesmo caráter e estilo literário, circulando em um mesmo dia, aos domingos, pode ter provocado a competitividade entre todos na busca pela sobrevivência para permanecerem circulando.

Apesar de darem sempre boas-vindas aos jornais que iam surgindo, estes não escondiam os seus propósitos, em agirem de forma repreensiva quando se fizesse necessário. O jornal *A Colmeia*, em seus comentários, esclarece que, por ser um jornalzinho literário e humorístico, sua função não era de dar conselhos, devido a sua tenra idade. Porém,

se atribuirá o papel de reprehender, quando fôr necessario, ficando, porem todos certos de que o fará como uma mãe carinhosa a um filhinho trefego, sempre com bons modos, sempre com ternura não deixando nunca de coroar a reprehensão com um beijo no fim.

---

<sup>31</sup> Escrever nos jornais segundo as concepções de Brício Cardoso, como nos mostra Gally (2004), era uma forma de “ascender-se intelectualmente, era uma oportunidade a publicidade da erudição a fim de legitimar-se diante de seus pares” (GALLY, 2004, p.62).

<sup>32</sup> O jornal *O Espião* que surge em 1909 apresenta-se com várias denominações, ora se escreve como jornal humorístico e noticioso (1909), ora como humorístico, literário e noticioso (1910), ora como crítico, humorístico e caricato (1911).

Nestas condições, está claro que ninguém terá o direito de guardar ressentimento. A Colmeia será a mãe *commum* (A COLMEIA, Aracaju, 14 de fevereiro de 1909, nº. 3, Anno I, p.1-2).

Essas afirmações supõem que as divergências eram necessárias, pois faziam parte do ofício desses jovens em direção ao caminho das letras, mostrando seriedade na arte de escrever. Firmado nesse pensamento, tentaremos descrever alguns episódios de repulsa entre *O Necydalus* e os demais impressos aqui mencionados.

Logo nos primeiros números editados por *O Necydalus*, identificamos a primeira crítica acerca das produções de *A Colmeia* que, apesar de já terem sido elogiadas em outros momentos, agora passam a ser alvos de críticas dos jovens redatores.

Sem muito esforço, pude lembrar-me, quando terminando a leitura de duas quadras alexandrinas, assignadas pelo espírito surrado de F. Barreto, do que uma certa abelha da *A Colmeia* havia dito no jardim, maguando o ambiente amenizado pelas flores, com roucas palavras a lembrar um leão, que urra entre grades de ferro.

Vêde, leitores, que ainda não se apagou do nosso pensamento o plagio do soneto *A Divina*, que Barretinho denunciou!

Agora eu o denuncio como maior criminoso!

Não, nos esqueçamos mais nunca desta ausencia de pudor, e enquanto houve O NECYDALUS, este orgam de aprendizes litterarios, eu nunca deixarei de pôr em pratos limpos, apezar das minhas expressões casurras, estas espertezas de certos poetistas que, infelizmente, estamos encontrando constantemente. Já é ser grande, ser dono da *A Colmeia*!

Querer contrariar a natureza, fazendo versos desta maneira!

Em risquinhos aconselho-o a procurar um novo rumo, que este o não levará a bom termo (Afeco. In: O NECYDALUS, Aracaju, 20 de junho de 1909, nº. 3, Anno I, p.2).

As acusações de plágio divulgadas pela seção “Risquinho da Semana” são contestadas pelo jornal *A Colmeia* na primeira página da edição seguinte, intitulada “Na estacada”, mostrando a seguinte defesa:

Quando, há dias, surgiu nesta capital *O Necydalus*, como orgam dos estudantes do Atheneu de Sergipe, todos julgaram que elle se conservaria um jornal decente, pugnando pelos interesses e pelo engrandecimento daquelles moços.

Cedo elles nos desenganaram, porém.

Ao envés de seguirem a rota do seu programma traçado, alguns dos collaboradores do *Necydalus* o querem transformar em pasquim<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> Segundo Sodré (1999), Pasquim é um impresso que tem como traço específico ser produto de uma só pessoa. “Um homem, escritor, foliculário, político, servindo a interesses seus ou de outrem, adotando orientação própria ou obedecendo àquela imposta por seus mandantes, escrevia o jornal inteiro. Jornal de um só assunto, sempre, e de artigo único, quase sempre. Menos do que jornal, mera folha volante, panfleto

Em antagonismo com o título modesto que tomaram, alguns desses moços têm procurado rivalidade conosco, dizendo-se melhores do que *A Colmeia*.

Mas isso em nada é deprimente para nós, porque tolo é o indivíduo que se procura engrandecer. A opinião pública é quem nos julga.

O que absolutamente não é tolerável é que um anônimo, duplamente criminoso, venha acusar-me de plagiário, dizendo que não são minhas as duas últimas quadras que, com a responsabilidade do meu nome, publiquei n' *A Colmeia* de 13 do corrente.

Todo mundo sabe que o humorismo é tolerável, mas dentro dos limites da lei e da honestidade; caluniar, porém, é que não é tolerável.

Os anônimos do *Necydalus* que tomem por norma a sentença do illustre Bacaje:

“Satyras prestam, satyras se estimam. Quando nellas Calumnia o fel não verte.”

Se *A Colmeia* já denunciou a alguém como plagiário é porque disso tem provas, mas o Afeco nenhuma tem de que as quadras não sejam minhas.

Eu o desafio, pois, a provar que sou plagiário, e, enquanto não o fizer, eu o considerarei um pasquineiro objecto, indigno de viver entre uma população decente (F. Barreto, In: *A COLMEIA*, Aracaju, 27 de junho de 1909, nº. 22, Anno I, p.1).

No que compete às acusações de plágio, estas se constituíram como o maior alvo de crítica desses jornais, tornando-se tema dos maiores confrontos entre *O Necydalus* e os outros impressos literários. Ainda no número 3 desse periódico, em uma seção denominada “Chroniqueta”, esses moços voltaram a se defender contra as acusações dos escritos de *A Colmeia*, que os insultaram de pasquineiros, denominação que, de acordo com Sodré (1999), refere-se à “clava demolidora, em que difamação, mentira, injúria constituíam elementos singulares” (SODRÉ, 1999, p.168).

É muito engraçado o senhor R. Leão! Com o seu bello e cultivado talento, julga dever criticar O NECYDALUS, estabelecendo paralelo entre elle e a COLMEIA.

[...]

Nunca teve o nosso jornalzinho a intenção de, logo nos primeiros números de sua existencia, chegar ao cume da arte, isto é, comparar-se com a Colmeia (Petronio. In: *O NECYDALUS*, Aracaju, 20 de junho de 1909, nº. 3, Anno I, p.3).

As quadras que o jornal *O Necydalus* descreve como plágios estão presentes no número 13 do jornal *A Colmeia* sob a autoria de F. Barreto, as quais ele dedicou à sua prima Nina Barreto. Em função dessas denúncias, o autor do poema desafia-o a provar as

---

lançado ao público, apreciando um tema, uma pessoa, um acontecimento, o tema, a pessoa, o acontecimento do instante que passava, muitas vezes o motivo inspirador do pasquim, a fonte de que lhe provinha a força, para apoiar ou contraditar” (SODRÉ, 1999, p.159).

acusações, deixando clara a rivalidade que passa a existir entre eles e questionando o anonimato de grande parte dos colaboradores desse periódico estudantil.

### **Debalde**

A minha prima Nina Barreto

Debalde busco a ti, oh! luz da inspiração,  
Para na lyra cantar as minhas grandes dores,  
Pois só resta soffrer ao triste coração  
A quem ferem cruéis, eternos dissabores.

E és tú, mulher, sómente a causa do delírio.  
Que me leva de rojo a percorrer a terra,  
Provocando em toda a parte o fel desse martyrio  
Que teu desprezo dá, e que teu odio encerra.

F. Barreto

A obscuridade presente nos escritos de *A Colmeia* pertencentes à seção “Piparotes” é também exaltada pelos escritores de *O Necdalus* no número 9, ao publicarem um poema intitulado “Resposta.” Diante de tais indagações, é relevante citarmos que a não-identificação de seus nomes verdadeiros era uma prática comum nesse período, o que levou muitos desses jovens jornalistas fazerem uso de mais de um pseudônimo para assinarem suas produções, como uma maneira provavelmente de dar “ao publico a impressão de que o jornal dispunha de um exército de colaboradores” (Cruz, 2000, p.89).

### **Resposta**

*Ao Lulú dos “Piparotes”, da COLMEIA*

*Lulú, desejas saber  
Qual deve ser o motivo  
De interesse do Enock  
O teu nome conhecer?  
Eu vou te ser positivo:  
E’ porque o tal mocinho  
Deseja te criticar,  
Mas o homem que faz isto,  
Sabendo a quem vai fallar.  
Romeu*

O jornal *A Colmeia*, em retaliação à curiosidade do Enock, mostra-se agradecido “ao Romeu, do *Necydalus*, a resposta prompta que me deu! Fiquei, porem, sciente que não sou nenhuma *Julieta* para ter medo de caretas de Enock!” (A COLMEIA, Aracaju, 8 de agosto de 1909, nº. 28, Anno I, p.4).

Outros poemas aparecem no jornal fazendo críticas *A Colmeia*, no que se refere às suas produções poéticas, como revelam as quadrinhas do número 12:

### Trocinhas

Francisco Correia Santos!!!  
Ai! S. Francisco, correia  
Precisa este local poeta.  
Que criticou “*A Colmeia*”.

Elle ainda continúa  
Escrevendo porcarias,  
Filhas do seu *intellecto*  
- Esgoto de estribarias. –

Seu *Xico*, tome juizo,  
Deixe de ser poeteiro,  
Quebre essa lyra sebosa  
E procure outro roteiro  
Xico Me Lança

Percebem-se ainda, no jornal *A Colmeia*, críticas relacionadas à traição de alguns de seus colaboradores, as quais passaram a fazer parte dos escritos de *O Necydalus* e que, apesar do anonimato, conseguiram desvendar alguns redatores pelo estilo de sua escrita.

O J. Nestor, que outrora foi grande collaborador da *A Colmeia*, deixou-se trahir, no começo de seu artigo lançado na 3ª pagina do *O Necydalus* pois quem, como eu, está affeito á leitura salutar dos cinco minutos não póde desconhecer que alli está o sympathico e inteligente Dillettanti, o querido Rafael da Soledade ou o amável U... S... (Walter. In: A COLMEIA, Aracaju, 13 de junho de 1909, nº. 20, Anno I, p.3).

Além das acusações de plágio e traição, havia também insinuações irônicas relacionadas aos colaboradores de *O Necydalus*, destacando as questões físicas de alguns deles. “O Sirgosinho de *O Necydalus* implicou solemnemente com aquella historia de

farda lá pelo Atheneu?... E tem razão! Havia de ser engraçado o Sirgosinho fardado!!!...”  
(A COLMEIA, Aracaju, 25 de julho de 1909, nº. 26, Anno I, p.4).

O tom humorístico revestido de um caráter irônico era uma característica não só dos jornais sergipanos como também de outros jornais estudantis, como mostra Camargo (2000) ao dizer que era imediata a intencionalidade dos alunos em ridicularizar colegas. “Esse tipo de ironia, que emerge do meio dos trocadilhos, sugestões, palavras cruzadas e alusões, era cultivado pelos alunos que escrevem nos outros jornais do ‘Ribeiro’” (CAMARGO, 2000, p.192).

Diante de tais críticas, o jornal *O Necydalus* manifesta-se em sua defesa contra os insultos de *A Colmeia*, dizendo ser uma prática comum em Aracaju criticar os trabalhos literários de jovens iniciantes nas letras<sup>34</sup>.

É uso da terra não só criticar os trabalhos litterarios de um joven estreado, como tambem taxal-o de senvergonha, e pôr em destaque os seus defeitos physicos.

No emtanto, estes criticos, dos quaes Aracajú está cheio, são verdadeiros manequins, que desejam ganhar cotação litteraria, plagiando vergonhasamente pensamentos litterarios de auctores conhecidos, como Victoriano Palhares.

Os criticos mais impiedosos desta terra são, felizmente, *tintureiros*, [...]... que nada pesam na balança litteraria: e que importa a sua critica desconchavada e inconsciente, si temos, em compensação, os braços e os elogios dos mestres que nos firmam para novas luctas?!...

Só uma palavra temos para estes criticos, – a que se lança na campanha á face dos soldados covardes:

Para traz!!! (Zola. In: O NECYDALUS, Aracaju, 5 de setembro de 1909, nº. 14, Anno I, p.2).

Pelas declarações registradas, compreendemos o apoio que os alunos receberam de seus mestres, ao afirmarem que estes têm sim o direito de criticá-los e não jovens inexperientes assim como eles, que estão ingressando no setor jornalístico. Deles não aceitam tais questionamentos relacionados aos seus escritos, expressando no número 14, o aborrecimento pelas críticas sofridas em jornais também escritos por moços sem grandes habilidades.

Temos um certo numero de *criticos trocistas* que nada fazem, e isto é o que mais me aborrece, porque só são para criticar, feitos alheios.

---

<sup>34</sup> “Nas ‘redações’, o jornalismo se configura como um campo de amadores, profissão pouco rentosa, na indignada análise de Pinheiro Júnior ‘aberta a todos, inclusive nulos e idiotas’, que após rápidas passagens por pequenas folhas, ‘já bacharéis ou amanuenses da câmara’, podiam ‘falar com ênfase das suas pugnas jornalísticas’” (CRUZ, 2000, p.79-80).

Estes moços, porque procede desta maneira?...  
Sigam connosco... a estrada é livre... não se paga nenhum imposto para seguir-a...  
Não faça assim! pois isto não é decente, poderão chamal-os de despeitados e não é agradável; se pode seguir-nos também!...  
Fiquem certos que não é para admirar os nossos escriptos não serem bons, porque ninguem em principio pode manifestar-se causando admiração.  
Mesmo que mereçam criticas, deixem que critiquem os que fazem melhor, porque só assenta esta critica para elles...  
Nós bem conhecemos que critica elles merecem; mas, de competentes. Bem sabemos que os competentes não fazem isto, pois também não começaram fazendo o que fazem hoje.  
Demais, mesmo que isto elles façam, não nos encommoaremos, porque são sempre mestres.  
O que doe-nos é sermos debicados por incompetentes, isto é, por sujeitos que nada fazem e são apenas nuvens de fumo que procuram impedir a luz de estender-se sobre nossas aspirações.  
Portanto, elles que nos sigam, si querem, attendendo que não se começa, fazendo escriptos bons; e se não os querem, deixem nos seguir, não nos interrompam.  
Que nos deixem em paz, afim de os seus nomes não serem nossos assumptos, – são os nossos desejos.  
Ficando elles scientes de que isto não é direito (Romeu. In: O NECYDALUS, Aracaju, 5 de setembro de 1909, nº. 14, Anno I, p.3).

A propósito das críticas divulgadas no jornal *O Necydalus*, ainda encontramos escritos que fazem referência às iniciativas de plágio em jornais sergipanos de maior circulação e sem teor literário. Nessa passagem, deixam transparecer uma publicação lançada no jornal *Correio de Aracaju*, na qual um dentista de nome F. S. Britto Travassos faz uma exposição científica sobre odontologia, que, segundo eles, foi retirada da obra de um autor cearense.

O sr. Travassos, se esquecendo do incidente que com elle se passou nesta capital, ha quatro annos, volta novamente pelos jornaes a publicar artigos sobre odontologia, correctamente escriptos (como se elle soubesse!), artigos copiados de livros antigos e de conhecidos auctores.

[...]

O artigo de 15, sob o titulo supra, foi copiado do capitulo V, do livro *Higiene da Bocca*, escripto e publicado pelo sr. Anderson Ferro, do Ceará. Este livro, do qual tenho um exemplar, fica á disposição de quem quiser verificar a transcripção exacta e capciosa do celebre dentista Britto Travassos.

Basta ver a maneira pela qual escreve o sr. Britto Travassos, para justificar que aquillo não é d'elle (O NECYDALUS, Aracaju, 17 de julho de 1909, nº. 38, Anno I, p.4).

Outra crítica sofrida pelos estudantes que produziam *O Necydalus* foi feita por um aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, que, segundo informações do próprio jornal, era irmão de um dos alunos que escreviam nesse impresso e que se identificou como R. P. Este moço fez alguns insultos através de cartas, ocasionando, assim, espanto à redação desse semanário, quando descreve que “surpreendidos, como é natural, recebemos pelo ultimo vapor do Sul dous numeros do nosso modesto semanario – 30 e 33 – que vinhão anotados pelo *Valdimiro Reifer* e com a seguinte phrase n’um delles: R. P. envia para a redacção... de asneiras” (O NECYDALUS, Aracaju, 22 de julho de 1910, nº. 39, Anno II, p.4). A réplica noticiada pelos redatores de *O Necydalus* apresenta as seguintes indagações:

Agora vejamos quem é o asneirento, sr. Oldemar Pinto.

Transcrevamos para aqui todos os erros apontados pelo auctor do *Cemiterio*, producção não logrou ser publicada como veiu no original, afim de provarmos que é melhor errar com Bricio Cardoso, Felisbello Freire, Carneiro Ribeiro, Homem de Mello e outros publicistas e professores, que seguir os conselhos de um idiota, que quer por força, metter o bedelho onde não é chamado (O NECYDALUS, Aracaju, 22 de julho de 1910, nº. 39, Anno II, p.4).

Esses embates, pelo que levantamos na edição de número 31, ocorreram em função de um soneto enviado pelo aluno da Escola Militar do Rio de Janeiro, para uma provável publicação sem êxito no tabloide devido aos erros existentes. Os escritos desse aluno sofreram severas críticas dos produtores de *O Necydalus*, que manifestaram seu repúdio, dizendo:

R.P. – Rio. – Agua e conselho só se da a quem pede. Porque emmite conceitos em portuguez errado, com é o seu ‘quão levado de erros vem o referido jornalzinho?’

Ora meu amigo!... largue esta vida e... procure outra melhor.

Porque desmoralisa com uma estupidez a academia onde diz estudar?

Acaso no Rio não ha mais occupação para os burros?

Teriam os automoveis feito acabar com os carros de burro, para que o amigo esteja procurando collocação?!...

Adeus, não nos aborrece mais com suas advertencias pelo Correio.

É melhor dirigir-se á Carris Urbanos, que, sem duvida precisa de seus serviços phisicos.

M.S. – Aracaju – Os seus versos não podem figurar em Nossa Musa, por soffrerem de reumatismo chronico (O NECYDALUS, Aracaju, 29 de maio de 1910, nº. 31, Anno II, p.3).

Embora esses impressos não tenham sido produzidos por uma única pessoa, como ocorria com os pasquins, tinham um linguajar bem agressivo no que se refere aos insultos e acusações, devido à “violência da linguagem, a invasão da vida particular e íntima, a difamação organizada, a devassa na conduta das pessoas, não foram, certamente, normas privativas do pasquim, muito menos a sua característica única e imutável” (p.163). Muitos dos semanários, assim como os pasquins, tornaram-se verdadeiros órgãos também de “xingamento, destinados a expor ao ridículo ou a atemorizar personagens do outro lado” (SODRÉ, 1999, p.165).

As críticas pela má qualidade dos escritos eram comuns em *O Necydalus* a ponto de criarem uma seção denominada “Cadinho da Casa”, assinada por Eu & Cia. Nela existiam matérias destinadas apenas a críticas quanto a erros ortográficos de outros jornais em suas produções, réplicas contra protesto de insultos vindos de outros jornais ou de correspondências enviadas à redação, reivindicações de assinantes contra outros tabloides e, principalmente, comentários bem diretos a respeito do material que era enviado por colaboradores para serem noticiados<sup>35</sup>.

No número 36, encontramos na citada seção, uma publicação sobre protestos de um dos assinantes que reivindicava contra acusações feitas pelo jornal *O Espião*, o qual afirmava que ele havia recebido a assinatura do jornal, mas não teria feito o pagamento. O rapaz, que se identificou por Rinaldo Costa, usou o espaço de *O Necydalus* para contestar tal denúncia, pronunciando que não assinava nenhum jornal

da terra, a não ser o ‘Necydalus’ cuja assignatura lhe pedi, por um cartão, logo que aqui cheguei, e que ainda hoje mantenho e hei de manter com muito gosto!!...

Assim sendo, peço-lhe encarecidamente a publicação destas linhas mal rabiscadas, que vão como protesto, para que o publico saiba que é injusta aquella offensa (O NECYDALUS, Aracaju, 10 de julho de 1910, nº. 37, Anno II, p.4).

Uma seguinte questão apresentada nessa seção, diz respeito aos escritos dos próprios colaboradores do jornal, tecendo críticas ou sugestões às produções recebidas que seriam analisadas com um parecer dos seus redatores para decidir quanto à sua publicação.

---

<sup>35</sup> “As discussões sobre as formas corretas da escrita, os estilos e as possíveis reformas ortográficas da língua são temas que mobilizam tanto eminentes intelectuais do período como alguns jornais da imprensa operária. A crítica dos novos companheiros de imprensa, seção obrigatória em quase todas as publicações da época, tem como um dos elementos fundamentais a apreciação sobre a obediência às normas corretas da linguagem” (CRUZ, 2000, p.173).

Essa seção, segundo os responsáveis pelo jornal, foi criada para o “bem da moralidade do leitor”. Nela aparecem comentários relacionados aos escritos que eram enviados à redação para uma suposta exposição editando, em um dos seus trechos, que “o seu soneto precisa ser derretido e purificado, por ser um mixto de ouro, terra, areia, etc., para depois ser publicado” (O NECYDALUS, Aracaju, 26 de maio de 1910, nº. 30, Anno II, p.4).

Em outros instantes descreve que “quanto á orthographia é a peor possivel. Depara-se a cada passo com coisas apavorantes. Parece-nos que o anno passado os seus escriptos erão mais correctos. Evolução a ‘carangueijo’, por conseguinte” (O NECYDALUS, Aracaju, 8 de maio de 1910, nº. 28, Anno II, p.4).

Mais uma passagem que destacavam noticiava a seguinte afirmação: “Pode ser publicado o seu escripto, porém, por ora não, porque está no estaleiro, e talvez mais tarde, com novo casco e novos mastros, saia a deslizar pelos mares azuis da vista do publico” (O NECYDALUS, Aracaju, 8 de maio de 1910, nº. 28, Anno II, p.4).

Mencionamos ainda um comentário sobre os escritos de um dos colaboradores que se identificava pelas iniciais G. M. ao divulgar que “os seus versos não podem absolutamente servir; são além de tudo sem sentido, e por mais que os lessemos não podemos applicar-lhe um emplastro” (O NECYDALUS, Aracaju, 2 de maio de 1910, nº. 27, Anno II, p.3).

Essa medida tomada pela seção “Cadinho da Casa”, assinada pela designação Eu & Cia, também foi alvo de crítica por parte do jornal *O Espião*, que dirigiu acusações e insultos ao referido periódico dos estudantes do Atheneu Sergipense.

Gervasio Lobato o celebre humorista luzitano affirma na sua Lisboa Alegre que: existem varias especies de typos porem nenhuma tão pernicioso como a dos idiotas.  
Entre nós é a que mais abunda.  
Está neste caso o espirituoso Eu & C. do Necydalus jornal que si diz dos Estudantes do Gymnasio Sergipense.  
Duvido de tal paternidade.  
O fantoche, sr. Eu & C. não seria levado a serio, si a sua lenga lenga de espirito a martello não encerrasse um grande abuzo (R. V. In: O ESPIÃO, Aracaju, 8 de maio de 1910, nº. 17, Anno II, p.2).

A crítica feita pelo jornal *O Espião* aparece em função de um dos escritores de *O Necydalus* não ser estudante do Atheneu Sergipense, sendo então considerado intruso pelos redatores daquele periódico. Essa acusação aparece ainda na seção “Cadinho da Casa”, quando eles se referem ao indivíduo que se identifica pelas iniciais R. V., dizendo

que os colaboradores desse jornal de estudantes não querem “vê-lo, isto de alma de jornaes pequenos não é conosco. É melhor cuidar da decantada agencia jornalística (O NECYDALUS, Aracaju, 2 de maio de 1910, nº. 27, Anno II, p.3). Diante destas insinuações, o escritor de *O Espião* descreve sua defesa:

nunca remetti nada para o Necydalus, nem tão pouco já me *arvorei em alma de jornaes pequenos*.

Mentira!

Ligam-me ao redactor do Necydalus, laços de verdadeiras sympathia, e para elle appelo si em tempo algum já solicitei do seu jornal um cantinho, ao menos, para minhas asneiras.

Não sou litterato, e o Necydalus tem fôros de um jornal de letras.

Não sou alumno do Gymnasio para ter direitos de collaborador, n’um jornal que affirma ser orgam dos interesses da classe.

Como justificar a minha ousadia em mandar collaboração para suas paginas?

Não pegou.

Serei tudo, menos um entruzo, e disto bem sabe o sr. Gentil Tavares.

Que saiba tambem esse grande títere que no seu cadinho mellou os dedos (R. V. In: O ESPIÃO, Aracaju, 8 de maio de 1910, nº. 17, Anno II, p.2).

Mesmo negando as denúncias, o que se percebe é que a redação de *O Necydalus* recebia produções de vários indivíduos, inclusive de pessoas que não apresentavam vínculos com o Atheneu Sergipense, apesar de não ser este o propósito do jornal.

É possível que lá uma ou outra vez acceitemos collaboração de pessoas estranhas a nossa classe. Pode ser mesmo que um dia tenhamos que lançar mão desse recurso, por necessidade. Mas nutrimos a esperança de que os nossos velhos companheiros não nos deixarão chegar a esse ponto. O nosso pessoal ha de nos bastar, como nos bastou fartamente o anno passado (O NECYDALUS, Aracaju, 1º de maio de 1910, nº. 27, Anno II, p.1).

Assim, convida para os “collegas ainda não ‘experimentados’ a apparecer” (O NECYDALUS, Aracaju, 1º de maio de 1910, nº. 27, Anno II, p.1), instigando estes jovens a se manifestarem no jornal através de suas collaborações e a se prepararem para a luta, pois “luctar é vencer”, colocando em prática seus conhecimentos e destrezas na arte da escrita.

Muitos dos jornais literários que descrevemos conviviam sob pressões causadas por críticas de outros periódicos, o que nos permite afirmar que, possivelmente, tenha sido este o maior motivo das preocupações e exigências dos redatores de *O Necydalus*, a ponto

de criarem uma seção exclusiva para fazer críticas, correções e sugestões quanto ao material que era enviado para ser publicado em seus exemplares ou, como bem dizem, como maneira de ganhar “cotação litteraria” e respeito no campo das produções.

Trilhando por alguns comentários do jornal ainda detectamos que havia insistências, por parte de determinados escritores em publicar nesse impresso. Tal constatação deu-se em função da publicação feita pelos “amoreiras”, veiculadas nas páginas de *O Necdalus* com a seguinte nota: “ainda volta? Isto é apenas ser imprudente. Pois achou pouco o que disse de nós?!” (O NECYDALUS, Aracaju, 2 de maio de 1910, nº. 27, Anno II, p.3).

Mais um ponto a ser observado nesses escritos é que o jornal *O Necdalus* era um exemplo a ser seguido, a ponto de outros jovens pedirem opinião para também fundarem outros periódicos, dando a entender que era um impresso visto com bons olhos por muitos que o leram. “Si não o conhecessemos havíamos de dizer que tinha endoidecido, visto pedir-nos esclarecimentos para fundar A Careta Sergipana, revista que nunca sahirá. Demais, não é vossê já uma careta?” (O NECYDALUS, Aracaju, 2 de maio de 1910, nº. 27, Anno II, p.3).

Um outro jornal que sofreu julgamentos foi *A Folha de Sergipe*, com críticas relacionadas, na maioria dos casos, às questões gramaticais, direcionando alguns erros específicos que ocorriam em suas publicações, como verbos no plural com sujeitos no singular, mau uso do objeto direto e emprego incorreto da crase. Estes eram pontos questionados, por exemplo, na matéria de um desembargador, que denominaram de Emilio d’Al, por sua publicação nesse periódico.

Nunca pensei de me rir tanto, quando li na *Folha* um escripto de Emilio d’Al ou Dr. Vargas.

Nunca!

Fazia antes uma idéia mais elevada da redacção da *Folha*, pois quem acceita taes artigos, que aqui no *Necdalus* teriam o seu destino merecido – a cesta, não merece que se lhe chame redactor!

Esta é toda a minha franqueza!

É preciso lembrar a este redactor de escriptos idiotas que Sergipe é que tem mais dado os grammaticos brasileiros atuaes e que, elle fabricando artigos envergonhadores, não posso absolutamente ficar calado, como estudante de Maximino, João Ribeiro e outros!

Protesto, em nome dos mestres, contra esta indecorosa grammatica, de que somente faz uso o Emilio d’Al (O NECYDALUS, Aracaju, 18 de julho de 1909, nº. 7, Anno I, p.2).

Semelhantes críticas são direcionadas novamente ao jornal *A Folha de Sergipe* quando apresentaram o uso incorreto da crase nas páginas desse periódico, abordando que “nos lugares que são necessarios não os empregam, nos que não são precisos collocam-nos [...]. Que corrijam, a bem do progresso, este erro!” (O NECYDALUS, Aracaju, 24 de outubro de 1909, nº. 21, Anno I, p.4). Esses julgamentos aparecem igualmente em forma de quadrinhas na edição 26.

No meio de tanta bulha,  
Que tem havido e haverá,  
Tudo pensam em corrigir,  
Menos a *Folha* e seu *a*.

Os fatos expostos levam-nos a crer que essas exigências gramaticais tenham sucedido em função da influência do professor Brício Cardoso, que “construiu as ‘Apostilhas de gramática: (aos meus discípulos)’ e as publicou metodicamente em jornais, discutindo desde as teorias de linguagem a fatos eminentemente ligados à teoria gramatical” (GALLY, 2004, p.19). O catedrático não estava preocupado somente com o “como” ensinar, mas com “o ‘que’ ensinar aos ‘guapos’ alunos também era motivo de preocupação do jovem Brício. Daí, portanto, a necessidade em se demonstrar a importância da gramática da língua vernácula intelectual de seus discípulos” (GALLY, 2004, p.92).

A autora afirma ainda que a atitude de Brício Cardoso tenha sido uma estratégia “política ou manutenção do respaldo intelectual. O certo é que Brício formulava suas categorias teóricas, principalmente acerca da gramática da língua vernácula, para com elas obter prestígio do qual precisava para ascender-se socialmente no meio em que vivia” (GALLY, 2004, p.101). Alves (2005a), ao reportar-se às finalidades dos estudos gramaticais ministrados no Atheneu Sergipense, aponta que

deveriam revestir-se da maior simplicidade, limitando-se ao estritamente indispensável, para que o aluno adquirisse a elocução exata. Prescrevia a Lei que o professor desenvolvesse seus trabalhos com exercícios graduados de redação do pensamento, na leitura dos prosadores e poetas, com os quais se familiarizaria [...] os conteúdos a serem estudados e os meios pelos quais os professores deveriam pautar suas aulas, de modo que, ao final do curso, os alunos alcançassem êxito no falar e exprimir-se por escrito na língua nacional, além de acumular conhecimento dos prosadores e poetas brasileiros e portugueses. Contribuiria, portanto, esse saber, para a formação dos sujeitos que seguissem para os cursos superiores ou desenvolvessem funções diversas na sociedade (ALVES, 2005a, p.94-95).

É provável que baseado em tais princípios, muitos desses escritores/jornalistas, ao escreverem, espelhavam-se em poetas e prosadores famosos, tentando colocar em prática a eloquência adquirida durante as aulas ministradas no Atheneu Sergipense.

No que se refere ao jornal *O Espiã*, quando este surge em público é noticiado por *O Nocydalus* como um impresso que vem para entrar no embate de disputa com outros jornais, que denominaram de frequentadores de jardins.

Serve de titulo a esta ligeira noticia o nome do sympathico jornalzinho, de há muito esperado, e que domingo circulou pelas ruas da nossa bella Aracajú, tendo por programma combater, sobretudo, os frequentadores do jardim (O NECYDALUS, Aracaju, 20 de junho de 1909, nº. 3, Anno I, p.2).

Antes mesmo de o novo impresso ser divulgado pelas ruas sergipanas, já havia temor por parte de alguns periódicos, como foi o caso de *O Espião*, que se manifestou em sua defesa contra os propósitos divulgados pelo programa do novo jornalzinho que seria lançado no mercado.

Numa revoada alarmante de insultos tolos e irrespondiveis, appareceram entre nós, centenas de boletins, prenunciando a vinda de mais um collega que sob o nome de Espiã, vem segundo reza a seu programma fazer-nos as maiores pirraças, contradizendo-nos as ideias, expondo-nos ao ridiculo de suas apreciações nullas e absurdas.

Para nós o apparecimento de tal epidemia nos traz o menor vislumbre de medo; temos comnosco o melhor preservativo existente para tal fim: – a resposta sempre franca a vergastada sempre cruel emfim um bonito jacaranda para os extremos fins.

Que surja o Espiã, que appareça cumprindo a risca o programma traçado, pouco se nos importa: porem emquanto a sua ameaça faz-nos o mesmo effeito que a um gigante fazia, o inesperado apparecimento de qualquer anão.

O Espião continuara na sua trajectoria de sympathias alvorando bem alto a bandeira gloriosa do seu passado, baluarte imperecivel do seu poderio atravez dos mares da opinião publica, convicto de que os louros obtidos em passadas luctas são garantias sólidas para o seu futuro.

Que venha a nullidade do senr, Espiã, nos o receberemos de luva branca e cipó caboclo (O ESPIÃO, Aracaju, 6 de junho de 1909, nº. 47, Anno I, p.1).

Outra repreensão divulgada no jornal está relacionada a um artigo escrito por um jovem de nome Costa Filho, que teria sido publicado no *Jornal de Sergipe*, tecendo comentários maldosos sobre a mocidade sergipana, acusando-a de degenerada, servil,

corrompida e ignorante, causado conseqüentemente aborrecimentos aos jovens redatores de *O Necdalus*, que procuraram proteger-se.

Não sabemos ainda, ninguém pode adivinhar, para que fim ou para agradar a quem, ou que saldo moveu a mão do sr. Costa a rabiscar aquellas linhas dirigidas e dedicadas á mocidade de sua terra, que logo no começo de sua vida, e quando a ella pertencia, consagrou-lhe algumas esperanças, porém que não logrou vel-as fortificar porque o sr. Costa desviou-se por completo da recta principiada, indo embrenhar-se no labyrintho da torpissima politicagem, onde fez do chingamento arma predilecta contra todos que não lhe satisfazião as necessidades, ou que se acovardavão pagando-lhe as calumnias e os palavrões (O NECYDALUS, Aracaju, 7 de agosto de 1910, n.º. 41, Anno II, p.1).

Muitos indivíduos acabavam se utilizando da imprensa para satisfazer seu ego ou como estratégia para alcançar interesses, inclusive, ligados às questões políticas, pois, como afirma Sodré (1999), a “imprensa se desenvolve em estreita ligação com a atividade política” (SODRÉ, 1999, p.105). Como no caso da crítica relacionada ao jovem Costa Filho, que, segundo insinuações, fez uso de acusações em jornais com o intuito de alcançar algum propósito. Ao investigarmos sua trajetória, observamos que tempos depois ele assumiu a legislatura de 1912-1913 como deputado estadual, “tendo feito parte da mesa como segundo secretario. Em 1913 serviu interinamente como procurador da Republica, por nomeação de 8 de novembro” (GUARANÁ, 1925, p.200)<sup>36</sup>.

Aparecem ainda comentários no jornal direcionados ao ex-estudante da Escola Agrícola Salesiana, a Tebaida<sup>37</sup>, município de São Cristóvão, e na época, aluno do Atheneu

---

<sup>36</sup> Jovem natural de Propriá, onde estudou as primeiras letras, vem para Aracaju em 1903, em busca de espaço para a atividade intelectual, fazendo estudos de preparatórios no Atheneu Sergipense. Em 1904, segundo Guaraná (1925), “entrou para a redacção do ‘Jornal de Sergipe’, revelando desde logo qualidades de jornalista. Devotado ao grande tribuno Dr. Fausto Cardoso acompanhou-o na jornada politica de 1906, soffrendo com elle os dissabores das luctas partidarias.

Neste anno esteve no Rio de Janeiro, occupando alli os logares de revisor da Imprensa Nacional e fiscal de vehiculos, tendo recusado o logar de 4º escriptuario da Alfândega de Corumbá, para a qual fôra nomeado pelo ministro Bulhões.

Na capital Federal fundou com Francisco Campos o jornal ‘A Pátria’ que teve curta duração.

Demorando-se pouco na capital da Republica e regressando ao Aracajú, continuou a se consagrar ao jornalismo fazendo parte simultaneamente das redacções do ‘Jornal de Sergipe’, ‘Diario da Manhã’ e ‘Correio de Aracajú’ na sua primeira phase” (GUARANÁ, 1925, p.200).

<sup>37</sup> De acordo com Nunes (1984), com a “chegada dos discípulos de Dom Bosco em terras sergipanas data de 1902 quando, a pedido do então Presidente do Estado Monsenhor Olímpio Campos, fundaram a Escola Agrícola Salesiana, a Tebaida como era conhecida, para meninos desvalidos. Teve, porém, pouca duração ante a ‘insalubridade, a pobreza ambiental e a ausência de cooperadores. Os Salesianos estavam por alguns anos ameaçados e desamparados, a obra feneceu e transferiu-se dali poucos anos depois” (NUNES, 1984, p.204).

Sergipense, Enoch Santiago Mathuzalém<sup>38</sup>, que, por ter seus registros recusados pelo jornal *A Folha de Sergipe*, tornou-se tempos depois colaborador de *O Necdaluz*.

A primeira explanação a respeito da publicação de Enoch Santiago na *Folha de Sergipe* surgiu no número 11, quando fazem críticas a esse acontecimento dizendo que “a terrível nova que vos dou é esta: – o Enoch vae publicar uma Chronica, na Folha!!! Oh! Deus, que horror!” (Petronio. In: O NECYDALUS, Aracaju, 15 de agosto de 1909, nº. 11, Anno I, p.3). No número seguinte aparece a seguinte matéria.

Este mocinho mandou, não ha muito tempo, uma chronica para a *Folha de Sergipe*, criticando a todos nós do *Necdaluz*.

Não sei por que, a tão decantada e *competente chronica* não sahio.

Bom... o Enoch andou muito arrependido por ter assim procedido e ter seu triste papel chegado ao nosso conhecimento; mas que fazer? É o caso; o arrependimento sempre chega tarde.

Nós soubemos e calamo-nos.

Mas vejam: que não é passado muito tempo depois que isto aconteceu.

Como são as coisas! Veio agora a trazer-nos uma poesia para ser publicada no *Necdaluz*.

Nós não lhe apresentamos nenhum obstaculo, sem dizer-lhe talvez publicamos sua poesia no primeiro lugar da nossa *Musa* (Romeu. In: O NECYDALUS, Aracaju, 22 de agosto de 1909, nº.12, Anno I, p.1-2).

A poesia escrita por Enoch Santiago e dedicada a Arthur Prado Sampaio, seu colega de turma do Atheneu Sergipense, foi publicada na seção “A Nossa Musa” do número 11, como mostra a figura 4.

A partir dessa publicação, Enoch Santiago tornou-se colaborador frequente do jornal; mas mesmo assim continuou sendo criticado pelos seus colegas mediante algumas atitudes que tomava em sua trajetória jornalística.

Enock Santiago, e uns artigos que sobre o Esperanto escreveu e pretendia publicar, pois mandou para O Estado, assignou o pseudonymo W. Ávila, o qual como se sabe é nome de distincta senhorita de nossa sociedade.

Muito bem Enoch. Por acaso lhe ensinaram isto lá pela Thebaida!? (Riquito. In: O NECYDALUS, 2 de outubro de 1910, nº. 49, Anno II, p.4).

---

<sup>38</sup> Natural de Lagarto, Enoch Santiago, segundo Guaraná (1925), teve seus “estudos feitos a princípio na Escola Agrícola Salesiana na Thebaida, município de São Cristovão, continuaram no Aracajú, com diversos professores, particularmente, de modo especial com João Hemerito de Gouveia e Silva. Em novembro de 1906 foi nomeado continuo da Inspeção de Hygiene e em 5 de Março de 1907 transferido para igual cargo na Recebedoria do Estado, onde foi promovido a guarda conferente no dia 28 de Dezembro de 1911.” Fundou e assumiu a redação de jornais, sendo secretario e orador do Gabinete de Leitura de Maruim (GUARANÁ, 1925, p.71).

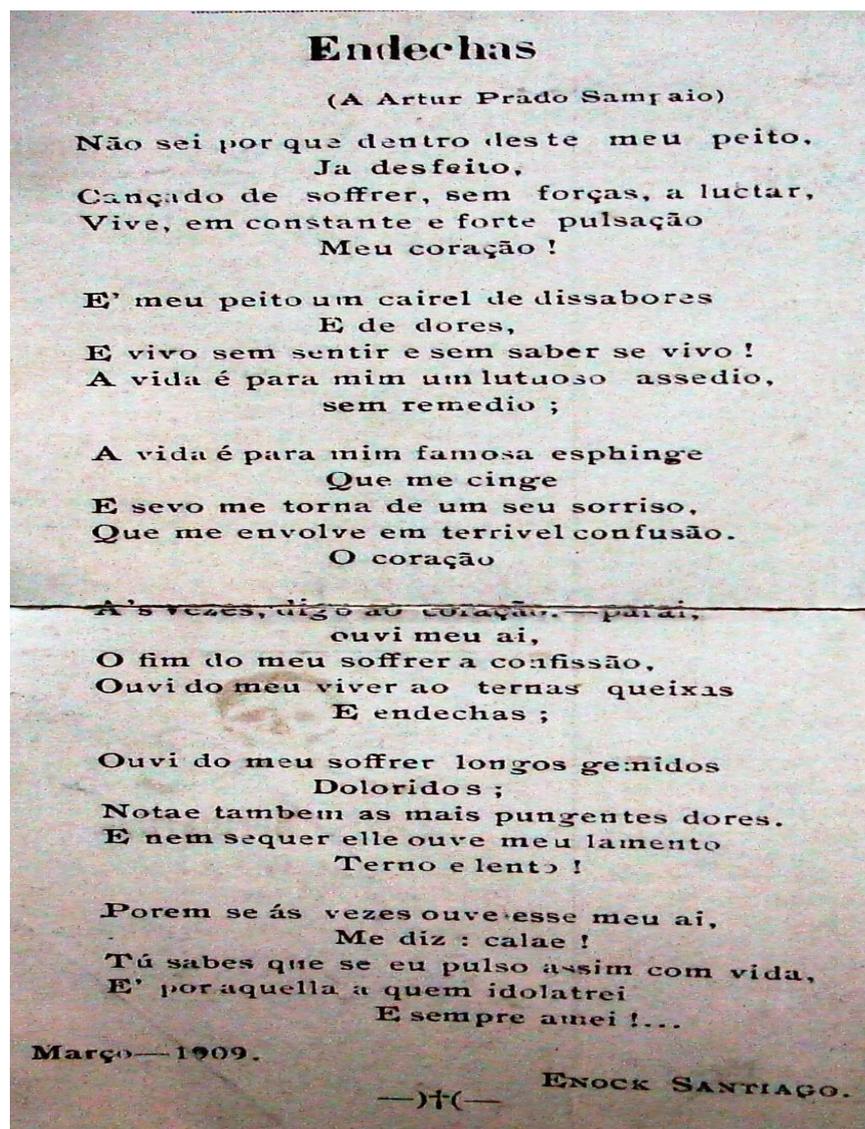


Figura 4 - Poema escrito por Enock Santiago

Fonte: Jornal *O Necdalus*, Aracaju, 15 de agosto de 1909, n.º 11, Anno I, p.4.

Outras repreensões relacionadas à postura de Enock estão presentes nesse impresso ao ser publicada a seguinte afirmação:

O discurso do Enock, na festa do Cotinguiba, versou, além do mais, sobre geographia, astronomia, sociologia e philosophia, esquecendo, porém, de anemia cerebral que é a molestia do Enock.

A prova disso, está em ter elle esquecido que era brasileiro e ter dito que a grande Grécia é a nossa mãe commum (Riquito. In: *O NECYDALUS*, 25 de agosto de 1910, n.º 43, Anno II, p.4).

Mesmo sendo alvo constante de críticas no Jornal *O Necdalus*, o aluno Enock Santiago tinha a admiração de seus colegas quando, em algumas ocasiões, referiam-se a ele

da seguinte forma: “o aprecio, porem quando lembro-me da sua bella acção com meus collegas, não deixo de ter qualquer cousa de prevenção contra elle” (Romeu Palmares. In: O NECYDALUS, 9 de novembro de 1909, nº. 23, Anno I, p.2). Em outro escrito, lemos as insinuações de agradecimento na seção “Palestra”, no último número publicado em 1909, quando o jornal saiu de férias, na qual mencionava o nome de alguns colaboradores fazendo despedidas, inclusive, a Enock Santiago com gestos de afeição. “Não posso (ia-me esquecendo!) deixar de cumprimentar ao Enock, o meu querido Enock...”. A prova de tal admiração é revelada quando este moço assume tempos depois a seção “Mundo a fóra” a partir do número 55.

Os questionamentos sobre Enock Santiago e a autenticidade da vinculação do jornal *O Neczydalu*s à literatura também se fizeram presentes nas páginas de *O Espião*:

O querer é poder.

Mentira! Protestamos com todas as forças dos nossos abençoados pulmões, ainda não atingidos pela tuberculose da immaculada.

As provas temol-os aos centos.

Vejamos um pouco dellas:

O *Neczydalu*s tem uma vontade doida de ser um jornal litterario, com inovações de esthetica e direção nephilibatas.

E o tem conseguido?...

Enock Santiago desde que abandonou a exitencia mystica da santa Thebaida, dedicou-se as lettras, e o seu unico desejo é que o povo o classifique de alguma couza na seleção dos escriptores cá da terra.

E assim já succedeu? (O ESPIÃO, Aracaju, 25 de setembro de 1910, nº. 35, Anno II, p.2).

Ao considerarmos as matérias relacionadas às críticas presentes neste impresso, é provável que os redatores do jornal *O Neczydalu*s tenham feito uso dessa tática como uma forma de defender-se contra as acusações, prática que se mostrou muito comum entre os impressos literários. Essas reações podem ter sido uma maneira para permanecer circulando ou, quem sabe, como uma forma de evidenciar suas habilidades para escrever e sua credibilidade produtiva, com exigências criteriosas para com aqueles que pretendiam fazer suas exposições literárias, já que qualquer lapso era razão para críticas de outros jornais, e seu reconhecimento seria motivo para alcançar prestígio no âmbito social.

Segundo Freitas (2000), “o jornal, o livro e as revistas surgem em melhores condições como atestados da nossa atividade intellectual” (p.43). Diz ainda que o “papel dos periódicos, a ‘influência’ científico-literária dos jornais, mencionada parágrafos atrás, vai além da estratégia de consagração literária” (FREITAS, 2000, p.43).

Esse fato é confirmado por Gally (2004), ao destacar que as publicações dos escritos de Brício Cardoso nos jornais davam “não só notoriedade ao autor sobre o assunto abordado e, portanto, mais status intelectual e mais prestígio” (GALLY, 2004, p.102).

Com isso, torna-se inegável que, pelo fato de os jornais estarem tão interligados ao catedrático Brício Cardoso, que considerava seus alunos como discípulos, permitiu, por meio dessa relação, que esses moços fizessem uso das publicações nos jornais de forma tão criteriosa, a fim de legitimarem sua erudição e se tornarem reconhecidos dentro do círculo de intelectuais sergipanos.

## 2.2 – A presença feminina no jornal *O Necdalus*

Ao refletirmos sobre as produções editadas nas páginas desse periódico, foi possível observar que nele havia também a presença feminina, uma vez que as mulheres colaboraram nas produções de seus escritos, publicando, predominantemente artigos e sonetos. Nesse sentido, é interessante nos remetermos às representações da mulher no jornal, destacando que suas participações estavam mais relacionadas a fatos religiosos e às questões sentimentais.

Entre as publicações encontradas, observa-se que algumas delas se referem às alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes<sup>39</sup>, as quais foram publicadas em dois números suas redações das aulas de Português, denominadas pela redação do jornal de “Notas collegiaes”. Nesses dois exemplares encontramos quatro redações designadas com o mesmo título – “Jesus”, nas quais as alunas descreveram sucintamente sobre a vida e morte de Jesus Cristo.

---

<sup>39</sup> “O Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fundado em 1903 em Aracaju pelas Religiosas Irmãs Sacramentinas sediado em Valence (França), aceitava alunas internas, semi-internas e externas. Assim o definia o anúncio inserido na Folha de Sergipe, número 371, de 19/1/1911: ‘Provido de pessoal docente escolhido dentre os principais da França, ministrará o ensino primário integral em escolas graduadas sob a imediata inspeção de sua diretoria.

Além do ensino de costura e prendas, mantém o curso de música teórica, piano e bandolim. As cadeiras do ensino primário e de Português estão a cargo de professores brasileiros” (NUNES, 1984, p.204-205).

As publicações que aparecem no jornal eram de autoria das alunas Josepha Mont'Alegre, Elphidea Freire, Aurélia Leite e Annita D. Rollemberg. A redação de Josepha diferenciou-se das demais por iniciar seu texto falando da importância de ler e escrever para em seguida discorrer sobre o tema previsto.

O meu digno Professor de Portuguez, deu-me hontem, a ler nos 'Auctores Contemporaneos', um artigo importantissimo de Antonio de Castilho<sup>40</sup>, o qual tem como titulo o seguinte: – 'O Escrever e o Ler' – uso as mesmas expressões de A. Castilho, no texto já referido. – Como é bello o Escrever e o Ler. Uma folha de papel, que a principio não foi mais, que umas ervinhas verdes, etc; e atina um trapo desprezado e esquecido; uma folha de papel pôde ser uma origem de delicias e venturas! – Por meio d'ella é que posso escrever, formando proposições que serão, com alegria e sorrisos, lidas pelos meus amaveis e bons Paes (Josepha Mont'Alegre. In: O NECYDALUS, Aracaju, 20 de junho de 1909, nº. 3, Anno I, p.3).

Os registros dessas alunas comungam com as ideias de Inácio Filho (2002), que afirma: a “influência de valores religiosos que permearam os processos educacionais, cultivava no ser feminino a docilidade e obediência” (INÁCIO FILHO, 2002, p.57). Mostra-nos, ainda, que a educação oferecida às mulheres por entidades religiosas procurava “formar a mentalidade de quem assumiria a direção da educação dos filhos, possibilitando assim manter a influência da Igreja católica na sociedade brasileira em geral” (INÁCIO FILHO, 2002, p.62).

Um outro ponto a ser observado, diante dos indícios deixados pelas alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes e dos levantamentos feitos por Gally (2004) é que essa iniciativa de publicação dos escritos escolares nos jornais deveu-se, provavelmente, ao professor Brício Cardoso, que ministrava também aulas de Português naquele Colégio.

Assim, Brício rendeu-se ao serviço do magistério. De suas alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, por exemplo, Brício pedira-lhes um retrato para que fossem avaliadas em composição descritiva. Publicadas em jornal local, essas descrições pautavam-se rigorosamente em dois aspectos: o físico e o psicológico, também conhecido como o moral. Essas composições faziam parte dos estudos de língua portuguesa, onde se aprendiam a ler e escrever, prática recorrente à época no tocante à forma prescrita para compor-se um retrato (GALLY, 2004, p.74).

---

<sup>40</sup> “Antonio Feliciano de Castilho (1800-1875), conhecido escritor português do Romantismo, e autor do *Método Castilho de leitura repentina*, livro dirigido aos estudos primários, empenhara-se na década de 1850, para ser adotado no Brasil” (RAZZINI, 2000, p.51).

Pressupõe-se também que esse professor tenha auxiliado as alunas a escreverem não só descrições de retrato como outros tipos de produções, como vimos nas páginas do jornal *O Necdalus*. Essa era uma prática utilizada por Brício Cardoso que, segundo hipóteses levantadas por Gally (2004), “estrategicamente publicizava os trabalhos de seus alunos para legitimar-se e manter-se respaldado diante da elite intelectual da qual fazia parte. Servia-lhe como uma espécie de propaganda educacional” (GALLY, 2004, p.74).

Sendo assim, encontramos, nesse impresso, exposições de alunas e professoras da Escola Normal nas seções denominadas “A nossa musa” e “Silhueta” em que eram publicados sonetos. Entre as colaboradoras localizadas, podemos mencionar as alunas Carlota Salles de Campos, com seis sonetos noticiados, e Zulmira de Mello Cardoso, além da professora Etelvina Amália Siqueira, com o total de três sonetos e um artigo sobre a Escola Normal. Entre as produções de Carlota Salles de Campos destacamos:

### **Ave Maria**

Hontem á tarde, era um kirie santo  
A natureza. Que painel mimoso!  
Na extrema do horisonte o sol pendia,  
Agonizante, triste, pezaroso.

A brisa murmurava a triste endeixa.  
Desprendendo perfumes docemente;  
As aves pressurosas regressavam.  
Num mórbido gorgear, triste, dolente.

Subia a tarde em carro vaporoso.  
Volvendo para a terra um adeus saudoso.  
Pois tudo no crepusc’lo s’envolvia;

Enfim n’essa hora tetrica eu scismava,  
E no vago scismar m’ajoelhava,  
Para ouvir o tanger da Ave Maria!

Carlota Salles de Campos

Segundo Guaraná (1925), Carlota Salles de Campos, após ter ingressado na carreira do magistério como professora de alguns grupos escolares sergipanos, conseguiu, juntamente com seu irmão Lindolpho Salles, publicar “um livro de prosa e verso intitulado, ‘Colmêa de Rosas’” (GUARANÁ, 1925, p.53). Um outro livro de autoria de Carlota

recebeu o título de “Torturejos”, composto de versos escritos em 43 páginas, no ano de 1912, e publicado pela Tipografia Xavier. Neste livro, Guaraná (1925) faz referência ao soneto “Ave Maria”, dedicado à professora D. Mariana Diniz. Esse mesmo soneto, como vimos, já havia sido publicado no jornal *O Necdalus*.

Pelas exposições de sonetos ressaltadas nesse periódico estudantil, a aluna Carlota Salles já vinha afirmando seu talento e vocação para esse tipo de produção literária, o que levou, tempos depois, à publicação de livros com suas produções poéticas.

Essa atitude revela o entusiasmo tão enfatizado pelo jornal, incentivando a ingressar no caminho das letras como uma forma de obter êxito profissional, tendo sido este o caso de muitos alunos, a exemplo de Carlota Salles, que fez parte desse grupo de jovens e que, por meio da escrita, conseguiu trilhar o caminho do mundo intelectual, tornando-se poeta e professora, atuando além das fronteiras de Sergipe, levando seu conhecimento para regiões fora do estado com a Bahia e Recife<sup>41</sup>.

Conforme a “lei de acessos”, após formatura, a normalista deveria iniciar a carreira no interior. Inicialmente atuaria, em uma escola de primeira entrância, localizada em “um povoado. Passaria depois a lecionar em uma vila considerada segunda entrância. Em seguida, chegaria à terceira entrância, uma escola situada na cidade. Após sucessivas promoções, poderia lecionar na capital” (FREITAS, 2003b, 149). Essa aluna como relatou Guaraná (1925), iniciou sua carreira atuando em alguns locais do território sergipano.

Ainda quando estudante da Escola Normal, Carlota Salles já expressava um brilho especial, como foi percebido em outros momentos no jornal *O Necdalus*, meio em que se destacou por suas atuações, sendo reconhecida por seus semelhantes como uma inteligente poetisa.

As alumnas da Escola Normal, acompanhadas pela ilustrada professora d. Etelvina Amália de Siqueira, foram hontem á residência do distinto mestre, levar-lhe as suas felicitações, interpretando nesta ocasião os sentimentos de suas collegas a intelligente poetisa Carlota Salles de Campos, nossa distincta collaboradora. O nosso querido mestre, verdadeiramente emocionado, agradeceu, com palavras tocantes, a

---

<sup>41</sup> “Filha de Bemvindo Salles de Campos e D. Emilia Freire Salles de Campos, nasceu no Aracajú a 18 de novembro de 1884. Depois de um curso brilhante na Escola Normal, foi adjunta de um dos grupos Escolares, sendo em Julho de 1913 nomeada professora do Povoado *Calumby*, municipio de Socorro removida para o povoado *Telha*; municipio de Aracajú, e dahi para a *Barra dos Coqueiros*, do mesmo município, a 14 de Fevereiro de 1914. Em 28 de Agosto de 1918 foi promovida para a villa de Itaporanga e a 10 de Agosto de 1922 pediu disponibilidade da cadeira, seguindo para o Recife onde foi leccionar num collegio Americano Baptista. A 15 de Fevereiro de 1924 transferiu sua residência para a Cidade de Jaguaquara, (Bahia), onde foi empregar sua actividade num curso elementar no Collegio Brasileiro Egydio” (GUARANÁ, 1925, p.53).

manifestação que lhe faziam as jovens da Eschola Normal, onde esteve içada durante o dia a Bandeira Nacional, como prova de contentamento (O NECYDALUS, Aracaju, 10 de julho de 1910, n.º. 37, Anno II, p.4).

Esse gesto carinhoso comprova a admiração que a professora Etelvina Amália e suas alunas da Escola Normal sentiam pelo professor Brício, que, conforme indícios, pode ter sido o grande responsável pelas publicações dessas jovens no jornal.

Nesse mesmo periódico, no número 47, surge novamente a atuação de Carlota Salles, colocando em prática seu talento de poetisa, dedicando um soneto ao seu mestre, Brício Cardoso, que, diante das evidências, foi um grande incentivador das alunas desta instituição que, igualmente, o admiravam, assim como vários alunos do Atheneu Sergipense.

### **Deus**

(Ao professor Bricio Cardoso)

Foi numa tarde bella, eu bem me lembro.  
Quando a sós vagamente passeiava,  
Correndo o olhar em todo o azuleo orbe,  
Vendo os enleios que a natura dava.

O mar ceruleo, lindo reflectia  
O firmamento, o magestoso sol,  
E as nuvens purpurinas que formavam,  
Em doce rosicler, lindo arrebol,

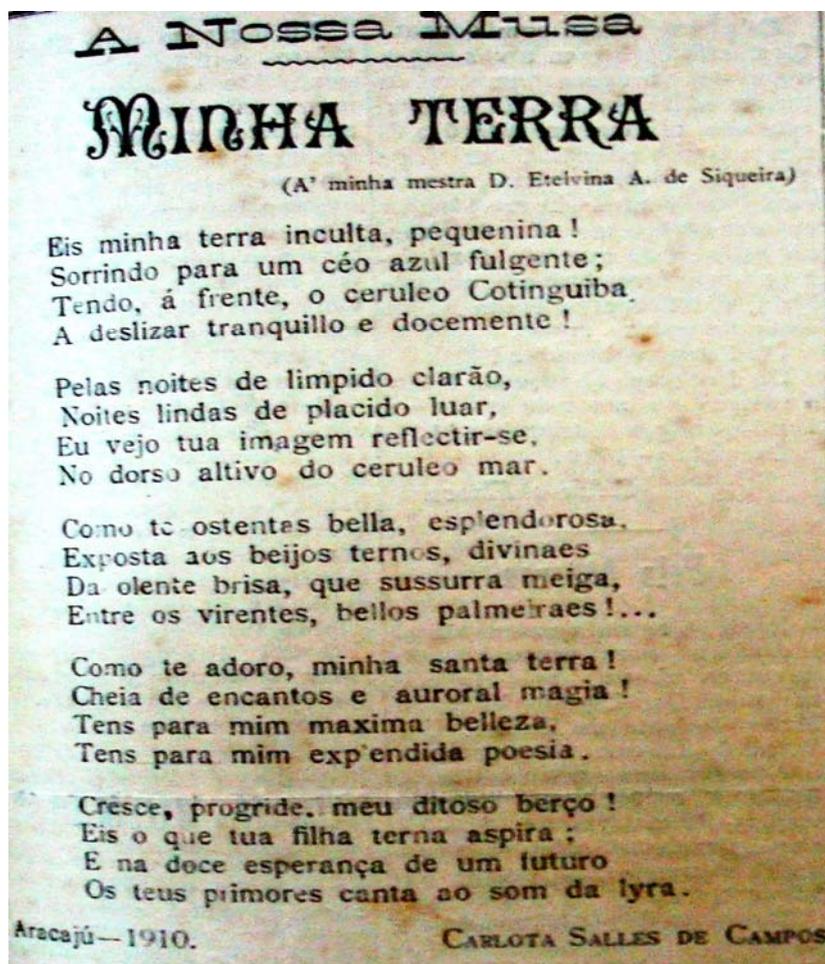
Perante tanto encanto eu me enlevava;  
Volvia a vista para o céu brilhante  
E a toda natureza eu perguntava:

Quem é o auctor desses encantos teus?!...  
E o echo responde-me além, vibrante,  
E' um ser supremo que se chama – Deus!...

Carlota Salles de Campos

Além do mencionado mestre, a professora Etelvina Amália de Siqueira deve ter, do mesmo modo, estimulado essa jovem estudante, já que Etelvina também teve repercussão na imprensa, sendo considerada por Nunes (2006) como a pioneira entre as mulheres sergipanas nas atividades intelectuais. A prova de sua admiração foi localizada

nas páginas do jornal *O Necdalys* onde escreveu um poema dedicado à sua mestra (Ver figura 5).



**Figura 5** – Poema dedicado à professora Etelvina Amália de Siqueira  
**Fonte:** Jornal *O Necdalys*, Aracaju, 18 de maio de 1910, nº. 29, Anno II, p.3.

É de grande relevância destacar que, nesse período, a mulher era valorizada pelo papel que desempenhava dentro do lar e definida pelo tipo de comportamento modelado segundo a educação que recebia, sendo vista pelo senso comum social como um “ser frágil, sensitivo, intuitivo, feito para as doçuras do lar e da maternidade e que, por isso, foi destinado à vida doméstica, aos cuidados do marido e da família” (INÁCIO FILHO, 2002, p.56). Este autor nos mostra ainda que

as formas de controle exercidas sobre a mulher no início do século XX permitem-nos compreender a relação existente entre as intenções pessoais femininas e as imposições sociais, formando assim um jogo dual entre as intenções individuais e sociais. Essa dualidade é percebida através da aceitação passiva tida como natural. A companheira do homem desempenharia, ao seu lado, um papel com capacidade de decisão,

inteligência, força e racionalidade, mas a educação que recebia procurava inculcar-lhe os valores sociais vigentes, aos quais, na prática, a mulher situava-se secundariamente, valorizando-se sua submissão (INÁCIO FILHO, 2002, p.55).

Diante de uma postura subordinada, a formação escolar feminina do início do século XX, centrada nas escolas privadas, que funcionava em regime de internato ou semi-internato, onde era realizado o ensino primário, levando, em seguida, a maioria dessas moças a ingressar na Escola Normal Rui Barbosa, instituição em que foram formadas várias gerações de intelectuais sergipanas<sup>42</sup>. Segundo Freitas (2003b), foi aceitável “perceber através das representações das ex-normalistas que o processo de ingresso na Escola Normal lhes atribuiu status. O conhecimento, o rigor na seleção, as distinguem do conjunto das jovens sergipanas que pretendem continuar sua escolarização” (FREITAS, 2003b, p.211-212).

É preciso esclarecer que nem todas as normalistas ao terminarem seu curso dirigiam-se ao magistério. Muitas “casaram-se logo depois de formadas e não exerceram a profissão. Outras se tornaram enfermeiras, e algumas deixaram de lecionar para trabalhar em diversos setores como funcionárias públicas” (FREITAS, 2003b, 147).

A aluna Carlota Salles foi exemplo de normalista que não se dedicou apenas ao matrimônio e às atividades domésticas. Ela, diferente da maioria, conseguiu “ir além dos tradicionais espaços sociais e intelectuais...” (DEL PRIORE, 1997, 453), dentro de um contexto social em que a mulher deveria ser mais educada do que instruída.

Nessa perspectiva, é interessante destacar que não só Carlota deu o ar da graça no jornal, um outro soneto, de autoria feminina pertencente à aluna Zulmira de Mello Cardoso, relacionado aos sentimentos íntimos, foi igualmente manifestado e dedicado aos seus familiares.

---

<sup>42</sup> Maiores informações sobre a Escola Normal consultar: FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco:** um estudo sobre as representações de ex-normalistas acerca da formação profissional e do ingresso no magistério (1920 – 1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/ NPGED. (Coleção Educação é História, 3). 2003b.

**(Aos meus idolatrados paes e irmãos)**

De Jerichó as rosas nacaradas,  
Os lyrios dos jardins orientaes,  
Eu julgo a'inda mesguinhas e fanadas,  
P'ra offerecer aos meus queridos paes!

Do affecto fraternal, immaculadas,  
Como notas gentis de madrigaes,  
Crescem-me n'alma rosas perfumadas,  
Frouxeis de pennas níveas, virginaes!

E tu, Jenny, que dormes reclinada,  
No teu leito florido, todo amôres,  
Entoa lá no céo terna balada.

Tece, bem lindo, das ethéreas flores,  
Para a titia, meiga, desvelada,  
Casto raminho, recendendo olôres.

Zulmira de Mello Cardoso

A professora Etelvina Amália de Siqueira<sup>43</sup>, que sempre atuou na imprensa com produções literárias, também deu sua contribuição através de algumas participações nesse periódico, enveredando pelos caminhos da literatura com publicações de sonetos e artigos relacionados à Escola Normal. Entre os sonetos, podemos destacar o que ela dedicou a sua amiga Guiomar Calasans. Como vimos, a prática de escrever esse tipo de poema e dedicar a alguma pessoa querida era bastante corriqueira nesse semanário.

---

<sup>43</sup> “Natural de Itabaiana, de posse do diploma de normalista conferido pela Escola Normal de Aracajú, a 11 de novembro de 1884, abriu em Janeiro do anno seguinte um curso primário e secundario, particular, que funcionou sob sua exclusiva direcção até 1900, quando a 13 de Novembro foi nomeada professora publica do povoado Barra dos Coqueiros, de onde foi removida a 31 de Janeiro de 1901 para a aula elementar, anexa á Escola Normal. Nomeada professora da Escola modelo por acto de 2 de Setembro de 1911 e auxiliar do director da Escola Normal e Annexa, passou a 27 de Setembro de 1912 a ser professora cathedra de portuguez da mesma Escola.[...] Por algum tempo frequentadora da imprensa [...], escrevendo versos e artigos literários” (GUARANÁ, 1925, p.75).

## Soneto

(‘A inteligente senhorita, minha particular  
amiguinha Guiomar Calasans.)

Oh! que saudade amarga e cruciante  
Meu Deus, eu sinto do viver de outr’ora!  
Tudo me falla do passado agora  
O mar, o Céu, a estrella rutilante...

E foge-me do peito mundo em fora  
O coração dolorido e palpitante,  
Ao som de um hymno, festival embora,  
Más entoadado em tempo tão distante!...  
Divino madrigal de minha infancia!...  
Em tuas notas leio o meu passado,  
Rosco sonho de estrellas matisado.  
Quanta doçura, que ideal fragancia.  
De minha mãe no beijo perfumado!  
Ninho de amor, feliz, immaculado!

Etelvina Amália de Siqueira

Segundo Nunes (1984), na “Hora Literária, sociedade com fins culturais que na época existia, encontra-se a presença feminina, destacando-se, entre outras, Etelvina Amália de Siqueira” (NUNES, 1984, p.255), mulher que, para muitos estudiosos, representou um marco no rompimento da posição de servilismo intelectual e do preconceito em relação ao vulto feminino da sociedade sergipana, que vivia submissa aos caprichos do homem e aos afazeres do lar, sendo definida como uma mulher:

cultora dos versos e da prosa, oradora vibrante, educadora, conhecedora do idioma pátrio, abolicionista convicta e, como tal, amante da liberdade e da República, participando, também através do jornalismo, dos problemas educacionais e sociais de sua terra (SANTOS, 1997, p.105)<sup>44</sup>.

Algumas dessas manifestações relacionadas à educação podem ser vistas no jornal *O Necdalus*, quando essa professora se pronuncia sobre a Escola Normal, publicando resposta a um ofício enviado pelos discentes da Escola Normal de Pernambuco,

---

<sup>44</sup> A respeito da professora Etelvina Amália de Siqueira, ver também: FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política**: sergipanas no início do século XX. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, 2003c.

os quais pedem adesão das normalistas sergipanas à luta pelos benefícios gerais aos futuros professores de todas as Escolas Normais. O ofício enviado por estudantes pernambucanos e que também foi publicado nesse impresso apresentava as seguintes solicitações:

E' tempo de despertarmos deste somno de indifferença terrível que nos enfraquece o organismo.

E' tempo de sacudirmos para bem longe as cadeias que nos ligam a um captivo mesquinho e injusto.

E' tempo de reclamarmos perante o poder legislativo da Republica o direito a que fazemos jús após quatro ou cinco annos de lutas da intelligencia, pela conquista da profissão a mais honrosa, a mais digna – o magisterio.

Do seio da Escola Normal Official de Pernambuco partio a idéa da unificação das escolas, idéa que tem recebido o apoio geral dos homens sensatos, como da imprensa do nosso Estado e do corpo docente desta escola.

Não é preciso encarecermos a necessidade da realização deste ideal, encarado sob todos os pontos de vista, quer da instrucção, quer do professorado.

Não podemos comprehender como um professor, titulado por qualquer das Escolas Officiaes, não possa exercer dentro de qualquer Estado da Republica a sua profissão, com os mesmos direitos com que a exerce hoje no acanhado limite do Estado que o titula, e não podemos comprehender tanto mais quanto servimos a uma mesma Republica, de baixo das mesmas leis, submissos aos mesmos princípios, fitando num só preparo de intelligencia para as lutas do saber (O NECYDALUS, Aracaju, 3 de julho de 1910, n.º. 36, Anno II, p. 4).

No número seguinte, a professora e poetisa, Etelvina A. de Siqueira, que sempre lutou em proveito da educação e da literatura sergipana, atitude que a tornou um exemplo para as mulheres de seu tempo, redigiu sua resposta ao ofício enviado pelos representantes da Escola Normal de Pernambuco, abordando:

Baseadas no grande principio de que – a união faz a força; dominadas pelo entusiasmo, que nos despertaram os elevados conceitos, exarados em vosso officio, dirigido ao Corpo Discente da Escola Normal de Aracajú, apressamo-nos em responder-vos adherindo inteiramente ao generoso ideal da unificação das Escolas.

O mestre não deve ter circumscrição territorial, limitada, no seu paiz, para exercer o santo sacerdocio do magisterio.

Onde quer que elle vá, e ausente a nobre tenda do cultivo intellectual, seguem-no mil constellações – as creanças.

[...]

Testemunhamos, pois, nossa inteira adhesão por meio de abaixo-assignados, visto como não está, agora funcionando o Corpo Legislativo do nosso Estado.

Fazemos ardentes votos para que a vossa elevada tentativa seja coroada do mais bello resultado, e entraremos unidas e fortes, o hymno vibrante da

victoria (O NECYDALUS, Aracaju, 10 de julho de 1910, nº. 37, Anno II, p. 4).

Apesar de nesse período a mulher estar mais direcionada às questões do lar, diante das demonstrações que vimos em seus escritos, esta teve um lugar especial, e até participativo, dentro de seus limites, em relação aos temas e discussões que foram debatidos, mas que, ao mesmo tempo, demonstraram que a mulher também se manteve presente nas folhas desse periódico<sup>45</sup>, mesmo que suas produções tenham sido publicadas com o intuito de atingir os propósitos de alguns indivíduos em particular.

Assim, não podemos deixar de destacar a homenagem prestada pelo próprio periódico à jornalista e dramaturga Carmen Dolores<sup>46</sup>, após seu falecimento em 16 de agosto de 1910. Isso significa dizer que as mulheres, dentro dos limites da época, não só escreveram nesse jornal como também receberam homenagens.

Cahiu para não mais se erguer o braço vigoroso e a penna adamantina de Carmen Dolores.

A pobre litteratura patria, depauperada por perdas continuas, soffre mais este golpe implacavel e doloroso.

[...]

Cada anno se, ajunta mais ao contingente dos extinctos alguns sóes da litteratura nacional, e o desaparecido de agora é o talento fulgurante de Carmen Dolores.

[...]

---

<sup>45</sup> “Saindo de um universo eminentemente privado, a mulher, principalmente a mulher da elite, destaca-se como o primeiro personagem desse processo. O aparecimento de revistas e jornais feitos por ou para mulheres são indicadores visíveis de deslocamento dos costumes sociais da vida feminina. Então, em pequenas folhas e revistas, senhoras da sociedade paulistana, aglutinadas em restritos grupos e associações, começam a atuar em um campo que antes lhes era próprio. Tais publicações emergem como espaço fundamental da ‘nova mulher brasileira’, da qual falava Marie Robinson Wright já em 1889, que ‘sem qualquer ostentação de idéias avançadas’, ‘não sendo tão agressivas quanto a de outros países’, [...] ‘não correspondiam mais a criaturinha meiga, que a ficção pinta, sempre sujeita à vontade soberana de seu amo e senhor’” (CRUZ, 2000, p.96). Ainda sobre a presença feminina no jornal *O Neczydalu* ver também: VIDAL, Valdevania Freitas dos Santos. “A participação da mulher no jornal ‘O Neczydalu’”. In: **Anais do II Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. 22 a 24 de setembro de 2008e. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (Trabalho completo).

<sup>46</sup> “Nome literário de Emília Moncorvo Bandeira de Melo, nasceu no Rio de Janeiro, em 11 de março de 1852 e faleceu em 16 de Agosto de 1910. Ao profissionalizar-se colaborou no Correio da Manhã. Com o pseudônimo de Júlio de Castro, publicou uma série de contos em O País. Na Tribuna assinou artigos de crítica literária como Leonel Sampaio. Usou ainda o pseudônimo de Mário Vilar e como Célia Márcia escreveu no jornal Étoile du Sud. Entretanto ficou conhecida como Carmen Dolores, nome com que assinou suas crônicas de 1905 até 14 de agosto de 1910, na coluna dominical ‘A Semana’, na primeira página de O País, jornal de maior tiragem da América do Sul, na época. Além de jornalista, atuou na ficção: romancista, contista e dramaturga, tendo se dedicado também à crítica e à poesia. Iniciou sua carreira literária escrevendo contos e fantasias” ([http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/biografias/autores/carmen\\_dolores](http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/biografias/autores/carmen_dolores)). Acesso em 23/7/2008.

Todo amante das letras sente o golpe impiedoso vibrado contra a litteratura, ainda que seja a completar os claros uma pleiade de litteratos de escóla que quasi sempre vem acompanhada pela turba inconsciente dos pretendidos letrados.

Ha vagas, porém, impreenchiveis. E, talvez Carmen Dolores, no seu sexo, seja uma destas (O NECYDALUS, Aracaju, 25 de agosto de 1910, nº. 43, Anno II, p. 1).

O fato de o jornal noticiar a morte de uma artista das letras da região carioca confirma que os alunos do Atheneu Sergipense estavam informados dos acontecimentos que se desenrolavam fora do território sergipano. No jornal também havia manifestações em prol da mulher. Tal ocorrência se deu em uma matéria dedicada às alunas da Escola Normal sobre a reprovação nos exames, quando eles descrevem:

Estão sendo feitos na Escola Normal os exames de todos os annos do curso, sendo com excepção de uma, todas as alumnas approvadas.

E' lastimavel que se tenha reprovado uma alumna, quando todas podião sem prejuizo dos creditos da Escola, ser approvadas.

Si o curso fosse mais extenso e as materias se estendessem com mais larguesa, o curso normal tanto seria estudado com proveito, como as reprovações serião dispensaveis.

E é pena que se reprovem moças, numa terra como esta, onde se lucha com difficuldades para estudar (O NECYDALUS, Aracaju, 29 de novembro de 1910, nº. 57, Anno II, p. 2).

Diante de tais fatos, verificamos que a mulher sergipana também começa a ganhar espaço dentro da cultura impressa, mesmo que suas produções tenham ocorrido de forma específica e incipiente, principalmente como vimos nos sonetos, que eram remetidos aos princípios religiosos, às questões afetivas e aos problemas da mulher educadora. Esse é um exemplo de uma amostra significativa da atuação feminina naquele período.

### **2.3 – Os conflitos religiosos por entre as páginas do jornal *O Necydalus***

Entre os escritos desse impresso, percebemos algumas colocações relacionadas a fatos religiosos, como críticas e protestos, principalmente, ao se referirem a um pároco, a quem identificavam como padre Pedro, devido a algumas atitudes praticadas por este religioso e que foram classificadas pelos alunos/escritores como atos insolentes. Sendo

assim, iniciamos então com uma nota apresentada pela seção “Toques e retoques”, onde são feitas insinuações aos devotos fervorosos e a uma crença exagerada.

Vem agora para aqui, leitor a *Santa Missão* apregoar, com certeza, repiques e confissão.

Pois bem, o nosso povo pensa que isto é muito bom e de gosto comparece, ao ouvir do sino o som.

Ninguém deve, neste mundo, deixar de ter uma fé; mas ser devota de mais, um grande abuso é o que é.

Vem-nos lembrar, não ha duvida, os tempos da inquisição, em que assavam gente viva, leitor, – a *Santa Missão*.

Eu nunca fui protestante, nem do numero dos atheus, mas tenho uma crença firme, – acredito só em Deus.

Perdão vos peço, leitora, se vos maguaram um pouquinho as linhas (O NECYDALUS, Aracaju, 25 de julho de 1909, nº. 8, Anno I, p. 4).

Em suas críticas, o autor parece não se sentir muito à vontade e um pouco receoso ao expressar tais sentimentos, pedindo, no final de sua exposição, perdão àqueles que por algum motivo não concordassem com suas ideias. Talvez esse receio se devesse ao fato de acabar indo de encontro aos princípios religiosos de seus assinantes, como bem demonstrou em uma outra seção denominada “Risquinho da Semana”, do número 12.

“Mas eu, por exemplo, que tenho outro assumpto, coisa de interesses, não posso deixar de falar, para escrever contra a *Santa Missão*, que tenho a certeza de que não serei bem recebido por grande numero de assignantes” (O NECYDALUS, Aracaju, 22 de agosto de 1909, nº. 12, Anno I, p. 3). Ainda neste mesmo número, publicou-se uma nota em protesto às afrontas cometidas pelo padre Pedro, ao se dirigir aos estudantes do Atheneu Sergipense.

Nós os estudantes do Atheneu Sergipense, movidos pela mais profunda antipathia aos modos e phases grosseiras a nós dirigidas pelo missionario Padre Pedro Rocha, protestamos do alto destas columnas contra a insolencia do mesmo Padre affirmando sempre que nunca em nosso peito, suas ideias e modos erroneos encontrarão pousada (O NECYDALUS, Aracaju, 22 de agosto de 1909, nº. 12, Anno I, p. 2).

O ato grosseiro a que essa coluna faz menção aparece na última página do exemplar, em função da conversa de alguns alunos durante a cerimônia religiosa da Santa Missão.

Dentro da Igreja, um colega com outros mais conversava, sem notarem que este padre de vagar se aproximava, quando viram o arranco que ao mesmo o padre dava.

Passou um bruto *carão* no seo amigo espantado, que nem sequer perquntou d'onde lhe vinha o recado.

Disse mais que se teimasse, continuando a fallar, que mandava sem demora todos d'ali arrastar.

Seu Rocha que se recorde que isto aqui não é sertão, para mandar arrastar alguém da *Santa Missão*, onde só o ouço falar em *vivas* e confissão (O NECYDALUS, Aracaju, 22 de agosto de 1909, nº. 12, Anno I, p. 4).

Diante das representações escritas por esses redatores, percebemos que o jornal era também uma forma de externar sentimentos quanto aos acontecimentos que causavam repulsa aos discentes. Ao se manifestarem contra o Pároco e a Santa Missão, evidenciaram um desabafo, uma magoa e, talvez, uma decepção por serem também devotos das crenças católicas. E as palavras usadas pelo clérigo acabaram ofendendo a muito mais gente, como foi expresso no número seguinte na seção “Palestra”.

O que poderei dizer da Santa Missão, na qualidade de catholico? Outra cousa, senão de bem, não deveria dizer.

Mas, oh ceus se eu tivesse o ensejo de nesta minha palestra occupar-me de tecer elogios; se isto pudesse fazer, me sentiria mais alegre do que occupando-me de outra cousa, que não é.

Quisera realisar o meu desejo; mas não posso absolutamente porque maltratar a meu povo, é maltratar a mim mesmo (Romeu. In: O NECYDALUS, Aracaju, 29 de agosto de 1909, nº. 13, Anno I, p. 3).

Ao retratar o comportamento do pároco, esse aluno evidenciou uma preocupação em criticá-lo, quando faz questão de expor a sua crença e o desejo de tecer elogios à Santa Missão. Talvez, para não estimular o desprezo dos leitores, ele primeiro justifica-se para depois apresentar seu julgamento. Assim, dá continuidade ao seu pensamento, descrevendo:

Em dias da semana passada, um dos missionarios que oravam á multidão, em meio do seu sermão, o qual versou sobre a mocidade, classificou-nos de insolentes.

Insolentes?!...

Oh, palavra!...

Esta ao ser pronunciada, o que não ha duvida é que foi ferir gravemente os seios de nossas familias, os estabelecimentos de instrucção e a nossa sociedade.

Sim, feriu a todos, porque não houve excepção.

O padre que reflecta, verifique se não sabe, o que não acredito, o que quer diser insolente, porque se disse com convicção, offendeu-nos inda com maior gravidade.

Está no seu alcance ver que não é agradavel ser-se classificado deste modo, desde que, quando lá estou, o que poucas veses tenho feito, tenho

certeza que me porto de maneira decente, prestando-lhe atenção, cumprindo deveres da boa educação.

O orador que atenda bem que é grande o numero dos que se portam bem.

Admitto que haja insobordinados, porem se os ha, classifique-os então.

Não está direito fallar em geral, offender uma sociedade inteira, d'onde a maior parte, para lá vae auvil-o.

O padre que pense de veras que a palavra insolente, atirada sobre uma consciencia limpa, fére o intimo de nossos corações.

Que medite antes de dizer, pois o nosso auditorio é bastante benevolo para com elle.

Não continue a offender desta maneira, não só para evitar que tenhamos assumpto apanhado nos seus sermões para escrevermos, quando, que Deus nos livre! formos outra vez offendidos.

Causou-me grande magua esta palavra.

Que elle não nos trate deste modo tão grosseiro para não ser correspondido. São os nossos desejos (O NECYDALUS, Aracaju, 29 de agosto de 1909, n.º. 13, Anno I, p. 3).

Terminada a Santa Missão, esses mesmos alunos se manifestaram satisfeitos com o novenário, exaltando o carinho do povo para com a Santa Missão, dando, mais uma vez, algumas alfinetadas no padre Pedro, como se estivessem decepcionados com sua atuação.

Graças a benevolencia do nosso publico, em paz e socego findaram-se os actos da Santa Missão, sem que tivesse havido alteração em nosso bem estar.

Saudades nos deixou, não podemos deixar de confessar, por que tardes como aquellas não teremos tão cedo...

Oh, que Santa Missão verdadeiramente Santa!

Para os devotos, boa opportunidade para orar; para pandegos, excellente quadra para se divertirem.

Felizmente, o padre Rocha confessou-se agradecido pelo nosso acolhimento, inda que não tivesse feito favor; porque se assim não fizesse poderíamos perguntar o que queria mais.

Passou aqui vida de santo, num céu, e nem todos passam como ele passou.

Gente demais para ouvil-o, moça para confessar, e o que quer mais? (O NECYDALUS, Aracaju, 5 de setembro de 1909, n.º. 14, Anno I, p.3).

Pela descrição dessa matéria, verificamos que alguns alunos encararam a Santa Missão não só como um ato religioso, apesar de respeitarem a devoção dos demais e criticarem aqueles que apresentam uma crença exagerada, mas também como um acontecimento espiritualoso e até como um entretenimento para a cidade de Aracaju que, nesse momento, conseguia sair da rotina de uma cidade pacata e sem muitos atrativos para os jovens.

Estou certo de que os actos religiosos celebrados entre nós têm aspecto de verdadeiras diversões.

Notem os leitores que eu não sou dos mais catholicos, nem também sou atheu (O NECYDALUS, Aracaju, 5 de setembro de 1909, nº. 14, Anno I, p.3).

No número 31 percebemos o descontentamento desses redatores ao noticiarem em uma de suas matérias as poucas oportunidades que os jovens aracajuanos tinham para seu divertimento, sendo possível listar as únicas alternativas existentes no período para a distração, principalmente dos moços.

Esta terra vae numa prosperidade de arromba; menos quanto as diversões. Estas, as diversões, são tão poucas que podem ser contadas; vejamos: a banda *allemã* da polícia, tocando *Lohengrim* no jardim; a missa conventual aos domingos; *o progresso rodante* ou por outra a *marinha terrestre* – os bonds, que aqui constituem diversão, e nada mais.

Outra diversão, si bem que popular e temporaria, a vaia aos argentinos, representados no seu pavilhão (?) morreu no nascedouro, não tendo assim a gloria de ser posta à lume.

Paciencia!... Havemos, curvados ante a força das circumstancias, de resignarmo-nos ao *pão* e *agua* quotidianos a insipidez e tristeza da exarcada Aracaju.

O riso e o prazer são innatos no homem; e sem eles o mundo seria um vacuo impossivel de supportar (O NECYDALUS, Aracaju, 27 de junho de 1909, nº. 4, Anno I, p.3).

Em um outro exemplar noticiam, através de uma crônica, o cotidiano tranquilo da cidade de Aracaju.

### **Recordando-me**

Foi uma bela tarde de Abril.

O sol brilhante e a aragem fresca convidavam a passeiar.

Eram 5 horas.

O céu estava diáfano: pequenas nuvens brancas encaminhavam-se para o oeste.

A Barra dos Coqueiros parecia um manto verde, beijado pelo rio Cotinguiba.

As alas de palmeiras balançavam suas palmas – leques da natureza.

Grupos de rapazes conversavam.

Os bondes, de instante a instante, atravessavam cheios de lindas moças.

A fanfarra do corpo policial, em frente do palacio, tocava deliciosas peças. Muitas famílias se achavam assentadas em suas portas...

(O NECYDALUS, Aracaju, 25 de julho de 1909, nº. 8, Anno I, p.2).

Por considerarem um evento que faz a cidade reviver, os novenários, apesar das críticas, tiveram espaço para sua divulgação, não só do acontecimento em si, como também da programação completa e detalhada de algumas dessas festas, chegando a ocupar uma página inteira do jornal.

Dariam para encher as columnas do nosso jornalzinho os factos, que nos apresentou a semana. Novenas, dansas e, finalmente, tudo que nos desperta da natural monotonia do nosso Aracaju. [...]

Nada, porem, mais digno de nota do que as populares novenas, onde reúnem-se as mocinhas elegantes, religiosas em excesso!

Nada mais encantador!

[..]

Em toda a parte novenas, festejos, foguetes que clareiam o escuro das noites! (O NECYDALUS, Aracaju, 27 de junho de 1909, nº. 4, Anno I, p.3).

Em busca de diversão e fugindo da monotonia aracajuana, esses alunos deslocavam-se para o interior à procura de festejos em que acabavam divulgando, no jornal, as comemorações religiosas de cidades como Maruim, Laranjeiras e outras.

Realisa-se hoje em Laranjeiras a tradicional festa do Bomfim, com o brilhantismo e pompa de costume.

Para lá se tem dirigido, a estes ultimos dias, grande parte da população de nossa capital, desejosas de diversões e de novidades (O NECYDALUS, Aracaju, 2 de outubro de 1910, nº. 49, Anno II, p.4).

Sendo assim, diante das representações manifestadas nesse impresso, percebemos que eram estudantes interessados na divulgação de fatos e acontecimentos religiosos, deixando clara a sua posição em relação aos princípios católicos.

## **2.4 – Pela pátria e pelo progresso**

Após uma leitura cuidadosa do impresso, observamos que os alunos/escritores mencionavam, no jornal, uma preocupação e, ao mesmo tempo, um entusiasmo pela melhoria da cidade de Aracaju, manifestando, diante da escrita, um desejo de progresso, da modernidade do espaço territorial e do seu povo, além do sentimento de patriotismo

apresentado em suas páginas. Em matéria lançada sobre a barra de Aracaju, eles descreviam o ambiente da praia do Cotinguiba como um espaço sujo e distanciado da civilização e do desenvolvimento.

Na praia do Cotinguiba, dentro da capital, e em terrenos de marinha, nós todos vemos, e, com pezar, uma infinidade de peças de madeiras, tijolos, palhas, lenhas e até mictorios, como os da ‘Banca do Peixe’ maltratados e sem hygiene, que compromettem em absoluto o nosso orgulho de povo civilisado, embora em arremedos pavanescos, que descansão sem incommodo algum, dando a capital um aspecto de cidade de roça, onde a civilisação e as transformações do Paiz só chegão quando já forão abandonadas em outras partes, como antigas e defficientes (O NECYDALUS, Aracaju, 28 de agosto de 1910, nº. 44, Anno II, p.1).

Nesse editorial de número 44 estão nítidos os anseios desses alunos pelo progresso e o crescimento da cidade aracajuana, revelando suas “fagueiras esperanças em qualquer parcella de progresso em beneficio desta capital, onde domina o charco e o sapo faz as delicias dos habitantes, com seu canto triste e ensurdecedor” (O NECYDALUS, Aracaju, 28 de agosto de 1910, nº. 44, Anno II, p.1). Prontamente em seu primeiro número, encontramos uma matéria que reivindicava o desenvolvimento social e a modernidade arquitetônica da cidade.

Bem visinha á nossa cidade, ha habitações que recordam, ao primeiro lançar de olhos os tempos primitivos, habitações, cuja architettura leva o pensamento a um passado que se perde na caliginosa noite, passado que só conhecemos pela voz da historia.

Na actualidade, na phase brilhante de civilização em que o Velho Mundo levanta-se de suas cinzas cheio de vigor, mostrando, brancas ao povo, fulgurantes de luz; as portas do templo da sciencia, é doloroso, grandemente doloroso, o aspecto dessas caducas habitações.

Pouco alem do perímetro urbano, encontram-se arruados de cabanas e chopanas, por bem dizer, prehistoricas.

Estes vestigios indigenas são por certo uma affronta á belleza architectonica dos tempos modernos.

Contra elles protesto o nosso adiantamento e desenvolvimento social (O NECYDALUS, Aracaju, 5 de junho de 1909, nº. 1, Anno I, p.2).

Por meio de tais escritos, inferimos que os alunos, em algum momento, apropriaram-se das concepções positivistas que surgiram no século XIX, com Augusto Comte, e que foram disseminadas para o Brasil em finais desse século, permitindo assim ter influenciado na forma de pensar quando representam tais concepções.

Augusto Comte, como sendo um dos pioneiros dos ideais positivistas, foi também um dos fundadores da Sociologia<sup>47</sup>. Implantada no Brasil nos finais do século XIX, essa disciplina, segundo Alves e Costa (2006), que faz uso das ideias de Tomazini e Guimarães, passa a ser “recebida como novidade intelectual, surgindo no momento em que o país reclama por uma identidade nacional” (ALVES e COSTA, 2006, p.34).

Em Sergipe, a disciplina Sociologia não foi introduzida, a princípio, como uma matéria específica, mas desde o século XIX ela já existia no Atheneu Sergipense, intitulada “sociologia, moral, noções de economia política e direito pátrio”, apresentando, segundo Alves e Costa (2006), conteúdos voltados para:

a civilidade, a moralidade, o respeito à ordem, o civismo, a responsabilidade moral, a política-social, a forma de governo, a importância da família e do Estado, além de muitas noções de direito, ou seja, pautam-se nas idéias das ciências positivistas, principalmente na instauração da razão para a busca da ordem social (ALVES e COSTA, 2006, p.35)<sup>48</sup>.

Os conteúdos dessa disciplina podem ter influenciado significativamente a concepção dos alunos que, ao se apropriarem do ponto de vista sociológico e positivista, usaram o jornal como meio de manifestar tais representações, pois ao se inserirem no processo de apropriação, os leitores constroem suas representações do mundo em sociedade<sup>49</sup>.

De acordo com Gonçalves Neto (2002), o desenvolvimento econômico na entrada do século XX, aliado às mudanças que ocorreram nas relações de trabalho, leva a uma preocupação constante com o progresso e melhoria da qualidade de vida da sociedade, deixando claro que “o progresso era uma parte do lema positivista, doutrina muito em voga no Brasil do período” (GONÇALVES NETO, 2002, p.215) e refletida entre a maioria dos jornais da época.

---

<sup>47</sup> Augusto Comte (1798-1857), “tido como um dos fundadores da sociologia, referia-se à nova ciência como física social e defendia que a organização da sociedade e a manutenção da ordem eram fundamentais para o (re)estabelecimento da moralidade e civilidade. A relação entre conteúdos conservadores e reformistas foi uma característica marcante do pensamento comtiano e influenciou, significativamente, a forma como a sociologia foi disseminada e incorporada por outras sociedades” (ALVES e COSTA, 2006, p.33).

<sup>48</sup> Mais informações a respeito da cadeira de Sociologia no Atheneu Sergipense, ver ALVES e COSTA. “Aspectos históricos da cadeira de sociologia nos estudos secundários (1892-1925).” In: **Revista Brasileira de História da Educação**. São Paulo: Autores Associados, nº. 12, julho/dezembro. 2006, p.31-52.

<sup>49</sup> “A apropriação, como a entendemos, objetiva uma história social das interpretações remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 1987, p.26-27).

Em matéria apresentada sobre comemoração ao sete de setembro também estão explícitas as representações dos estudantes no que condiz ao sentimento de patriotismo e de progresso do país. Não só nessa coluna, como em muitos outros momentos eram demonstradas matérias com temas que diziam respeito às datas comemorativas e às poesias que remetiam ao nacionalismo.

Cahiu neste dia e a 88 anos, o jugo dominador de Portugal.

A patria portugueza, a nobre patria de Camões e de Bocage, perdeu a 7 de Setembro de 1822 umas das mais futuras, sinão a maior das colonias portuguezas d'alem mar. E esta mesma Nação cujos dominios, [...] viu fugir do rol de suas conquistas uma, onde o sol com mais força e com intensidade maior, expande seus fulgores.

Hoje o que somos devemos ao demolidor do regimem dependente, do periodo em que Portugal fazia de nossa estremecida Patria.

Hoje apenas entoamos hosannas de louvor aos productores e tão largo passo na senda do progresso (O NECYDALUS, Aracaju, 7 de setembro de 1910, nº. 45, Anno II, p.3).

Esse anseio e amor à pátria são descritos por Gonçalves Neto (2002) como uma pretensão da recente República no sentido de formar o povo brasileiro dentro de ideais de trabalho e civismo, buscando, através destes esforços, “sacralizar determinadas datas, situações, personagens, valores, etc., apresentando para as novas gerações o conjunto de ideais nos quais devem acreditar” (GONÇALVES NETO, 2002, p.219). A educação, nesse contexto, seria vista como o meio privilegiado para a divulgação e consolidação desse pensamento.

Ao lado da produção, que se pretendia profissional, ressalta a considerável produção periodística por iniciativa das escolas públicas e particulares, em especial de seu corpo docente, discente e de grêmios escolares. A relativa facilidade de efetivar projetos gráficos na época e a necessidade de colocar-se para grupos que ensaiavam tantas identidades, presidiam aqueles empreendimentos, numa cidade que vivenciava o novo e formas de se fazer representar. Uma produção dirigida, no sentido de uniformizar os conhecimentos, com ênfase na construção dos símbolos do poder republicano, na força do Estado, na reverência às datas cívicas nacionais. A adjetivação recorrente nos textos daquele professorado e alunato recaía no jargão em voga, reiterador da idéia fundante de Pátria e patriotismo, exaltando seus ‘vultos eminentes’, insistindo no ‘desenvolvimento progressivo de nossa instrução pública’ (MARTINS, 2001, p.314).

Impregnados dessas aspirações, os jovens estudantes, decididos e desejosos em ver o progresso de sua capital, escreveram diversas matérias em manifestação às melhorias direcionadas a temas como: calçamento das ruas, iluminação, saneamento, encanamento,

melhoria dos transportes urbanos (bondes), entre outros episódios que envolviam as questões urbanas, com o propósito de igualar Aracaju a outras cidades em melhor desenvolvimento, “na construção de um Sergipe moderno, conseqüentemente, preparando-o para sua inserção no mundo civilizado” (FREITAS, 2000, p.26)<sup>50</sup>. Composto por indivíduos que, conforme seus hábitos tornam-se integrante-constituintes da sociedade, modelando-a e modelando-se ao se relacionarem uns com os outros, pois esse “atrito”, numa relação tensa, dinâmica e mútua entre os seres, permite o surgimento de mudanças e de uma possível inserção no mundo civilizado.

Almejando alcançar tais objetivos, faziam apelos às autoridades competentes para que melhorassem o aspecto da cidade de Aracaju, tomando providências diante do caos e do descaso que a capital vinha sofrendo naquele momento. Uma das reivindicações dizia respeito à coleta de lixo, que não estava sendo realizada adequadamente.

Refiro-me a falta de regularidade no tocante ao trabalho da retirada do lixo das ruas, bem como ao capim que gigantescamente tem crescido a ponto de cobrir todo o calçamento, que, apesar de ser defeituoso, não merece o desprezo que lhe tem dado as autoridades competentes (O NECYDALUS, Aracaju, 29 de maio de 1910, n.º. 31, Anno II, p.2-3).

Além da preocupação com o aspecto físico das ruas, os jovens demonstravam, também, uma inquietação quanto às constantes epidemias que poderiam acontecer em função da ausência de saneamento das ruas com as constantes chuvas que desabavam em Aracaju nas temporadas de inverno. Em função disso, recorriam em favor da higienização das ruas<sup>51</sup> “no sentido de evitar esta corrente caudulosa de epidemias que tende a penetrar em todos os recantos da cidade” (Sylvio Silva, In: O NECYDALUS, Aracaju, 25 de agosto de 1910, n.º. 43, Anno II, p.2). Santana (1997) afirma que o descaso para com a saúde pública se agravou com a chegada da República.

---

<sup>50</sup> Freitas (2000) explana em seus estudos as ideias de Florentino Menezes, que, ao se reportar aos notáveis melhoramentos materiais, mostra claramente que “ao período em que as conquistas tecnológicas do velho mundo começavam a ‘respingar’ sobre os sergipanos, principalmente sobre os habitantes alfabetizados da capital. Era o tempo da luz elétrica, do saneamento básico, do combate às febres, da introdução do primeiro automóvel, ferrovia e dos telefones em Sergipe. Ao enfatizar a ‘utilidade’ da história e da geografia e reivindicar uma instituição para a guarda das tradições locais, Florentino Menezes denunciava uma tendência dos intelectuais engajados que, dentro da emergência do nacional, procurava fundar uma identidade para o Estado de Sergipe, constituída por elementos locais, entretanto sob os modelos das sociedades que, a seu ver, já tinham alcançado características do supremo estágio de civilização” (FREITAS, 2000, p.25).

<sup>51</sup> Segundo Cruz (2000), “na reflexão letrada daquele período, a imprensa começa a ser entendida não só como instrumento de articulação e discussão das posições e interesses das elites, mas também, e principalmente, como veículo de formação cultural e moral do povo. [...] Nas páginas desta imprensa, o povo e o popular articulam-se tanto nos discursos dos setores dominantes sobre o caráter da nacionalidade, sobre a higienização do espaço urbano, sobre a instrução pública” (CRUZ, 2000, p.165).

As ações sanitárias em Sergipe permaneceram esparsas e concentradas nos períodos de grandes epidemias. A vacinação anti-varíola sofre até um retrocesso em sua propagação e as ações de saneamento eram limitadas aos aterros de pântanos, mangues e charcos na capital. A estrutura do Poder Público, no campo sanitário, continua praticamente inexistente. A assistência hospitalar, concentrada em mãos da filantropia privada, permanece com sua natureza asilar e religiosa (SANTANA, 1997, p.35).

Mesmo não tendo suas solicitações atendidas pelas autoridades, alimentavam a expectativa de verem sinais de melhorias com o cessar das chuvas que haviam desaparecido, “embora os charcos da cidade dêem ainda às ruas o triste aspecto de um brejo habitado, resta-nos ainda a esperança de que em breve eles se evaporarão restituindo-nos os foros de habitantes de cidade civilizada” (Gil Pardal, In: O NECYDALUS, Aracaju, 16 de setembro de 1910, nº. 46, Anno II, p.2)<sup>52</sup>.

A indignação divulgada pelo jornal *O Necydalus* em relação ao descaso das autoridades sergipanas em melhorar a situação sanitária era algo que já vinha sendo denunciado desde o final do século XIX por outros jornais locais, como descreve Santana (1997), sublinhando que

a situação sanitária do Estado começa a receber duras críticas através dos jornais. Em 18 de agosto de 1895, o jornal ‘Gazeta de Sergipe’, ataca duramente o poder público em relação ao descaso com a salubridade. Pede-se que os representantes do povo assumam compromissos [...]. Solicita que as autoridades dêem uma volta pela cidade para perceberem o que ocorre: febres dizimando a população, falta de asseio nas ruas, casos de varíola. O Estado sanitário é péssimo e o Hospital de Caridade está repleto (SANTANA, 1997, p.42).

Outro ponto debatido nesse impresso refere-se à iluminação das ruas de Aracaju. Através dele, solicitam “a possibilidade de podermos possuir um aparelho que nos forneça luz elétrica para iluminação da nossa cidade” (Romeu Palmares, In: O NECYDALUS, Aracaju, 17 de julho de 1910, nº. 38, Anno II, p.2)<sup>53</sup>.

Compreendiam ser a imprensa um mecanismo de defesa dos direitos e do bem-estar da população, exaltando o apoio dos mesmos para alcançar o progresso, visto não só

---

<sup>52</sup> “O processo de civilização está relacionado à auto-regulação adquirida, imperativa para a sobrevivência do ser humano. Sem ela, as pessoas ficariam irremediavelmente sujeitas aos altos e baixos das próprias pulsões [*urges*], paixões e emoções, que exigiriam satisfação imediata e causariam dor caso não fossem saciadas. Na ausência da auto-regulação, não se poderia, sem grande desconforto, adiar – conforme circunstâncias realistas – o aplacamento das pulsões nem modificar a direção da busca desse objetivo” (ELIAS, 2006, p.37).

<sup>53</sup> De acordo com Araújo (1973), as primeiras lâmpadas elétricas só foram colocadas em Sergipe entre os anos de 1913 a 1914, devido à inauguração da estrada de ferro (ARAÚJO, 1973, p.65).

como um episódio útil, mas também por ser verdadeiramente belo. Assim, clamam à imprensa para que fale “porque depois de termos convencido ao povo, o que será demasiado fácil, porquanto todos aceitados a idéia” (Romeu Palmares, In: O NECYDALUS, Aracaju, 17 de julho de 1910, nº. 38, Anno II, p.2), lutariam para alcançar tal fim.

Quão magestoso seria isto!...

Que beleza infinda teriam as nossas ruas! que noites encantadoras! enfim, como ficarião attrahentes as nossas praças cobertas com um monte de luz artificial, porem plena de encantos.

[...]

A escuridão causa terror, ao passo que a claridade inspira alegria. (Romeu Palmares, In: O NECYDALUS, Aracaju, 17 de julho de 1910, nº. 38, Anno II, p.2)<sup>54</sup>.

Em presença de uma iluminação implantada no século XIX, à base de querosene ou gás carbônico, esses moços já se sentiam incomodados por melhores serviços, que se dariam com sua substituição pela iluminação elétrica. Assim, bradavam ao presidente de então que abraçasse a causa, pois acreditavam ser de “urgente necessidade melhorarmos a sorte de nosso Aracajú. Lutar em pról do progresso é o dever do cidadão. Iniciemos esta luta e façamos o possível para alcançar a victoria (Romeu Palmares, In: O NECYDALUS, Aracaju, 17 de julho de 1910, nº. 38, Anno II, p.2).

A atmosfera de transformações não decorria só da passagem do Império para a República. Mais forte que essa, sobrepondo-se-lhe, pairava a passagem do fim do século, a proximidade do novecentos, a virada para o 1900, o ‘virando 20’, presente nos corações e mentes, condicionando-os a expectativas e mudanças de ordem vária potencializadas, sobretudo, pela revolução técnica a que se assistia. A luz elétrica, o telégrafo submarino e depois o sem fio, o telefone, o cinematógrafo, as estruturas de ferro pré-fabricadas [...], todas essas inovações justificam a crença de que a mudança do século trazia uma nova ‘era’ (MARTINS, 2001, p.115).

---

<sup>54</sup> Aracaju era “uma cidade às escuras, uma Capital de escassa população de escol, prêsa a um bairro circulado por gente baixa, apta a lesar a segurança individual, capaz de todos os atentados à Ordem, como era a cidade oficial do Aracaju, quando de sua fundação, era uma temeridade e não era um indivíduo talhado para as grandezas, como o presidente Salvador (27/02/1856 a 1/04/1857), que se conformasse com as noites ilunes da baroniana cidade lacustre que ele, incansável trabalhador, sem meios pecuniários adequados, tentava e patenteava dar cunho de urbanismo, de civilização e si sua mente exaltada estava prêsa a idéias de grande monta, uma delas a iluminação pública, a iluminação da Cidade. Vivia-se em Sergipe, como na Idade Média. O atrazo era geral e o dinheiro que se gastava com luz era luxo. Alumiar rua? Que bobagem, luxo, desperdício de dinheiro! Cada qual que se deitasse cedo para cedo acordar-se, para desfrutar saúde com o longo repouso do corpo. Para luz de casa, o fogão, a candeia, o azeiteiro, a almotolia” (SEBRÃO, 1954, p.387).

Os alunos do Atheneu Sergipense faziam uso de um discurso baseado nas concepções vigentes à época, ao se apropriarem dos ideais de modernidade e de progresso, tentando convencer seus leitores, e assim atingir suas concepções ao tirar Aracaju, como bem diziam, do estado de atraso e regresso, “uma cidade sem gosto, um povo sem esthetica e sem conhecimentos de architectura. E ainda mais, os tristes lampiões succumbindo á falta de kerosene...”<sup>55</sup> (Gil Pardal, In: O NECYDALUS, Aracaju, 6 de novembro de 1910, nº. 54, Anno II, p.2).

Sahara, e com razão podem ser chamada nossas ruas, quando á noite, turvos lampeões dando ás ruas o aspecto de camara mortuaria onde vacilante lampadas broxolêam compassadamente, imprimem ás vielas desertas e escuras a feição de valhacontos de *bichos de sete saias*, e de vultos sinistros e malfeitores.

A iluminação desta terra merece rigoroso cuidado. [...]

Lampeões alternadamente acesos, luzes turvas, avermelhadas; eis a iluminação desta terra (Gil Pardal, In: O NECYDALUS, Aracaju, 6 de novembro de 1910, nº. 54, Anno II, p.2).

Na seção “Palestra” verificamos o maior número de matérias que tratam desse assunto, onde encontramos no número 42, o depoimento de uma sergipana que, segundo o autor dos escritos, teria viajado por vários estados do Brasil e começou a estabelecer comparações<sup>56</sup> com o estado sergipano no que se refere à iluminação, esgoto e água encanada.

[...] a luz elétrica, disse-me ella, é adaptada quasi que geralmente em nosso Brasil; e para comprovar-lhe isto não é necessario apontar cidades importantes dos Estados do Rio, Minas e São Paulo não: em cidadesinhas e villas mesmo destes Estados referidos, ella é usada, e até mesmo em fazendas de propriedade particular (Romeu Palmares, In: O NECYDALUS, Aracaju, 14 de agosto de 1910, nº. 42, Anno II, p.2).

---

<sup>55</sup> Os primeiros sinais de iluminação que vieram para Sergipe ocorreram através da "Resol. núm. 440, de 14 de agosto (1856), que autorizou o presidente Salvador Correia de Sá e Benevides a despender a quantia necessária para a iluminação da Capital”

Em seu relatório de 2 de julho de 1856, já dizia o “bacharel olindense, o Moço fidalgo com exercício na Casa Imperial:

‘Sendo de urgente necessidade a collocação de lampiões nesta Capital, quer para o seu aformoseamento, quer para a sua polícia, mandei anunciar a arrematação do fornecimento e collocação de 50 lampiões, numero que me parece por ora suficiente’” (SEBRÃO, 1954, p.388).

<sup>56</sup> “O processo civilizador pode ser demonstrado inequivocamente, com a ajuda de comparações sistemáticas, tanto entre estágios diferentes de uma mesma sociedade quanto entre sociedades distintas. No entanto, concebida como um estado, a civilização é, no máximo, um ideal” (ELIAS, 2006, p.37).

Além de expor notícias sobre a iluminação da cidade, que ainda era feita à base de lampiões e querosene, o autor desses escritos manifesta um outro lado, ainda mais decadente, em que se encontravam as ruas da cidade aracajuana que se apresentavam com:

[...] trechos de ruas ha, atualmente, intransitaveis, e das que se dizem principaes...

Temos praças transformadas em lagoas, predios com aspectos de ilhas; linhas de bondes a nos servirem de ponte para atravessar os enormes lagos existentes.

Ha por ahi quintaes que por falta de esgoto estão verdadeiramente impossados e se vão transformar em lamaçães poluidos e dahi as verdadeiras fontes de peste (Romeu Palmares, In: O NECYDALUS, Aracaju, 14 de agosto de 1910, nº. 42, Anno II, p.2).

A chuva, para Aracaju nessa ocasião, era um grande problema, além dos transtornos causados pelos lamaçais, havia também o perigo de contrair moléstias como nos apontam de forma irônica, ao apresentarem que essas enchentes que encharcavam as ruas poderiam trazer doenças como “constipações – porta mais suave para a entrada na outra vida” (Gil Pardal, In: O NECYDALUS, Aracaju, 10 de julho de 1910, nº. 37, Anno II, p.2)<sup>57</sup>.

Outros questionamentos noticiados tratam dos péssimos serviços das linhas de bonde<sup>58</sup> usadas em Sergipe naquele momento por uma empresa de transporte chamada *Carris Urbanos*, que se tornou alvo de crítica dos “amoreiras”.

A Carris hoje vae ter a honra de ser censura pelos seus desmandos.

O bonde n.12 que foi, segundo diz nosso orgam official, intimado a não circular, continúa, entretanto, no trafego descarrilando em cada curva.

Os bondes sujos, maltratados, sem horario certo por causa dos empates, vivem comtudo a explorar os tostões da humanidade.

Um fiscal que o governo tem junto a ella multa-a e, além das multas não serem pagas, os bondes que foram prohibidos continuam a transitar.

A extensão de calçamento no lado do trilho só é feita onde as ruas são calçadas, em outras partes o passageiro que se esforce em subir si quizer ter a honra de passeiar de bonde.

Uma qualquer moça que pretender trepar num dos ditos, que faça força, pois a companhia pouco se incommoda, quer é dinheiro.

Outra vez insistimos ainda melhore-se isto, si querem o dinheiro do povo (O NECYDALUS, Aracaju, 9 de outubro de 1910, nº. 50, Anno II, p.2).

---

<sup>57</sup> “No final do Governo de Rodrigues Dória (1911), em seu último relatório, ele reforça nossa tese de que a estrutura sanitária do aparelho público, em Sergipe, não adquire condições para o enfrentamento mínimo das necessidades de saúde da população, antes da última década da República Velha. ‘Não temos, nem tão cedo poderemos ter um serviço de higiene preventivo capaz de acautelar o Estado da invasão das moléstias epidêmicas, e de sua propagação’” (SANTANA, 1997, p.45).

<sup>58</sup> Em 1908 aparecem os primeiros bondes puxados a tração animal e o serviço de água encanada (ARAÚJO, 1973, p.65).

Ainda nesse mesmo número, identificamos uma matéria sobre a precariedade do serviço da empresa e o mau estado de conservação em que se encontravam seus bondes, evidenciando que, apesar de ser estabelecida como uma ameaça para a segurança individual, a fiscalização do governo ainda não havia conseguido tomar nenhum tipo de providência para solucionar o caso.

Enquanto as forças competentes não tomavam medidas para sanar a situação, os estudantes denunciavam os maus serviços dos transportes, afirmando que “continuam a se registrar quasi diariamente descarrilhamentos em todas as linhas de vehiculos da Carris Urbanos, devidos unicamente ao máo estado de conservação das linhas, soterradas pela areia e pela gramma (O NECYDALUS, Aracaju, 9 de outubro de 1910, nº. 50, Anno II, p.4). No número 52, encontramos um poema composto de quadrinhas em que esses escritores/poetas protestavam contra a empresa.

Seu ‘Calado’ da ‘Carris’.  
Se não que ver mais abrolhos  
Endireite essa ‘bodega’  
‘Abra a bocca e feche os olhos’.

Cançados ha muito estamos,  
De supportar tanto abuso  
Pois que tudo tem limite,  
E cada roca seu fuso.

Outro exagero relacionado a essa companhia, ocorreu em função do cercamento abusivo que ela fez de um terreno seu fora do alinhamento das ruas. Essa atitude serviu para que os alunos começassem a manifestar-se novamente contra a firma, pedindo às autoridades responsáveis que corrigissem o erro cometido pelos empresários da Carris Urbanos, “porque dentro da capital não temos terreno de herege para ser cercado a vontade” (O NECYDALUS, Aracaju, 23 de setembro de 1910, nº. 48, Anno II, p.2).

Indignados com a falta de cuidados, após várias tentativas tomadas para que as irregularidades chegassem aos olhos do intendente, devido ao fato de até aquele momento, no decorrer de trinta dias, nenhuma providência ainda ter sido tomada. Sendo assim, esses moços voltaram a falar sobre o caso.

Pelas muitas vezes, como disse, tenho prevenido ao dr. Intendente como se acha cercado um tal terreno situado a esquina de Japarutuba com a de S. Vicente e nada de providencias.

Já se cerca terreno na capital como se faz nos *confins de Judá* – a vontade!...

Pelo menos assim o fez a ‘Carris’, se bem que nada mais houvesse feito do que ter cercado o local fallado, que determina para uma de suas capineiras, dois metros, mais ou menos fóra do alinhamento! (Romeu Palmares. In: O NECYDALUS, Aracaju, 2 de outubro de 1910, nº. 49, Anno II, p.4).

Conforme Cruz (2000), muitos periódicos dessa época que faziam “referência à precariedade dos transportes urbanos, à carestia de vida, à poeira das ruas, à falta d’água conformam uma linguagem reivindicativa e de crítica política e de costumes” (CRUZ, 2000, p.110)<sup>59</sup>. Este comportamento assinalou ser também uma característica do jornal *O Necydalus*.

Apesar de as abordagens de Cruz (2000) serem distintas das ideias positivistas, conseguimos notar nesses escritos duas possíveis interpretações, e diante do que foi apurado, não podemos afirmar com precisão qual das concepções era seguida pelos redatores.

Com isso, o fato de exibirem suas ideias e reivindicarem sobre aquilo que eles achavam que deveria ser melhorado levou o impresso a sofrer algum tipo de censura e perseguição, sendo que, nesse momento, diante do material analisado, não foi possível identificar ao certo quem nem por que motivo exato se sucedeu tal acontecimento, ao descreverem justificando-se ao leitor no número 47.

Ao leitor benévolo, que nos dispensa um momento de atenção; à leitora graciosa, lyrio setinoso e olente, como são todas as filhas desta amada terra, nós rogamos mil desculpas pelas demoras que fomos forçados a fazer na circulação do nosso periódico.

Alguem que por algum motivo já nos censura; aos que por causa do modo porque nos temos portado em relação a certos factos desenrolados nesta capital levantam contra o orgam dos estudantes do Atheneu Sergipense, improperios e ameaças, a estes tambem pedimos perdão de não termos mais uma vez dado pasto á sua ira, e á sua injustiça.

Devido á aquisição de novo material, fomos levados a irregularisar a publicação d’ ‘O Necydalus’; dagora em diante, porém, tel-a-emos no dia determinado e costumeiro (O NECYDALUS, Aracaju, 21 de setembro de 1910, nº. 47, Anno II, p.4).

---

<sup>59</sup> Cruz (2000) afirma ainda que “a imprensa periódica vira moda e transforma-se no principal produto da cultura impressa e o periodismo emerge como um importante espaço de renovação da cultura letrada. Mais ainda, no ambiente da metrópole em formação, a imprensa periódica apresenta-se como foco fundamental de formulação, discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais e de difusão de seus projetos e produtos. A pequena imprensa de folhas e revistas aproxima o jornalismo do cotidiano da vida urbana” (CRUZ, 2000, p.71).

Consultando os escritos do jornal *O Espião*, de dezembro de 1910, descobrimos alguns indícios de que o jornal *O Necdalus* já vinha passando por uma fase de dificuldades, motivo que fez questionar sobre sua não-circulação naquela ocasião.

O Necdalus, orgam dos Estudantes e do Clodomir in-nomime, está soffrendo de trabalhite abordo.

É entrar vapor não sahe o collega.

Porque?

Gema o Ignácio nas costa do Raul que sabe o motivo da molestia e não a cura (O ESPIÃO, Aracaju, 18 de dezembro de 1910, n.º. 47, Anno II, p.1).

As ameaças sofridas por esses indivíduos são uma amostra de que o jornal estava disposto a manifestar seus interesses e o do povo, como descreveram por diversas vezes, colocando em destaque aquilo que consideravam injusto para que medidas fossem tomadas com o propósito de modificar essas impunidades, no que se remete às questões educacionais, culturais ou sociais, na tentativa de atingir a modernidade e o progresso que se instauravam no Brasil.

Desse modo, pelo que foi apresentado neste capítulo, notamos que os alunos que escreviam no impresso eram moços determinados a ir, em missão de seus propósitos, estabelecendo conflitos e disputas com outros jornais literários. Uma competitividade acirrada para expor seu melhor diante daquilo que vinham apresentando em suas publicações. Jovens que provavelmente consideravam esse impresso como um espaço em que poderiam ser colocados em prática seus exercícios literários a fim de atingir o engrandecimento e evidenciar suas capacidades produtivas e de erudição.

Entretanto, é provável que seus ideários fossem além das produções literárias e educacionais, por serem jovens que demonstravam usar o espaço do jornal, para se manifestarem contra episódios que consideravam inadequados, a exemplo do que ocorreu no tocante à atitude do padre Pedro, no momento em que eles se referiam aos cultos e festas católicas ou às situações injustas quando se pronunciaram sobre as reprovações das alunas da Escola Normal.

Além das exposições em defesa da mulher, verificamos que suas publicações também se fizeram presentes no periódico. Essa atitude pode ser vista e considerada como uma forma de colocar em prática as táticas do professor Brício Cardoso, que se usava dos escritos dessas jovens moças para se manter presente no cenário intelectual, ou talvez por terem sofrido influências da professora Etelvina Amália Siqueira, que já se apresentava

como figura de destaque por escrever na imprensa sergipana, estimulando e servindo de exemplo para que suas alunas também se lançassem no campo jornalístico com produções principalmente literárias. Ou simplesmente pelo fato de serem moças de capital social elevado e que por isso tiveram espaço nas páginas do impresso estudantil, em função dos possíveis contatos que tinham com seus redatores, permitindo que publicassem no jornal mesmo de forma restrita num momento em que a mulher ainda era vista com um ser submisso.

Por fim, foi possível perceber que os alunos envolvidos na publicação desse impresso faziam uma representação das questões sociais, estabelecendo uma preocupação quanto ao progresso da cidade aracajuana, manifestando seu desejo pelo desenvolvimento dela em prol da civilização, mecanismo que permitiria aproximar o Brasil dos ideários de um país republicano que já se encontrava em processo de modernização. Civilizar para equiparar-se a outros estados foi uma ideia representada nas páginas de *O Necydalus*. Este ideal provavelmente surgiu devido ao fato de os jovens terem se apropriado das concepções vigentes da época, as quais defendiam a manutenção da ordem, da moralidade e da civilidade.

A mudança, o progresso e o desenvolvimento das áreas prejudicadas seriam o caminho para se chegar à modernidade e alcançar a tão desejada civilização, tirando Aracaju da situação de atraso e da desordem em que se encontrava. Entendemos que mesmo com a chegada dos bondes, do cinema, da água encanada e do calçamento das ruas, a situação ainda era precária e insuficiente, segundo as concepções desse jornal, para se chegar ao status de uma cidade civilizada. Logo, era preciso melhorar; daí a súplica por inovações e aprimoramentos dos setores urbanos de Aracaju.

### CAPÍTULO III

#### ENTRE ARTIGOS E SEÇÕES: AS PROPOSTAS EDUCACIONAIS DO JORNAL *O NECYDALUS*

##### *O Livro*

(Ao Dr. Alcibiades Paes)

*O livro é a espada dos sabios nas luctas intellectuaes.*

*Pela força de vontade e grandes esforços empregados nos livros é que o homem chega a ser sabio.*

[...]

*O homem é como o diamante, que não tem valor senão depois de lapidado.*

*Estes são lapidados pelos homens; os homens pelos livros.*

*O diamante atrae a luz; o livro contém a luz.*

*Elle ilumina o caminho do bem, para que o homem o siga sem errar.*

*O livro é, portanto, o pharól da vida, o educador das inttelectualidades.*

[...]

*Quantas capacidades ha por ahi perdidas, porque não foram cultivadas?*

*Estas são livros em branco, que não conteem sequer um vestigio das letras do alphabeto, tão cheias de preciosa luz.*

*São infelizes, que não poderão gasar a vida no mundo civilisado. Pois o homem sem cultivo intelectual é o que lucta com maiores difficuldades para atravessar a existencia.*

(M. Carvalho. In: *O Necdalus*, 20 de junho de 1909, n.º 3, Anno I, p.1).

Uma vez apresentadas temáticas que enfocam situações cotidianas presentes no impresso em análise, examinaremos neste capítulo os itens que tratam exclusivamente das problemáticas educacionais, buscando entender o que os jovens redatores refletiam e descreviam concernente a episódios educacionais, fazendo em alguns momentos denúncias ou manifestando um sentimento de repulsa a determinados acontecimentos que ocorriam na educação sergipana. Observamos nitidamente a crença transmitida em suas páginas em que se veiculava a ideia da educação como mecanismo indispensável para o desenvolvimento da população.

Esses discentes comungavam com a ideia de que a educação levaria o indivíduo a alcançar a felicidade e a desfrutar dos benefícios do mundo civilizado, pois, como revelam os escritos de *O Necdalus*, o homem que não cultivar os saberes intelectuais lutará com “maiores dificuldades para atravessar a existencia”.

Assim, investigando as matérias que descrevem sobre educação, procurou-se ratificar por entre as páginas do periódico, como se processava à educação em Sergipe, sobretudo no que se refere aos ensinos primário e secundário ministrados nos bancos do Atheneu Sergipense.

### **3.1 – O jornal *O Necdalus* e o Atheneu Sergipense: um olhar sobre a instrução pública**

Para demonstrar o pensamento educacional evidente nos escritos do jornal *O Necdalus*, foram selecionadas seções como: “O nosso Concurso”, “O novo Atheneu”, “Pelo Atheneu”, “O Problema do ensino”, além de artigos isolados intitulados “Os exames”, “A taxa” e “A nossa instrução primária”. Neles encontramos algumas discussões acerca dos ensinos primário e secundário em Sergipe, assim como fatos educacionais que se desenrolavam no Atheneu Sergipense naquele período. Ou seja, os artigos e editoriais aqui mencionados descreviam a respeito da situação do ensino em nível geral e sobre temas específicos ligados diretamente a situações vivenciadas dentro da instituição.

### 3.1.1 – O concurso

Com referência à seção “O nosso concurso”, fizemos um levantamento de onze artigos que tratam especificamente de uma eleição entre os estudantes para a escolha da melhor cadeira da instrução secundária do Atheneu Sergipense. Entre as várias disciplinas, os alunos deveriam escolher a mais simpática e a mais agradável, de forma que sua resposta fosse apresentada por meio de argumentos. Afirmaram nessa ocasião que para justificá-las, discuti-las ou argumentá-las não precisariam ser um Ruy Barbosa, informando ainda que as votações seriam consultadas “de cima para baixo, a começar pela quinta” série. Isso nos leva a inferir que havia uma espécie de hierarquia entre os discentes e talvez um prestígio em relação às séries mais avançadas para manifestar suas opiniões no jornal.

O primeiro e único aluno do 5º ano a se manifestar foi Gentil Tavares, que assim exibiu sua escolha e justificou seu voto. “Todas as disciplinas que são ensinadas no Atheneu, incontestavelmente, nos engrandecem: todas causam deleite; todas são belas! Qual a mais bela porem?”

Diante das indagações, Gentil expõe sua opção pela disciplina de Português. Esta atitude mostra a admiração que sempre teve não só pela disciplina, mas também pelo mestre que a ministrava, o professor Brício Cardoso. Além de Gentil Tavares mais oito alunos também expuseram no jornal sua disciplina preferida, colocando suas justificativas, às vezes receosas por não serem do contentamento de todos, inclusive de Gentil.

Esse foi o caso do aluno que se identificou apenas pelas iniciais G.M.M., demonstrando sua admiração pela Matemática, dizendo ser ela a matéria que estudava com mais gosto e a que aprendia com maior facilidade, por ser uma disciplina que causava grandes surpresas, ao ver a infalibilidade do cálculo e, também, por ser uma ciência positiva. Por fim, demonstrou que sua escolha se deu em função da pessoa “do lente, suas maneiras delicadas, rectas e serias, e seu modo de ensinar.” Ao mesmo tempo em que expõe sua escolha, justificou-se dizendo: “Embora pense que os leitores, e o proprio Gentil, não ficarão satisfeitos com as razões por mim apresentadas, não posso continuar, porque não tenho outras a trazer, dizendo apenas, para terminar: a respeito de gosto não se discute” (G.M.M. In: O NECYDALUS, Aracaju, 25 de julho de 1909, nº. 8, Anno I, p.1). Um outro aluno de nome Mathias Fontes Dantas, do 2º Ano, também deixou transparecer uma espécie de receio ao manifestar a sua alternativa pela disciplina de Matemática.

Prefiro perder todos os amigos a renegar um idéal.  
Convidado por alguns collegas para aqui gravar meu voto, tenho que satisfazer o convite, para mim honroso.  
Sei que não disponho do cultivo necessario para isto, como os meus collegas que aqui já figuraram, porém, tateando, procurarei gravar aqui em poucas e francas palavras e resumidas figuras, o meu voto.  
Indeciso não estou, – voto na Mathematica.  
Prefiro perder todos os amigos a renegar um idéal. Baseado neste inolvidavel modo de pensar de um erudito homem de lettras é que rabisco estas linhas (Mathias Fontes Dantas, In: O NECYDALUS, Aracaju, 29 de agosto de 1909, nº. 13, Anno I, p.1).

A repetição de sua justificativa por duas vezes mostra o temor desse aluno em expor sua escolha, como também é percebido o sentimento de inferioridade por pertencer a uma série menos elevada, revelando, em alguns momentos, sentir-se honrado pelo convite para participar, e em outros, inseguro para escrever nesse impresso, dando demonstração de que ainda está “tateando” no exercício da escrita. Pelas declarações, o escrito deixa a entender que o jornal não era um espaço tão democrático entre os discentes, apesar de em algumas ocasiões os produtores estimularem seus colegas para que escrevessem, dando suas contribuições. Havia critérios e exigências, como observamos no capítulo 2, ao mencionarmos as críticas e declarações relacionadas às más produções, que pode ter intimidado muitos jovens a exibirem sua preferência por uma determinada disciplina.

Uma outra preocupação manifestada por grande parte dos alunos ao transcreverem a sua escolha era de sempre mencionar o porquê de não escolher as demais matérias.

Dou a primasia a esta materia, que é para mim, a mais agradável, a mais *sympathica*, a que estudo com mais gosto, e a que mais deleite causa ao meu espirito, porque tem uma melodia suave, e a lingua que fallam meus paes, a lingua a que devo todos o meus conhecimentos, a que tem me deliciado o espirito com os versos de TOBIAS BARRETTO, os romances de JOSÉ D’ALENCAR, e a philosophia de FAUSTO CARDOSO...  
Não posso desprezal-a, pois não acho outra com tão boas qualidades e prestigios.  
O francez, o inglez, o latim, o grego, o allemão, a historia, a mathematica, etc., cada uma d’estas disciplinas possui sua má qualidade: n’umas, falta a melodia; noutras, avulta a necessidade de sabel-as a fundo.  
Qualquer d’elas não tem o prescimo e a riqueza da lingua portugueza.  
Por isso, convicto de tudo que, disse, voto pela lingua que fallam todos os brasileiros, em que cantam os nossos poetas, em que escrevem os nossos jornalistas, pela harmoniosa lingua em que hão de instruir-se os nossos pequenos contemporaneos (R. T., In: O NECYDALUS, Aracaju, 11 de julho de 1909, nº. 6, Anno I, p.1).

Outros afirmavam:

Quanto ás matematicas, ainda não; a Geometria e a Aljebra não me cauzam deleite; pelo contrario, preocupam-me consideravelmente o espirito, não deixando quasi tempo para outras cauzas.

A Corografia ocupa o restante do tempo que sobra das matematicas e ainda obriga-nos a decorar, o que não é tão boa coiza. Com o Desenho não me ocupo aqui, porque, além de não ser uma materia de absoluta necessidade, pois não pretendo ser enjenheiro, é um estudo delicadissimo, que exige muito tempo e paciencia.

A lingua de Virjilio e Cicero não me soa bem ao ouvido, com os seus solorum totorum, etc., se bem que eu tenha grande interesse em aprendel-a, [...] porque deve ser estudada como fonte que é de nossa lingua.

Para terminar: é o Inglez a materia que mais aprecio, porque reúne o util ao agradável, isto é, o ensino teorico ao pratico, o que é uma grande vantagem no ensino das linguas vivas (C. Silva, In: O NECYDALUS, Aracaju, 1º de agosto de 1909, nº. 9, Anno I, p.1).

Prefiro o Inglês, não pela beleza da lingua, porque, se por isto fosse, teria que votar em Portuguez, pois é a lingua que amamos. E não é só por isto, é tambem porque o seu estudo causa-nos algum entusiasmo. [...]

Não deixarei de dizer que estudar o Portuguez, o Francez, que aprecio consideravelmente, causa-me deleite; que estudar o Latim, fonte de tantas linguas, e os outros preparatorios da minha serie, traz gosto; mas, obedecendo ao meu dever de falar a verdade, repito, que ao Inglês dedico as minhas maiores sympathias (Milton Carvalho, In: O NECYDALUS, Aracaju, 8 de agosto de 1909, nº. 10, Anno I, p.1).

Diante das opiniões apresentadas por alguns discentes, deram-se por encerradas as votações, constatando-se que a disciplina Inglês foi a que ganhou o maior número de votos entre os alunos participantes, como exhibe o quadro 10.

**Quadro 10** – Melhor cadeira do Atheneu Sergipense: resultado do concurso.

<b>Aluno</b>	<b>Professor</b>	<b>Disciplina</b>
<b>G.T.</b>	Brício Cardoso	Português
<b>M.T.</b>	Brício Cardoso	Português
<b>G.M.M.</b>	Francisco Teixeira de Faria	Matemática
<b>C. Silva</b>	Alcibíades Paes	Inglês
<b>Milton Carvalho</b>	Alcibíades Paes	Inglês
<b>Dias Lima</b>	Abdias Bezerra	Francês
<b>C.D.G.</b>	Alcibíades Paes	Inglês
<b>Matias Fontes Dantas</b>	Francisco Teixeira	Matemática
<b>R. Pinto</b>	Alcibíades Paes	Inglês

**Fonte:** Quadro elaborado a partir de informações retiradas do Jornal *O Necdalalus*.

Entre as matérias existentes, apenas quatro foram votadas: Inglês, Português, Matemática e Francês. A disciplina Inglês obteve quatro votos; Português, dois votos; Matemática, dois; e finalmente Francês, com um voto. Alcibíades Paes conseguiu referendar sua boa reputação entre os discentes, principalmente pelo método que utilizava e por sua forma de ensinar, como destacaram alguns estudantes.

Depois de ter dado os porquês de não votar nas diversas cadeiras da minha serie, e restando-me apenas fallar no Inglez, é claro, é evidente que vou votar nelle. Resta-me, porém, dizer porque.

O Inglez, apesar de ser uma lingua inteiramente differente da nossa e um tanto difficil, é a materia que estudo com mais gosto e que mais deleite me causa ao espirito, porque é a unica no Atheneu em que os estudantes são estimulados ao estudo; porque das linguas é ainda a unica que tem um curso pratico; finalmente porque vejo ao Professor de Inglez o modelo do verdadeiro mestre, que não poupa tempo nem esforços afim de que os seus discípulos aprendam (C. D. G., In: O NECYDALUS, Aracaju, 22 de agosto de 1909, nº. 12, Anno I, p.1).

Outro declara:

E assim meditava, quando de repente aconselhou-me a Providencia a votar no Inglez. Aceitei a idea, e explico porque:

O Inglez é, na verdade das matérias que estudo a mais difficil; porem esta difficuldade logo desaparece, porque temos á frente um mestre que bem se compenetra de seu papel, que bem sabe desempenhar sua missão, e que está sempre interessado em desviar todos os embaraços que se nos antolham.

Em vista de todas estas considerações, voto no Inglez, unica materia que reúne o bom ao melhor, isto é, o ensino theorico ao pratico, que é para nós de grande vantagem (B. Pinto, In: O NECYDALUS, Aracaju, 12 de setembro de 1909, nº. 15, Anno I, p.1).

A admiração pelo professor Alcibíades Paes também se faz presente em outros momentos no impresso, fazendo parte de homenagem em que sua biografia foi mencionada. Em notas de aniversário, de viagens, seja por motivo de saúde seja qualquer outro acontecimento, estava sempre sendo noticiado por esses jovens, mostrando que tinham para com esse mestre os sentimentos de respeito, admiração, carinho e preocupação.

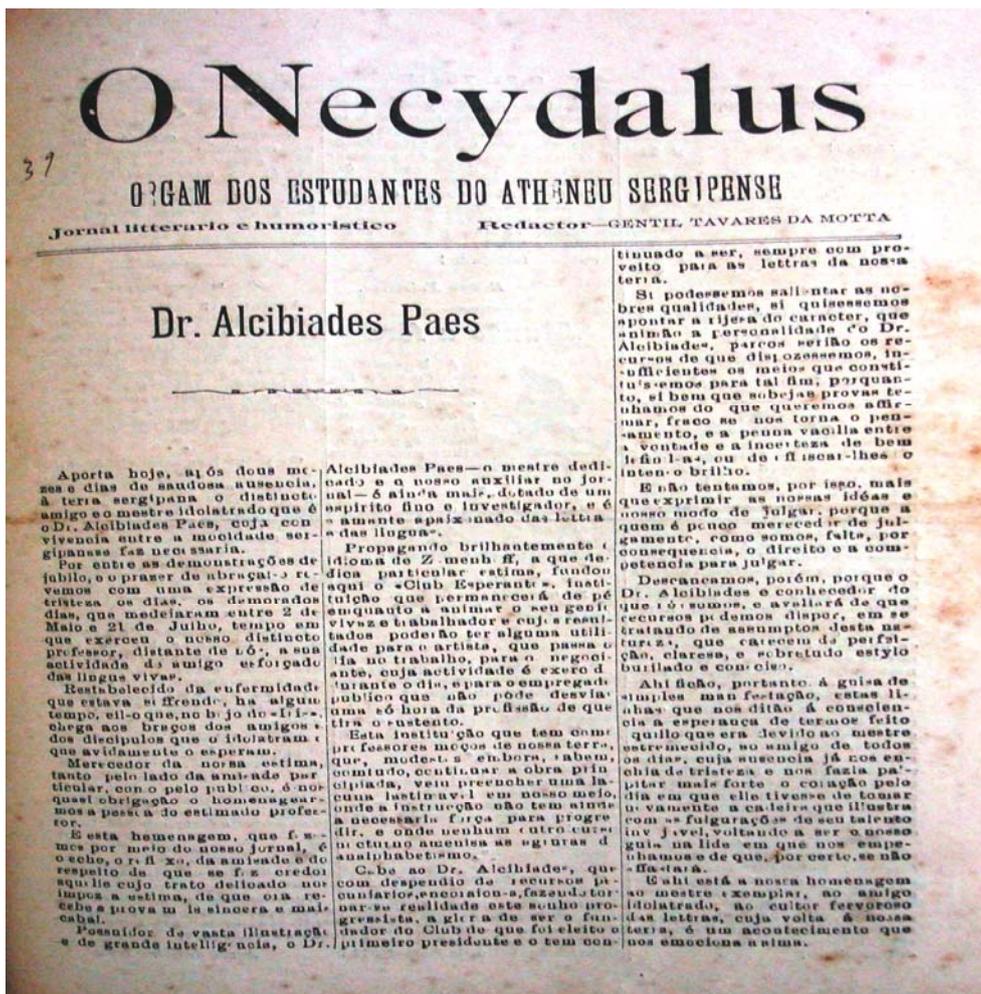


Figura 6 – Matéria apresentada em homenagem ao professor Alcibiades Paes.  
 Fonte: Jornal *O Necydalus*, Aracaju, 22 de julho de 1910, nº. 39, Anno II, p.1.

Outro fato percebido sobre os alunos que participaram do processo de votação, com exceção apenas de Milton Carvalho, Dias Lins e Mathias Fontes Dantas, é que havia resistência por parte dos estudantes em apresentar seu voto no concurso para a escolha da melhor cadeira existente no Atheneu Sergipense, identificando-se apenas com as iniciais do nome, o que reflete a preocupação de muitos deles em revelar sua identidade (Ver quadro 10). A desconfiança de boa parte dos alunos ocasionou uma restrita participação, por ficarem provavelmente temerosos a uma exposição. Vale ressaltar que os alunos do 1º ano não participaram das votações. Motivo que leva-nos a indagar que, em função da forma como foi hierarquizado o concurso, no momento em que se lançou a votação, este pode ter inibido boa parte dos jovens em demonstrarem seu ponto de vista.

Demos hoje o resultado de nosso primeiro concurso, não tendo feito ha mais tempo pela demora que nos impunha a esperança de recebermos mais votos.

Infelizmente, a maior parte da mocidade do nosso Gymnasio e por de mais timida e esquiva. Apesar do nosso appello [...] apenas 9 eleitores se apresentaram. E, no entanto, o nosso eleitorado, o eleitorado do NECYDALUS, de émais de setenta figuras! (O NECYDALUS, Aracaju, 24 de outubro de 1909, nº. 21, Anno I, p.1).

Os alunos que fizeram parte da criação do concurso enxergaram essa ocorrência como algo desanimador, uma vez que contaram com a presença de apenas nove participantes, diante de mais de setenta estudantes matriculados. Entretanto, mesmo não surtindo êxito, os estudantes que se prontificaram a organizá-lo ainda se mantiveram persistentes.

Esperamos que tal não sucederá mais ao nosso actual concurso e aos que tenhamos de promover para o futuro. Porque o concurso é uma causa avassaladora. Temol-os hoje por toda a parte e a todos os propositos. Quem não puder mais supportar a idea de concurso, tem de deixar, quanto antes, pelo menos, este maravilhoso planeta que habitamos (O NECYDALUS, Aracaju, 24 de outubro de 1909, nº. 21, Anno I, p.1).

O concurso também havia causado uma espécie de descontentamento entre alguns lentes, levando-os a fazer críticas à escrita do jornal, principalmente por iniciar, em sua primeira matéria, com um concurso. Tais afirmações foram expressas na seção denominada “Toques e retoques”:

Começou dizendo que daquele nosso protesto estava errado o principio. (Avaliem so o resto!)

Que em lugar de se dizer, do alto destas colunas, deve-se dizer do meio para não haver lacunas. Mas o que é croniqueta? Perguntava aos circumstantes: de sopro algum instrumento respondeu depois de instantes. Disse mais que um jornal que com um voto começa nunca poderia ser bom, para nada mesmo prestava.

O professor sertanejo que se deixe de vaidade, repare bem ao que diz e fale sempre a verdade (Sirgozinho, In: O NECYDALUS, Aracaju, 5 de setembro de 1909, nº. 14, Anno I, p.4).

As críticas apresentadas referem-se aos escritos da seção “Chroniqueta”<sup>60</sup>, fazendo alusão ao concurso lançado pelo jornal, que começou a circular no periódico de 27 de junho de 1909. Nessa seção evidencia-se um pedido de apelo a Gentil para que não

---

<sup>60</sup> A palavra *croniqueta* aparece no jornal escrita de três maneiras: *croniqueta*, *chroniqueta*, *crhoniqueta*.

escrevesse mais artigos que produzissem nos lentes sem concurso a terrível moléstia do medo agudo<sup>61</sup>.

Não foi sem causa que elles ficaram doentes: ficaram por causa do artigo – CONCURSO, – publicado n’O NECYDALUS de 27.

Não era para menos, um artigo que dizia que: teríamos o prazer de ver todas as nossas cadeiras em concurso, ou por outras palavras, os lentes sem concurso na rua.

Não lhe saia caro este prazer!

Porem, se o Gentil é d’aquelles que dizem, mais vale um gosto de que uma reprovação, continue (Petrônio. In: O NECYDALUS, Aracaju, 11 de julho de 1909, n.º. 6, Anno I, p.4).

Com isso, o concurso criado em 27 de junho, ainda nos primeiros números, causou polêmicas entre alguns docentes e, ao que parece, entre os que compunham o quadro de professores do Atheneu Sergipense sem concurso.

Há poucos dias, ha menos de um mez, gosámos todos aqui, nesta formosa Aracajú, o bello espetaculo de um concurso.

O concurso é assim uma cousa parecida com uma tourada. O espetaculo é bello, mas ao mesmo tempo, quase sempre, horrivel. Há choques tremendos, encontros bruscos e pesados: choques de competencia [...]

O concurso era então uma verdadeira tourada, em que havia touros (os candidatos), toureiros ou toureadores (os arguentes) e a arena (a sala onde se legladiava).

E foi por isso, porque, em vez de concurso, tinhamos tourada, que se acabou com o systema de arguição: e é por isso que muita gente ainda hoje tem horror ao concurso.

Mas, apesar de todos os pezares, o concurso é sempre um espetaculo encantador e o realizado ultimamente no Atheneu teve attractivos especiaes (O NECYDALUS, Aracaju, 27 de junho de 1909, n.º. 4, Anno I, p.1).

Apesar de não deixarem claro se era por concurso ou não, os redatores do jornal, sempre que um novo lente era admitido ou nomeado para assumir cadeira no Atheneu Sergipense ou na Escola Normal, tinham a preocupação em noticiar tal acontecimento.

Foram nomeados para substituir os lentes de Desenho e Mechanica e Astronomia do Atheneu Sergipense o distincto professor Abdias Beserra, illustre lente de Francez deste estabelecimento, e o engenheiro Firmo Freire (O NECYDALUS, Aracaju, 16 de setembro de 1910, n.º. 46, Anno II, p.3).

---

<sup>61</sup> Segundo Alves (2005a), o Atheneu Sergipense era composto por professores catedráticos, professores honorários e professores substitutos.

Outros lentes mencionados por esse impresso foram Brício Cardoso, Alcibíades Corrêa Paes e Alfredo Montes Júnior, que, pelas descrições parecem ter sido nomeados em função de vagas que surgiram por motivos de aposentadoria ou por terem formação adequada.

Para reger interinamente a cadeira de Portuguez da Escola Normal, vaga com a jubilação do illustrado Professor Balthazar Góes, foi acertadamente nomeado o velho mestre Brício Cardoso, lente vitalicio d'aquela doutrina no Atheneu Sergipense (O NECYDALUS, Aracaju, 15 de agosto de 1909, nº. 11, Anno I, p.2).

Entende-se que mesmo sem os concursos, alguns docentes acabavam assumindo cadeira no estabelecimento. Segundo Nunes (1984), a política intervinha na educação, não apenas no setor primário como também no normal, para os quais, independentemente de concurso, muitos lentes eram nomeados pelo governo através de apadrinhamento, abolindo, em alguns momentos, as sucessivas leis da Assembleia. Alves (2006a) salienta que:

Coube ao Governo prover as cadeiras, quando de criação do Atheneu Sergipense, elegendo 'as pessoas que mais aptas lhe pareçam para o fim que se pretende' (Regulamento Orgânico da Instrução Pública da Província de Sergipe, 24 de outubro de 1870. Art. 23). As demais cadeiras e vagas que surgissem depois só poderiam ser preenchidas por concurso público. Os rituais, métodos, personagens, papéis e formas de julgamento são matérias detalhadas nas legislações e demais documentações que regulamentavam as provas de defesa de tese de livre escolha ou sobre assunto sorteado, as provas práticas, quando a natureza da cadeira exigia, as provas escritas, orais e arguições (ALVES, 2006a, p.61).

Souza, C. (2003), expõe o pensamento do presidente Rodrigues Dória sobre a cadeira do ensino público, quando ele diz que “tem sido aqui compreendida como emprego para salva-guardar protegidos da penúria. [...] Em matéria de ensino a precisão tem muitas vezes sobrepujado o saber” (SOUZA, C., 2003, p.111).

Em relação aos concursos cujos anúncios eram publicados no jornal, ao contrário dos que eram realizados no Atheneu Sergipense, eram considerados pelos redatores como diferentes e talvez originais. “Os candidatos, os touros, não são homens (também não são mulheres); são as varias disciplinas ou materias” existentes no Atheneu Sergipense. A organização de tais concursos tinha um outro propósito que era utilizado como uma estratégia para estimular seus assinantes a comprarem o jornal.

Assim, o concurso realizado para a escolha da melhor cadeira significou uma tentativa de incentivar os discentes do Atheneu Sergipense a adquirirem o periódico, devido ao fato de que muitos deles, como já vimos anteriormente, vinham devolvendo com frequência seus exemplares. Essa tentativa era considerada frustrada já que grande parte dos alunos não participou das votações para a escolha da melhor disciplina ministrada no Atheneu Sergipense<sup>62</sup>.

Mesmo não conseguindo estabelecer uma participação significativa no primeiro concurso, os estudantes resolveram estabelecer um novo, denominando “Concurso”, que apareceu em quatro números, e tinha como finalidade a tradução de uma anedota escrita em inglês retirada da “Sadler”<sup>63</sup>.

Decididamente estamos na época dos concursos; portanto, apresentamos um ao leitor, que ao nosso ver é original.

É o seguinte: aqui vai uma anedocta do Sadler, escripta em Inglez, cuja traducção, por todo o mez de Outubro, para apurarmos qual dellas a melhor. Aquelle que apresentar melhor a traducção terá um magnifico premio (O NECYDALUS, Aracaju, 12 de outubro de 1909, nº. 19, Anno I, p.1).

Após julgadas e analisadas as traduções que eram enviadas à redação, noticiouse no número 23, o resultado do concurso, expondo a anedota completa sob o título “O pagem e as cerejas”, com o nome do vencedor, o aluno Clarindo Diniz Gonçalves (Ver anexo 5).

Esses procedimentos presentes no jornal reafirmam as constatações feitas por Cruz (2000), quando esta menciona sobre os pequenos impressos. Sendo o concurso considerado por essa autora como uma “artimanha” para manter a sobrevivência dos pequenos periódicos. E o jornal *O Necydalus*, como vimos, também fez uso desse recurso para estimular seus leitores a continuarem assinando o tabloide, por acreditarem que os concursos incentivariam a leitura e do mesmo modo a compra dos exemplares.

---

<sup>62</sup> Segundo Cruz (2000), “a venda adiantada de um número razoável de assinaturas era a estratégia fundamental de sua sustentação financeira. Na cata de assinantes, desenvolveram-se inúmeras artimanhas que variavam desde o envio do primeiro número para endereços selecionados [...], à organização de concursos que por vezes resultavam em concorridas votações dos leitores, os quais a cada número apareciam nas listagens nominais das seções do concurso, e à distribuição de prêmios entre os assinantes” (CRUZ, 2000, p.140-141).

<sup>63</sup> Segundo Gally (2004), ficou estabelecido, através do estatuto do Atheneu, que, para os estudos da “língua inglesa, seriam a *Gramática* de Gibson, *Seleta* de Sadler e *History* de F. Roma” (GALLY, 2004, p.38).

### 3.1.2 – O ensino primário

Na seção “O Problema do ensino” (dois editoriais) e “A nossa instrução primária” (um editorial), visualizamos a opinião dos editoriais a respeito dos problemas enfrentados pelo ensino primário, na primeira década do século XX, em território sergipano.

É relevante citar que a educação do estado vinha enfrentando, desde o século XIX, diversos problemas que impediam a melhoria do processo educacional, o que foi mostrado por Nunes (1984), ao expor as palavras do presidente Dr. Anselmo Peretti em 1843.

Não pode ser pior o estado da instrução aqui; e faltam-me expressões pra descrever, a apatia, a inércia e a indolência que se ostenta o ensino público, principalmente o primário, com pouquíssimas exceções. Existiam professores que não ensinavam aos discípulos ‘nem assinarem o nome’ (NUNES, 1984, p.67).

Os problemas do ensino em Sergipe já vinham se arrastando há décadas, permanecendo mesmo após a chegada da República, que, diante de inusitadas expectativas, não surtiram mudanças significativas, impossibilitando assim a concretização do idealismo que surgiu em Sergipe no início do período republicano.

O sistema educacional permaneceu quase o mesmo, sem grandes modificações, o qual, conforme expõe Nunes (1984), servia apenas para atender aos interesses da classe dominante. Algumas transformações ocorreram a partir do governo de Rodrigues Dória e anos depois, com o ingresso de Sergipe no pré-capitalismo, que passou a exigir do setor educacional a qualificação da mão-de-obra para atender às necessidades do setor produtivo, acontecimento que permitiu ao poder público direcionar-se para o ensino popular e profissionalizante.

No editorial de número 34, intitulado “A nossa instrução primária”, reflete-se a situação vivenciada pelo ensino primário na primeira década do século XX, quando seus autores descrevem:

A nossa pequenina terra resente-se, de ha muito tempo, duma reforma radical na sua instrução primaria.

O ensino sem methodo, ministrado por pessoas pouco comprehendedoras de seus deveres, produz no animo da creança um terror constante da escola, a par de uma completa indiferença pelo estudo.

Vemos, não raro, creanças que achão-se estudando a parte relativa às frações ordinarias e fazendo contas de sommar ou diminuir, cujas regras já ficaram muito atraz e por conseguinte esquecidas.

A leitura mastigada, a calligraphia pessima e sobre tudo isto a incuria das professoras, que apenas ambicionam os honorarios, contribuem para que a população de nossa terra tenha a maior quantidade possivel de analphabetos, ou de quem apenas sabe assignar o nome (O NECYDALUS, Aracaju, 19 de junho de 1910, n.º. 34, Anno II, p.1).

O catedrático Brício Cardoso, como um dos mestres que ajudavam os alunos a produzirem as matérias do jornal *O Necydalus*, era um dos defensores da educação primária obrigatória, por considerá-la, segundo Gally (2004), uma necessidade política e social. O referido professor compartilhava da ideia de que era

a instrução primária a responsável pelo processo de ‘evolução da sociedade rumo aos avanços econômico, tecnológico, científico, social, moral e político alcançados pelas nações mais adiantadas, tornando-se um dos elementos dinamizadores dessa evolução’. Além disso, era ainda ela responsabilizada ‘pela formação intelectual e moral do povo’ (GALLY, 2004, p.80).

Em um outro editorial de número 47, sobre o problema do ensino, também, evidencia-se o olhar do jornal a respeito das questões direcionadas aos problemas vivenciados pela educação, o qual descreve ser esta uma situação que se remete ao futuro da pátria, sendo por certo algo ainda sem resolução, afirmando ser o ensino nesta terra “uma das cousas que vivem mais desordenadas e carece de cuidado e regularisação”.

Remodelar o ensino, eis o problema cuja resolução é um mytho ainda. Sanar todas as irregularidades, subtrahir todas as partes dispensaveis e substituir por outras as materias desnecessarias às necessidades immediatas do cidadão, são os dados para a solução do terrivel problema (O NECYDALUS, Aracaju, 31 de julho de 1910, n.º. 40, Anno II, p.1).

Diante das dificuldades enfrentadas pela educação, vivendo “um verdadeiro estado de desorganização”, os estudantes expressavam o desejo de buscar a melhoria do ensino, mostrando, como saída, uma verdadeira reforma radical da instrução pública para alcançar o propósito de alfabetizar as classes populares.

Frente a esses problemas, os escritos do jornal ressalta a postura de alguns docentes, mencionando o comportamento em sala de aula como um dos males para a real

situação sofrida pela instrução primária. Nesse veículo de comunicação podemos encontrar algumas críticas dirigidas às professoras primárias, quando dizem: “Quanto às escolas primárias até nem é bom fallar: – é uma preguiça danada, que ás lettras vem matar”. Em outro trecho descreve: “nos dias de pagamento não ha aula nas escolas, enquanto que as professoras no thesouro enchem as sacolas”.

Quando, em qualquer dia de eleição, morte de conhecidos, dias de feira, 1ª sexta-feira de mez, vemos a creançada passar pela nossa porta, de volta da escola, perguntamos admirados de tanto ócio, o que tem as professoras com as cousas alheias ao serviço publico de que tiram os meios de vida? No dia da eleição, como sabe-se, a professora dispensa os alumnos talvez porque os paes vão votar; no dia de feira, porque vão a feira e o menino por isto deve perder o dia; na primeira sexta-feira, porque ha missa e a egreja é superior ao Estado; e nesta marcha, em breve a professora deixará de ensinar dividido a diversos acontecimentos de seu particular interesse. Ora, com o systema de ensinar deturpado, as faltas das professoras, as ferias, os domingos, feriados, os dias santos e os que a professora despense, desaparece a verdadeira instrucção para dar logar a um modo máo de ganhar dinheiro (O NEYDALUS, Aracaju, 19 de junho de 1910, nº. 34, Anno II, p.1).

Nesse mesmo editorial, apresentam-se críticas relacionadas à falta de compromisso e de interesse das professoras primárias em melhorar o ensino.

O ensino, em verdade, dá muitos trabalhos, afflicções mesmo, mas apenas para quem dá-se ao encommodo de ensinar, porque quem não ensina não tem trabalhos, nem impaciencia, nem afflicção, e apenas busca n’aquillo o meio garantido de subsistencia. Notamos logo á primeira vista o descuido que ainda por todos os departamentos da instrucção primaria, quando ouvimos um menino chamar a professora – *fessora* – a sua propria vista, e não ouvi della o vocabulo correcto, em reprimenda á palavra corrompida (O NEYDALUS, Aracaju, 19 de junho de 1910, nº. 34, Anno II, p.1).

Essa visão referente ao comportamento das professoras é igualmente representada por meio do soneto “O ensino”, publicado na edição de número 26:

## O ensino

Parodia ao DEGENERACÃO do padre Corrêa de Almeida

(Dedicada às professoras publicas)

Do ensino as normas puras e sem jaça  
Na terra de Tobias degenera;  
Hoje esta sciencia está tão lassa  
Que saber por aqui é uma chiméra

Dia de cobres ao Thesouro em massa  
As professoras vão. Com ar de fera,  
Dizem ao menino, que calado espera,  
Que não tem nesse dia o que se faça.

Dia de feira também ha dispensa;  
Do mesmo modo a professora pensa.  
Quando fazem qualquer uma eleição;

E de forma que, em breve, a professora  
Passará annos, mezes, dia e hora  
Sem ter o que fazer, sem occupação.

Voltando ao número 47, destaca-se ainda o desleixo e descuido dessas professoras<sup>64</sup> quanto ao modo de ensinar, além de demonstrar o método de ensino utilizado, não trazendo nenhum benefício para o aluno em relação ao seu nível de aprendizagem.

É facilimo julgar o quanto de descuido e de desleixo predomina no modo de ensinar, quando se percebe, pela quantidade de tempo que a professora gasta com as lições de cada alumno, lições estas tomadas em separado, ao envez de constituir um curso regularizado, dividido em classe, com programma immutavel de resultados praticos e infalliveis.

Em algumas escolas, cujas dirigentes são demasiado religiosas adoptão-se cartilhas, cathecismos, historias sagradas etc.; outras, porém, alheião-se completamente a isto, não dando aos alumnos conhecimentos que, embora,

---

<sup>64</sup> Gally (2004) enfatiza o pensamento da instrução pública naquele momento afirmando que “para muitos havia um fator pior do que a falta de escolas: eram as escolas onde nada se ensinavam por falta de professores competentes e qualificados. O mestre, portanto, deveria ser ‘o ponto objetivo da nova reforma. Não cessaremos de repeti-lo: toda reforma que não tiver por base, não dizemos melhorar, mas criar professorado, ficará letra morta no papel em que imprimirem. Para este ponto, chamamos com tanto mais prazer e atenção do governo, quanto sobre lhe podemos e devemos estar todos os acordes’” (GALLY, 2004, p.82).

de somenos importância, lhe poderão contudo servir (O NEYDALUS, Aracaju, 21 de setembro de 1910, nº. 47, Anno II, p.1).

Apesar de que o “ensino público em qualquer estabelecimento de Sergipe, deveria seguir o método intuitivo e pratico” (ALVES, 2005a, p.71), o método de ensino empregado pelas professoras, ao qual o editorial do jornal se refere, é o que os especialistas em educação denominaram de método individual. “Tal método consistia em que o professor, mesmo quando tinha vários alunos, acabava por ensinar a cada um deles individualmente” (FARIA FILHO, 2003, p.140).

Esse método foi assim caracterizado pelo fato de o aluno ficar horas sem contato direto com o professor, levando à indisciplina e à grande perda de tempo. Em função de suprir tal necessidade, dá lugar a novos métodos, a exemplo do lancasteriano ou mútuo<sup>65</sup>.

Como forma de organização seriada das classes, a utilização racionalizada do tempo e dos espaços para o controle sistemático do trabalho das professoras, dentre outros aspectos, foi articulada aos grupos escolares criados a partir do século XIX<sup>66</sup>.

Diante das irregularidades observadas no ensino primário em Sergipe, ainda no início do século XX, manifestou-se uma preocupação pela forma desordenada de como o conhecimento era transmitido em sala para os alunos. Neste sentido, o sistema de ensino seguia de acordo com a quantidade de conhecimento da professora primária, constituindo em cada escola “um typo diferente de estudo, sem base, sem programma, sem unidade de vistas; de modo que o alumno ao sahir de uma escola vae começar novamente o caminho percorrido em outra onde se matricule” (O NEYDALUS, Aracaju, 21 de setembro de 1910, nº. 47, Anno II, p.1)<sup>67</sup>.

---

<sup>65</sup> A respeito desses métodos, consultar FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: **500 anos de educação no Brasil** – 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (Coleção Historial, 6), p.135-150.

<sup>66</sup> O Brasil teve que esperar desde a primeira década do século XIX, primeiro em São Paulo e, depois, em vários estados brasileiros, para ver em funcionamento as primeiras construções públicas próprias para a realização da instrução primária: os grupos escolares (FARIA FILHO, 2003, p.147). Sobre grupos escolares, ver também SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

<sup>67</sup> Relatos sobre a falta de professoras diplomadas foram mostrados por Freitas (2003b), ao expor a mensagem do presidente da Província, Guilherme Souza Campos. “A observação do Diretor da Instrução Pública, como já tive ocasião de dizer-vos, explica-se pela falta de diplomados, pois que o professorado em quase sua totalidade compõe-se de professoras sem o curso normal e nomeadas sem concurso regular. Não corrigi essa notável falta porque, sendo taes professoras vitalícias, não podia dispensal-as; e, se fizesse, além de commetter uma violencia contra o direito que lhes assiste, o Estado seria ainda mais onerado, desde que tivesse de lhes pagar os vencimentos que lhes são garantidos pelas leis em vigor. Só demoradamente se poderá fazer a substituição” (FREITAS, 2003b, p.153-154).

Por conta disso, os alunos/redatores fazem apelos ao presidente Rodrigues Dória para que colasse em nível superior “esta instrução descuidada ou submettendo as cadeiras a concurso, ou obrigando estas professoras a absorverem os programmas traçados”. Entendem que difundir a instrução regularizada e produtora, em um território, é um benefício que se realiza a um povo. “Instruir as ‘classes inferiores’ era tarefa fundamental do Estado brasileiro e, ao mesmo tempo, condição mesma de existência desse Estado e da nação” (FARIA FILHO, 2003, p.137). Por meio de tais pensamentos acreditava-se que

ao governo cumpre, pois, concertar o ensino nesta pequenina terra; dar ao que se chama directoria de instrucción a função que ella deve exercer; uniformisar o systema de ensinar, dando programma às escolas, fazendo seguir o ensino uma norma traçada pelos modos mais praticos e mais productores; dar pessoal competente às escolas; nomear professoras stagiarias, o que evitará a falta de pratica no educar; obrigar livros que instrução sem cançar, encerrando lições de moral, cousa que falta em todas as escolas, e que faz dellas um pasto para a obsenidade; remodelar a Escola Normal até que fique em condições de satisfazer ás maiores exigências do ensino; impor a idade legal para o exercicio das cadeiras; abrir concurso para preenchimento das mesma, dar, emfim, uma organização; sem accrescimo de gastos, mais producente e efficaz (O NEYDALUS, Aracaju, 21 de setembro de 1910, nº. 47, Anno II, p.1).

Segundo Nunes (1984), grande parte dos professores que ingressavam no ensino para atuar em sala de aula não prestavam concurso, havendo uma grande intervenção política na educação. Além da falta de concurso, outro fator agravante era a falta de formação necessária ao exercício da docência, já que através do artigo 272 do Regulamento baixado pelo Decreto de nº. 501, de 5 de agosto de 1901, “os professores que completassem 5 anos de efetivo exercício no magistério teriam o direito a vitaliciedade na profissão, mesmo que não possuíssem o diploma do curso normal” (FREITAS, 2003b, p.152-153), o que nos leva a crer que havia docentes sem a formação exigida para lecionar no ensino primário em Sergipe<sup>68</sup>.

---

<sup>68</sup> “O presidente Dr. José Rodrigues da Costa Dória, em sua mensagem Presidencial em 1910, ressalta a necessidade de concurso para o provimento de cargos das professoras, pedindo inclusive a revogação da lei nº 548, entendendo que o diploma de normalista, apesar de conceder vitaliciedade no cargo, não garantia a habilitação necessária:

‘Não quero em absoluto considerar o concurso como processo unico para o bom preenchimento dos lugares do magistério, em qualquer dos seus graos: este processo pode ser dispensado em paizes onde a instrução é largamente difundida e onde as competências são em avultado numero. Ainda assim não se pode abrir mão do concurso de documentos. Ao concurso, em regra não se apresentam os inteiramente incapazes, por vezes os mais protegidos. [...] Penso que o concurso entre as normalistas deve ser regra para preenchimento das

Percebemos ainda em Thétis Nunes a atuação de Rodrigues Dória, quando expõe, por meio do Decreto de nº. 563, de 12/8/1911, a pretensão em melhorar o ensino público primário por entender que este ainda se mantém ministrado por “processos obsoletos e condenados pela moderna pedagogia”.

O interesse do presidente Rodrigues Dória para implantar uma melhoria no ensino foi descrito por Nunes (1984) como o de um homem que de fato buscava trazer novas mudanças para a educação em Sergipe. Alves (2005a) também explicita o papel representado por Dória no momento em que atuou como presidente do estado, afirmando que um novo período se inicia no ensino público sergipano, pois ao se ver insatisfeito com o direcionamento que a educação vinha tomando em seu governo, e inconformado com as despesas feitas pelo estado diante de um “‘ensino obtido por métodos atrasados’, percebeu a necessidade de remodelação do ensino, trabalho que exigia, segundo ele, ‘tempo, perseverança, e introdução de elementos novos, educados em meios adiantados neste serviço’” (ALVES, 2005a, p.10). Freitas (2000) afirma ainda que:

o esforço dos intelectuais em participar do movimento incessante de progresso estimularam o governo a apoiar a ‘atividade intelectual’ e reduzir os baixos níveis de instrução da população em geral. Essa demandas sociais, aliadas a alguns casos de afinidade entre intelectuais e administradores, ou à participação de políticos ‘ilustrados’ nos cargos majoritários, fez com que o governo atacasse o problema do ‘atraso cultural’ em duas frentes: para a massa da população construiu escolas de ensino elementares. À classe média foi prometida a reestruturação de equipamentos essenciais para a produção científico-literária como biblioteca, teatro e museu (FREITAS, 2000, p.48).

As iniciativas para a melhoria da educação não ocorreram apenas em Sergipe, mas em âmbito nacional, surgindo assim, a crença de que a educação era a solucionadora dos males na luta e determinação para a melhoria da educação popular, erradicando o analfabetismo e contribuindo, dessa maneira, para o progresso e desenvolvimento do país. Esta concepção foi designada por alguns estudiosos como “entusiasmo pela educação”. Por postular a educação como uma espécie de “chave mágica que viabilizará a passagem do pesadelo para o sonho” (CARVALHO, 1989, p.55) capaz de solucionar todos os problemas do país.

---

escolas primárias, porque infelizmente o título de normalista, que dá a vitaliciedade ao professor primário, está longe de ser uma prova de habilitação” (FREITAS, 2003b, p.157).

De acordo com Carvalho (1998), na década de 1910 surge a convicção de que a “escolarização era ‘o principal instrumento para o progresso do país’” (1998, p.135). Essa autora, ao fazer referência aos estudos de Vanilda Paiva, destaca ainda que:

com o nacionalismo dos anos 10 voltam à baila os ideais republicanos e democráticos, aos quais se ligam os anseios de universalização do ensino elementar e de ampliação das oportunidades educacionais para o povo. Organizam-se as ligas, em cujos programas sempre estão presentes reivindicações relativas à instrução popular... Este nacionalismo educacional, que se manifesta na luta pela democratização do ensino, está ligado ao problema da ampliação das bases de representação eleitoral, pois na medida em que o grupo industrial urbano pretende a recomposição do poder político dentro do marco da democracia liberal o caminho mais seguro era o da difusão do ensino (PAIVA *apud* CARVALHO, 1998, p.33).

A educação, diante desse entusiasmo, também se apresentava como espaço de interesses políticos e não apenas pedagógicos, sendo priorizada em função da melhoria dos problemas nacionais, “cuja solução transformaria política, social e economicamente o país” (CARVALHO, 1998, p.35). Em outras palavras, esses fatores atuariam como instrumento de controle social.

As concepções apontadas por Carvalho (1998), como influência das ideias liberais, via a educação como um “‘meio de formação dos homens exigidos pelo padrão civilizatório que se pretendia instaurar no país’, devendo por isto ‘ser imposta, de qualquer forma, a todos’” (CARVALHO, 1998, p.41).

É interessante ressaltar que nessa fase o ideário escolanovista já se apresentava em alguns momentos no Brasil, mas não se poderia ainda falar, propriamente, da sistematização das ideias da Escola Nova nem da criação de instituições escolares organizadas de acordo com seus princípios. Conforme Souza (2003), ao fazer uso do pensamento de Jorge Nagle, o que se podia afirmar é que existiam naquele momento “alguns antecedentes, no sentido de modesta infiltração desta ou daquela idéia ou noção, ou condições facilitadoras da penetração posterior desse ideário” (SOUZA, J., 2003, p.109). Ou seja, ideários preliminares que se concretizariam anos depois, através do movimento dos intelectuais da Escola Nova. Estas evidências podem ser percebidas nos escritos do jornal.

O entusiasmo que se processou nesse período, no início do século XX, em favor da difusão do ensino elementar, ligado às tentativas de recomposição do poder político,

não sobreviveu com o mesmo caráter logo após os primeiros anos da década seguinte, quando se tornou claro para grupos que estavam na luta pelo poder que, “através da educação, a conquista da hegemonia política era problemática e demandava muito tempo” (CARVALHO, 1998, p.33).

Em Sergipe, esse interesse pela educação que se manifestou nos primeiros anos do século XX não perdurou por muito tempo, ficando as reformas educacionais apenas na superfície, tendo ocorrido somente as mudanças necessárias à satisfação dos interesses da classe dominante. Sendo assim, os problemas educacionais do Império mantiveram-se por toda a República.

Na prática, pouco diferiam uma das outras, como demonstra o Regulamento de 19/10/1912. As inovações nele aparecidas visavam a atender apenas adultos de ambos os sexos, que lhes permitissem ‘ler, escrever e contar correntemente’, em três anos de estudo. Eram exigências que se apresentavam aos operários que acorriam às fábricas em funcionamento (NUNES, 1984, p.217).

Todavia, mesmo não surtindo muitas mudanças, percebe-se que nos escritos de *O Necdalus* ficou refletido o interesse em instruir as classes populares como forma de alcançar o progresso e o desenvolvimento do estado de Sergipe. A educação seria a chave mestra para atingir o processo civilizador dos povos sem instrução, e o estado, imbuído dos ideais republicanos, se mostraria como segmento essencial para sanar as dificuldades educacionais, por entenderem que “das letras do alfabeto é que nascem a soberania e a glória” (O NECYDALUS, Aracaju, 21 de setembro de 1910, nº. 47, Anno II, p. 1).

Ao descreverem a situação da instrução pública, o foco de maior atenção presente na escrita dos estudantes do Atheneu Sergipense estava no professor primário, deixando transparecer que o grande obstáculo estaria na forma como ele atuava, seja pelos métodos utilizados, seja pelo descaso e desleixo que davam ao ensino ou pela falta de formação, dificultando e tornando ainda mais decadente a situação da educação primária em Sergipe. Mas será que a culpa da decadência do ensino estaria só nas professoras primárias? Será que todas eram descompromissadas e sem formação? É evidente que o ensino primário em Sergipe vinha sofrendo dificuldades, mas a falta de formação e compromisso das professoras primárias não era o único fator das condições precárias desse ensino. Havia outros elementos que também contribuíram para essa deficiência, como as

condições de funcionamento das escolas tanto do ponto de vista do ensino ministrado como da precariedade das condições físicas, o funcionamento em prédios impróprios, a falta de recursos materiais, a escassez dos mobiliários, o baixo salário pago a essas professoras, entre outros ocorridos <sup>69</sup>.

Para Nunes (1984), no início do século XX, em todo o Sergipe apenas “quatro escolas primárias funcionavam em prédios próprios do Estado, sendo precárias suas instalações, e a maioria deles não apresentava as mínimas condições de higiene” (NUNES, 1984, p.202).

Estudos também mostram que, apesar do grande número de professoras leigas, havia docentes que atuavam no ensino primário por concurso, após terminarem o curso Normal<sup>70</sup>, o que nos faz indagar se existia uma espécie de generalização e exagero por parte dos escritos do jornal ao se referirem às professoras primárias. Com quais propósitos fizeram tais acusações? Haveria interesse dos membros desse impresso ou dos seus colaboradores em fazer tais afirmações? Esses são alguns questionamentos ainda sem respostas.

---

<sup>69</sup> “[...] os serviços de educação do Estado resumem-se a um corpo de professores primários aglomerados nas cidades ou dispersos pelas vilas e povoados, quase todos sem prédios, instalações e assistência técnica, moral ou mesmo administrativa’, sob a superintendência de ‘um departamento que não chega a preencher as limitadíssimas funções de mero serviço de pessoal’” (MENDONÇA, 1958, p.66).

<sup>70</sup> “No relatório do Diretor da Instrução Pública, Padre Possidônio Pinheiro da Rocha, de 1907, aparecem dados sobre os concursos de normalistas para preenchimentos de vagas no ensino público: Estando vaga a cadeira do ensino mixto, do povoado de Crasto, no município de Santa Luzia, em 12 de março do corrente anno, inscreveu-se a normalista d. Maria de Lima Fontes, que submettida a exame em 18 de abril, foi pela comissão examinadora aprovada, e posteriormente nomeada, prestando o compromisso legal em 27 do referido mez (Relatório do Diretor da Instrução Pública, Padre Possidônio Pinheiro da Rocha, 1907, p.4)” In: (FREITAS, 2003b, p.156).

### 3.1.3 – Os problemas no ensino do Atheneu Sergipense expressos no jornal *O Necydalus*

Ao selecionarmos novos textos e editoriais de outras seções publicados no jornal como: “O Problema do ensino” (2 editoriais), “O novo Atheneu” (2 editoriais), “Pelo Atheneu” (1 texto), encontramos alguns problemas que se mantiveram presentes no Atheneu Sergipense, nos primeiros anos do século XX, e a pretensão dos jovens estudantes em ver sanadas tais dificuldades.

Já no editorial de nº 40, intitulado “O Problema do ensino”, conseguimos identificar como sendo um problema constante nessa instituição, no que se refere à diminuição do tempo das aulas, algo compreendido pelos alunos como um fator problemático, que acabava ocasionando choque entre os horários de aula. Devido à “quantidade de alumnos os methodos do ensino, não aquadrará nem produsirá resultados, como bem se pode imaginar”. Em função de tal acontecimento era preciso

remediar este mal de todos os dias, lançar os alicerces da remodelação do ensino, dar expansão aos sectarios dos livros, é a obra de redempção do estudo official, é a salvação dos principios sublimes da liberdade do saber, ameaçados pela exiguidade de tempo (O NECYDALUS, Aracaju, 31 de julho de 1910, nº. 40, Anno II, p.1).

Com isso, as matérias consideradas essenciais eram ensinadas num intervalo de tempo de apenas meia hora tendo em vista a carência de professores substitutos, indicando, segundo os escritos desse editorial, que essa necessidade surgiu em função da inexistência dos exames de preparatórios, instituindo a divisão do curso por séries<sup>71</sup>.

Começamos a demonstrar a falta de professores substitutos, notando que dividido como é o curso em 6 series e havendo aulas para mais de uma serie por dia, preciso se torna que o professor divida a hora concedida pelo regulamento em duas partes, dando para cada uma serie a insignificancia de meia-hora, ás vezes quando ha lições para as quaes a hora inteira seria insufficiente.

---

<sup>71</sup> “Em julho de 1882, ‘factos menos confessaveis’ ocorreram nos Exames Gerais de Preparatórios em Sergipe, pelos quais não foram responsáveis, segundo avaliação do professor Raphael Archanjo de Moura Mattos em reunião da Congregação, os ‘poucos lentes públicos que então funcionaram como examinadores’, provocando a suspensão dos mesmos na Província de Sergipe. Na mesma reunião, o professor Moura Mattos requereu que fosse consignado um voto de louvor ao Vice Presidente José Calazans Barbosa de França, por ter concorrido para que fossem restabelecidos os exames de Preparatórios em Sergipe” (Ata da Congregação, 1º de setembro de 1883) (ALVES, 2005a, p.169).

Isto é bem sabido.

E esta mesquinhez de tempo, nos dias de sabbado ainda é subdividida, restando para a 3ª e 4ª serie o diminuto espaço de 15 minutos para a aula de portugues.

Para o Francez temos da mesma forma aulas de meia-hora e lições que exigem mais de uma hora por dia. Cinco series estudão o Francez e mais de uma occasião, quando a ultima começa a traducção, já a sineta annuncia o termo da aula.

O inglez é da mesma forma ensinada a 5 series e a balburdia é não menos sensível (O NECYDALUS, Aracaju, 31 de julho de 1910, nº. 40, Anno II, p.1).

Na busca de soluções para sanar as ameaças causadas ao ensino pela exiguidade do tempo, foram feitas solicitações ao poder competente a fim de preencher essa lacuna, através da nomeação de lentes substitutos do próprio Atheneu para ocuparem a hora regulamentar determinada para cada série, sem a necessidade de chamar outros professores ou abrir concurso, solucionando assim o mal que faz a “deficiencia do saber, e evitando que os lentes, forçados pelo diminuto ordenado, em relação ao serviço, embora contra o Regulamento, ensinem em estabelecimentos ou casas particulares” (O NECYDALUS, Aracaju, 31 de julho de 1910, nº. 40, Anno II, p.1)<sup>72</sup>. De acordo com Alves (2005a),

qualquer mudança na ordem temporal significava reorganizar os programas, pois o tempo das aulas mudava. A organização desse sistema temporal suscitava constantes debates em torno do tema. Eram solicitações de mudanças, ora por parte dos professores, ora por parte dos alunos, envolvendo assim a participação dos sujeitos na construção e institucionalização do tempo do Atheneu Sergipense (ALVES, 2005a, p.127).

Com a chegada dos gabinetes de Física, Química, História Natural, Mecânica, Astronomia e Geografia, enviados pelo presidente do estado, Rodrigues Dória, a melhora da estrutura do edifício e a nomeação de lentes substitutos para as cadeiras frequentadas por muitas séries proporcionariam condições de enfrentar, com vantagem, as dificuldades existentes, “aterrando a fama deponente que gosa, bastante immerecidamente, o ensino em Sergipe” (O NECYDALUS, Aracaju, 31 de julho de 1910, nº. 40, Anno II, p.1).

---

<sup>72</sup> O valor recebido por um lente no Atheneu Sergipense é noticiado através de uma nota no próprio jornal dizendo: “Pelos membros da Assembleia Legislativa, foi decretada uma lei, augmentando para 4:000\$000 annuaes o ordenado dos lentes do Atheneu Sergipense” ( O NECYDALUS, Aracaju, 9 de novembro de 1909, nº. 23, Anno I, p.3).

Segundo Alves (2005a), a junção dos dois cursos, o de Humanidades e o Normal, havia causado problemas no Atheneu Sergipense como a “indisciplina dos alunos, a baixa frequência, a ausência de autonomia dos cursos e a falta de professores” (ALVES, 2005a, p.5).

Assim, os alunos, clamavam no jornal ao presidente Rodrigues Dória para que este desse continuidade à já começada “obra de redempção do ensino” em prol da introdução de melhoramentos, que “será mais um padrão de amor à terra sergipana”, e de “misericórdia as letras”. Conforme Nunes (1984):

já ocupava a presidência do Estado o Dr. Rodrigues da Costa Dória, (24/10/1908 a 24/10/1911) que tomou as providências para vir da Europa o material indispensável às aulas dos gabinetes de Física, Química, História Natural e Geografia, exigindo pelo ato de equiparação. Também começou a construção de funcionamento ao Atheneu, pois onde se encontrava carecia ‘de quase todas as adaptabilidades para um prédio de instrução’ (NUNES, 1984, p.199-200).

O anseio pela nova construção do prédio do Atheneu Sergipense é comentado na seção “O novo Atheneu”, com dois editoriais e um texto descrevendo a situação do edifício e reivindicando um novo estabelecimento.

No editorial de número 45 confirma-se que em agosto de 1908, quando o estado se encontrava ainda sob a presidência do desembargador Guilherme Campos (1905-1908)<sup>73</sup>, foram desapropriados alguns terrenos e uma casa na praça Mendes de Moraes a fim de ser construído um novo edifício para o funcionamento do Atheneu Sergipense.

Em 7 de setembro do mesmo ano “realizou-se solenidade da colocação da primeira pedra do novo edifício do Atheneu Sergipense a ser construído”. (ALVES, 2005a, p.49). Ainda no editorial número 45, esse ato é também exposto quando os alunos destacam que após os preparos necessários “teve lugar o lançamento da pedra fundamental do edifício, com todas as cerimônias, com que se costumam realizar estes actos” (O NECYDALUS, Aracaju, 7 de setembro de 1910, nº. 45, Anno II, p.1).

---

<sup>73</sup> “Originário de Itabaiana formou-se bacharel em ciências jurídicas e sociais em Recife. Na sua longa carreira publica exerceu os cargos de promotor público, juiz municipal, juiz de direito, Chefe de Polícia, desembargador do Tribunal da Relação, Presidente do Tribunal, chefe de polícia do Estado, Deputado, Senador e Presidente do Estado no quadriênio de 1905 -1908. Foi deposto a 10 de agosto de 1906 pela força policial revoltada por influência dos partidários do deputado Fausto Cardoso, tendo sido repostado no governo no dia 28 desse mesmo mês por intervenção federal ordenada pelo presidente Rodrigues Alves”. Mais informações a respeito de Guilherme Campos consultar (GUARANÁ, 1925, p.111-112).

Com a saída de Guilherme Campos e a entrada de Rodrigues Dória para a presidência do estado, “esperanças ainda restavam de pé” e havia a crença de que fosse erguido o tão sonhado edifício, que tanto “embellesaria a encharcada Praça Mendes de Moraes”.

[...] habitava ainda no coração daquelles que amão as cousas justas e direitas, e estimão o progresso de sua terra. A noite escura e fria do esquecimento, porem, cahiu sobre os começados allicerces do futuro estabelecimento do ensino superior, abandonado e estacionario.

Agora, que novos horisontes se descortinão para a instrucção sergipana; agora que o estudo começou a ser um factio, é justo, é de direito mesmo, que se recommence a construcção do predio referido, já que o Thezouro do Estado possui os sufficientes recursos monetarios (O NECYDALUS, Aracaju, 7 de setembro de 1910, n.º. 45, Anno II, p.1).

Seguiu-se então a esperança da construção do “novo Atheneu”, que iniciou seus trabalhos em uma “casa oferecida pela Câmara Municipal, um local inadequado para as aulas, sem as acomodações necessárias” (ALVES, 2005a, p.48).

O predio que ora serve de Atheneu e que é situado numa praça deserta, no fundo do Quartel de Policia, ausente do convivio da cidade, com uma cousa despresivel que se atira a um canto, affastado dos outros estabelecimentos, defronte de um areial immenso, que é bem um Sahara pequenino, foi construido ha muito tempo já para nelle funcionar um fabrica de vidros (O NECYDALUS, Aracaju, 7 de setembro de 1910, n.º. 45, Anno II, p.1).

Pelas notícias veiculadas no jornal, entendemos que o Atheneu Sergipense mantinha-se localizado num ambiente isolado e inadequado para o ensino, funcionando num prédio em estado deplorável que, segundo relatos do próprio periódico, haveria de submeter-se a uma reforma urgente para não ver a qualquer dia “desabar o velho salão do actual Atheneu, o qual nada tem de seguro”, protestando mais uma vez para que as autoridades locais dessem mais “um sopro de vida á instrucção publica”, a uma instituição que funcionava num prédio que tem “não apparencia de um estabelecimento de ensino, e sim de um hospital”.

Aquelles concertos feitos, aquelles compartimentos construidos ao pé do salão velho não parecem outra cousa mais que uma casaca velha com duas bonitas e novas mangas, de panno forte e diferente.

Aqui fica um pedido justo, uma obra de misericordia feita ao velho estabelecimento de ensino, por cujos bancos passou toda a geração

intellectual de Sergipe, geração esta que enche de orgulho a pequenina Pátria de que todos nós somos filhos. Seremos atendidos?... (O NECYDALUS, Aracaju, 7 de setembro de 1910, nº. 45, Anno II, p.1).

Ainda nessa mesma seção, no editorial de número 46, revelam-se a esperança e confiança na figura do Presidente, quando bradam:

Continue o dr. Dória a obra de salvação do ensino desta pobre terra, e verá que seus filhos serão cultores das letras como o têm sido Sylvio Romero, João Robeiro, Manoel Carvalho, Manoel Bomfim e tantos outros homens illustres.

Avante! Porque o futuro de Sergipe depende da instrução de que todos nós carecemos, e que até hoje tem sido tão defficiente!... (O NECYDALUS, Aracaju, 16 de setembro de 1910, nº. 46, Anno II, p.1).

Através das poucas palavras volta-se a reafirmar o entusiasmo pela educação que nesse período manifestavam-se de forma constante nos escritos do jornal. Entendendo a educação como a solucionadora dos males da nação e como um caminho para que novos jovens dessem “voos” rumo ao alcance da intelectualidade, por acreditarem no “papel da educação como força modificadora da sociedade”.

Nesse mesmo editorial são expostas as medidas que vinham sendo tomadas por Rodrigues Dória em relação ao aterro do local, onde se pretendia construir o novo Atheneu, pois naquele terreno existia uma extensa lagoa, ocupando o centro da quadra formada pelas ruas de Itabaianinha, Santo Amaro, Laranjeiras e a Praça Mendes de Moraes, cuja parte mais funda que se encontrava entre os alicerces do projectado edifício já havia sido aterrada, restando apenas fazer o nivelamento, como descreve o exemplar de número 47:

Têm continuado os trabalhos de aterro da cidade, pelo local do projectado Atheneu.

Actualmente estão levantando alicerces no local do mesmo projectado edificio e não sabemos ao certo si é para séde da Escola Modelo ou do Atheneu Sergipense (O NECYDALUS, Aracaju, 21 de setembro de 1910, nº. 47, Anno II, p.4).

Mesmo com o empenho do governo na tentativa de construir o novo prédio, diante de mais um “louvável passo para o progresso da instrução”, as dificuldades financeiras que, de acordo como Nunes (1984), passaram a envolver Sergipe não permitiram que a edificação fosse adiante. Em vista disso, Rodrigues Dória mandou

construir na casa onde, na ocasião, funcionava o Atheneu Sergipense dois pavilhões “com quatro boas salas”, a montagem dos gabinetes de Química, Física, Mecânica e História Natural importados da Europa, a sala da congregação e a secretaria. Esta estrutura permaneceu até a inauguração do novo edifício, em 1926, no governo do Dr. Mauricio Graccho Cardoso, situado na Avenida Ivo do Prado<sup>74</sup>.

Quanto aos gabinetes que foram encomendados no exterior para o Atheneu Sergipense, noticia-se em *O Necdalus*: “Até que enfim, leitor, chegou o tão sonhado decantado gabinete do Atheneu, nas Oropa encomendado”. Seguem afirmando: “Deus queira que vá avante o projecto de ensino, que agora inauguraram, pra não haver que fallar”. Destacando também “a indolencia terrivel, que ao nosso Estado avassala, é a unica coisa mortis, que o ensino medio assignala”. Uma nota lançada no número 48 esclarece todo o episódio da obra que seria erguida na Praça Mendes de Moraes.

Conforme promettemos no ultimo numero, aqui estamos a dar conta do fim a que se destina o projectado edificio da praça Mendes de Moraes, cujas obras estão em andamento.

Quinta-feira, no teatro Carlos Gomes, antes da exhibição do Cinema Pathé, dirigimo-nos ao camarote do Presidente do Estado e autoridades, a fim de indagarmos de qualquer delles o que precisava saber a respeito das obras da praça.

Ahi chegando, tivemos, pelo dr. Magalhães Carneiro a noticia de que o projectado edificio seria para um grupo escolar e a Escola Normal, indo as officinas d’Estado de Sergipe para o edificio onde funcionava a Escola Normal, predio este que toda vida, depois de feito, serviu somente para Atheneu Sergipense.

Após elle, disse o dr. Firmo Freire que a planta do Atheneu tinha sido conservada, affirmando o que o dr. Magalhães tinha dito.

Ahi fica o que sabemos a cerca do edificio a construir, e que infelizmente não será Atheneu Sergipense (O NECYDALUS, Aracaju, 25 de setembro de 1910, nº. 48, Anno II, p.4).

A construção de um “novo Atheneu”, projetada desde 1908, ainda no governo de Guilherme Campos, foi modificada dando lugar a um novo estabelecimento, onde funcionaria a Escola Normal, inaugurada no governo de Rodrigues Dória, em 1911, adiando o sonho de muitos que queriam ver funcionar ali um moderno Atheneu Sergipense.

---

<sup>74</sup> Em 1950, finalmente, o Atheneu Sergipense mudou-se para a Praça Graccho Cardoso, aí permanecendo até o momento (cf. ALVES, 2005a, p.49).

A Escola Normal mereceu atenção especial do presidente Rodrigues Dória, de 3 para 4 anos a duração do curso normal, exigindo idade maior para os estudantes, limitou o número de alunos, estabeleceu novos processos de avaliação a cada ano, e construiu um moderno prédio para sediá-la, na Praça Mendes de Moraes (atual Praça Olímpio Campos), inaugurada em 15 de agosto de 1911, entregando a sua direção ao professor e bacharel Carlos da Silveira, Diretor do Grupo Escolar da Avenida Paulista, em São Paulo, cedido pelo Governo daquele Estado e contratado pelo Estado de Sergipe, para proceder a reforma do ensino (CORREIO DE SERGIPE, 11 de março de 2007, p.7).

As expectativas em ver concretizada a ideia da construção de um prédio novo e moderno para o Atheneu foram transferidas para a instituição da Escola Normal, que pelo visto obteve uma atenção maior do então presidente, Rodrigues Dória que, além de todas essas mudanças citadas pelo *Correio de Sergipe*, forneceu à citada escola uma nova mobília importada dos Estados Unidos com 100 carteiras individuais e 200 com assentos duplos.

Com isso, entendemos que o jornal tornou-se um espaço para que os jovens estudantes do Atheneu Sergipense manifestassem seus anseios e insatisfações a respeito dos problemas do ensino que ocorriam no estabelecimento, sendo necessário remodelar a instrução, ainda considerada como um “mytho” não concretizado. Com isso, defendiam a ideia de que “sanar todas as irregularidades, subtrahir todas as partes dispensáveis” (O NECYDALUS, Aracaju, 31 de julho de 1910, nº. 40, Anno II, p.1) seria um bom começo para melhorar a situação educacional presente naquela “Casa de Educação Literária”.

### **3.1.4 – Exames e matrículas**

As manifestações do jornal *O Necdalus* não se relacionavam apenas à deficiência de tempo, ao atropelo das aulas, à nomeação de lentes e à construção de um novo edifício. Nesse impresso encontramos ainda reivindicações a respeito dos exames e das taxas de matrícula. Para a análise dessas questões, utilizaremos os dois editoriais: “O exame” e “A Taxa”, além de textos isolados de outras seções como “Palestra”, “Toques e retoques” e “Pelo Atheneu”.

O editorial de número 58 expressa a sensação de temor que existia, em grande parte dos alunos, pelas provas de final de ano, as quais desencadeavam, naquele momento, a incerteza assustadora de verem “como a espada de Democles suspensa sobre suas cabeças a terrível reprovação”.

No tempo dos exames parcelados o individuo podia fazer tantos preparatórios quantos fossem as inscrições, independente de ser matriculado no estabelecimento. Hoje se tem que passar estudando um curso seriado, donde o alumno, por força, sahirá sabendo o que lhe foi ensinado, e não poderá fazer exames á vontade, fora do regulamento. E nos outros Estados da Federação a facilidade da subida é adquirida por meios que quasi sempre são descobertos e dão máos resultados (O NECYDALUS, Aracaju, 6 de dezembro de 1910, nº. 58, Anno II, p.1).

Segundo Nunes (1984), a matrícula no Atheneu servia apenas como passaporte para a prestação dos exames preparatórios. Mesmo com altos índices de matrículas, a frequência era mínima, de modo idêntico ao que se sucedia em outras regiões do país.

**Quadro 11** – Alunos aprovados com distinção nos exames do Atheneu Sergipense (2 a 17 de dezembro de 1910).

SÉRIE	DISCIPLINAS	ALUNOS
1ª	FRANCÊS	ALBERTO AZEVEDO E LUIZ GONZAGA DA ROCHA TEIXEIRA
	GEOGRAFIA	D. HILDA GUIMARÃES ARANHA, SEBASTIÃO MACHADO BARRETO, JOSÉ SOARES DE MELO, ULYSSES SOARES DE MELO, CLEOBULO AMAZONAS DUARTE, LUIZ GONZAGA TEIXEIRA, ALBERTO DE AZEVEDO E ADERBAL DE FIGUEIREDO.
2ª	PORTUGUÊS	D. ESTER G. ARANHA, JACINTO MAGALHÃES MARTINS E ANDERSON DIAS VIEIRA.
	FRANCÊS	D. ESTER G. ARANHA, ANDERSON DIAS VIEIRA E EDSON NOBRE DE LACERDA.
	GEOGRAFIA	D. ESTER G. ARANHA, D. HILDA ESERINA COSTAPINTO, MOYSÉS DE ARAUJO PINTO, OTÁVIO TELES DE ALMEIDA.
	INGLÊS	ANDERSON DIAS VIEIRA.
3ª	COROGRAFIA	PEDRO ALVES DOS SANTOS
4ª	PORTUGUÊS	JOSÉ DA ROCHA TEIXEIRA, PAULO DA ROCHA TEIXEIRA E CLARINDO DINIZ GONÇALVES.
	HISTÓRIA UNIVERSAL	JOSÉ DA ROCHA TEIXEIRA, PAULO DA ROCHA TEIXEIRA, CLODOMIR SILVA, ALFREDO GUIMARÃES ARANHA E CLARINDO DINIZ GONÇALVES.
	INGLÊS	CLARINDO DINIZ GONÇALVES
	GREGO	JOSÉ DA ROCHA TEIXEIRA E PAULO DA ROCHA TEIXEIRA
	FRANCÊS	PAULO DA ROCHA TEIXEIRA E CLARINDO DINIZ GONÇALVES.
5ª	LATIM	D. SYLVIA RIBEIRO
	HISTÓRIA	D. SYLVIA GUIMARÃES DE OLIVEIRA RIBEIRO E ULYSSES DE OLIVEIRA SAMPAIO.
	HISTÓRIA NATURAL	D. SYLVIA RIBEIRO
	ALEMÃO, INGLÊS E LITERATURA	D. SYLVIA RIBEIRO
6ª	HISTÓRIA, FÍSICA, QUÍMICA, HISTÓRIA, NATURAL, LÓGICA E ALEMÃO	GENTIL TAVARES DA MOTA

FONTE: Quadro elaborado a partir do Jornal *O Necdalus*.

Através desse quadro identificamos o nome e a série de cada aluno aprovado nos exames do Atheneu Sergipense, no ano de 1910, explícitos no jornal *O Necdalus*.

O ensino secundário servia, nesse momento, apenas para atender às exigências da classe abastada, “a quem não interessaria o curso de Humanidades em longos anos seriados, mas os preparatórios que asseguravam o ingresso rápido dos filhos nas escolas

superiores” (NUNES, 1984, p.192). Esta autora afirma ainda, através da exposição do pensamento do Ministro Rivadávia Correia, a situação alarmante do panorama educacional sergipano.

O ensino desceu até onde podia descer: não se faz sentir mais questão de aprender ou ensinar, porque só duas preocupações existiam: dos pais querendo que os filhos completassem o curso secundário no menor espaço de tempo possível e dos ginásios na ambição mercantil, estabelecendo-se duas fórmulas: bacharel quanto antes: dinheiro quanto mais (NUNES, 1984, p.201).

Não havia empenho em mudar o sistema educacional vigente devido ao fato de os preparatórios garantirem os critérios necessários para o ingresso nas academias. Diante de tal questão, prosperou a baixa frequência no Atheneu Sergipense ante as “facilidades que os Preparatórios traziam” (NUNES, 1984, p.201).

Para Alves (2005a), os alunos que lá se matriculavam, logo nos primeiros anos, ao se sentirem capazes, prestavam os exames preparatórios para ingressar nas academias. Esta “flexibilidade legal abafava o nível de frequência da seqüência de estudos serial, dificultando desta feita, uma organização e efetivo funcionamento dos estudos secundários na forma seriada” (2005a, p.73). Afirma ainda, ao citar as palavras do relatório de Baltazar Góes,

ser ‘sem remedio as condições do actual programma das disciplinas’, que possibilitava a matrícula de estudantes avulsos (livres) nas diferentes matérias, embora o regulamento (Decreto 501, de 5 de agosto de 1901) indicasse o curso integral de Preparatórios de forma seriada por ano, dando direito ao concludente a ‘Carta de Bacharel em Letras’. ‘A seriação das disciplinas do curso obriga o alumno á frequencia, e esta obrigação garante o bom regimen e assegura o resultado da educação litteraria’ (ALVES, 2005a, p.75).

No editorial de número 27 do jornal *O Necdalus*, em sua seção “Pelo Atheneu”, aparecem também questionamentos à publicação das faltas dos alunos nas aulas, por meio das colunas de *O Estado de Sergipe*, e acreditavam ser uma medida que

não tem absolutamente razão de ser, tende apenas a impedir que as faltas já aplicadas sejam, como de costume, abonadas no fim do mez pela congregação, ou no fim do anno pelo ministro.

Esta parte do Regulamento do nosso Atheneu (faltas) é a melhor observada pelo pessoal administrativo daquela barcaça sem leme, si bem que esse Regulamento não auctorisar a publicação das faltas dos alumnos, e ainda

mais com exceções, como se tem feito (O NECYDALUS, Aracaju, 1º de maio de 1910, nº. 27, Anno II, p.3).

Alves (2005a), ao mencionar a Congregação do Atheneu Sergipense, mostra que o ponto de pauta mais comum das reuniões daquele órgão referia-se ao abono ou não das faltas dos alunos. Durante as sessões, os pais colocavam suas justificativas ouvidas pelos professores, sendo em seguida retiradas ou não as faltas. Diante deste episódio, “nota-se uma freqüência irregular nas aulas, tendo em vista a não obrigatoriedade de conclusão em todos os anos do curso” (ALVES, 2005a, p.70).

Assim compreendemos que, na corrida pelos preparatórios para assegurar uma vaga nos cursos superiores, somente os “jovens que não tinham recursos materiais” para migrar para outros estados em busca de diplomas permaneciam, em sua maioria, no curso de Humanidades até sua conclusão. Os demais alunos matriculados pertencentes às classes abastadas frequentavam irregularmente o curso, causando assim números exorbitantes de faltas. Nesse sentido, Nunes (1984) faz uso do pensamento de Ramiz Galvão, que afirma serem os exames preparatórios uma verdadeira “vergonha para o Brasil”, perante a forma de como eram constituídos.

Um outro ponto abordado pelos alunos vincula-se às taxas de matrícula cobradas no ato da inscrição. O editorial número 56, intitulado “A Taxa”, estabelece a redução do valor cobrado, que, em relação ao dos demais estados, é, segundo seus escritos, bastante alto.

Nesse sentido, exigiam que as taxas, que eram pagas por séries no Atheneu Sergipense, fossem equiparadas ao que se pagava em “outros estabelecimentos estadoaes congêneres”, como uma maneira de facilitar a vida dos estudantes pobres, cujo “viver é um sacrificio, estudão com vantagem, levando á frente innumeradas dificuldades, superaveis somente pela pretensão e pela aspiração de um futuro melhor e mais risonho” (O NECYDALUS, Aracaju, 26 de novembro de 1910, nº. 56, Anno II, p.1).

Para os que permaneciam no curso até o final, era comum o envio de requerimentos ao presidente do estado solicitando a dispensa da taxa de matrícula, alegando falta de recursos para efetuar o pagamento<sup>75</sup>. Conforme Nunes (1984),

---

<sup>75</sup> “Pagar a taxa de matrícula era uma outra exigência para o aluno matricular-se no Atheneu Sergipense, só concedida a isenção em favor dos alunos ‘nimiamente pobres’, desde que tal condição fosse comprovada pelo Pároco; dos que se distinguissem pelo talento, aplicação e moralidade nas escolas primárias, com atestados dos professores (1870); dos órfãos de pai e mãe; dos órfãos de pai, ou dos ‘filhos de funcionarios estadoaes

Os relatórios das autoridades educacionais chamavam a atenção para a dificuldade que a maioria dos alunos encontrava para pagar a taxa de matrícula, numa evidência de que ali permaneciam os mais pobres. Em 1900, a dispensa do pagamento dessa taxa seria apresentada como responsável pelo crescimento da matrícula do Atheneu, que atingiu a 75 alunos (NUNES, 1984, p.192).

Essa iniciativa mencionada por Nunes (1984) parece não ter durado muito em função das constantes reivindicações para a redução das taxas de matrícula presentes em seções desse jornal, como é o caso do que é descrito no número 7, na seção “Toques e retoques”.

É o seguinte todos temos que comprar o fardamento, e, com sabeis, fazemos da matric'la o pagamento.  
Ora, um pobre estudante que vive arrastadamente, padecer do privações, tornando-se impertinente, faça assim tanta despeza, e ainda, mais ligeiramente.  
Duas cousas bem difficeis a fazer d'uma só vez e mais ainda, senhores, no curto prazo de um mez (Sirgozinho. In: O NECYDALUS, Aracaju, 18 de julho de 1909, nº. 7, Anno I, p.4).

Em um dos primeiros números, nessa mesma seção, torna-se visível o descontentamento demonstrado em relação à taxa, direcionando seus lamentos aos “nobres pais da Patria, fabricantes de orçamento”, ressaltando mais uma vez que:

o pobre o estudante também não tem seus direitos? Neste mundo de desditas, não terá também conceitos?  
Na crise que atravessamos vae-se o dinheiro co'o vento, e nós temos, sim, senhores, de comprar o fardamento e inda por cima fazemos da matric'la o pagamento.  
Neste ponto, meus senhores, é que –, a porca torce o rabo – e o dinheiro, coitadinho, escorra pelo quiabo.  
Quando, ha tempos, perguntava: p'ra que é este dinheiro? P'ra equiparar me diziam, e eu ficava prazenteiro.  
Mas, hoje que equiparado, temos o nosso Atheneu, para que é que pagamos? A resposta espero eu.  
Por ora vou terminar, neste mesmo negocinho, que diminuam a taxa (Sirgozinho. In: O NECYDALUS, Aracaju, 4 de julho de 1909, nº. 5, Anno I, p.4).

Além da dificuldade que alguns alunos apresentavam para efetuar o pagamento da taxa, havia ainda punições para aqueles que não conseguiam saldar a dívida no prazo

---

que tenham grande familia e cujos vencimentos não comportem o despendio das contribuições” (Art. 12, Decreto 351, de 9 de junho de 1899) (ALVES, 2005a, p.163).

determinado, correndo o risco de perder o ano letivo, caso se recusassem a efetuar o pagamento da multa, por motivo de atraso, noticiando, neste sentido,

a retirada de dois dos nossos colegas, isto é, a incompatibilidade de serem examinados este ano, se não sujeitarem-se a rigorosa multa que determina o orçamento, por como se ve no Estado de Sergipe não terem sido deferidos os seus requerimentos, onde pediam permissão para pagar suas matriculas, que não haviam podido pagar no prazo determinado desta rigorosa exigência a que somos sujeitos, sem a regalia ao menos, de pagarmos dias depois.

Lamentamos a triste noticia que nos dá o Estado porquanto o procedimento e applicações destes dois alumnos [...].

E agora os pobres rapazes terão de sujeitar-se á horrorosa multa, afim de não perder o anno nas suas esperanças carreiras tão bem emcaminhadas e cheias de brilhantismos (Romeu Palmares. In: O NECYDALUS, Aracaju, 26 de setembro de 1909, nº. 17, Anno I, p.3).

Como se vê, o envio de requerimentos ao presidente do estado nem sempre surtia efeito, sendo, em alguns casos, recusados, tendo os alunos de arcar com as consequências, sofrendo determinadas punições, como a perda do ano letivo.

Entretanto, ao analisarmos os escritos do impresso estudantil, entendemos que seus redatores eram alunos sintonizados com as questões educacionais daquele momento, descrevendo a situação enfrentada pelo ensino, tanto no que diz respeito aos aspectos ligados ao ensino primário quanto ao secundário; ou seja, faziam questão de aludir, em vários momentos, no próprio jornal, que este era um órgão interessado em solucionar seus interesses e os da população, sendo a educação um dos temas mais recorrentes nas matérias do periódico.

O destaque dado no jornal, pela situação do ensino público em Sergipe, também deve ter sofrido influência de lentes, como Brício Cardoso, nomeado em 1910 pelo presidente do estado, diretor da Instrução Pública, momento em que esse periódico circulou; e como certifica Nunes (1984), este já fornecia em seus relatórios a condição da instrução, que se encontrava em estado de “declínio e ruína”, algo lamentável, convergindo para que as crianças ficassem “anos e anos envernizando os bancos em que se assentavam”. (NUNES, 1984, p.202). Entretanto, os alunos/escritores, impregnados por tais concepções, transmitiam esse sentimento nas páginas de *O Necydalus*.

### 3.2 - *O Necdalus*: uma prática educacional do professor Brício Cardoso

A análise do pensamento educacional presente no Atheneu Sergipense, através do Jornal *O Necdalus*, pode contribuir para a compreensão de como se processava e se desenvolvia a educação nessa instituição, no que se refere às práticas de ensino reveladas por meio do impresso.

Assim, ao investigarmos os escritos presentes no jornal, podemos destacar que este tinha como um de seus propósitos auxiliar os professores daquele estabelecimento de ensino, sobretudo os de Português, que viam os impressos como um caminho para que seus alunos comesçassem a produzir sua escrita, além de acreditar que seus leitores se tornariam cidadãos mais conscientes dos fatos que ocorriam no cotidiano sergipano. Desse modo, os escritos nos impressos do jornal *O Necdalus* passariam a ser visto como:

[...] um bom auxiliar dos professores do Atheneu, principalmente do de português, o venerando Mestre Bricio Cardoso, que, com justificado orgulho tem visto os seus alumnos, na gloriosa faina de escrever, produzir verdadeiras joias litterarias, que bem podiam ser assignadas por doutos (*O NECYDALUS*, Aracaju, 1º de dezembro de 1909, nº. 26, Anno I, p.1).

Como observamos, o professor e jornalista Brício Cardoso, lente das aulas de Retórica, Gramática Filosófica, Português e Língua Vernácula, no Atheneu Sergipense, foi um dos grandes incentivadores dos estudantes para o desempenho da escrita no jornal. Esta iniciativa é veiculada no próprio impresso, quando esse catedrático incita a juventude da seguinte forma:

agite-se, estude, trabalhe, escreva e sobretudo ouse a mocidade do Necdalus; mas por onde passar deixe impresso os vestigios de força e espalhados signaes de vida (Bricio Cardoso. In: *O NECYDALUS*. Aracaju, 5 de junho de 1910, nº. 32, Anno II, p.1).

Alves (2006a) faz alusão ao papel desempenhado pelos professores do Atheneu Sergipense, tendo sempre a pretensão de criar um ambiente estimulador para os estudantes do secundário. Dentre as várias ações citadas pela autora, as quais eram desempenhadas pelos docentes, podemos ressaltar que muitos deles “promoviam palestras, ministravam

aulas noturnas para adultos, organizavam jornais estudantis, tentando enrijecer as penas para os grandes vãos” (ALVES, 2006a, p.62).

Sendo assim, é importante mencionar que *O Necdalus* não foi o único jornal a ser produzido no Atheneu Sergipense. Há indícios de outros periódicos criados nesse estabelecimento, como é o caso de *O Porvir* (1874)<sup>76</sup> e *O Atheneu* (1906)<sup>77</sup>.

No entanto, compreende-se que a criação de jornais estudantis era uma prática comum entre os docentes do Atheneu Sergipense, por entenderem que a produção desses escritos colocados em funcionamento pelos seus colaboradores, principalmente entre os professores, era considerada uma aula prática dentro do Atheneu Sergipense.

O Necdalus ha sido e continuará a ser como uma aula pratica do nosso Gymnasio e, nesse caracter, bem poderia merecer um favor do governo do Estado, actualmente nas mãos de um homem que com certo carinho olha pra a instrução pública (O NECYDALUS, Aracaju, 1º de dezembro de 1909, nº. 26, Anno I, p.1).

Vendo a imprensa como um espaço de grande relevância para a educação e que, por essa razão, deveria receber o incentivo dos governantes para um melhor desenvolvimento da instrução pública, o professor Brício Cardoso, em suas publicações, expressa o entusiasmo pela imprensa como um mecanismo que poderia contribuir sobremaneira para o desenvolvimento do ensino.

Duas cousas, porem externo en voz bem alta, finalizando a homenagem que lhes mando.

A primeira é esta: si eu fosse grande auctoridade nos departamentos de ensino, a imprensa seria obrigatoria, por decreto, na minha organização lyceal, porque eu nunca teria outro pensamento sinão aproximar os moços das fronteiras do amor universal e eterno, dessas queridas e sublimes fronteiras que deffendem e guardam os sublimes edeaes da humanidade (Bricio Cardoso. In: O NECYDALUS, Aracaju, 5 de junho de 1910, nº. 32, Anno II, p.2).

---

<sup>76</sup> Segundo o levantamento feito por Carvalho Neto (2004), o primeiro jornal produzido por estudantes em Sergipe foi O Porvir. Jornal literário e recreativo, pertencente à Associação de Estudantes do Atheneu Sergipense, com circulação aos domingos. Teve como redatores Eutychio Novaes, Manoel Alves Machado, Baltazar Góes, Juvêncio de Siqueira, Felisbelo Freire, Amâncio Bezerra, Ramalho Silva e Felix Barreto. CARVALHO NETO, Pedro da Mota. **Imprensa Estudantil Sergipana (1874-2003)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe. 2004 (Monografia de Graduação em História).

<sup>77</sup> Diante da precariedade desses impressos, não foi possível termos acesso a eles, que se encontram indisponíveis para a pesquisa, impossibilitando-nos assim de visualizar suas posições sobre o campo educacional.

Esse valor cultural que o professor Brício Cardoso atribuía aos escritos dos jornais era demonstrado em suas aulas ministradas no Atheneu Sergipense. Gally (2004) enfatiza esse entendimento ao transcrever algumas das suas palavras:

O jornal é o livro dos livros, é o livro-biblioteca.

Ali na suas colunas, encontram-se todos os mergulhos humanos nos profundos mares, onde há que descobrir: ali nas suas páginas, todos os dramas e comédias do teatro universal do globo – todas as lições científicas – todas as notícias comerciais – a narração de todos os crimes e ridículos dos bastardos protagonistas da vida e todas as informações de que precisamos.

Assim o jornal que é o livro de tudo, que é a escola-universidade, que é a vela barata para todos os espíritos, – é um dos mais importantes deveres de consciência (Brício Cardoso. In: GALLY, 2004, p.62-63).

Perante a importância atribuída aos impressos, o Jornal *O Necdalus* foi o foco principal das aulas do professor fazendo com que seus alunos progredissem pelo caminho da escrita, tornando-se homens ilustres da sociedade sergipana, a exemplo de Gentil Tavares da Motta e Clodomir de Souza Silva, dentre tantos outros que passaram pelas aulas práticas do Atheneu Sergipense, tentando levar, através dos escritos, informações à população, retirando-a do estado de ignorância em que se encontrava. Essas ideias são divulgadas por Brício Cardoso ao afirmar que “no jornal o povo que não pode ir às grandes lições do direito tem sua melhor escola de educação e instrução” (Brício Cardoso. In: O NECYDALUS, Aracaju, 5 de junho de 1910, nº. 32, Anno II, p.1).

Mas *O Necdalus* não expressava somente sua visão sobre os fatos que ocorriam dentro da própria instituição, ligados ao campo educacional; descrevia também episódios que surgiram fora do estabelecimento, fazendo críticas e protestos sobre os acontecimentos sociais de Sergipe. Esta iniciativa permite afirmar que o impresso estudantil não era fechado dentro do seu próprio mundo, o Atheneu Sergipense.

O nosso programa é sabido: O Necdalus é o órgão dos estudantes do nosso gymnasio, e, como tal, dedicado em primeiro lugar aos seus interesses, para depois ser um jornal literario e humoristico. Isto, porem, não impede que, por vezes, noticiemos factos ordinarios ocorridos que os connectemos mesmo. Não se pode admittir um jornal inteiramente alheio ao meio em que circula (O NECYDALUS, Aracaju, 1º de maio de 1910, nº. 27, Anno II, p.1).

Essa era uma visão presente entre os seus colaboradores, principalmente entre os professores, que consideravam o jornal como um meio de levar, através dos estudantes,

informações sobre fatos não apenas do Atheneu Sergipense, mas também de acontecimentos da sociedade sergipana, por entenderem ser o jornal um “deffensor da nossa classe e dos interesses do nosso povo” (A. Moreira. In: O NECYDALUS, Aracaju, 5 de junho de 1910, nº. 32, Anno II, p.4).

Manterem-se informados das ocorrências que se desenrolavam na sociedade sergipana era uma prática comum, no Atheneu Sergipense, não apenas entre os estudantes, como bem nos mostra Alves (2006a). O Atheneu Sergipense não “ficava às margens das questões políticas vigentes. Os membros de sua Congregação, por exemplo, atuavam na imprensa em defesa do abolicionismo, em luta contra a monarquia” (ALVES, 2006a, p.69).

Assim, é por meio dos veículos impressos que se manifestam concepções, problemas, embates, contradições, relações entre teorias e práticas ou acontecimentos ligados ou não ao meio educacional, uma vez que a proximidade com os fatos, o caráter fugaz e polêmico e a vontade de intervir na realidade permitem a concretização dos estudos históricos da educação.

Em vista disso, as ideias editadas no Jornal *O Necydalus* tinham como perspectiva entre seus organizadores e colaboradores, em especial, o papel que foi desempenhado, nessa trajetória, pelo professor Brício Cardoso, pois sua pretensão era tornar a escrita jornalística uma atividade prática relacionada aos conhecimentos apreendidos pelos alunos durante as aulas de Gramática, Retórica e Poética. Para tanto, ele tinha como postulado o incentivo para que os alunos enveredassem pelo caminho da escrita, buscando a imprensa como um dos meios para trazer educação àqueles que produziam o jornal, além de informar os seus leitores; isto por acreditar que “toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais” (GALLY, 2004, p.19).

Talvez que a norma traçada pela Natureza não nos tenha como excepção; havemos de evoluir, e se não faltar o necessario meio de publicidade chegaremos sem duvida ao ponto almejado (Clodomir Silva. In: O NECYDALUS, Aracaju, 5 de junho de 1910, nº. 32, Anno II, p.2).

O desenvolvimento da escrita por entre as páginas dos jornais era compreendido como um começo que auxiliaria muito a trajetória dos discentes. Com este entendimento, Brício procurou direcionar seus discípulos para atingir tais propósitos, aclamando aos jovens estudantes:

Foi á mocidade que o Supremo Creador dos mundos disse no seu mais generoso momento de concessões: “*Crescite et multiplicamini*”. Os moços que fazem o que eu aconselho ficam formosos como as flores, as esperanças e a luz – merecem a apotheoses (Bricio Cardoso. In: O NECYDALUS, Aracaju, 5 de junho de 1910, nº. 32, Anno II, p.1-2).

Foi seguindo as ideias desse mestre que muitos alunos/redatores de *O Necdalus* colocaram em prática seu conhecimento, ao exercitarem seus esforços na arte de escrever e assim poder projetar-se no mundo intelectual.

### **3.3 – Concepções de civilização: entre teóricos e os escritos do jornal *O Necdalus***

Ao descrevermos as opiniões presentes acerca do ideal civilizador nos exemplares do Jornal *O Necdalus*, faremos uma explanação quanto ao propósito, ainda vigente no início do século XX, de civilizar o indivíduo através da educação e sobre como a imprensa exerceu um papel essencial nesse sentido, uma vez que a imprensa escrita sob a forma de jornal foi vista em diversas partes do mundo como uma importante tática de construção de consensos, de propaganda política e religiosa, de produção de novas sensibilidades, maneiras e costumes; sobretudo os tabloides, que foram distinguidos como uma importante estratégia educativa (cf. MACHADO, 2007, p.38).

Era também nos jornais, a exemplo de *O Necdalus*, que emergia a concepção de civilizar o povo, em função de se compreender que este era o caminho para que a nação alcançasse o progresso, superando, assim, o processo de atraso em que o Brasil se encontrava em relação aos países da Europa, como uma forma de satisfazer os interesses do Estado, de transformar o país composto por homens educados e instruídos. Não podemos deixar de mencionar que Brício, como um dos formadores da concepção desses estudantes que escreviam no jornal, via na “educação obrigatória e popular um meio de civilizar o país, elevando-o ao status de primeiro mundo” (GALLY, 2004, p.101).

A educação presente nessa sociedade se constituirá então como um elemento de amoldamento e da eliminação de comportamentos indesejáveis do indivíduo no meio social para poder difundir padrões morais e culturais. E para que essa sociedade se tornasse civilizada era preciso:

o processo de civilização do Estado, a Constituição, a educação e, por conseguinte, os segmentos mais numerosos da população, a eliminação de tudo o que era ainda bárbaro ou irracional nas condições vigentes, fossem penalidades legais, as restrições de classe à burguesia ou as barreiras que impedem o desenvolvimento do comércio (ELIAS, 1994a, p.62).

Ao refletirmos sobre a civilidade presente no Brasil no início do século XX, é importante entender que o ideário de civilização e de formação de um povo forte e capaz de cumprir seus deveres, além de promover o bem e o desenvolvimento do país, apresentava-se de forma diferenciada em diversos períodos, sociedades e momentos históricos.

Segundo Vilella (2003), com base no pensamento iluminista que marcou fortemente as ideias pedagógicas, passou-se a acreditar “que somente pela instrução se atingiria os estágios mais elevados da civilização” (VILELLA, 2003, p.103). Assim, a instrução pública passou a ser vista como:

um instrumento de ação na implementação dos projetos do Estado Imperial, foi usada pelo Governo do Estado para esse fim, pretendendo cumprir o papel de permitir que o Império se colocasse ao lado das ‘Nações Civilizadas’, ainda que fosse apenas por compartilhar as mesmas intenções quanto à instrução da população. Instruir todas as classes era o ‘ato de difusão das Luzes que permitiam romper as trevas que caracterizavam o passado colonial; a possibilidade de estabelecer o primado da Razão, superando a barbárie dos Sertões e a desordem das Ruas’ (VASCONCELOS, 2005, p.200).

Essa crença, fortemente marcada no século XIX, de civilizar o povo através da educação ainda se fez presente no século seguinte. Dentro das constantes transformações que a sociedade vinha sofrendo, a ciência e a técnica passaram a produzir, não apenas um novo espaço, mas um novo povo, que buscava civilizar-se em contato com valores e práticas modernas, contexto em que a educação deveria se adequar às constantes mudanças. Mas é válido destacar que essa

[...] escola que se queria generalizar para todo o povo, [...] para as classes inferiores da sociedade, que possibilita perceber, por um lado que se queria generalizar os rudimentos do saber, ler, escrever e contar, não se imaginando, por outro lado, uma relação muito estreita dessa escola com outros níveis de instrução [...]. Nessa perspectiva [...] para a elite brasileira, a escola para os pobres, mesmo em se tratando de brancos e livres, não deveria ultrapassar o aprendizado das primeiras letras (FARIA FILHO, 2003, p.136).

Tornando o processo de escolarização implantado de forma bastante desigual entre a população, não sendo suficiente para pôr fim a essa desigualdade apenas a construção de “[...] instituições isoladas seria preciso, inclusive de acordo com as nações mais desenvolvidas, reformar o ensino dando-lhe um caráter moderno e nacional” (FARIA FILHO, 2003, p.139).

As ideias de Faria Filho (2003) reafirmam a concepção de que a instrução elementar no século XIX, através das mudanças ocorridas com a República, na tentativa de implantar uma nova forma de ver a educação como ferramenta propulsora da civilização, encontra nos grupos escolares o mecanismo fundamental para estabelecer a ordem e o progresso do país.

[...] é na melhor e na mais eficiente organização e utilização dos tempos escolares que apostarão todos aqueles que, envolvidos com a discussão sobre o processo de escolarização no século XIX, defenderão a centralidade da escola na vida nacional, na formação de um povo ordeiro e civilizado (FARIA FILHO, 2003, p.148).

Desse modo, do período do Império ao início da República no Brasil, houve uma valorização da educação como uma tática para alcançar a civilidade desejada diante do aumento populacional do país, em busca do progresso e do desenvolvimento.

Todavia, será através de um periódico produzido em uma instituição escolar que verificaremos como a educação presente no Brasil, no início do século XX, ainda era vista como um mecanismo de civilização para implantação da ordem e de progresso do país, fazendo com que seu povo passasse a se adaptar segundo o comportamento, as emoções e o padrão ditado pelo ideal civilizador da sociedade.

Elias (1994a), ao se referir a esse processo, afirma que este é marcado por transformações na conduta de sentimentos humanos, para uma direção específica, visto que essas variações na busca por uma nova ordem ocorrem de forma natural. Inseridas nessas mudanças, surgem as formas de controle dos indivíduos sobre paixões, emoções e impulsos, que se dão por meio da coerção direta, física e externa (coação externa) ou interna. O processo civilizador busca justamente aumentar esse autocontrole do indivíduo para sua integração ao ambiente social.

Assim, será por meio da imprensa que se tem “configurado como uma dessas novas fontes e possibilitado, por meio de diversos olhares, a constituição do retrato de um tempo” (SCHELBAUER, 2007, p.7), que buscaremos a compreensão do campo educativo

presente no Jornal *O Necdaluz*, referente ao processo civilizador, ao constatarmos que esse impresso apresenta informações que propiciavam aos seus leitores o alcance do conhecimento.

Sem a imprensa não teríamos civilização, não teria o povo a liberdade, não tínhamos, finalmente, meios sociais.

A imprensa é tudo!

Ella liberta o escravo; esclarece as couzas occultas; distribui luz por tudo; dá razão a quem de dever.

A verdade é o seu apanagio (Romeu Palmares. In: O NECYDALUS, Aracaju, 5 de junho de 1910, n.º. 32, Anno II, p.2).

Constatamos que os escritos dos artigos e noticiários presentes no jornal estavam impregnados de pensamentos que surgiram no século XIX e que perpassaram o século XX, no início da Primeira República, ainda enraizados com as ideias de progresso e civilização do povo por meio da educação.

Os jornais também abriram espaços para temas cotidianos como o custo de vida, as deficiências dos serviços básicos de saneamento, problemas da instrução pública e particularmente do analfabetismo. O combate ao analfabetismo era um tema estrutural, ligado a uma necessidade superior: uma busca frenética pelo desenvolvimento econômico. Esse último, sendo o legitimador do lugar de Sergipe entre os ‘povos’ civilizados. A ideia de progresso estava disseminada entre os intelectuais do período. E não nascera de ontem. Fora herdada do final do século XIX e incorporada paralelamente ao surto industrial no Estado no início desse século. O próprio Prado Sampaio, afirmou que os sergipanos estavam ‘condenados à civilização, e o dilema [era] este, o comum a todos os grupos ethno-psychologicos: ou progredimos ou desapareceremos’ (FREITAS, 2000, p.44).

Nesse contexto, a opinião a respeito da educação que ainda vigorava no início do século XX era a de que havia uma necessidade de instrução da população, sobretudo das camadas inferiores da sociedade. Isso se torna evidente nos escritos do jornal em vários momentos, durante a exposição de seus produtores no combate à falta de informação.

O meu intuito é que jamais elle esqueça que o seu papel na magna cruzada social, cujas armas são os prelos, onde grande ideias da humanidade e as profundas responsabilidades da consciencia, obriga-o a empunhar o gladio de fogo do cherubim do Eden e da arcas propicatoria nas portas do templo da sciencia e da liberdade, para impedir a invasão da treva, da ignorancia, da Tyrania e do erro (Bricio Cardoso, In: O NECYDALUS, Aracaju, 5 de junho de 1910, n.º. 32, Anno II, p. 1).

Esta era uma das missões do mencionado jornal: informar para instruir. E a imprensa era o intermédio desse propósito tão marcadamente preciso entre os estudantes e seus colaboradores, a exemplo do professor Brício Cardoso, uma vez que este também comungava da ideia de que

civilizar consistia, não somente em criar uma consciência nacional, uma autoconsciência de estratos intelectuais ou de diferenciações entre comportamentos padrão. Era também um dos códigos e leis do convívio social, era transformar o indivíduo em pessoa, tornando-o menos coisa e mais gente. Era também sinônimo de aperfeiçoamento moral, de suavização de costumes e ilustração do entendimento (Brício Cardoso. In: GALLY, 2004, p.17).

Esse professor via na educação uma estratégia para eliminar a falta de informação da população e de poder torná-los pessoas impregnadas de caráter moral, espiritual, além do despertar da intelectualidade, sendo também a educação a responsável pelo caráter civilizador. Nesse sentido a educação teria para Brício a função de

polir o homem já desbastado pela criação na sua crosta de grosseria, arrancar-lhe da alma o último átomo de ignorância, ilustrar-lhe a razão, adornar-lhe o entendimento, aperfeiçoar-lhe o coração, suavizar-lhe os costumes, obrigá-lo a passar a vida impessoal à vida pessoal, fazendo-lhe sentir que deve ter mais império sobre as suas faculdades que têm os animais sobre as deles, que deve mais pessoas e menos coisa do que é (Brício Cardoso. In: GALLY, 2004, p.78)<sup>78</sup>.

Ao se integrar à sociedade, o indivíduo é influenciado pela intervenção de adultos ditos civilizados, interiorizando os sentimentos, paixões, emoções e controles produzidos nas relações sociais e mentais, exteriorizando suas representações através de comportamentos, hábitos e relações de poder para assim atingir o padrão estabelecido pela sociedade no curso da história, pois nenhum ser humano chega “civilizado ao mundo e que o processo civilizador individual que ele obrigatoriamente sofre é uma função do processo civilizador social” (ELIAS, 1994a, p.15). Nesta perspectiva, a educação auxiliará na

remodelação do indivíduo durante o crescimento, o processo civilizador individual em cujo decurso ele se desloca do ponto de partida do

---

<sup>78</sup> Segundo Elias (1994a), na relação indivíduo/sociedade em que “as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos arriscar dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações” (ELIAS, 1994a, p. 249).

comportamento infantil, que é o mesmo em toda parte, para se aproximar mais ou menos do padrão de civilização atingido por sua sociedade, torna-se mais difícil e demorado. Prolonga-se o lapso de tempo necessário para preparar os jovens para os papéis e funções mais complexos do adulto (ELIAS, 1994b, p. 104).

Souza, C. (2003), fundamentada no pensamento de Jorge Nagle, menciona a preocupação que havia com a instrução do povo, vendo como mecanismo de atraso para o país a constatação do alto índice de analfabetismo, principal entrave para a inserção do Brasil na modernidade. A educação popular tornou-se a pedra angular sobre a qual repousava a organização social; ou seja, chegou-se à conclusão de que a estrutura política, econômica e social apresentava-se instável porque sobre ela pesava a grande massa de analfabetos.

Em Sergipe, esse entusiasmo pelo poder da educação pode ser verificado, não apenas na abundância de impressos sobre a educação, mas também na criação do Gabinete Literário Tobias Barreto, do Gabinete Literário de Aracaju, do Gabinete de Leitura de Riachuelo, da Casa do Livro de Capela, do Centro Cívico Amintas Jorge, do Grêmio Thomaz Cruz, da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, do Centro Pedagógico Sergipano, na manutenção do Gabinete de Leitura de Maruim e na remodelação da Biblioteca Pública do Estado, instituições através das quais procuraram incentivar a prática da leitura, alfabetizar os segmentos menos favorecidos da sociedade e desenvolver a literatura pedagógica no Estado. [...] os sergipanos acreditaram que, iluminando a população, poderiam extirpar a chaga da ignorância e acelerar a marcha da civilização na aldeia natal (SOUZA, C., 2003, p. 41-42).

O jornal *O Necdalus*, que também aderiu à perspectiva de civilidade e de patriotismo, compreendia a escrita como um caminho que possibilitava cumprir o dever de conscientização de sua gente para o progresso e bem-estar da sociedade. Entendiam que o jornal como “um órgão de imprensa é sempre uma grandeza de civilização” (Orlando Flóres. In: *O Necdalus*, Aracaju, 5 de junho de 1910, nº. 32, Anno II, p.3).

Foi a 5 de junho do anno preterito, de mistura com as auras frias da descrença e ao indifferentismo do nosso povo, que o pharol gigantesco e brilhante de todos os povos civilizados – a imprensa – a sublime gloriosa invenção de Guttenberg, reflectiu os seus raios benéficos e luminosos nas alvas paginas do ‘Necdalus’.

Transposta, por conseguinte, está hoje a primeira balisa da nossa longa trajetória em busca da civilização.

Trazemos, nitida e firme na consciencia a convicção de que temos cumprido o nosso dever, e de que o ‘Necdalus’, como um jornal de colaboração quase exclusiva dos estudantes do Atheneu Sergipense, tem se mantido à altura de sua classe laboriosa (A. Moreira. In: *NECYDALUS*, Aracaju, 5 de junho de 1910, nº. 32, Anno II, p.4).

Diante dessa perspectiva disseminada entre os editores do jornal *O Necdalus*, foi possível, diante de um veículo impresso, entender como as ideias sobre civilização manifestavam-se tão fortemente entre os escritores, na tentativa de propiciar o acesso à instrução de seus leitores, pois, como mostrou Elias (1994a), a educação mediante as imposições exigidas ao homem, a fim de moldá-lo aos padrões estabelecidos, permite, através de tais mudanças, que ele atinja os pressupostos desejados, e que nessa relação indivíduo/sociedade, o primeiro precisa se integrar ao meio social, e para tanto, deve civilizar-se, carecendo da educação para absorver os padrões impostos por tal sociedade.

As ideias de civilidade estavam representadas nas páginas do jornal estudantil, não apenas como forma de estabelecer o progresso e a modernidade da cidade de Aracaju, como foi mostrada no capítulo II, para se igualar às demais regiões já compreendidas como civilizadas, mas também como finalidade de levar, por meio da imprensa, o conhecimento, tirando os cidadãos do estágio de ignorância, conduzindo-os em direção ao esclarecimento. Esses alunos deixaram impresso a concepção de que instruir a população e modernizar a sociedade eram etapas essenciais para atingir os desígnios almejados nos primeiros anos da República.

No jornal encontramos não só a representação de educação como mecanismo de civilização do indivíduo, mas também sua representação a respeito da situação em que se encontrava o ensino, tanto o primário como o secundário, deixando nítida a importância que davam à instrução, na busca por conhecimentos, pelo estudo e pela sua preparação intelectual.

A respeito do ensino primário este demonstrou ser algo que precisava de melhorias e de reformas imediatas, já que se encontrava em estado de decadência, sem organização, sem um método definido e sem capacitação dos professores para atuarem nesse setor, sendo o maior alvo de crítica dos discentes, que acabaram representando o professor das primeiras letras como espécie de “erva daninha” do ensino primário, sem levar em consideração as particularidades dos membros da classe, generalizando a todos por igual.

Apesar de alguns exageros encontrados no conteúdo do impresso através da visão particular de seus produtores, esse jornal pode ser considerado um testemunho vivo de alunos e professores, na transmissão da cultura escolar de uma época. Ele possibilitou, por meio de suas produções, o entendimento do cotidiano de uma instituição de ensino

secundário em Sergipe, quando esses docentes e discentes relatavam sobre suas vivências, esperanças e manifestações a respeito do seu espaço escolar.

Nesse sentido, veiculavam-se no jornal a representação desses alunos a respeito de temas específicos e rotineiros, como a reivindicação das taxas de matrículas, os horários das aulas e até alguns comentários sobre a questão dos fardamentos. Acontecimentos citados por talvez entenderem que da forma como vinham acontecendo, esses fatores acabaram sendo vistos como empecilhos para que jovens estudantes pudessem conseguir continuar seus estudos com qualidade, manifestando uma preocupação por melhorias para o ensino secundário.

Torna-se relevante mencionarmos que além de ser um veículo usado para ir em busca de seus interesses, estava do mesmo modo nas páginas desse jornal a representação de como eram desenvolvidas algumas práticas educativas do Atheneu Sergipense, a partir do momento em que os produtores mencionavam ser esse impresso uma espécie de exercício literário das aulas de Português, através do qual os alunos colocavam seus conhecimentos e talentos, principalmente, no tocante às produções de sonetos, contos e crônicas, além de publicarem leituras feitas por solicitação dos mestres de romancistas e poetas renomados da literatura vigente, como Antônio de Castilho, Victoriano Palhares, José de Alencar, Victor Hugo, Tobias Barreto e Fausto Cardoso.

Acabo de ler a ultima pagina d'Os Miseraveis, o tão empolgante, romance de Victor Hugo. O grandioso livro é uma peça de beleza extraordinaria, cujo apparecimento assignala um dos principaes acontecimentos litterarios do nosso seculo. [...]

A doce leitura do afamado romance, tão cheio de encanto e de um enredo incomparavel, imprimiu para sempre, nas folhas do livro de minh'alma, a recordação querida d'aquella obra grandiosa (Arthur do Prado. In: O NECYDALUS, 5 de setembro de 1990, nº. 14, Anno I, p.3).

Portanto, entende-se que por meio desse periódico estudantil, influenciado ou não por seus mestres, foi aceitável entender o olhar específico desses jovens a respeito do dia-a-dia aracajuano e do ensino primário e secundário em Sergipe no início do século XX, além de ser também considerado um instrumento que permitiu compreender, através daqueles que nele transcreviam, a cultura escolar do Atheneu Sergipense, seu cotidiano, suas particularidades e suas práticas educativas, episódios que seriam difíceis de conhecer em outras fontes de informação.

## CONCLUSÃO

Em 1909, surge no Atheneu Sergipense um jornal estudantil denominado *O Necdalus*, que, produzido sob a iniciativa de alguns alunos, conseguiu circular por várias localidades do território sergipano, transmitindo em suas páginas propósitos que seriam alcançados tempos depois.

Sendo assim, foi através deste jornal hebdomadário, quase centenário e de caráter literário e humorístico, que procuramos compreender o que estava por trás dos seus escritos, focando, principalmente, o que se pensava a respeito dos temas educacionais ou pertencentes ao cotidiano sergipano naquele período.

Ao percorrermos as folhas desse semanário, conseguimos constatar algumas finalidades existentes em sua construção, tendo os jovens estudantes como um de seus objetivos obter, por meio das produções que eram publicadas no jornal, o desenvolvimento de sua escrita para que, no futuro, pudessem dar longos voos em direção ao reconhecimento dentro do campo intelectual sergipano. Acreditavam que o periódico seria um meio de ascensão social através da veiculação de suas produções literárias.

Diante de tais iniciativas, o jornal *O Necdalus* transformou-se numa prática educativa do Atheneu Sergipense, auxiliando os professores daquela “Casa de Educação Literária”, sobretudo os de Português, que viam o impresso como um caminho para que seus alunos comesçassem a produzir sua escrita, além de acreditarem que seus leitores se tornariam cidadãos mais conscientes.

O professor Brício Cardoso passou a ser peça fundamental e o grande responsável por levar adiante muitos dos ideais, cujo alcance também foi seguido pelos estudantes que escreviam no jornal. Além de incentivá-los a almejar o caminho das letras, esse professor instigou seus discípulos a acreditarem que seria por meio da educação que o indivíduo atingiria o estágio da civilização.

O jornal *O Necdalus* tornou-se, então, um veículo que permitiu aos alunos alcançarem seus desígnios, além de propagar para a sociedade os ideais vigentes, num período de mudanças em busca do progresso e da modernidade, no qual os sentimentos de civilidade e de patriotismo estavam presentes nas sociedades, impregnadas com o processo de transformação e de desenvolvimento econômico, social, cultural e político.

O 'Necydalus' ganhou as esporas doiradas de cavalleiro no campeonato gutenbergriano, e a sua primeira batalha de fadigas e esforços contra o preponderantismo da recusa fria dos retrogrados e do desprezo humilhante dos que fingem não ver que ha mais luz nas vinte e cinco letras do alphabeto que em todas as constellações do firmamento [...] (Bricio Cardoso. In: O NECYDALUS, Aracaju, 5 de junho de 1910, nº. 32, Anno II, p.1).

A participação feminina na escrita do jornal *O Necydalus*, mostrou que este impresso propiciou espaço a todos aqueles que queriam dedicar-se as letras e que viam na imprensa uma oportunidade de alcançar novos horizontes, independentemente de gênero. A contribuição da mulher em seus escritos mostrou que, mesmo de forma tímida, ela já ganhava voz dentro da cultura impressa.

Frente ao exposto, este estudo permitiu-nos compreender e visualizar a partir de um impresso estudantil, além dos ideais propagados naquele momento, as práticas educativas e a cultura escolar existente numa instituição de ensino secundário no início do século XX. Essas práticas e comportamentos dificilmente seriam vistas em outros veículos impressos, como os acontecimentos corriqueiros que se desenrolavam no Atheneu Sergipense, possíveis de serem desvendados mediante sua leitura.

Contudo, este trabalho, vem contribuir para os estudos pertencentes à História da Educação, principalmente no que se refere às pesquisas relacionadas aos impressos estudantis, deixando outras reflexões a serem seguidas e desvendadas por novos pesquisadores que se interessarem a investigar periódicos desse gênero e assim construir e divulgar novas Histórias.

Nesse sentido, cabe aos futuros estudiosos incitados por temas como este desvendar a escrita de outros tabloides produzidos por alunos e ampliar a discussão, ainda insuficiente, a respeito de jornais estudantis sergipanos como fonte e objeto de investigação, trazendo à luz, assim como fizemos com *O Necydalus*, as particularidades de sua escrita, seus pensamentos, os ideais e propósitos que vigoravam naquele momento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Eva Maria Siqueira. “A Congregação do Atheneu Sergipense: das ações pedagógicas aos acirrados debates”. In: **Revista do Mestrado em Educação**. Publicação do Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe. – Vol. 12, (2006a). – São Cristóvão: UFS/NPGED. Jan./Jun.p.59-72.

\_\_\_\_\_. **O Atheneu Sergipense: uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos: 1870- 1908**. Tese (Doutorado). Programa de Estudos. Pós-Graduação em Educação: História, Política e Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005a.

\_\_\_\_\_. **O Atheneu Sergipense: traços de uma história**. Aracaju: ADGRAF Gráfica e Editora, 2005b.

\_\_\_\_\_. “Em nome do Rio Sergipe”. In: ALVES, José do Patrocínio Hora. (Org.) **Rio Sergipe: importância, vulnerabilidade e preservação**. Aracaju: Ós Editora, 2006b, p.13-21.

ALVES, Eva Maria Siqueira; COSTA, Patrícia Rosalba Salvador Moura. “Aspectos históricos da cadeira de sociologia nos estudos secundários (1892-1925)”. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. São Paulo: Autores Associados, nº. 12, julho/dezembro. 2006, p.31-52.

ANDREOTTI, Azilde Lina. **A formação de uma geração: a educação para a promoção social e o progresso do país no jornal A Voz da Infância da Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo (1936-1950)**. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2004. (Tese de Doutorado).

ARAÚJO, Acrísio Torres. **Aracaju, minha capital**. (Área: Estudos Sociais). Ensino de Primeiro Grau. Salvador-BA: Editora do Brasil na Bahia S/A, 1973, p.65-66.

\_\_\_\_\_. **Imprensa em Sergipe**. Brasília, 1993.

ARAÚJO, José Carlos Souza e outros. “Um capítulo da veiculação da discussão educacional na imprensa do Triângulo Mineiro: a revista A Escola. (1920-1921)”. In: ARAÚJO, José Carlos Souza. GATTI JR, Décio. (Orgs.) **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. p.91-132.

ARAÚJO, José Carlos Souza. SCHELBAUER, Anaete Regina. **História da Educação pela Imprensa**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. História da imprensa brasileira. 4. edição. São Paulo: Ática, 1990.

BARRETO, Luiz Antônio. **Personalidades Sergipanas**. Aracaju: Typografia Editorial, 2007.

BASTOS, Maria Helena Câmara. “As Revistas Pedagógicas e a Atualização do Professor: A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992)”. In: CATANI, Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Orgs.) **Educação em revista: a imprensa e a história da educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p.47-76.

\_\_\_\_\_. “A Imprensa Periódica Educacional no Brasil: de 1808 a 1944”. In: CATANI, Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Orgs.) **Educação em revista: a imprensa e a história da educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p.173-187.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pierre Bourdieu: sociologia**. ORTIZ, Renato Organizador (da coletânea), São Paulo: Ática, 1983.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes de. **Coisas velhas: um percurso de investigação sobre a cultura escolar (1928-1958)**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CARVALHO, Carlos Henrique de. “Discutindo a história da educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica”. In: ARAUJO, José Carlos Souza. GATTI JR, Décio. (Orgs.) **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. p. 67-89.

CARVALHO, Carlos Henrique de; INÁCIO FILHO, Geraldo. “Debates Educacionais na Imprensa: republicanos e católicos no Triângulo Mineiro-MG (1892-1931)”. In: SCHELBAUER, Analete Regina. ARAUJO, Jose Carlos. (Org.). **História da Educação pela Imprensa**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. p.53-84.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Bragança Paulista-SP: EDUSF, 1998.

\_\_\_\_\_. **A escola e a República**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CARVALHO NETO, Pedro da Mota. **A imprensa estudantil sergipana (1874-2003)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe. 2004. (Monografia de Graduação em História).

CATANI, Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Orgs.) **Educação em revista: a imprensa e a história da educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – 9. edição, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

\_\_\_\_\_. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, século XI-XVIII**. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915**. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

DANTAS, Maria José. **Revista “Cidade Nova” e as propostas de educação**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2008. (Dissertação de Mestrado).

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. – 2 ed. – São Paulo: Contexto, 1997.

**Dicionário Melhoramentos da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Jorge Zahar Editor, RJ: 1994a.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994b.

\_\_\_\_\_. **Escritos & Ensaio; 1: Estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. “Instrução elementar no século XIX”. In: **500 anos de educação no Brasil – 3. ed.**, Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (Coleção Historial, 6). p.135-150.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. “A Revista Renovação e a Educação da Mulher Sergipana”. In: **Cadernos UFS – História da Educação**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, vol. 5, 2003a. p.51-66.

\_\_\_\_\_. **Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, 2003c.

\_\_\_\_\_. **Vestidas de Azul e Branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas acerca da formação profissional e do ingresso no magistério (1920 – 1950)**.

São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/ NPGEO. (Coleção Educação é História, 3). 2003b.

FREITAS, Itamar. **A “Casa de Sergipe”**: historiografia e identidade na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1913/1929). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado). 2000.

FREITAS, Itamar; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. “A Revista em Sergipe”. In: **Revista de Aracaju**, nº. 9 Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 2002. p.169-187.

GALLY, Christianne de Menezes. **Brício Cardoso no cenário de Humanidades do Atheneu Sergipense (1870-1874)**. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2004. (Dissertação – Mestrado em Educação).

GONÇALVES NETO, Wenceslau. “Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX”. In: ARAUJO, José Carlos Souza. GATTI JR, Décio. (Orgs.) **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. p. 39-64.

GUARANÁ, Armindo. “Jornais, revistas e outras publicações periódicas de 1832 a 1908”. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, tomo especial, vol. 1, parte 2, 1908. p.776-813.

\_\_\_\_\_. **Dicionário biobibliográfico sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925.

**Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998, p.2922. Vol.12.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

INÁCIO FILHO, Geraldo. “Escolas para mulheres no Triângulo Mineiro”. In: ARAUJO, José Carlos Souza. GATTI JR, Décio. (Orgs.) **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. p. 39-64.

JULIA, Dominique. “A Cultura Escolar como Objeto Histórico”. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. São Paulo. Editora Autores Associados. nº. 1, Janeiro/junho. 2001. p.09-43.

KIENTZ, Albert. **Comunicação de massa**: análise de conteúdo. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 1. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999. p.95-106.

\_\_\_\_\_. “História”. In: **Enciclopédia Einaudi**. Imprensa Nacional. Casa da Moeda. Lisboa, Portugal. 1984.p.158-259.

\_\_\_\_\_. “História”. In: **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 17-171.

LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: PP&A, 2001. (Coleção o que você precisa saber sobre...).

LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Organizadora) **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p.111-153.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. “Estado e Educação “em Preto e Branco”: a atuação de Rui Barbosa no Diário de Notícias (1889)”. In: SCHELBAUER, Analete Regina. ARAUJO, Jose Carlos. (Org.). **História da Educação pela Imprensa**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. p.31-52.

MARTINS, Ana Luiza. **Revista em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e Cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MENDONÇA, José Antonio Nunes. **A Educação em Sergipe**. Aracaju: Livraria Regina, 1956.

MICELI, Sérgio. “Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)”. In: **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo. Companhia das Letras. p.69-291, 2001.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NÓVOA, António. “A imprensa de educação e ensino: concepções e organização do repertório português”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara. CATANI, Denise Barbara. (Orgs.) **Educação em revista: a imprensa e a história da educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p.11-31.

**Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

\_\_\_\_\_. **Sergipe Provincial II (1840/1889)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Aracaju, SE: Banco do Estado de Sergipe, 2006.

OLIVA, João. **Sobretudo a imprensa** – Aracaju: Brava, 2004.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma civilização cristã: a coleção monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937-1965)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2008. (Dissertação de Mestrado).

PINHEIRO, Ana Regina. **A imprensa escolar e o estudo das práticas pedagógicas: o jornal 'Nosso Esforço' e o contexto escolar do Curso Primário do Instituto de Educação (1936-1939)**. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, da PUCSP. (Dissertação de Mestrado). 2000.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. **O espelho da nação: a antologia nacional e o ensino de Português e Literatura**. Tese (Doutorado). UNICAMP, São Paulo, 2000.

**Revista de Aracaju**. Aracaju: FUNCAJU, 2003.

SANTANA, Antônio Samarone. **As febres do Aracaju: dos miasmas aos micróbios**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação – Núcleo de Ciências Sociais – UFS, 1997.

SANTOS, Ana Luzia. **Educação na imprensa católica: as representações do jornal “A Defesa” sobre a formação da juventude (1961-1969)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2006. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Fábio Alves. “A Construção da Moral na Revista Sergipe Artífice”. In: **Cadernos UFS – História da Educação**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, vol. 5, 2003. p. 21-26.

SANTOS, Maria Nely. **A sociedade libertadora: “Cabana do Pai Tomás”, Francisco José Alves, uma história de vida e outras histórias**. Aracaju: J. Andrade, 1997.

SEBRÃO, Sobrinho. **Laudas da História de Aracaju**. Trabalho editado a ordem da Prefeitura Municipal de Aracaju em Homenagem ao Centenário Primeiro da Capital Sergipense. 1954, p.387-432.

SCHELBAUER, Analete Regina. Entre anúncios e artigos: registros do método de ensino intuitivo do jornal. In: SCHELBAUER, Analete Regina. ARAUJO, Jose Carlos. (Org.). **História da Educação pela Imprensa**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. p.7-30.

SILVA, Clodomir de Souza e. **Álbum de Sergipe (1820-1920)**. São Paulo: Seção de obras de O Estado de São Paulo, 1920.

SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Revista Litteraria do Gabinete de Leitura de Maroim (1890-1891): subsídios para a história dos impressos em Sergipe**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2006. (Dissertação de Mestrado).

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro. Mauad, 1999.

SOUZA, Cristiane Vitório de. **A República das letras em Sergipe (1889-1930)**. São Cristóvão, 2001. Monografia (Graduação em História).

\_\_\_\_\_. “Os Impressos sobre a Educação em Sergipe (1889 – 1930)”. In: **Caderno UFS – História da Educação/Universidade Federal de Sergipe**. – vol. 5. (2003) – São Cristóvão: Editora da UFS, 2003, p.35-49.

SOUZA, Josefa Eliana. **Nunes Mendonça: um escolanovista sergipano**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2003.

SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. “Um Itinerário de Pesquisa sobre a Cultura Escolar”. In: **Ideários e imagens da educação escolar**. Araraquara, SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, 2000. – (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo). p.03-27.

SOUZA, Valéria Carmelita Santana. “**A Cruzada Católica**”: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2005. (Dissertação de Mestrado).

TAVARES, Hênio. **Teoria Literária**. 11. ed. Rio de Janeiro: Vila Rica, 1996.

TIERNO, João Cayolla. **Dicionário zoológico**. Contendo por ordem directa e inversa, todos os termos registrados nos dicionários mais correntes da língua portuguesa. Edição da Tertúlia Edípica. Grupo Charadístico da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa, 1954.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. “Os livros de educação e o mercado editorial dos anos 20 e 30”. In: **Revista do Mestrado em Educação**. Publicação do Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe. – Vol. 1, (1998). – São Cristóvão: UFS/NPGED.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e os seus mestres: a Educação no Brasil de Oitocentos**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Valdevania Freitas dos Santos. “Gentil Tavares da Mota: do Atheneu Sergipense para uma nova trajetória como intelectual sergipano”. In: **Anais XVIII Encontro de Iniciação Científica. IV Encontro de Pós-Graduação**. 9 a 12 de setembro de 2008a. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe. (Trabalho completo).

\_\_\_\_\_. “A trajetória de Clodomir Silva: um estudante e intelectual sergipano”. In: **Anais do III CIPA – Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) Biográfica**. 14 a 17 de setembro de 2008d. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (Trabalho completo).

\_\_\_\_\_. “Uma análise sobre o pensamento educacional presente nos impressos de um jornal estudantil sob a ótica de dois estudantes: Gentil Tavares e Clodomir Silva”. In: **Anais do VII Congresso Luso-brasileiro de História da Educação: cultura escolar, migrações e cidadania**. Versão impressa em livro de resumos. Porto: Edições SPCE, 2008c. p.250-251.

\_\_\_\_\_. “A participação da mulher no jornal ‘O Necdalus’”. In: **Anais do II Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. 22 a 24 de setembro de 2008e. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe. (Trabalho completo).

\_\_\_\_\_. “Uma trajetória marcante de dois intelectuais sergipanos: Gentil Tavares e Clodomir Silva”. In: **Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação**. 9 a 12 de novembro de 2008b. Aracaju: Universidade Tiradentes. (Trabalho completo).

VILLELA, Heloisa de O. S. “O Mestre-Escola e a Professora”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2003.p.93-134.

## **FONTES MANUSCRITAS**

Livro de Atas da Congregação do Atheneu Sergipense (1871 a 1916).

Livro de Matrícula 1º ano do Curso Ginásial (1907 a 1933).

Livro de Matrícula 2º ano do Curso Ginásial (1907 a 1933).

Livro de Matrícula 3º ano do Curso Ginásial (1907 a 1933).

Livro de Matrícula 4º ano do Curso Ginásial (1908 a 1933).

Livro de Matrícula 5º ano do Curso Ginásial (1909 a 1933).

## **FONTE ELETRÔNICA:**

([http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/biografias/autores/carmen\\_dolores](http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/biografias/autores/carmen_dolores)). Acesso em 23/07/2008.

## **JORNAIS**

**A COLMEIA.** Aracaju (1909)

**A GAZETINHA.** Aracaju. (1910)

**A FOLHA DE SERGIPE.** Aracaju (1909-1911).

**CORREIO DE ARACAJU** (1909/1910/1911/1922).

**CORREIO DE SERGIPE.** Aracaju. (2006-2007)

**O ESPIÃO.** Aracaju (1909-1911).

**O ESTADO DE SERGIPE.** Aracaju. (1909/1917/1918).

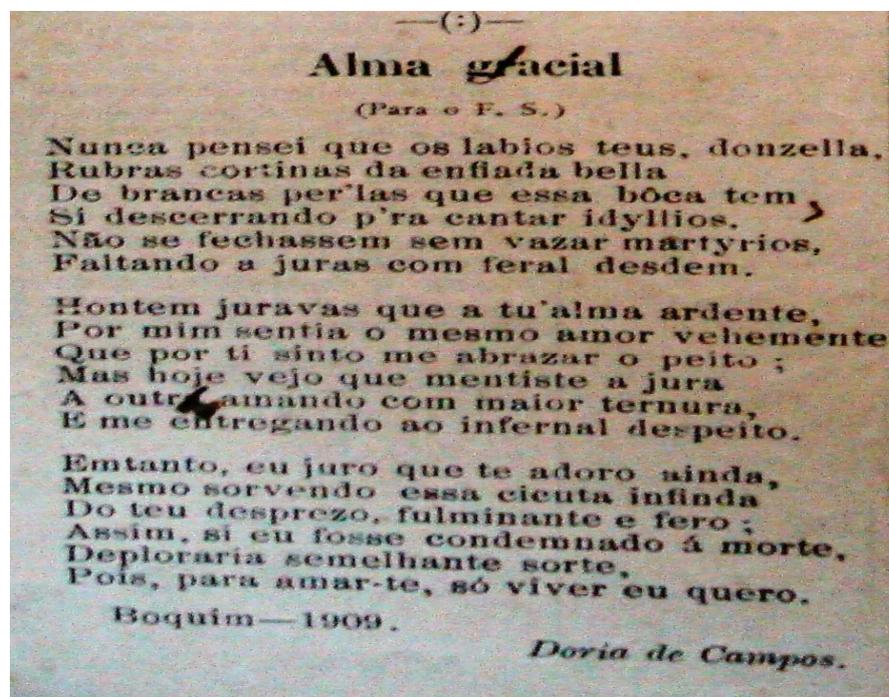
**O NECYDALUS.** Aracaju. (1909-1911).

## **LISTAS DE ACERVOS CONSULTADOS**

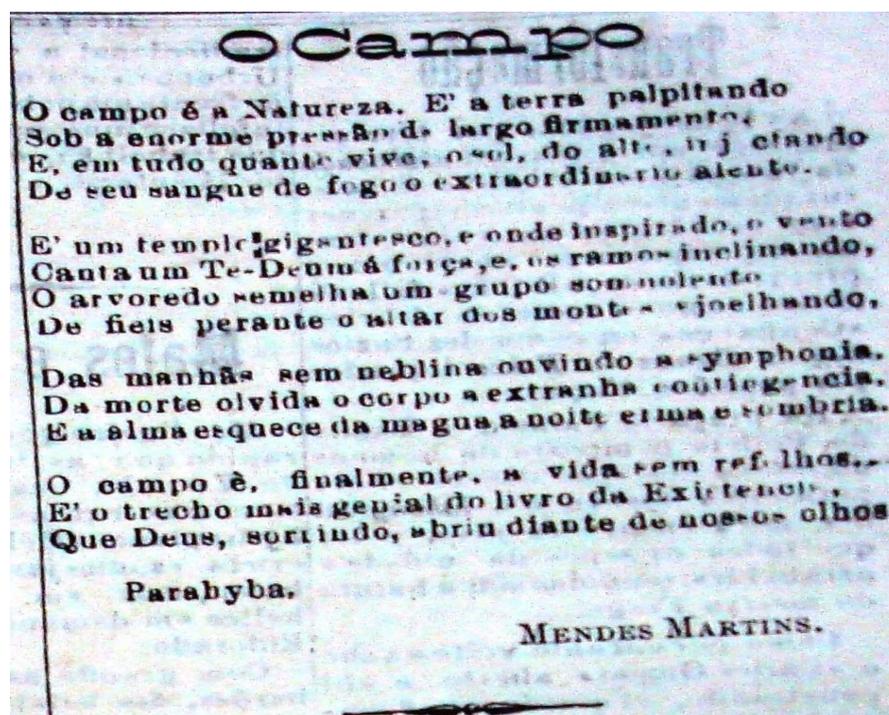
- Arquivo Público de Sergipe
- Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe
- Biblioteca Clodomir de Souza e Silva – Aracaju – SE
- Biblioteca Pública Epifânio Dória – Aracaju – SE
- Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense
- Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

# **ANEXOS**

ANEXO 1 – Poemas e crônicas publicados no jornal *O Necdalus* por alunos de outras cidades sergipanas e estados brasileiros.



Fonte: Jornal *O Necdalus*, Aracaju, 25 de novembro de 1909, nº. 25, Anno II, p.3.



Fonte: Jornal *O Necdalus*, Aracaju, 7 de setembro de 1910, nº. 45, Anno II, p.3.

# O Numismata

(Francez de Pierre Halary.)

Enclausurado e só, num Museu raro e antigo,  
A vida revivendo, extincta, das Medalhas,  
Sob um pallio de sombra e de silencio amigo,  
Musas e heróes evoca, e Deuses e Batalhas.

Da Cidade sublime e tresloucada, a espaços,  
Sobe, em vago rumor, da populaça a grita,  
E, da vidraça á borda, empresta voz e passoa  
A's eras espectraes que o seu sonhar suscita.

Attento e carinhoso, entre aptos dedos toma,  
Um spós outro, o asse, a drachma, a frusta, a incusa,  
O estater d'ouro Grego, o dinheiro de Roma,  
Ou o aureo Medalhão cunhado em Syracuse.

O srco de Apollo passa, em estranha alternativa,  
Com o elmo de Minerva e o carro dos Dioscuras.  
Elio ou S Ion? Quem fez na pedra a intalha viva?  
Pede alguém decifrar dizeres tão obscuros?

Os confrades, ancioso, em desredor procura:  
Nem um, sequer, votado ao trabalho querido!  
E ao Canhão que ribemba, atirando uma jura,  
Dum canafeu prosegue o exame interrompido.

Morticinias! Clamôr! Clamôres de victoria!  
— Enquanto elle contempla albeir a furia insana,  
Num ve ho Medalhão, a legendaria historia  
D'Eucratidas, heróe glorioso da Bactriana!

Recife—1910.

PEDRO CELSO.

Fonte: Jornal *O Necdalus*, Aracaju, 25 de setembro de 1910, nº. 48, Anno II, p.3.

# Onda

Longe, ao verde estendal das aguas marulhando,  
Uma, onda, a tropeçar, vertiginosa cresce,  
E se quebra depois, em desespero desce,  
O escale" corpo nú dos rochedos buscando...

Vacilla, treme, cahe, como se nella houvesse  
Uma alma a palpitar, um coração pulsando,  
Ou se sentisse atroz, no corpo seu bailando  
Uma praga de Deus que o vento lhe trouxesse!

Corre, viva e fugaz, sem parar um momento,  
Veze a rastejar, como em triste lamento,  
Outras doidas a gritar, quebrando-se nos ares...

E assim neste clamor, neste perpetuo grito  
Parece praguejar o contraste maldito  
— Ante a calma dos céos a loucura dos mares!

(Alagoas.)

LIMA JUNIOR.

Fonte: Jornal *O Necdalus*, Aracaju, 15 de dezembro de 1910, nº. 59, Anno II, p.3.

## O NECYDALUS

### PATRIA

Caryalho Lima Junior. Be-  
nevente—Espirito Santo.

O cão, nascendo, diz Edgard  
Quirut, marchou para o deserto.  
a agulha voou além do cimo do  
monte; o homem marchou para  
a sociedade, para Deus. E Aric-  
toteles antes de Quirut já havia  
dito. «O homem é um ser tão na-  
turalmente sociável que, para vi-  
ver só, ver-lhe-lhe é necessario ser  
um Deus ou uma fera.»

Occulta sob o pomposo titulo  
de «Patria,» nome que traduz  
uma esperança, e sempre si-  
gnifica uma victoria, temos ás  
mãos uma brochura em que o sr.  
Lima Junior ataca a sociedade  
brasileira, e, infelizmente, o faz  
em verso.

Nós todos, que sentimos correr  
nas veias o sangue daquelles  
que perderam nos campos de ba-  
talha a vida preciosa, nos li-  
vemos de revoltar sempre que ri-  
dicularisarem a nossa estrange-  
ridade Patria, sempre que o es-  
trangeiro nos insulte; mas neste  
momento o insulto é dirigido por  
irmão contra irmão, e de bra-  
sileiro aos brasileiros.

Analysemos o caso: demo-  
stramos que o sr. Lima Junior censurasse  
a sociedade de que é parte, que  
atacasse as «oligarquia», que  
charfundiasse os «escaladores de  
fortuna pública, mas o fizesse  
directamente quando se tratasse  
o de factor, e de agentes conhe-  
cidos e definidos, e não se puzesse  
a depreciar epochas e gera-  
ções.

Apezar de ter «a litteratura  
novas Americanas a descobri-  
do muito falso Colombo» e naufraga-  
ram as fragais vellias de sua  
de fatuidade.

Como é sabido, as unicas fon-  
tes directas da Historia são: os  
monumentos, as medalhas, e os  
«scriptos dos prosadores e poetas  
da epocha; e a obra do sr. Lima  
está no terceiro grão, na escala  
das fontes-historicas. É uma fo-  
ntura prova do que de mal se que-  
ra escrever sobre uma epocha em  
que elle viveu.

É bem sabido que quando se  
come, quando a bocca está cheia  
de bocados, é difficil o fallar, mas  
quando se a tem desembarçada,  
de qualquer modo se procura  
fallar, e, attente bem o sr. Lima  
em que quasi sempre o despeito  
impulsiona a pena.

# Triplíce diadema

O Eterno, estatuário do infinito,  
Pega um dia do marmore e sacode,  
Qual Phidias, o cinzel :  
Cava o buril abysmos de belleza,  
Surge a fôrma subtil, como de Haidéa ;  
Deus quiz ser Raphael.

Então canta no céu a estrella d'alva,  
Na terra a flôr do val :  
Salve, estatua ! Deus fez-te um diadema  
Da belleza idéal.

Revê-se o Eterno em sua obra e pasma :  
Pensa e medita e apôs mergulha os dedos  
Nos abysmos de luz :  
Pega uma estrella, poisa-lhe na fronte,  
Dá-lhe o poder de devassar os orbes  
E os páramos azues

Então, canta no céu a estrella d'alva,  
Na terra a flor do val :  
Salve ! Deus te fez mais um diadema :  
O genio sideral.

O que mais do que a estatua, o genio, oh anjo ?  
Ouve-se além, da terra se alevanta  
Um gemido de dor :  
Como o Pygmalião, de Deus um pranto  
Cahiu no seio da madona pallida :  
Foi a gotta do amor.

Então, canta no céu a estrella d'alva,  
Na terra a flor do val :  
Salve ! genio, tens outro diadema :  
O amor maternal.

Bahia.

ANTONIO DE CASTRO ALVES.

ANEXO 2 – Anúncios publicitários do jornal *O Necdalus*.

**Antonio Borges**

Antes de seguir para a villa de S. Paulo, neste Estado, onde vai se estabelecer com armazem de molhados e miudezas, trouxe-nos as suas despedidas o distincto cavalheiro Antonio Carlos Borges, ultimamente chegado do alto Amazonas.

O Sr. Carlos Borges, alem da longa pratica que tem deste ramo de negocio, é possuidor de raros dotes de espirito, que de certo, concorrerão para que dentro em breve elle conquiste uma grande freguesia, e faça bons e vantajosos negocios.

E é o que lhe desejamos.

Fonte: Jornal *O Necdalus*, Aracaju, 26 de junho de 1910, nº. 35, Anno II, p.3.

**Cinema Pathé**

No theatro «Carlos Gomes» com um programma verdadeiramente surpreendente, realisarã hoje, o Cinema Pathé mais um espectáculo que, a julgar pelos antecedentes será maguifico.

Fonte: Jornal *O Necdalus*, Aracaju, 17 de julho de 1910, nº. 38, Anno II, p.4.

## Avenida Central

Acaba de se installar e brevemente achar-se-á aberta ao publico, à rua de Japarutuba, a casa commercial de armarinhos e secção mortuaria, dos srs. Cardoso & Silveira, filial da que com identico nome funciona em Macaé.

E' mais uma lacuna preenchida no commercio desta praça a que quasi sempre falta pequenas contas de precisão immediata.

Impressionou-nos agradavelmente a leitura de um folheto publicado pela mesma casa e que nos foi off-recido como livro de sortes para os folguedos do São João.

Agradecidos, asseguramos a Avenida Central um futuro sorridente e muitas prosperidades.

Fonte: Jornal *O Necdalus*, Aracaju, 14 de agosto de 1910, nº. 42, Anno II, p.4.

## Pharmacia Britto

Inaugurou-se segunda-feira ultima, á esquina da rua de Itabaianinha e Travessa de Palacio, a pharmacia de propriedade dos srs. pharmaceutico Alvaro da Silveira Britto, preparador do Atheneu Sergipense e cirurgião dentista Estevam Magalhães, proprietario do bem montado gabinete dentario que como o consultorio do dr. Berillo Leite funciona annexo á mesma pharmacia.

Auguramos mil prosperidades ao novel estabelecimento commercial e aos seus dignos e esforçados proprietarios.

Fonte: Jornal *O Necdalus*, Aracaju, 16 de setembro de 1910, nº. 46, Anno II, p.3.

\*  
\* \*

Inaugurou-se a 7 de Setembro o bem montado estabelecimento do sr. José Cardoso com o nome suggestivo de «Avenida Central» sendo também, nesta ocasião, fundada a «Sociedade de Casamento e Mortalha de Aracajú» (!!!)

E' mais um tumulto que se abre, e mais uma victima a se lamentar. Pobre Aracajú! Tão joven ainda !..

\*  
\* \*

Fonte: Jornal *O Necdalus*, Aracaju, 16 de Setembro de 1910, nº. 46, Anno II, p.4.

—●—

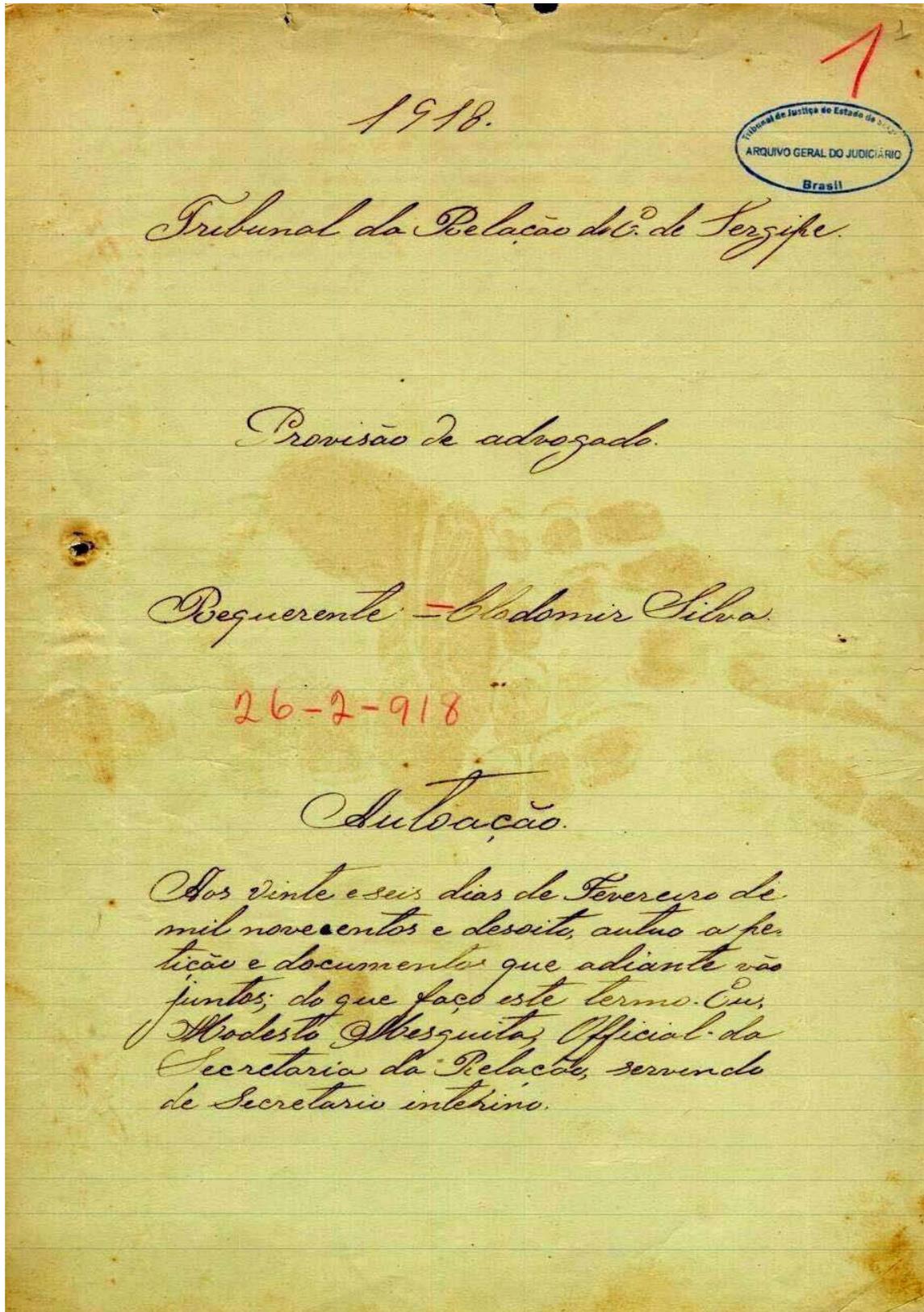
CINEMATOGRAHO

Conforme nos informaram funcionará em breve, no «Carlos Gomes,» importante cinematographo, cujo proprietario sr. Anisio Dantas, pretende instalar permanentemente nesta capital.

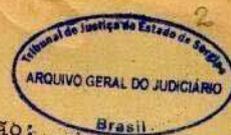
—●—

Fonte: Jornal *O Necdalus*, Aracaju, 13 de novembro de 1910, nº. 55, Anno II, p.2.

Anexo 3 – Provisão de Advogado de Clodomir de Souza e Silva.



Fonte: Acervo do Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe. Arquivo Geral do Judiciário.



Cidadão Presidente do Egregio Tribunal da Relação:

*A. Designo o dia 26 do corrente, às 11 horas, para  
ter lugar o exame requerido e nomeio exami-  
nadores os Srs. Oscar Chata e Octavio Oli-  
-neira. Publique-se o edital na forma  
da lei. Aracaju, 19 de Fevereiro de 1918.  
Caldas Barretto*

Clodomir De Souza E Silva, sergipano de Aracaju onde reside e tem função, achando-se compreendido na condição do artigo 9 do Capítulo I do Título I, I Livro do Código Civil e no disposto no art. 190 do Cod. da Organização Judiciária do Estado, vem mui respeitosamente pedir-vos lhe concedaes provisão para advogar nas comarcas de Aracaju, Larangeiras e Maroim, por 4 annos.

Como prova de suas allegações, offerece certidão-de-idade, folha-corrída e o comprovante de ter sido approved em Português em um concurso publico.

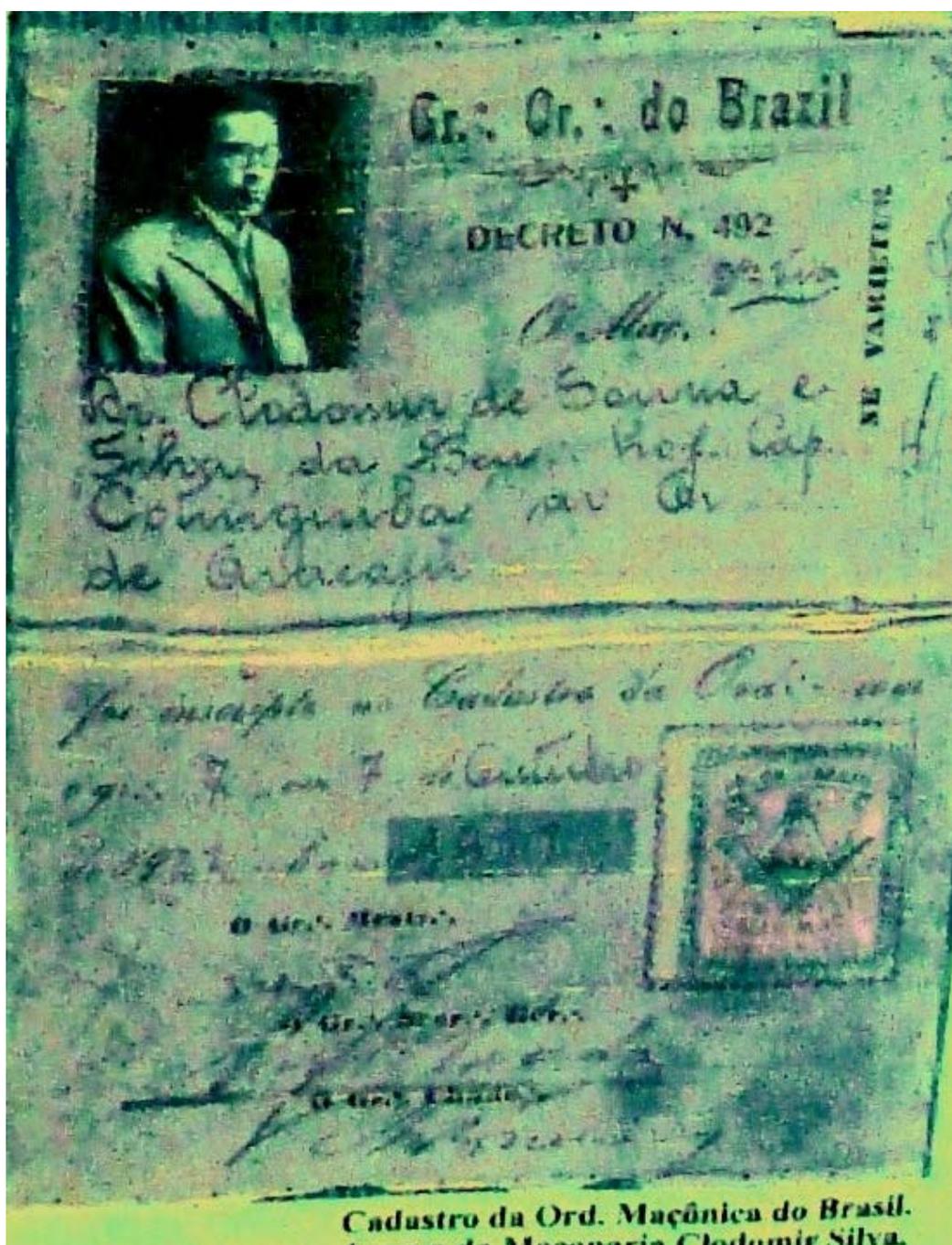
Assim,

ESPERA DESPACHO.

*Aracaju, 19 de Fevereiro de 1918  
Tomaz de Souza e Silva*



Anexo 4 – Cadastro da Ordem Maçônica do Brasil



Fonte: Biblioteca Clodomir de Souza e Silva

**O Nocyda**  
Organ dos estudantes de Serg

JORNAL LITTERARIO E HUMORISTICO REDACTOR

---

9 de Novembro de 1909.

**O BASSO COBERTO**

Transcrevemos, abaixo, a melhor tradução apresentada da anedota de Sadler, cuidadosamente trabalhada pelo intelligente e applicado moço Clarindo Diniz Gonçalves, um dos concurrentes ao nosso segundo concurso.

Eil-a :

**O pagem e as cerejas**

Tendo alguém mandado a Frederico, rei da Prussia, uma cesta de bonitas cerejas, numa occasião em que essa fructa era excessivamente rara, elle mandou levá-las á rainha por um dos seus pagens. O pagem, seduzido pela belleza das cerejas, não pôde resistir ao desejo de prová-las, e, achando-as deliciosas, comê-las todas, sem reflectir nas consequências.

Alguns dias depois, Frederico perguntou á rainha como tinha achado as cerejas.—Cerejas?! disse Sua Magestade (a rainha), que cerejas?—Então, Clist, o pagem, não vos trouxe uma cesta outro dia?—Não, respondeu a rainha; não vi uma sequer.—Deixa-te estar, Clist, disse Sua Magestade (o rei), deixa-te estar, meu guloso, que eu te darei uma coisa mais saborosa ainda; foi então para o seu gabinete, e escreveu o seguinte bilhete ao official da guarda real: «Dê ao portador vinte e cinco chibatadas, e exija o recibo.» Feito isto, chamou Clist, e ordenou-lhe que levasse o bilhete á casa da guarda, e esperasse pela resposta.

O pagem, entretanto, suspeitando que a coisa não ia bem

(uma consciencia criminosa não precisa de accusador), resolveu mandar o bilhete por outra mão, e, mal acabava de sahir da porta do palacio, quando encontrou um banqueiro judeu, que era muito bem conhecido na côrte, e pediu-lhe que levasse o bilhete. O judeu, satisfeito por ter encontrado uma opportunidade de ser agradável a alguem no palacio, partiu immediatamente.

Quando chegou á casa da guarda, o official, leu o bilhete, e dizendo-lhe que esperasse, reuniu a guarda. O judeu, pensando que aquillo era para fazer-lhe continencias, visto ser elle um enviado da côrte, pediu ao official que não se incommodasse, sem haver necessidade.—Não, respondeu elle; estas cerejas são inteiramente necessarias, como o senhor verá. Dizendo isto, ordenou á guarda que prendesse o judeu, e lhe desse vinte e cinco chibatadas, ordem que foi immediatamente executada, depois do que, com sua honra e suas costas rigorosamente offendidas, o pobre judeu ia sahindo; o official, porém, lhe disse que não podia deixá-lo sahir, sem que elle desse um recibo por escripto das chibatadas que tinha levado. O judeu foi obrigado a submeter-se, com receio de ter outra conta a saldar.

O caso chegou logo aos ouvidos do rei, que, comquanto não podesse deixar de rir-se a bandeiras despregadas da aventura, foi obrigado a conferir alguns favores ao heróe della, porquanto os judeus emprestavam-lhe frequentemente consideraveis sommas de dinheiro, em casos de necessidade.

CLARINDO DINIZ GONÇALVES.

Fonte: Jornal *O Nocydalis*, Aracaju, 9 de novembro de 1909, n.º 23, Anno I, p.1.